

As Inconveniências de um Casamento

o clube dos devassos

CHIARA CIODAROT



AS INCONVENIÊNCIAS DE UM CASAMENTO

Chiara Ciodarot

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução integral e/ou parcial, e/ou alteração deste documento por qualquer meio ou forma, sem autorização prévia, por escrito, do autor.

Dedicado à querida Elimar,
sem ela, nem Caetana e nem Canto e Melo
teriam ganho uma narrativa própria

“Eu odeio ouvir vocês falarem sobre as mulheres como se fossem frágeis damas ao invés de criaturas racionais. Nenhuma de nós quer viver em águas calmas por toda a vida.”
(Jane Austen, *Persuasão*)

Nota da Autora

Para que o leitor possa se situar dentro do universo do *Clube dos Devassos*, é preciso salientar que **As Inconveniências de um Casamento** ocorre em paralelo aos capítulos finais de **A Baronesa Descalça**. Certamente, o leitor se deparará com *spoilers* do livro anterior. Apesar da leitura de um não depender da do outro – pois são histórias independentes –, aconselho a ler **A Baronesa Descalça** antes de iniciar esta, para se ter uma visão mais abrangente da situação aqui retratada.

Desejo uma boa leitura e espero que se divirtam com Canto e Melo e Caetana.

C.

Prólogo

**“O que é a vida senão encontros,
desencontros e reencontros;
uniões, dissoluções e novas soluções?”**
(A baronesa descalça)

Vassouras - 1873

Haveria de ser o casamento dos sonhos – sem qualquer porém. Música perfeita, comida bem-feita, bebida caprichada e decoração esmerada, alegrias verdadeiras e amor inquestionável. Nada poderia dar prazer às línguas invejosas, todas elas mordidas de raiva. A festa de Caetana Feitosa de Vasconcellos e de Roberto Canto e Melo era – com todos os adjetivos bem colocados – espetacular! O exemplo de como deveriam ser as comemorações da filha de um importante cafeicultor com o herdeiro legítimo de um deputado paulista. E, por maiores que fossem as pequenas desavenças que se espalhavam, nenhuma delas era o suficiente para impedir o maravilhamento dos convidados – presenteados com um labirinto de cerca-viva, para que pudessem se aventurar caso a festança comesse a ficar aborrecida.

Ainda que o mundo girasse a favor dos Feitosa e dos Canto e Melo, aquele carrossel possuía os seus altos e baixos. E foi no olhar abaixado da noiva que se encontrou o único “porém”. Grande o suficiente para que, a partir dali, sua vida tomasse um novo rumo – este, de montanha russa.

Caetana Feitosa de Vasconcellos Canto e Melo tinha os olhos amendoados rasos de chorar.

Havia se trancado no quarto e de lá não pretendia sair até que todas as suas emoções estivessem controladas – e conseguisse forjar um sorriso –, e a vontade de dar um tapa na cara do marido passasse – se é que um dia passaria.

Andava de um lado ao outro do cômodo, tentava segurar a respiração, controlar a si e a corredeira de pensamentos que a atiravam aflições abaixo. Mas a sua cabeça não parava. Andar estimulava ainda mais os seus pensamentos de decepção e mágoa, intrincados pela traição.

Como ele foi capaz de mentir tanto? Como consegui ser cega e burra e não ter notado todas as artimanhas dele?

Limpou o rosto na manga de renda bordada. Ainda estava com o vestido de noiva e já havia se arrependido de ter casado! Deveria ter escutado os conselhos da mãe. Um casamento por conveniência era mais “conveniente” do que um por amor. Enquanto na união acordada quem manda é a razão e o companheirismo, a outra é controlado pelo amor e pelo ódio – sentimentos irmãos e extremamente

inconvenientes numa boa relação de convivência. A maior parte dos casamentos da região eram por conveniência, o que talvez fosse um sinal de que ela deveria ter feito o mesmo.

Caetana se viu na frente do espelho da penteadeira. Estava elegante no vestido feito na Corte pela nobre modista Madame Guimarães. Infelizmente destoava do rosto inchado de tanto chorar.

Toda aquela elegância, combinada com a delicadeza de um véu de renda sobre os cabelos castanho-claros, desmoronou aos pés dela. Sem abrir os botões, arrancava as vestes, tirava nacos de renda. As pedrarias quicaram pelo chão, entraram por entre as tábuas de madeira, perderam-se sob a cama de solteira.

Restaram o véu, o espartilho, a *chemise* e as anáguas. Estudou o seu reflexo diante do espelho. Os cabelos claros fugiam do penteado, serpenteavam sobre as roupas íntimas bordadas. Lembrava alguma grega que descia do Monte Olimpo após uma noite de sedução com um deus enganador. E o que seria Canto e Melo senão um desses deuses viris que tanto atraem as mocinhas ingênuas, fazendo-se passar por quem não são? Alto, de boa complexão física, rosto empático, cabelos castanhos escuros e caridosos olhos azuis. Não poderia crer haver tanta mentira por detrás, tanta falsidade e frieza. Aquela pose de bom rapaz, noivo atencioso e recatado, havia sido desfeita como os bordados da sua roupa – tudo transformado em despojos do que havia sido o amor deles.

Arrancou a grinalda de flores e o véu, soltou os cabelos.

E caiu no chão de joelhos. As pontas de seus dedos foram esfregando-se na textura áspera do véu e, quando percebeu, estava enrolada nele, fazendo do véu mortalha para os seus sonhos de moça romântica.

Nem poderia alegar que havia sido outra pessoa que havia entendido errado o que Canto e Melo havia dito ao melhor amigo Eduardo Montenegro. A própria Caetana os havia escutado, na entrada do tal Labirinto do Cupido – grande ironia! – a poucas horas atrás. Ao bem da verdade, não havia escutado TODA a conversa, apenas alguns trechos, pois o tom dos dois era bem baixo, de quem tinha segredos. No entanto, no calor das frases, algumas palavras se sobressaíam, como “carregamento”, “descoberta”, “disfarce”, “manter as aparências”. E só poderiam significar uma coisa: seu casamento havia sido um disfarce para acobertar alguma situação – um carregamento? De quê? – e era preciso manter as aparências. Não havia outra interpretação, outra possibilidade a não ser a de que o seu amado – e, agora, detestado – Canto e Melo havia mentido quanto aos seus sentimentos, fazendo dela uma tola.

Todo o corpo de Caetana estremeceu. Os olhos castanhos foram rapidamente transbordando e ela não enxergava mais nada à frente, e, muito menos, dentro de si. *Caetana, sua idiota!* Em momento algum havia questionado

o porquê de um rapaz tão bonito ter se aproximado de uma moça tão simples feito ela. Aceitara-o sem qualquer dúvida, certa de que suas almas haviam se atraído por um interesse comum: a poesia. Eram ambos ávidos leitores que adoravam trocar recitações e entremear poemas como se estivessem se beijando.

Parecia fazer anos que haviam se conhecido – ao menos, era essa a sensação – o que só aumentava o peso da decepção. Havia sido num sarau na fazenda dos Alencar que eles recitaram, pela primeira vez, juntos. Um completava o outro e o soneto do poeta Cláudio Manuel da Costa os fazia se encontrarem num olhar: “Estes os olhos são da minha amada! Que belos, que gentis e que formosos! Não são para os mortais tão preciosos. Os doces frutos da estação dourada.” Canto e Melo havia se silenciado, esquecido das palavras ao ver Caetana entrar na sala. De alguma forma quase mística – aquela que apenas os apaixonados à primeira vista sabem explicar –, ela retomara de onde ele havia parado, tragada por aquele imenso homem que apresentava o seu coração de maneira tão lírica: “Por eles a alegria derramada, tornam-se os campos de, prazer gostosos. Em zéfiros suaves e mimosos, toda esta região se vê banhada.” As vozes deles foram se misturando na última estrofe e eis que ele retomava o vigor poético, imerso nos olhos castanhos dela: “Vinde olhos belos, vinde, e enfim trazendo, do rosto do meu bem as prendas belas. Dai alívio ao mal que estou gemendo. Mas ah! delírio meu que me atropelas!” E terminaram juntos, a última estrofe, finalizados numa mirada que se perdia diante das palmas da platéia: “Os olhos que eu cuidei que estava vendo eram (quem crera tal!) duas estrelas!”.

Agora estavam casados e não havia mais o brilho no olhar – apesar dos aplausos que não cessavam. Todos apreciavam aquela união de almas, menos a noiva, que se via acorrentada a uma grande enganação. Havia decepção e muito que precisaria ser explicado. Mas a vontade de Caetana era a de gritar pelo pai e contar tudo o que havia ouvido, de que estavam o enganando ou escondendo algo importante, que o casamento era apenas um meio de chegar a Feitosa. No entanto, havia passado a época de menina, de chamar pelos pais para resolverem as suas questões. Teria de fazer da melhor maneira que conhecia: diretamente.

E o fizera, provando que se herda coragem. No caso dela, vinha da avó Lavínia de Vasconcellos. Durante o Primeiro Império, D.Lavínia havia enfrentado toda a família para se tornar amante de D.Pedro I – ainda que isso fosse o fim da sua reputação e que todos soubessem que a Marquesa de Santos não o deixaria partir tão facilmente para a cama de outra mulher que não fosse a Imperatriz. O final da história não foi o de conto de fadas. Não houve “e viveram felizes para sempre” pois não haveria como viver ao lado dele, muito menos “ser feliz”; a felicidade não era destino para a realeza. Porém, morreria venerando a

figura do seu “amado Pedro” – pintada no dorso de um pulseira ele havia lhe presenteado no último encontro – e, dessa maneira, seria lembrada “para sempre”.

Imbuída da coragem dos Vasconcellos, Caetana havia aguardado Montenegro se afastar para poder pegar o marido ainda no calor do assunto – e determinar até que ponto mentiria para ela.

Surgira por entre a folhagem da entrada do labirinto, tocada pelos raios de sol vespertino, que iam colorindo em tons de fim de verão os jardins da imensa fazenda Guaíba. Ao vê-la, o rosto de Canto e Melo passara por uma transformação. De preocupado fora a incondicionalmente apaixonado. Todo o seu corpo rangia, desperto de um sono maléfico apenas ao ver aquela ninfa saindo do meio das flores, em seu vestido de noiva – a sua noiva. Ia ao alcance dela, quando reparara que havia algo incomum em seu olhar, que mais os afastavam do que aproximavam – uma vírgula entre palavras, um obstáculo cujo sentido era um suspiro longo e demorado.

-Você se casou comigo por conveniência? Por que era conveniente se aproximar do meu pai?

O susto, visível no rosto empalidecido de Canto e Melo, o fizera parar alguns segundos para pensar no que iria responder. Ela o havia surpreendido com aquela pergunta. Normalmente, ele tinha respostas muito bem engendradas, preparadas para caso ela lhe questionasse algo. Ela nunca perguntava nada! Deixava que ele falasse o que fosse, contentando-se com as respostas dele.

Canto e Melo apertava os olhos azuis e a mirava com alguma consternação. Não queria mentir, mas teria muita coisa a considerar, nem tudo poderia ser dito. Havia feito um juramento aos Devassos. Ao mesmo tempo, achava que era injusto com ela não dividirem tudo já que estavam casados. Haveria sempre um elefante no canto da sala.

A demora em lhe responder ia crescendo em Caetana como um pisão no pé. Confirmava que ele mentia para ela.

Ao vê-la se retrair em si, flutuando perdida na decepção de seu olhar, Canto e Melo a queria abraçar e beijar, prometer que tudo ficaria bem, que não havia nada entre eles – só algumas “coisinhas” –, nada que fosse maior do que o Amor deles. E assegurar que, em breve, estariam partindo em lua-de-mel, só os dois, e poderiam conversar com mais calma, sem se preocupar se estariam pessoas os escutando. Coraria só de pensar estar a sós com ela num quarto; nunca haviam ficado sem acompanhantes, ainda que fosse na sala. Segurando a ansiedade, Canto e Melo balbuciou algo, erguendo a mão para tocá-la.

Caetana batera em seus dedos e o interrompera:

-Eu não preciso entender mais nada porque já entendi tudo! Eu ouvi você e

Montenegro conversando.

Canto e Melo arregalava os olhos, era pior do que ele poderia ter esperado! Seria melhor explicar ou aguardar para ouvir o que ela tinha escutado exatamente. Enquanto isso, pensaria em como dizer o que acontecia sem que ela ficasse mais perturbada do que estava.

-Confesse, você nunca me amou! – continuava – Só queria a Guaíba! – todo um enxame de sentimentos rolava língua abaixo, impedindo-a de respirar e abrindo as comportas das lágrimas – Sabe por que eu nunca me casei até conhecer você? – ele teria balançado a cabeça na negativa, mas estava paralisado de medo do que ela poderia ter interpretado da conversa – Porque eu sabia que todos aqueles que me cortejavam queriam tratar de negócios com o meu pai. Para todos eles eu era apenas um caminho até minha família e nada mais. Poucos, quiçá algum, realmente me conhecia. – as lágrimas iam apagando o seu rosto – Quanto a você, – ela pausara e soltara um suspiro triste – achei que era diferente, que não havia visto a mim como a filha de Caetano Feitosa de Vasconcellos. Que havia me enxergado como eu era. Que recitava poesias porque gostava e não para me seduzir. Que me escrevia sonetos de amor porque me amava e não para me manter presa aos meus próprios sentimentos.

Ao terminar, Caetana calara-se e aguardara ele retrucar. No entanto, ele era somente silêncio. Canto e Melo estava enrijecido na dor que havia provocado nela e não se sentia capaz de consertar aquilo ali e daquele jeito. Por eles passavam alguns convidados, olhando, notando que algo não ia bem. Era preciso privacidade, em primeiro lugar. Algo que somente agora poderiam encontrar, até para se conhecerem melhor.

A mudez dele só dizia uma coisa: que Caetana estava certa.

Soltara um muxoxo e enxugara as lágrimas que caíam na manga do vestido de noiva:

-Ah, fui mesmo uma tola!

Vê-la chorando era pior do que ter uma arma apontada para a sua cabeça – como lhe havia acontecido alguns anos atrás, durante uma fuga de quilombolas. Canto e Melo, tentando se manter no controle do próprio corpo – que só queria abrigar o dela para que se sentisse protegida – tentava pensar rápido, mas não o suficiente para ela.

-Caetana, meu amor, eu...

-É tarde demais. Não há nada que você me diga que irá fazer mudar o meu sentimento de decepção.

Afastada o suficiente para fugir do seu alcance, ela sabia que não poderia fugir dele, afinal estavam casados aos olhos de Deus e da sociedade, no entanto, ela também não aceitaria essa situação feito uma noiva submissa. Junto à

coragem dos Vasconcellos, havia a honra dos Feitosa – ainda que tivesse pulado algumas gerações. Tomando uma força que desconhecia em si, Caetana erguera o queixo e revelara, em alto tom:

-Da mesma maneira que este casamento é conveniente para você, ele se tornará para mim.

O que ela quis dizer com isso?

Queria se provar acima do drama que a estilhava por dentro. Era mesmo a filha de seu pai e, após o susto inicial, que fizera suas emoções descarrilharem do fio da razão, seu coração voltaria aos eixos e a mente a controlaria a partir de então. Quanto ao Amor, deixaria para a ficção.

-Iremos para a Corte, como o acordado, e manteremos a aparência do casal mais feliz do mundo. Entre quatro paredes, você não me dirigirá a palavra. Serei eu a dar as cartas deste jogo infeliz.

Abaixou o rosto. Não queria vê-lo, estar na presença dele, mas não teria como o evitar nas próximas horas. Era impensável fugir dele e do itinerário marcado. Também não queria causar um mal-estar para a sua família, principalmente para a sua mãe, que era uma dama e extremamente preocupada com a etiqueta e muito sensível a escândalos.

Canto e Melo, ainda absorto pelo que havia acabado de presenciar – o surgimento de uma nova Caetana, que nunca imaginaria co-habitar a sua amada poetisa – resolvera que ainda era preciso acertarem o compasso antes de qualquer outra coisa.

Ela ia tomando rumo ao fim do seu monólogo e, num gesto impensado, ele segurara-a pelo braço. Para quem somente beijara a noiva pela primeira vez no altar, diante da permissão do padre, aquilo havia sido surpreendente. Ao encontrar os olhos ferinos dela, que lhe queriam estraçalhar, Canto e Melo sentira subir uma quentura que desabrochava num sorriso desafiador. Caetana assustou-se com aquela potência, uma virilidade que ela nunca havia visto. O oposto do noivo simpático que brincava com suas irmãs caçulas e que era considerado “fraco de espírito” por seu pai.

Suas pernas tremeram quando ela escutou um tom que também era inesperado:

-Eu vou reconquistá-la, Caetana. Eu vou reconquistá-la. Vou provar que amo você.

O olhar determinado e o tom de voz dominador não a fizeram cair de joelhos – como poderia ter acontecido com outra mocinha. Caetana era também determinada e dominadora – bem diferente da Caetana boazinha e humilde que ele tanto elogiava para Montenegro.

-Veremos quem ganha essa disputa. – retrucava ela – Uma vez que perdeu a

minha confiança, nunca mais a deterá.

O desafio havia sido criado, despertando algo profundo em Canto e Melo. Algo há muito adormecido e que causara o surgimento de um brilho malicioso em seu olhar azul. A serenidade do celeste ganhava os contornos de um tsunami marinho. Era o mesmo sentimento que o havia impulsionado a atacar fazendas e libertar escravos em São Paulo – um Canto e Melo desaparecido após ter levado um tiro no ombro que, até hoje, lhe doía em dias chuvosos.

-É isso uma aposta?

-Uma aposta. – ela confirmara, sem lhe desviar a mirada – A prova será a consumação do casamento. Se, dentro de um ano, não consumarmos, eu terei ganho e nós iremos dissolver a união. Se nós consumarmos, bem, continuaremos casados.

-Na lua-de-mel, nós não...?! – ele nem quisera terminar a frase, em choque com a “novidade”. Ele havia tanto fantasiado a primeira noite de amor deles, desde que a havia conhecido, que isso nem havia sido questionado quando ela iniciara o seu discurso.

Caetana chegara a abrir a boca de susto com a ousadia de cogitar que eles ainda dormiriam juntos depois do que havia acabado de acontecer. Balançava a cabeça na negativa e abria um sorriso de escárnio. *Como ele pode pensar nisso?* Corava.

Sim, ele pensava nisso e muito mais e que esta faceta dela só reforçava a vontade de tê-la bem junto.

-Você não parece me conhecer...

-Talvez eu esteja conhecendo um outro lado seu que nunca pensei existir... – comentara ele, guardando para si o adendo: **E acho que estou gostando bastante dele.**

*

Sentada no chão do quarto, enrolada no véu e tendo em volta de si os pedaços do seu vestido de noiva, Caetana permaneceu nas memórias da discussão, algumas horas antes. E ali teria ficado, revivendo cada instante, tentando decifrar por detrás de cada palavra, de cada gesto, se não fossem pelas batidas na porta. Por um segundo, questionou-se se havia lembrado de trancar a porta, o que foi confirmado quando giraram a maçaneta e a porta permanecia fechada.

A pessoa do outro lado insistia, batia na porta e girava a maçaneta:

-Caetana! Abra! Sou eu, Rosária!

-O que quer? – enxugava as lágrimas com o véu, tentando manter a voz firme para não desconfiarem que chorava.

-Mamãe pediu para vir ver se estava tudo bem, se você precisa de ajuda

para trocar de roupa. Estão todos aguardando você!

-Ah, sim. Diga que já desço! Eu prendi o véu no vestido e estou tentando me desvencilhar.

-Quer ajuda?

-NÃO! – ao ver que falara com muito ímpeto, pois não queria que a sua irmã fofoqueira a visse daquela maneira e todos descobrissem que estava arrependida de ter se casado, tentou se corrigir – Obrigada! Eu acabei de conseguir. Vou terminar de me trocar e já desço!

-Está bem.

Caetana aguardou os passos de Rosária se afastarem. Conhecia das suas artimanhas, sendo uma das prediletas a de escutar atrás das portas – enquanto a da gêmea Belizária era a de olhar por buraco de fechaduras. Ao ter certeza de que a irmã havia ido, recolheu os pedaços de tecido e empurrou-os para debaixo da cama. Ninguém veria o que havia feito até que estivesse bem longe.

Sobre a cama havia um belo vestido do seu enxoval. Branco com listras cinza bem clarinhas, cheio de lacinhos cor-de-rosa, no mesmo tom do laçarote na cintura e do chapéu que usaria. Perfeito para uma jovem senhora recém-casada – e bem distante do seu estado de ânimo. Tocou na roupa e sentiu repulsa por todos os planos que havia feito em sua cabeça, inclusive os da noite de núpcias – na noite anterior, explicada por sua mãe.

Largou a roupa sobre a cama e abriu o seu antigo guarda-roupa, tirando dele um de seus vestidos antigos. Por sorte a mãe ainda não os havia dado à caridade. Sem qualquer importância, colocou um deles, prendeu os cabelos num coque e vestiu um chapéu de palhinha.

Dentro da sua simplicidade – bem mais segura do que as pompas que às vezes se via fazendo – desceu as escadas da Guaíba. Evitou cruzar olhares com a mãe – que não entendia porque não havia colocado a roupa nova – e com as irmãs – que riam por detrás das mãos. Também não queria olhar para Canto e Melo que, apesar da discussão, mantinha um sorriso e um olhar de enamorado – o que deixava as senhoritas suspirando e as senhoras desejantes.

Para ele, independente da roupa que ela estivesse, Caetana sempre seria a mais bela das mulheres.

O pai, o Sr.Feitosa, parado na beira da escada, deu a mão para a filha e a ajudou a terminar os degraus. Procurava manter a visão pregada na porta, de onde uma luz forte vinha, apontando um futuro incerto. Caetana não queria se deparar com nenhum rosto, nem com o de Amaia – quem não havia mais visto na festa, possivelmente enrabichada com algum rapaz.

Eis que Canto e Melo entrou em seu foco de visão. Ele era lindo! Alto, forte, cabelos escuros e olhos azuis. *Mantenha-se forte, Caetana. Você nunca foi*

frívola e não será agora. O que importa é a alma das pessoas e a dele é horrorosa!

Antes que a entregasse ao marido, o pai lhe deu um beijo na testa e lhe sussurrou:

-Se tiver algum problema, não tema em me avisar. Eu darei um jeito.

Era a sua chance de falar a ele. Contar o que havia escutado de Montenegro e Canto e Melo, dizer que querem lhe fazer algum mal, que o casamento era uma armação.

Um repuxão no estômago a fez se calar. Ela balançou a cabeça na positiva e mordeu um falso sorriso. Entregou a sua mão ao noivo, que a pousou sobre o braço, e lançou um último olhar de adeus para a família e amigos.

Tanto Canto e Melo quanto Caetana se preencheram de um sorriso que soava preocupante às mães. Não era um casal feliz; era um casal que se fingia feliz. Um casal que provaria que todo casamento tem das suas inconveniências, e que a deles seria o Amor.

Capítulo 1

**“Diante de um coração partido
Nenhum outro pode falar
sem ter tido o grande privilégio
De igualmente ter sofrido.”
(Emily Dickinson)**

A viagem da fazenda Guaíba até Barra do Piraí foi tão silenciosa quanto se estivessem em oração num monastério. O ranger da roda do coche, as batidas contra as pedras da estradinha de terra, o relincho e o trotar dos cavalos, o som da noite que ia pintando o horizonte, ouvia-se tudo, menos os dois recém-casados, que nem um olhar de esguelha trocavam, encarcerados em si mesmos.

Canto e Melo queria pular pela janela do veículo. Achava que seria melhor do que continuar com aquele suplício em não poder contar para Caetana a verdade sobre quem era e o porquê de ter aparecido por aquelas bandas. Era impedido pelo juramento que havia dado a Montenegro, aos Devassos, ao temido Marquês. E ninguém queria contrariar o Marquês. O próprio Montenegro, que o conhecia a mais tempo, havia preferido se afastar do Clube por “desavenças ideológicas” do que enfrentar o Marquês. Ainda assim, Montenegro ajudava abrigando os escravizados foragidos na Caridade e enviando informações importantes sobre traficantes ilegais, senzalas abarrotadas e “reprodutoras” – que agora eram indiretamente proibidas pela Lei do Ventre Livre. Uma vez Canto e Melo havia encontrado uma “reprodutora” e ficara tão perturbado com aquele “esquema de reprodução humana”, que vomitara de nervoso.

Era um quarto pequeno e apertado onde as mulheres estavam deitadas em esteiras e os escravos reprodutores iam inseminando uma por uma. Era bestial. As que ficavam grávidas, eram colocadas à parte, recebiam comida especial e, até terem o bebê, ficavam de resguardo. O bebê nascia e, em poucos dias, a mãe era mandada de volta ao trabalho junto à cria, amarrada nas costas. A criança ficava aos cuidados dela até poder andar e se alimentar sozinha. Então, era vendida para alguma outra fazenda e nunca mais se tinha notícias. O sistema era tão frio e desumano, que nem sempre os reprodutores eram escravos, às vezes eram portugueses contratados, pois um “mestiço” valia mais no mercado de escravizados.

Talvez tivesse sido isso o que obrigara Canto e Melo lutar contra a

escravidão. O tratamento animal que ia além dos castigos corporais e da prisão nas senzalas. A escravidão que dilacerava almas, famílias, vidas inteiras em troca do vil metal. E, às vezes, nem isso. Desconfiava que alguns algozes o eram por vocação, pelo prazer de ter poder sobre a sua vítima, era puro sadismo.

Cursara a faculdade de Direito do Largo de São Francisco, junto ao colega Joaquim Nabuco – também filho de político – para tentar entender as Leis e impedir que a escravidão prosseguisse. Porém, não havia uma Lei que a regulamentasse, não havia como lutar diretamente nos tribunais. O jeito seria “indiretamente”, pelas “brechas das Leis”. Nesta mesma época, conhecera Luis Gama. Filho de escrava, ele havia conseguido permissão para assistir aulas na faculdade. Apesar de não ter sido diplomado – era o que chamavam de “rábula” – trabalhava como escrivão e aproveitava do seu cargo para procurar por qualquer indício de ilegalidade em registros escravos. Canto e Melo tentara se juntar a ele e libertar os escravos juridicamente, porém, era muito penoso ficar horas envergado sobre livros, leis, papéis, registros enquanto a sua cabeça só se recordava dos suplícios que assistia às sombras das fazendas da sua infância.

Pouco depois, fora apresentado a Antônio Bento. Achava se tratar de uma aparição aquele homem de óculos, barbicha negra, capa preta e chapéu de abas largas, que vagava pela cidade paulista feito alguma assombração. Ele havia formado um grupo de rapazes para fomentar fugas escravas – o que viria a ser conhecido como “os caifazes”. Foram as “estratégias” de Antônio Bento que melhor combinavam com seu espírito libertador. Canto e Melo participara de algumas escapadas, mas ao levar um tiro no ombro em uma delas, ele foi “aposentado”. No ostracismo, reencontrara um antigo colega de faculdade, Luiz Fernando Duarte. Este se relacionava, então, com Eduardo Montenegro, o co-fundador do Clube dos Devassos – que era também amigo de Antônio Bento e Luis Gama.

À princípio, Canto e Melo – como todos – achava que o clube era mais um grupo de homens da alta sociedade que se reuniam para orgias e discussões infrutíferas, porém, veio a descobrir – através de Montenegro – que o nome era um trocadilho com o verbo “devassar” – “invadir, descobrir, pôr a descoberto, ter a vista para dentro de, penetrar, divulgar, informar, indagar” – que se confundia com o adjetivo “devasso”, o que era proposital.

A dualidade era genial.

Não poderia por tudo a perder, fazer com que os anos de luta do clube fossem em vão. Por mais que amasse Caetana, por mais que quisesse lhe contar este aspecto tão importante da sua vida, a possibilidade de que, sem querer, outros descobrissem a verdade poderia destruir não só o clube, mas milhares de outros esquemas de libertação em andamento. Duvidava que Caetanaalaria

alguma coisa a respeito da sua verve abolicionista para o Sr.Feitosa, porém, era impossível ter certeza. Ela o havia surpreendido com a sua atitude drástica, apagava a imagem de mulher serena e cordata, que usava a razão e o bom-senso acima de tudo. Canto e Melo não a reconhecia mais e teria que tomar cuidado com essa Caetana impulsiva e passional que surgira e o deixava atordoado. Quanto mais à respeito da escravidão. Nunca haviam conversado sobre o assunto. Ela não parecia conhecer os meandros do cruel sistema escravocrata, nunca tendo ido visitar uma senzala. Era como a maior parte das senhazinhas que aceitavam viver naquela cultura sem a questionar – o que não queria dizer que ela era a favor. Ele mesmo não havia questionado até conhecer a “reprodutora”.

*

Caetana não conseguia parar de ver e rever o rosto da sua família acenando para ela na porta de casa, do olhar preocupado da sua mãe – que parecia ler a alma de suas filhas – e das pequenas Lavínia e Felipa, que corriam atrás do veículo, até sumirem na poeira de terra levantada pelo coche. Eram muito apegadas à irmã mais velha, quem havia lhes ensinado a ler e a escrever, a bordar e serem educadas e com quem gostavam tanto de brincar.

A sua melancolia ia crescendo à medida que se afastava da Guaíba e de tudo aquilo que conhecia. Dos horizontes de café, do cântico dos negros pregado na brisa, do cheiro das flores e das brumas cobrindo o jardim pela manhã, dos barulhos tão familiares dos afazeres de casa, das risadas das gêmeas Rosária e Belizária, das brigas entre Lavínia e Felipa, dos passos firmes do pai no corredor, das preces da mãe pela manhã, das loucuras de Amaia. Gostaria de saber porquê a sua melhor amiga não veio se despedir dela. Havia sumido por completo da festa. Deveria ter brigado com Montenegro, por quem era visivelmente apaixonada – só não enxergava porque não queria. Talvez considerasse humilhante demais. Amaia e seus absurdos! Humilhante era ela estar casada com alguém que se desprezava. Sim, era este o termo que tinha para aquele falso, mentiroso e... Pedra!

Uma pedra no caminho a fez rolar no banco e se segurar nas paredes do coche para não cair no chão.

-Está tudo bem? – perguntou Canto e Melo, preocupado com ela.

Interpretando o gesto dele como um “costume educado”, assentiu e reposicionou-se no banco à frente dele. Voltaram aos silêncios interiores. Cada um buscava um ponto na paisagem o qual mirava para evitar o outro.

Aportaram numa estalagem em Barra de Piraí. O trem saía cedo para a Corte e era preciso pernoitarem lá. Tanto Caetana quanto Canto e Melo haviam esquecido deste “detalhe” – o de que teriam que dividir um quarto, uma cama!

Ao saltar do coche com a ajuda dele, Caetana mal conseguia falar. Sua boca

estava tomada pelo seu coração, pulsando freneticamente, fazendo todo o corpo estalar de nervoso. Ela havia se esquecido que dormiriam juntos e não poderia pedir outro quarto. A estalagem estava lotada quando fora marcada a estadia.

Com a mão sobre o braço dele, caminhavam em direção ao dono da estalagem, que vinha recebê-los com um imenso sorriso e um olhar divertido – o mesmo que dava a todos recém-casados que por ali “dormiam”. Caetana corou. Aquele homem parecia saber mais do que ela após a conversa da mãe. Podia sentir isso por debaixo da conversa mole, das risadinhas que dava para Canto e Melo, dos elogios ao casal.

-Vou mostrar o quarto a vocês. Quando soube que são filhos do Sr.Feitosa, de Vassouras, fiz questão de separar o melhor quarto que tínhamos!

-Agradecida. – retrucou ela, soltando o braço de Canto e Melo e seguindo o senhor escadas acima.

Cruzaram um pequeno corredor, repleto de portas dos dois lados.

O que era feito em 20 passos, parecia ter levado quilômetros dos seus sentimentos. Ao atingirem a última porta do corredor, o estômago de Caetana dava cambalhotas na boca. Ela agarrou-se a sua bolsinha e a colocou na frente do corpo, numa reação automática de proteção.

Canto e Melo, que a seguia mais atrás, estava calado. Sua face era tensa e ficara ainda mais quando o dono da estalagem entregou-lhe a chave e um bilhete.

O que deveria ter sido um ato de descrição, foi apreendido por ela, deixando-a ainda mais curiosa com o que poderia estar escrito ali e quem seria o remetente.

Ao reparar que ela tinha os olhos sobre si, Canto e Melo sentiu que seria inútil fingir que não tinha o bilhete em sua imensa mão. Abriu-o na frente dela para provar que não pretendia esconder TUDO dela. Leu-o em silêncio. Enquanto seus olhos claros iam e vinham pelas letras do papel, o rosto ia ficando lívido e as sobrancelhas tensionavam. Sem a enxergar, pediu licença e prometeu que já voltava. Estava tão imerso nos próprios pensamentos, que pareceu não a escutar retrucar:

-Por mim, poderia não voltar.

Ele piscou. Sim, ele a havia ouvido e podia enxergar o seu ressentimento. Os olhos azuis a alfinetaram e Caetana sentiu que ele a havia preso contra uma parede invisível. Sem qualquer tom de carinho ou atenção – o que era incomum em Canto e Melo –, ele assentiu e respondeu:

-Como quiser.

A porta do quarto se fechou e Caetana recolheu os restos do que aquela frase fria havia deixado. Estava estilhaçada. *Por que me casei com ele? O que foi que vi nele para me apaixonar? Como não havia enxergado este lado cruel?*

Meu Deus, dai-me forças para prosseguir com esse casamento, ao menos, até conseguir a anulação.

Anulação. Esta palavra pesava grilhões. Significava ser rechaçada, tornar-se uma pária, alguém imperfeito para casar. Mesmo que fosse ela a pedir a anulação, ainda sim, seria vista como aquela que não soube cumprir o seu papel de esposa, independentemente do que o marido tivesse feito. Um mau casamento, ou um mau esposo, era sempre culpa da mulher.

Sentou-se na cama. O quarto da estalagem não era muito grande, mas era limpo e bem arrumado. Tinha cortinas, um vaso de flores sobre a cômoda, um candeeiro aceso sobre uma mesa de cabeceira e na outra havia uma bacia com água fresca, uma moringa e frutas. E uma perfumada cama de casal! Caetana levantou-se num susto, como se tivesse se contaminado. Ela era casada! Ela e Canto e Melo deveriam dividir o mesmo leito, uma intimidade... e novamente corou com a possibilidade de que, talvez, em algum momento, seus corpos fossem se encontrar...

Cruzou os braços em volta de si e ficou andando em círculos. Ficar sentada na cama poderia dar “ideias” a Canto e Melo, quando retornasse – se é que voltaria –, e não queria que ele nem se lembrasse desta parte do casamento. Recordou-se do que sua mãe havia explicado sobre a noite de núpcias e tentou se desfazer deste pensamento. Ela poderia tudo naquele instante, menos “fazer aquilo”. Não com a mágoa que permeava a sua alma, extravasando pelo corpo retesado.

Calculou que seria “mais seguro” ficar com as roupas de viagem e de pé. Sim, passaria a noite andando de um lado ao outro, aguardando a hora de subirem no trem. Bocejou. *Tola!* Sabia que não conseguiria, mas, ao menos, esperaria por ele acordada e o mandaria dormir fora do quarto. *Exato! Ótima ideia!* Satisfeita com essa articulação, foi até mesa. Colocou a bolsa ao lado da bacia, descalçou as luvas e o chapéu. Ao mergulhar as mãos na água fresca, sentiu uma gostosa sensação de limpeza. Achou melhor lavar o rosto, por causa da poeira da estrada. Ao jogar a água na face, de imediato levantou os olhos na direção de um pequeno espelho sobre a cômoda.

Via a si e a cama atrás, atraindo-a para uma noite confortável. Adoraria tirar aquele espartilho apertado e as botinas, mas era preciso manter a pose para quando Canto e Melo chegasse.

Olhou para a porta. Achou que poderia ter ouvido algo. O ranger das tábuas do corredor. Alguma voz. Enxugou o rosto e ficou no aguardo, mãos na frente do corpo, olhar pregado na madeira. Ninguém abriu a porta, sequer giraram a maçaneta. Deveria ser outro hóspede, afinal, não havia somente eles lá.

Ignorou a própria ansiedade. Talvez fosse melhor esperar comendo algo.

Mal conseguira engolir algo antes do casamento de tão ansiosa que estava com os preparativos finais, e durante a festa foi praticamente impossível tendo que conversar com os convidados. O estômago roncou, mais forte. Tomou uma maçã da cesta de frutas. *A fruta do pecado!* Devolveu e pegou uma banana. Quando a ia descascar, a voz da mãe surgiu no fundo do seu cérebro: “o órgão masculino lembra muito a uma banana.” Devolveu e deixou que a fome passasse sozinha.

Bebeu água, ao menos, não se lembrava de nada “pecaminoso” em relação a um copo d’água.

Ah, queria poder se sentar. Suas pernas doíam. Podia senti-las inchadas, latejavam por debaixo das milhares de saias e das meias. Havia passado o dia de pé, dançando, cumprimentando, precisava descansar. Talvez, se desse uma sentadinha, só um pouquinho, só para descansar. Certamente ouviria Canto e Melo abrindo a porta e poderia se por de pé.

A cama era bem mais confortável do que ela havia desejado. Tão macia! O cobertor também era fofo, agradável de ficar passando a mão. Reluziu entre os seus dedos o anel de casamento. Era o desenho de uma flor cujas pétalas eram diamantes e, ao centro, havia uma imensa água-marinha – símbolo da família dele. Havia achado o anel ostentoso para alguém como ela, porém, havia dado tanto valor quando ele lhe contara que havia pertencido a sua avó – o que poderia ter sido mais uma mentira, como outras tantas! – que pouco se importara com a pompa da jóia.

A cabeça pesou e Caetana achou que não seria tão ruim se encostasse ela um pouquinho no travesseiro. Não iria dormir. Longe disso! Só iria dar uma aliviada no pescoço. O véu e a grinalda eram extremamente pesados e poderia ter ficando com torcicolo.

Assim que o seu corpo deitou na cama e a franha cheirosa encostou em seu nariz, os músculos relaxaram e, de tão cansada que estava, Caetana não viu as pálpebras se fechando e um delicado sono se apossando dela.

*

Foi num remexer que Caetana pulou da cama. Uma das barbatanas do espartilho lhe havia pinçado a carne, despertando-a no apertão.

Havia adormecido! Como pode ser imprudente!

Foi à cata de Canto e Melo no quarto. Por entre as sombras dos móveis não pareceu encontrá-lo. Que horas deveriam ser? Não ouvia mais os barulhos do movimento da gente; apenas um ronco contínuo por cima de sua cabeça vindo de algum outro quarto. Uma tibia luz entrava pelas venezianas da janela, anunciava a madrugada. Procurou por sua bolsa em cima da cama e lembrou que estava na mesa. Tirou de dentro dela um relóginho de pendurar na roupa. Eram quase quatro da manhã! Como havia dormido tanto! O mais estranho, no entanto, era

que ele nem parecera ter vindo ao quarto. Será que ele ainda estava no primeiro andar da estalagem, onde funcionava o restaurante? Era bem possível, afinal, ela o mandara não voltar e ele era bem obediente.

Talvez fosse melhor conferir se estava tudo bem – e, quiçá, comer alguma coisa.

Com cuidado para não ser vista ou ouvida, cruzou o corredor nas pontas dos pés. Não queria acordar os outros hóspedes e, muito menos, ser pega por ele bisbilhotando. Não era desses subterfúgios! As gêmeas poderiam ser. Inclusive, a sua atitude a deixava surpresa consigo mesma. Por que deveria se esconder do marido? Era a esposa e deveria saber o porquê dele não ter voltado para o quarto. Ah, sim, lembrou-se que o expulsara.

A quem quero enganar?! Queria era ver com quem ele estava – se estaria com alguém – e quem seria o remetente do tal bilhete misterioso que o deixara consternado.

Desceu as escadas devagar, evitando que os degraus rangessem. A escada desembocava num salão que era recepção, sala comunal e restaurante – tudo junto. Ao ver Canto e Melo numa mesa, conversando com outra pessoa, ela parou e subiu o suficiente para que saísse do campo de visão dele – mas que ainda fosse capaz de vê-lo. Agachada, observando entre as balaústres do corrimão, reparou que ele falava com outro homem. Ainda bem que não era uma mulher, senão, o trucidaria. Não que o amasse – *Não o amo mais* – mas seria bem vexaminoso ver um recém-casado à procura de outra! Ademais, era preciso conversarem sobre isso quando chegassem na Corte. Por mais que o casamento fosse de fachada, deveriam comportar-se e evitar “terceiros envolvidos”.

Segurando nos balaústres, ela quase enfiava a cara para fora da escada para tentar escutar o que tanto discutiam. Não conseguia ouvir. Gesticulavam, preocupados, sérios, debatendo algum assunto, mas sem qualquer contrariedade. Estavam tão envolvidos, que nem haviam tocado nos pratos de comida a frente deles e, de vez em quando, davam um gole no vinho.

O estômago de Caetana roncou. Ela não se importaria de comer aquela comida, ainda que fria.

Mesmo sob a escassa luz de uma vela sobre a mesa, ela conseguiu enxergar com razoável facilidade o rosto do interlocutor. Era um homem de cabelos avermelhados, olhos bem claros. Muito se assemelhava a um irlandês. Poderia até ser estrangeiro, pouco sabia, porém tinha certeza de que eram amigos. Havia intimidade naquela conversa. O que foi confirmado quando o homem passou um envelope por cima da mesa e Canto e Melo, imediatamente, guardou-o dentro do bolso da casaca.

Eles se levantaram e despediram com um aperto de mãos.

Caetana teve de ser rápida e se esgueirar de volta para o quarto sem que fosse percebida. Assim que fechou a porta do quarto, pode escutar passos vindo pelo corredor. Deveria ser ele. Olhou ao redor, sem saber se deitava, se ficava de pé, se sentava. Os passos ficavam mais altos. Ele se aproximava. Optou por permanecer de pé, com as mãos na frente do corpo e um questionamento na ponta da língua.

Pode ver, pela fina luz que vinha dos candeeiros do corredor, a sombra dos pés dele passando por debaixo da porta. Segurou a respiração e aguardou que entrasse. Achou que o seu coração havia parado de bater de antecipação. Ou era a sua cabeça que latejava tanto, que não conseguia escutar as batidas em seu peito?

A maçaneta não girou e os pés se afastaram da porta. Desapareceram ao som dos passos no corredor. Ele havia ido embora.

Capítulo 2

**“E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as ilusões perdidas,
E no seu livro de fanado gozo
Relê as folhas que já foram lidas.
E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dor desmaia,
E seus gemidos são iguais à queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.”**
(Casimiro de Abreu, *Minh'alma é triste*)

Roberto Canto e Melo poderia se considerar um homem paciente. Sempre o fora. Até por demais, alegavam os amigos. Porém, se alguém quisesse fazê-lo perder a paciência, bastava que lhe fosse injusto. Era de tirá-lo das botas. E isso era tudo o que Caetana estava sendo com ele, desde que saíram da estalagem em Barra do Piraí para pegarem o trem para a Corte.

Nem lhe dera um bom dia sequer, ofendida com a sua presença. Passara reto quando ele lhe puxara a cadeira para que tomassem um café-da-manhã reforçado antes da viagem. Tivera ainda que correr atrás dela quando a vira pedindo ao estalajadeiro que lhe arrumasse um coche para a estação, e agüentar calado o fato dela ter ignorado a sua mão estendida para que tivesse apoio ao subir no veículo. Só foi lhe dirigir a palavra quando sentaram-se, frente a frente, no vagão da primeira classe.

-Ao chegarmos no Rio de Janeiro, quero que mantenhamos a descrição da nossa relação.

O tom de exigência fez com que ele franzisse o cenho, desconfortável, mas não tão nublado como no dia anterior, após a conversa deles. Naquela manhã ensolarada, amena pela temperatura que começava a cair com a aproximação do outono, ele tinha o semblante límpido, talvez por causa das roupas em tons azuis que lhe caíam tão bem, talvez pela conversa secreta, talvez porque tivesse achado braços mais confortáveis para passar a noite – se Caetana soubesse que ele havia dormido num agrupado de cadeiras, atrás do bar, possivelmente teria ficado um pouquinho arrependida pela sua rispidez.

Caetana virou o rosto para a janela e se calou, sem maiores explicações.

Canto e Melo teria perdido a paciência com ela se não tivesse reparado na maneira como ela apertava a alça da sua bolsinha, enrolando-a nos dedos enluvados. Estava nervosa. Ele também estava e vê-la assim, com uma longa tristeza no olhar, o machucava. Tentou se acalmar e agüentar que a mágoa dela passasse e pudessem conversar. Queria poder lhe explicar – em parte – a situação –, mas deveria achar o momento propício para tal abertura, pois agora ela só lhe

fechava portas na cara. Daria espaço a ela – como na noite passada – e não a pressionaria a perdoá-lo. Tudo a seu tempo!

Soltou um suspiro, cruzou os braços sobre o peito e tentou se acomodar no assento. Tentaria dormir um pouco. Fato era: as cadeiras da estalagem eram duras por demais para quem não havia bebido muito.

O apito da locomotiva avisou que a viagem começaria. Algumas pessoas no entorno correram para encontrarem os seus assentos e outros se aglomeravam nas janelas acenando e atirando beijos.

No tranco do trem, Caetana foi arremessada para frente. Se não fosse por Canto e Melo segurar o seu rosto, teria batido a cabeça.

Suas grandes mãos tomavam todo o rosto pequeno e delicado dela. Ele a tinha, próxima como nunca antes. Podia sentir o perfume doce de lavanda, a respiração exaltada pelo susto. Os dedos quentes dele, sem luvas, desceram, de leve, sobrevoando a pele pulsante. Acariciava o contorno do pescoço dela, por debaixo da renda da gola. Pode sentir a pele arrepiada ao toque e os lábios rosados dela se abriram um pouquinho, tal fossem soltar um gemido. Ele a mirou nos olhos. Caetana o encarava, atenta, esperando que tomasse uma atitude.

Tomou – talvez não exatamente a que ela gostaria. Afastou-se e pediu desculpas numa formalidade que os separava.

Ela voltou-se para a janela, arrumando-se dentro do seu guarda-pó, e permaneceu focada na paisagem pelo resto da viagem. Ele puxou a gola do seu guarda-pó e aproveitou para dormir um pouco no balanço do trem. A noite havia sido intensa – mas não da maneira que ele gostaria.

*

O trem entrou na Estação da Corte ao cair do dia.

Ao saltar do vagão, Caetana sentiu as pernas tremerem e a cabeça virar. Fazia quase 24 horas de jejum. Se Canto e Melo não a tivesse sustentando pelo braço, poderia ter caído num passo em falso e ido para debaixo das rodas do trem. Estava pálida e a boca arroxeadada. O marido segurava-a pela cintura, apoiando-a contra o próprio corpo. Preocupado, perguntava o que sentia. Estava ansioso com aquele quase desfalecer. Se Caetana lhe tivesse olhado nos olhos, teria visto que ele estava desesperado.

Caetana balbuciou que não era nada. Não convencido, Canto e Melo deduziu que poderia ser fome. Não a vira comer nada o dia todo e, quando a convidara para dividirem um pedaço de pão e queijo, ou ter alguma fruta – que a esposa do estalajadeiro havia colocado numa cesta para eles se alimentarem durante a viagem – Caetana se recusara, sem conseguir olhar para a comida.

Em imediato, sem a soltar, Canto e Melo fez um sinal para um carregador, parado próximo a parada do trem, encostado num carrinho de malas.

Um rapazote de quepe e roupa da companhia de trem se apresentou numa reverência, puxando o carrinho de bagagem. Canto e Melo entregou-lhe os bilhetes das malas, que estavam no bolso do colete, e quis saber se havia algum restaurante dentro da estação. O rapaz apontou e explicou onde acharia um. Prometendo uma vultuosa recompensa se os encontrasse no lugar, Canto e Melo levou Caetana para longe do alvoroço. Havia muita gente entrando e saindo dos trens, malas e sacas de transporte de café, escravos, vendedores, gente correndo atrás do atraso e outros se adiantando na despedida.

Ela relutava, alegava que estava bem e que poderia andar sozinha. Porém, Canto e Melo não queria se afastar dela, não agora que finalmente a tinha em seus braços, sentindo a sua respiração contra o seu corpo, o perfume dos seus cabelos.

O restaurante era mais próximo do que ele gostaria, obrigando-o a soltá-la. Puxou a cadeira para que ela sentasse e ele mesmo escolheu algo para que comesse. Nada muito pesado, mas consistente o suficiente para que retomasse as forças. Sem refutar, ela comeu devagar, para não pesar no estômago, e a cada garfada ia recobrando as forças e o temperamento volátil, apagando a imagem da Caetana frágil que Canto e Melo havia adorado conhecer, mesmo que por instantes – e o fazia lembrar que ela poderia precisar dele em algum momento.

Terminaram de comer sem trocar muitas palavras e o jovem carregador não havia aparecido no restaurante. Arrependido de ter acreditado nele, Canto e Melo já tentava levantar as explicações que teria que dar à Caetana sobre o sumiço da bagagem, até que encontrou o jovenzinho os esperando na frente da estação.

Tinha toda a bagagem já posta num coche, que os levaria para o endereço desejado. Maravilhado, Canto e Melo pagou ao menino o combinado e um pouco a mais em agradecimento pela sua atitude.

Satisfeito, o menino tirou o quepe revelando cabelos loiríssimos e olhos bem escuros – uma combinação inusitada naquelas paragens. Apresentou-se como Raimundo Aragão e reforçou:

-Sempre que o senhor precisar, estarei à disposição. – e se foi após uma reverência, puxando o carrinho que era maior do que si.

Uma sensação incomum tomou Canto e Melo. Era como um pressentimento, o de que o seu destino e o daquele garoto ainda se cruzariam, provocando nós inesperados.

*

O Rio de Janeiro em nada poderia ser comparado a Vassouras ou Barra do Piraí. Havia movimento, havia intensidade, havia a mistura do cheiro de maresia com o ocre do lixo nas estreitas ruas coloniais. Um bordado de cores e gente que

se amarrava nas tramas do luxo das sinhazinhas acompanhadas por suas mucamas, desviando-se dos vendedores de rua e dos *flirts* de esquina, aos tilintares dos cafés elegantes ao lado das casas de pasto. Das negras que ofereciam cocada aos passantes na frente das lojas de departamento, a cidade prensada entre o mar e as pedras divididas em floresta e plantações de café e cortadas pelas diligências, *omnibus* e os recém inaugurados bondes.

Nos poucos quilômetros entre a Estação e a casa que Canto e Melo havia conseguido, no Flamengo, vira mais escravos do que pessoas livres. Se houvesse uma revolução escrava, como a que havia ocorrido no Haiti, os barões do café estariam numa situação perigosíssima. O levante seria incontrollável. Principalmente se capitaneada pelos escravos urbanos. Era visível, beirando ao tátil, a diferença entre os escravos das plantações e os da cidade. A maioria era *ao ganho*, ou seja, escravos que trabalhavam como aprendizes e vendedores, e levavam parte do dinheiro aos seus senhores e guardavam a outra na esperança de comprarem as próprias alforrias. Eram escravos especializados em alguma tarefa e, a maioria, bem mais esperta do que um homem livre. Não foram poucas as vezes que os encontrara reunidos às escondidas nas casas de Zungu – centro de reuniões para forros e escravizados –, ou divididos em maltas capoeiras a disputar as freguesias da cidade. Eram eles que engendravam as fugas escravas, passavam as informações dos maus-tratos, revelavam a identidade dos capitães-do-mato, levavam os foragidos para os quilombos de Jacarepaguá e arredores.

Um dos homens mais sábios que Canto e Melo havia conhecido em sua vida havia sido um alufá. Um escravo mulçumano que comandava uma casa de ervas, próximo a Rua do Sabão – centro nervoso do encontro dos escravos mina. Na potência dos seus 70 anos, o escravo cego, conhecido por muitos como Tenório – cujo nome original lhe fugia dos lábios – contava, ainda com sotaque, a quem quisesse ouvir, os horrores da sua travessia no tumbeiro que o raptara da África 60 anos antes. Nos olhos vazios daquele escravo, tão potentes como se o estivessem encarando, Canto e Melo podia enxergar o peso da escravidão e da perda da própria identidade. Eram homens e mulheres que tinham as raízes cortadas, obrigados a adotarem outro nome, outra língua e outra cultura sob a ameaça da chibata, quiçá da morte. Despossuídos dos próprios corpos, pertenciam a outrem, nem seus filhos eram seus.

Felizmente havia surgido a Lei do Ventre Livre para tentar resolver a questão. Montenegro era contra, como muitos Devassos, achando que a Lei era um paliativo para acalmar os ânimos abolicionistas, porém, para Canto e Melo, era melhor do que nada. Era uma tentativa de mostrar que a escravidão não teria mais futuro naquelas terras.

Ainda assim, por mais que defendesse a liberdade incondicional e que

tivesse levado um tiro ao lutar por ela, Canto e Melo nunca seria capaz de sentir o que era ser usurpado de si, considerado animal ao invés de gente. E, por mais que olhasse nos olhos perdidos do alufá – furados por um senhor que não admitia um escravo saber mais –, via apenas o silêncio perturbador de quem não tinha voz.

*

Ao chegarem na casa no Flamengo, Canto e Melo soltou um suspiro profundo de quem, finalmente, voltava à dança. Tinha que entregar a carta de Luiz Fernando Duarte o quanto antes. O amigo havia avisado que era urgente e deveria ser em mãos. Porém, não poderia ir à sede do Clube dos Devassos antes de ter certeza de que Caetana estava se sentindo melhor. Havia se assustado quando a vira desfalecer em seus braços. Ela era tão saudável e forte, admirável na maneira segura com que falava com todos. Vê-la frágil o deixava muito preocupado – mais até do que ele acharia que poderia ficar.

Ao saltar do coche, esticou-lhe a mão e, desta vez, não a deixou ignorá-lo. Foi ao agarre dos seus dedos, ao perceber que fugiria dele, e os apertou com força para não escapulir.

-Ai! Cuidado! – reclamava ela, mirando-o com repreensão.

-Ah, desculpe-me. – ele abaixou o rosto e soltou a mão dela, apontando que ela seguisse na frente.

Acariciando os dedos, Caetana entrou na casa e tentou não se fazer surpresa – e um pouco assustada – com a escolha do lugar.

A casa, por fora, era um belo casarão colonial que havia sido transformado num palacete neogótico. O problema, no entanto, não estava por fora, nas formas pontiagudas e nas gárgulas, estava dentro da casa. Logo no vestíbulo de entrada eram recebidos por um redondo lobby-sofá vitoriano de veludo vermelho e paredes com afrescos de cenas das Mil e Uma Noites. Uma imensa escadaria se fazia central, ladeada por um par de estátuas de bronze de odaliscas nuas. O tema das arábias ainda se distribuía pelos tetos e pelas paredes dos outros cômodos, dividindo a atenção com pinturas de mulheres despidas e reposteiros e sofás de brocado vermelho e lamparinas de cristal, recriando uma atmosfera de bordel. Caetana poderia nunca ter conhecido um bordel, mas pode ter uma vaga ideia do que seria um ao entrar naquele local.

Canto e Melo passava do vermelho para o roxo de vergonha. Deveria ter escutado Euzébio e recusado a casa de Estevão emprestada. Aquilo estava longe de ser um lar decente. Tinha esperanças, ao menos, que Caetana não desconfiasse da semelhança com um prostíbulo. Porém, pelo olhar fulminante dela, suas esperanças viraram pó em segundos.

Teve de esclarecer, entre um gaguejo e outro, de quem era – antes que

pensasse mal de si:

-É a casa de um amigo. Ele ma emprestou.

-Casa de um amigo?! – ela quis confirmar, desconfiada que alguém, que não fosse uma cortesã, morasse lá.

Explicar quem era Estevão era complexo, tanto quanto o seu gosto excêntrico e os sentimentos de rebeldia que ensejavam por debaixo daquelas paredes. E era possível que Caetana não tivesse o menor interesse em conhecê-lo depois de entrar na sua casa. Ou assim, esperava. Não era à toa que Estevão possuía a alcunha de “o Lobo do Império”. Não havia uma mulher que passasse incólume por ele. E entrar naquela casa era acabar com a própria reputação. Canto e Melo, no entanto, só veio a entender que não se tratava de uma metáfora exagerada de Euzébio quando lá. Começava a acreditar que talvez Estevão fosse mesmo um doidivanas.

Ao menos, os criados pareciam ser pessoas decentes. O casal foi apresentado a cada um. Eram seis no total: um mordomo que também servia de *valet*, sua esposa –que havia sido contratada para servir a jovem senhora –, um cozinheiro, um ajudante de cozinha, uma faxineira – não sabia como aquela jovem magricela conseguia manter limpa aquela casa repleta de *bric-à-brac* – e um jardineiro que também era o cocheiro.

Com a ajuda dos empregados, ambos se desfizeram dos chapéus de viagem, das luvas e dos guarda-pós.

Tudo o que Caetana queria era tirar aquele espartilho e tomar um banho bem reconfortante. Aparentemente, a Sra.Cruz, quem lhe serviria, havia lido os seus pensamentos:

-Preparei para a senhora um banho morno, para relaxar após a viagem cansativa, e um chá de camomila.

Caetana queria cair aos pés da senhora e agradecer infinitamente por aquele banho. Deixou escapulir um sorriso de alívio – o primeiro que Canto e Melo captava desde o casamento; o que ele interpretou como um bom sinal, talvez que o tivesse perdoado.

A Sra.Cruz guiou-os para o segundo andar, onde haviam mais nus espalhados pelo corredor semi-escuro e alguns vasos gregos com pessoas em posições um tanto indiscretas. Aproveitando que Caetana havia entrado no quarto preparado para eles, Canto e Melo segurou a senhora pelo braço e suplicou:

-Por favor, esconda os vasos e tudo o que conseguir que não seja... bem, que não seja... – não achava a palavra apropriada.

-Decente?

-Isso.

A governanta, que era uma mulher muito séria e muito digna, fechou a expressão e pos as mãos espalmadas na frente do corpo. Tinha uma pose de rigidez que o fez se lembrar da sua antiga governanta – só faltava a palmatória:

-Sinto, mas teria que esconder a casa inteira.

Canto e Melo temeu ao escutar aquilo. Nem vira os outros cômodos e já os imaginava mais inapropriados ainda para uma jovem senhora de família. De qualquer maneira, teriam de fazer o possível, ao menos, até que ele providenciasse outro endereço.

Numa tentativa – falha – de tentar conseguir um pouco de boa vontade por parte da senhora, jogou o seu charme para cima dela:

-Mas os vasos a senhora consegue... – e abriu um belo sorriso, que encantava a muitas mocinhas, inclusive a ex-governanta.

A senhora ergueu o queixo e fixou ainda mais a mirada austera nele:

-Verei o que posso fazer. Com a sua licença.

Que suplício! Ao levantar a cabeça para soltar um suspiro, reparou num casal numa pose mais do que comprometedor. A mulher estava com a cabeça do homem entre as pernas enquanto, cada uma de suas mãos, acariciava um segundo casal. Balançou a cabeça na negativa. Como é que iria “esconder” aquela casa? Pensaria depois de um bom banho e de algumas horinhas de sono.

Ia entrar no quarto quando Caetana se interpôs na porta, chamando pela Sra.Cruz:

-Ah, Sra.Cruz! Gostaria que me fizesse um favor, se possível, claro.

A criada parou à beira da escada e aguardou as ordens.

Transpassando um olhar malicioso para Canto e Melo, Caetana abriu um micro sorriso:

-Preciso que prepare um quarto para o meu querido marido.

Tanto a criada quanto Canto e Melo a miravam como se incapazes de compreender aquele pedido.

-Não sei se entendi, senhora.

-Eu também não entendi. – comentou o marido.

O sorriso se foi e no lugar surgiu uma expressão de rancor:

-Dormiremos em quartos separados. De preferência, BEM separados. Sem qualquer interligação.

Sem dizer uma palavra, a Sra.Cruz assentiu e foi comandar os criados para que arrumassem o quarto na outra ponta do corredor.

Quando notou que a senhora havia descido as escadas, Canto e Melo tentou concatenar o que estava acontecendo.

Num sorriso incerto, quis confirmar se havia entendido bem:

-Vamos dormir em quartos separados?!

Sem lhe desviar a mirada, Caetana respondeu sem qualquer relutância:

-Sim.

Canto e Melo abriu a boca para dar um ponto na questão, erguendo o dedo indicador, mas a porta foi fechada na sua cara, cortando qualquer possibilidade de desacordo – se tivesse um passo adiante, teria-lhe acertado o nariz. Cogitou bater na porta. Chegou a levantar a mão. Mas desistiu. Não, ela ainda não o havia perdoado. Melhor esperar passar alguns dias.

*

A porta da madeira era tão pesada, que Canto e Melo não pode escutar Caetana, do outro lado, caída de joelhos no chão, com uma mão no peito e outra na frente da boca, para esconder o choro.

Não era mais uma vírgula que havia entre eles, era uma porta de sentimentos. Obstáculo bem maior e mais difícil de se transpor.

Capítulo 3

“Dizem que o tempo ameniza
Isto é faltar com a verdade
Dor real se fortalece
Como os músculos, com a idade”
(Emily Dickinson)

A noite não passava, cortando Canto e Melo por cima da cabeça acesa, por debaixo da cama, onde se revirava atrás de uma posição agradável. Batia no travesseiro para moldá-lo à sua vontade, cobria-se e se descobria, tirou as ceroulas achando que estava com calor. A cada dez minutos – e disso ele tinha consciência – olhava no relógio sobre um aparador. A madrugada não ia embora, não amanhecia, e ele não podia ir ver como Caetana estava. E uma agonia ia lhe subindo o peito – e retesando o seu corpo só de pensar nela no quarto próximo.

Aquela não era a melhor maneira de se passar a noite de núpcias. Sozinho!

Haveria de ter planejado em detalhes, fantasiado como é que se daria a primeira vez de intimidade entre eles. A preocupação dele em que ela se sentisse confortável e que pudesse agradá-la.

Foi-lhe subindo uma quentura e o copo retesava mais ao imaginar Caetana sobre si, as costas nuas em suas mãos, os seios em sua boca. Ahhh! Ele estava ficando fora de si! Nunca havia acontecido isso! Nem quando tinha uma cortesã como amante fixa – na verdade, a única mulher que havia tido. Conhecera-a em São Paulo, ainda estudante. Lucinda lhe ensinara tudo o que sabia e a necessidade de dar prazer a uma mulher – algo praticamente impensável, afinal, o que eram as mulheres senão anjos imaculados que não poderiam ter prazer com o pecado?

Os olhos claros bateram no teto do quarto em que havia sido colocado. Aquela casa também não ajudava a não pensar **naquilo**. Por todo lugar havia mulheres nuas diante do olhar libidinoso de algum homem, pessoas intrincadas em poses que o faziam torcer o pescoço para entender de quem era o pé sobre a cabeça e a mão nas nádegas de quem. O teto do quarto em que estava apresentava a noite de núpcias de Sherazade com o Sultão Shariar – ainda bem que não havia sido este o quarto escolhido para eles – e, num canto, escutando atrás de uma porta, a irmã dela, Duniazade.

Canto e Melo só tinha esperanças de que Caetana não demorasse mil e uma noites para perdoá-lo. Não sabia se seria capaz de agüentar nem mais dez minutos daquele jeito.

*

O quarto que Estevão fez questão de escolher para os pombinhos era um

pouquinho pior do que para onde Canto e Melo havia sido realocado. Tetos e paredes eram preenchidos por cenas do Kama Sutra – “Um pouquinho de inspiração”, havia dito para o mordomo, antes de pegar as suas malas e prosseguir numa longa viagem. A cama – peça central no quarto mobilhado com móveis árabes – tinha esculpido nos pilares do dossel cenas também sexuais. Ao reparar que não eram flores que um homem cheirava, Caetana afastou-se com algum horror. Nada daquilo se assemelhava ao que a sua mãe havia lhe dito: “Deve satisfazer o seu marido e não reclamar. Deixe que ele faça o que tem que fazer e, no dia seguinte, com sorte, ele não a procurará se tudo tiver sido a contento.” O rosto das mulheres nas cenas não era de quem não tinha prazer algum, ao contrário, seus olhos estavam revirados, as bocas abertas, os corpos entregues.

Caetana virou-se de barriga para baixo na cama. Ainda pesava no estômago a pequena ceia que havia feito questão de comer no quarto – não queria olhar para o marido.

Ah, aquela não era a melhor maneira de se passar a noite de núpcias!

E era na convergência que eles se faziam divergentes.

Cada um num quarto, sem conseguir dormir, pensando no outro tão próximo e tão distante.

Ele desejava ir até ela.

Ela desejava que nunca o tivesse conhecido.

Caetana arrependeu-se de ter aceito as insistências das gêmeas e as acompanhado ao sarau dos Alencar. Não era uma família nem próxima a eles! Se vira a Sra.Alencar e sua filha duas vezes, havia sido muito. Não que a achasse detestável. A Sra.Alencar era uma mulher extremamente inteligente e de uma cultura admirável. Pregava que as mulheres deveriam ter os mesmos direitos dos homens e se dizia a favor da educação feminina, considerando uma forma de controle o fato de muitas serem proibidas de aprender a ler ou a escrever. A Srta.Alencar, apesar da saúde frágil, tinha um primor de educação e uma conversa fácil.

Canto e Melo havia sido convidado para o sarau porque estava hospedado na fazenda do Sr.Montenegro. O recém-chegado era chamado para todos os eventos da região. Fascinava as senhoritas e as suas mães com sua misteriosa beleza e um jeito arrebatador. Quando Caetana o conhecera, ela mesma sentira que Montenegro era de fazer com que qualquer mulher esquecesse das próprias diretrizes e salvaguardas – era impressionante a força que Amaia detinha para não se deixar seduzir por ele de imediato.

No entanto, ao entrar no salão dos Alencar, o que a atraía havia sido a voz de barítono que recitava um de seus poemas prediletos. Todas as juvenzinhas

derretiam-se dentro das roupas, as senhoras casadas balançavam os leques velozmente e as viúvas lambiam os lábios diante de Canto e Melo. Ele era um homem alto, forte, viril. Contudo, não foram essas características de potência que fizeram com que Caetana se encantasse por ele. Havia uma sensibilidade em seus olhos azuis, algo que lembrava a um menino, o que a fez enxergá-lo.

No cruzar dos seus olhares, ela esquecera de respirar. Porém, havia sido ele a esquecer os versos de Claudio Manuel da Costa. Ao entreouvir o burburinho ao redor, que ia comentando aquele “súbito silenciar”, Caetana retomara os versos d’onde ele havia parado. Postando-se ao seu lado, complementavam as estrofes em alternância, até que terminaram no entrelaçamento das palavras e no silêncio do olhar. Ao dar-se conta da platéia, que batia palmas de pé, Caetana fora para junto das gêmeas, sem, porém, perder os olhares de Canto e Melo para cima de si.

Não queria encorajá-lo. Dentro de poucos meses as três irmãs Feitosa seguiriam em viagem à França. Iriam visitar a irmã Thaís, que havia se casado e mudado para lá, porém, sabiam que era para arrumarem pretendentes. Dizia-se haver uma sina na família – uma maldição jogada pela Marquesa de Santos: a de que nenhum casamento de um Feitosa seria feliz ou honrado. Caetana acreditava ser exagero das escravas que contavam essa história para as meninas Feitosa. As mucamas explicavam que só havia uma solução para quebrar aquela sina: limpar o nome da família. *O que limpar, se não se sabe nem sujo?*

Talvez a maturidade tenha ensinado à Caetana para onde os seus antepassados haviam “varrido” o nome da família; para trás do belo casarão da Fazenda Guaíba, para dentro de uma imensa senzala. Feito a maioria das mocinhas de família, Caetana nunca atravessara o terreiro, porém era a ela que as escravas recorriam quando precisavam de ajuda. Fosse ao tratar algum doente, fosse para pedir clemência em alguma punição, fosse por um prato extra de comida ou evitar a perseguição de algum capataz. E Caetana o fazia, com tamanha força e determinação, que deixava a mãe orgulhosa e o pai preocupado – era melhor casar Caetana o quanto antes e evitar que seguisse os caminhos abolicionistas de Amaia. Diferente da amiga, Caetana achava que não poderia lutar para mudar o mundo, no entanto, ela poderia reunir forças para mudar o seu entorno da melhor maneira possível.

Não seria para fugir da maldição que iriam para a França, nem para conseguir um marido. Eram desculpas, na verdade, dadas pelo pai para esconder o verdadeiro intento. Iriam para a França para evitar que Caetana e suas irmãs se envolvessem nas causas abolicionistas. Isso seria extremamente perigoso para os planos de Feitosa e de seus amigos fazendeiros. Tanto que não houve qualquer relutância por parte dele quando Roberto Canto e Melo começou a fazer a corte a

sua filha. Sua linhagem era perfeita. Ele era filho de um deputado conservador paulista, vinha de uma família de fazendeiros escravocratas de Bananal e seu tio-avô havia sido conselheiro na Regência. Nada indicava que Canto e Melo pudesse ser abolicionista – nada a não ser a relação de amizade com Eduardo Montenegro, o seu único “porém”. Por isso mesmo, o Sr.Feitosa fez questão de deixar que Canto e Melo e Caetana se aproximassem. Queria-o dentro de sua casa para poder melhor analisá-lo e descobrir as suas verdadeiras intenções e convicções – a filha ou os escravos? Não seria o primeiro abolicionista que tentava alcançar a chave da senzala através de uma das Feitosa – o último que tentara, acabara com uma bala na cabeça e uma carta de despedida dizendo que ia explorar o Amazonas.

Nem Caetana, nem a sua mãe e irmãs tinham qualquer conhecimento do que o pai havia feito – ou fazia. Para elas, o Sr.Feitosa era um pai atencioso, um marido provedor e um senhor sério e trabalhador. Se havia algo de errado com ele, era na maneira grossa, beirando o estúpido, com que ele tratava as pessoas e no excesso de elogios para com a afilhada Amaia – um tanto inapropriado.

Ah, como Caetana precisava de Amaia! Queria tanto que ela lhe desse uma solução! Enquanto Caetana era quem aconselhava Amaia e tentava lhe fazer enxergar as coisas sob uma outra perspectiva, mais razoável e cordata, a amiga era quem encontrava respostas imediatas para as suas dúvidas. Eram irmãs – mais do que as próprias irmãs de ambas.

Caetana amava Canto e Melo e não ficava aí a sua dúvida – quanto a isso, não havia nenhuma questão. Ela estava ferida, magoada, e não sabia como exteriorizar de outra maneira que não fosse dando um tapa na cara dele. Queria conversar com ele, *tetê-a-tete*, mas tinha medo de que aquilo que ele lhe fosse falar só piorasse a relação deles. Tristeza, medo, mágoa, frustração. Sim, ainda havia a frustração de não ser o casamento que achou que seria. Por toda a vida havia sonhado com um marido carinhoso, atencioso, verdadeiro, fiel e sincero, que lhe desse apoio e dividisse com ela os seus problemas para que, juntos, encontrassem uma solução. Um homem honrado que poderia ser o pai de seus filhos.

Céus, como queria ter filhos! Por ser a mais velha, havia ajudado a mãe a criar as irmãs mais novas e a sua verve materna pulsava a cada ano, como se a alertando que estava na hora.

Todos os seus sonhos pareciam cair por terra e, sob as ruínas do ontem, iluminavam os raios de sol da manhã. E Caetana nem tinha conseguido dormir.

*

Ao primeiro som de movimento na casa, Caetana resolveu se vestir e descer.

A Sra.Cruz, muito amavelmente, havia desfeito a sua bagagem e guardado as roupas nos armários do quarto contíguo, usado como sala de vestir. Passou pelas roupas do enxoval novo. Queria algo que atestasse que ela não estava contente. Achou um vestido escuro e fechado, que muito lembrava o de luto. *Perfeito!* Não aguardou a Sra.Cruz e nem outrem e se vestiu, ela mesma puxando os cadarços do espartilho – por sorte, o vestido abotoava pela frente. Ajeitou os cabelos castanhos claros num coque simples e se postou diante do espelho. *Estou horrorosa!* Olheiras, rosto inchado, roupas que em nada a beneficiavam, cabelos grudados na cabeça. Lembrava mais a uma freira do que a uma recém-casada. *Dalva!* Recordou-se da irmã que havia entrado para o convento. Aproveitaria que estava na Corte para visitá-la. Um rosto amigo poderia lhe arrefecer a alma.

Respirou fundo. *Coragem, Caetana!* Saiu do quarto. O corredor estava vazio. O barulho de pratos, panelas, vozes, vinham do andar abaixo. Fingiu não dar atenção aos quadros indecentes, que na coloração da manhã ganhavam vida. Perguntou-se onde estavam os vasos que haviam em cima das mesas – jurava que havia visto vários ontem à noite.

Desceu as escadas da casa emergindo num delicioso cheiro de café, pão fresco e bolo recém-saído do forno. O estômago remexeu num ronco alto e contínuo. Temeu que alguém tivesse escutado. Seria minimamente vexaminoso.

A jovem faxineira, cujo nome havia esquecido, recebeu-a num susto. Limpava – ou melhor, acariciava – os músculos de uma estátua de bronze masculina, quando Caetana lhe perguntara onde era servido o desjejum.

-Hah! Na... é... na... ali... – apontou para uma porta dupla semi-aberta.

Caetana agradeceu e foi parar numa sala que parecia ser a de estar. Miraculosamente ela não era em tons vermelho e dourado. Era verde escura e suas paredes eram repletas de quadros que, incrivelmente, retratavam somente paisagens. Que alívio poder olhar para as paredes ao invés do chão! – poderia dizer quantas tábuas de madeira havia em cada cômodo. A sala era um ambiente confortável, cômodo, dava a impressão de que era ali que o dono da casa ficava a maior parte do tempo. Ao lado de uma poltrona de couro desgastada havia uma mesinha sobre a qual equilibravam-se vários livros. Deparou-se com clássicos da Literatura e alguns de Filosofia. De pervertido, o anfitrião passava a intelectual.

Um barulho de algo caindo na sala ao lado fez com que Caetana se dirigisse para lá. Deveria ser onde o café-da-manhã era servido. Abriu as portas duplas e deparou-se com uma sala de jantar bem iluminada, em tons amarelos, e imagens do Egito antigo nas paredes. Uma mesa de 20 lugares dava o tom de formalidade e um farto desjejum se apresentava em bandejas de prata e xícaras de fina porcelana sobre um aparador de mármore. Atraída pelos ovos quentes e pelo

café fresquinho, Caetana nem reparou que Canto e Melo estava na sala, de guardanapo no colo e saboreando um café recém-moído.

-Bom dia! – disse ele.

Ele tomava o seu café com torradas e lia o Jornal do Comércio num jeito despojado. Por estar em mangas de camisa – numa intimidade que a fez corar –, ela pode reparar que os músculos dos braços dele pareciam maiores e melhor formados do que quando de casaca.

Abaixando o jornal, os olhos azuis pegaram-na de surpresa:

-Vejo que acordou cedo. Dormiu bem?

-Não. – afastou-se, fingindo escolher o que comeria, na tentativa de esconder o rosto corado.

-Também não dormi bem. – ele dobrou o jornal – Na verdade, não preguei os olhos a noite toda. Fiquei pensando em tudo o que falamos.

Caetana escolheu um pedaço de bolo e sentou-se na outra cabeceira da mesa – a 9 cadeiras dele.

-Deveria ter pensado no que não falamos. – ia cortando o doce com o garfo enquanto o repreendia numa ironia que subiu nele.

Canto e Melo respirou fundo. Ele teria que ter paciência, isso ela havia deixado bem claro. Mas era preciso que ele também esclarecesse algumas coisas importantes. Limpou o canto da boca na ponta do guardanapo e levantou-se.

Ela nem lhe ergueu a atenção, fingindo-se concentrada na sua comida. Seu coração, no entanto, estava a mil. Aguardava o que ele faria a seguir. Será que iria embora e a deixaria sozinha pelo dia? Não que quisesse a sua companhia. *Não*. Mas não gostava da ideia dele também não querer a presença dela.

Na mesa do desjejum, ele pegou o bule de café, serviu uma xícara e levou até ela. Colocou-a sobre a mesa, oferecendo-lhe. Havia notado que ela comia o bolo sem beber nada, sinal de que estava ainda muito incomodada com ele.

Sentou-se na cadeira ao seu lado e inclinou-se, atirando todo os seus sentimentos na imensidão de seus olhos azuis:

-Caetana, eu quero me desculpar.

-Se desculpar? – mordeu um risinho sarcástico, evitando encará-lo – Acha que desculpas bastam? – afastou a xícara de si – Você me enganou. Mentiu para mim!

Recostado na cadeira, Canto e Melo estranhava aquela atitude e o porquê de não querer olhar para ele. O que teria sido tão ofensivo? Que mentira ele havia pregado? Ela somente o acusava, mas não dava provas e nem indicava o que a levava a concluir que ele a havia enganado.

-Diga o que menti. Nunca disse a você nada que não fosse verdade.

-Nunca?

-Nunca! – ele jurava, sem lhe desviar a atenção. E teria jurado sobre a Bíblia, sobre a lápide de quem fosse, para provar que era verdade.

-Diga-me, já que você só fala a verdade: por que se casou comigo?

-Porque eu amo você.

Não houve rateio, dúvida, modulação na voz ou na postura. Canto e Melo dizia que a amava e isso era inquestionável. Por mais que pudesse duvidar de várias coisas a respeito dele, do seu amor por ela não poderia.

-E por que você disse que meu pai não poderia descobrir? Descobrir o quê? O seu “disfarce”, pois foi este termo que vocês usaram. Por que querem enganar o meu pai? Por que querem “atacá-lo”? E quem é este tal Marquês? “Carregamento” de quê vocês falavam?

Abaixou os olhos!

Soltou um suspiro.

Virou-se para o lado.

Tomou um gole do café.

Finalmente, Canto e Melo lhe respondeu:

-Não posso falar sobre isso.

-Não pode? E por que não pode? Não me disse que não mentia para mim?

-Por isso mesmo. Não posso mentir para você.

Toda a expressão de Canto e Melo era de dor pelo sofrimento que via corroendo ela por dentro. Mas ela tinha que entender que havia coisas que ele não podia lhe contar. Segredos que não eram dele e que poderiam destruir muitas vidas. E explicar isso a ela só poderia causar uma comoção maior, fazê-la achar que ele estava mentindo.

O seu silêncio, no entanto, a fez concluir:

-Sendo assim, você omite?

Ele balançou a cabeça na positiva.

-Hah! – uma lágrima escapuliu dos olhos arregalados dela – E não acha que omitir tem o mesmo peso e valor do que mentir?

-Não. Se eu achasse, eu não me aproximaria de você.

-O quê?

-Quero dizer... Eu amo você e eu não conseguiria nunca mentir para você, por isso, precisei omitir algumas coisas. Poupar você de certas... – **como colocar isso?** – ...questões.

-Me poupar? Do quê?

-Não posso falar.

-Novamente omitindo! – Caetana abriu um sorriso zombeteiro – Como quer que eu o perdoe se você insiste em não me contar a verdade?

De pé, Canto e Melo deu uma volta na cadeira e apoiou-se no espaldar.

Doía-lhe dizer isso, mas era preciso:

-Eu não posso, Caetana. Por favor, entenda...

-Está bem. – ela se levantou, atirando o guardanapo sobre a mesa – Seguiremos com o nosso acordo. Manteremos a aparência de um casal feliz, mas, aqui dentro, não seremos mais do que dois estranhos. – e o prendeu num olhar frio – E nada de amantes entre nós, o que poderia complicar a situação.

-E quanto a parte da consumação? A de que se, em um ano, consumarmos e...

Ela, que saía da sala, voltou parte do rosto para ele.

Sua voz era tão cortante quando o seu olhar escurecido.

-Você deveria ter omitido essa pergunta. – respondeu, antes de sumir pelos reposteiros de veludo dourado da porta.

Capítulo 4

**“Alguns cuja alma bóia no naufrágio da ventura
Aos escolhos da culpa ou mar do excesso são levados;
O ímã da rota foi-se, ou só e em vão aponta a obscura
Praia que nunca atingirão os panos lacerados.
Então, frio mortal da alma, como a noite desce;
Não sente ela a dor de outrem, nem a sua ousa sonhar;
toda a fonte do pranto, o frio a veio enregelar;
Brilham ainda os olhos: é o gelo que aparece.”**

(Lord Byron)

Não era nem dez horas da manhã e o sol massacrava Canto e Melo. De casaca escura, calças de tecido pesado, cartola no topo da cabeça – fazendo-o parecer mais alto ainda do que era com 1,95m – ele ia em passos velozes, andando pela gente, esbarrando em quem fosse, com o rosto tenso no horizonte e a cabeça em Caetana. Se não fosse por um homem o ter empurrado para trás, teria sido atropelado por um tálburi que corria desenfreado pela rua. Catou a cartola que rolara para o lado, bateu a poeira das roupas e seguiu caminho, ignorando os que vinham lhe perguntar se estava tudo bem. Não, não tinha nada de bem ou de bom. Estava tudo mal, inclusive ele, muito mau.

Ao se deparar com a mureta da Baía de Guanabara, e que não conseguiria andar até a Santa Casa de Misericórdia, pediu por um tálburi. Num assobio o homem veio e fecharam um valor. Normalmente reclamaria, questionaria, brigaria, desta vez, aceitou calado, cruzando os braços, amuando. Desceu num pulo e foi num passo nervoso até a beira da Ladeira da Misericórdia, uma das entradas para o Morro do Castelo, onde pretendia encontrar um velho amigo do Clube.

Estudante de Medicina, Euzébio era um exemplo de cidadão, honrado até a raiz dos cabelos escuros encaracolados. Os Devassos o haviam apelidado de Dom Euzébio, uma homenagem a sua moral excessiva e ao seu afastamento de bordéis, opiários e tudo que fosse contra “os bons costumes”. Faltava-lhe apenas ser rico, riam-se os outros, assim seria o pretendente perfeito. Euzébio vinha de uma longa linhagem de médicos, iniciada com um boticário fugido de Portugal, no século XVI, chamado Saul. Aquele passado, como o de muitos outros Devassos, ficava guardado, mas sempre à espreita para dar as caras em alguma esquina da vida.

Euzébio era apaixonado pelas laranjas de D.Geralda, uma vendedora de frutas negra que costumava ficar sentada próxima ao Largo de São Francisco, com um cesto na frente e rezando colares de miçanga que ela mesma fazia. Para encontrá-lo, bastava achar a quitandeira.

Os ventos estavam a favor de Canto e Melo – um bom sinal quando se andava nas ruas fétidas da Corte. Euzébio, metido no seu chapéu branco e em roupas claras – destoando de todo o resto ao redor –, chupava uma laranja enquanto conversava com D.Geralda.

Canto e Melo, nem um pouco interessado em saber do assunto, aproximou-se de braços estendidos e um sorriso que, de imediato, foi reconhecido.

-Não sabia que já tinha voltado de Vassouras! – Euzébio abraçava o amigo com cuidado para que os dedos sujos de sumo não tocassem nas vestes – Como foi o casamento? Onde está a sua noiva? Vai apresentá-la ou não?

-Eu preciso sair daquela casa. – confessou Canto e Melo, junto a um suspiro de alívio. Era muito bom encontrar um rosto amigo depois de tanto tempo tendo que encarar as expressões questionadoras de seu sogro e de outros escravocratas, tendo de fingir que concordava com eles e seus ideais de escravidão.

Segurando um riso, Euzébio limpou com um lenço o suco que escorria pelo queixo, enquanto falava:

-EU AVISEI que a casa do Estevão era o último lugar que você deveria usar como refúgio de lua-de-mel.

Era verdade. Euzébio o havia avisado, assim como sobre milhares de outras coisas. Se acreditasse em futurólogos, poderia dizer que o amigo era uma dessas pessoas que previam o futuro, porém, nem no próprio futuro, ao lado de Caetana, Canto e Melo acreditava mais.

-Me ajude a arrumar outro lugar para ficarmos.

-E até quanto pretende gastar?

-De graça?! – Euzébio ergueu as sobrancelhas e continuou chupando a laranja, ouvindo-o se explicar – Liquidei todas as minhas economias quando fui fugido para Vassouras. Fiquei hospedado na fazenda de Montenegro, o que me permitiu economizar algum até encontrar trabalho.

-Por isso você veio para a Corte?

-Exato!

-Seus pais não ajudariam vocês? Pelo que Montenegro me disse numa carta, haviam se encantado com D.Caetana.

Canto e Melo abaixou os olhos para as botinas e chutou uma pedrinha do chão. Sussurrava algo, como se envergonhado. Euzébio pediu que repetisse, não havia entendido. O amigo respirou fundo e, olhando para os lados, balbuciou:

-Eu fui deserdado.

-Deserdado?

A laranja caiu da mão de Euzébio e Canto e Melo aproveitou para chutá-la para longe.

-Pratiquei uma fuga de escravos... na fazenda... – murmurou – ...da minha

tia.

Se aquilo não havia sido tolice, deveria ter sido considerada como uma. Mas Euzébio não se sentia confortável em ditar o que deveria ou não ser feito, apesar de achar que a maioria dos atos do Clube fossem desnecessários ou temerários. Restringia-se ao que seria fundamental – como a ajuda na fuga de grandes senzalas ou o combate judicial contra maus tratos –, tendo sido formado pela mesma cartilha emancipatória do Marquês.

-Deve ter gerado uma imensa briga de família! – comentou, porém, ao perceber que Canto e Melo continuava perturbado, olhando os arredores como se tomando coragem para explicar mais alguma coisa. Euzébio, então, deduziu o que seria – E não me diga que D.Caetana não sabe disso?

-Não.

-Ela sabe que você faz parte do Clube?

-Não.

Preocupado com aqueles “nãos”, Euzébio fez Canto e Melo mirá-lo nos olhos.

-Você contou a ela que é abolicionista, não contou?

Envergonhado, Canto e Melo balançou a cabeça feito uma criança envergonhada da traquinagem, e resumiu:

-Ela não confia mais em mim.

-E quem poderia confiar?! O que você contou a ela? Seu nome, ao menos?

-Meu nome?! Ah, eu já nem sei mais o que contei ou não. Mas uma coisa eu posso bater no peito e afirmar: nunca menti para ela.

-Qual! Ao menos isso! Verei o que posso fazer, mas por enquanto, terá que ficar na casa do Estevão. De graça, assim, em cima da hora, será muito difícil conseguir um lugar. Eu mesmo moro com meus pais e irmã, nem poderia lhe oferecer um teto. Montenegro tem casa na Corte?

-Ele alugou quando foi morar em Vassouras.

-Mais algum amigo? Quiá do Clube?

Trincando os dentes, Canto e Melo fechou o punho e bateu contra a palma da mão:

-Aquele desgraçado deve estar rindo até agora de me ter enganado desta maneira!

Euzébio tinha certeza disso. Não foram poucas as vezes que Canto e Melo fora feito de bobo por Estevão. Ele era uma pessoa que acreditava em tudo que diziam e, pior, tinha um bom coração. Lembrou-se que tinha uma prova oral. Olhou no relógio de bolso e confirmou que estava atrasado. Teria ficado mais tempo com Canto e Melo, discutido como poderia se vingar de Estevão e de suas brincadeiras despropositadas, mas não podia. Despediu-se na pressa e prometeu

que se reencontrariam.

-Você sabe onde me encontrar! – gritava Canto e Melo para o amigo, que atravessava a rua correndo e acenando para ele.

Canto e Melo soltou um longo e demorado suspiro. O que ele poderia fazer? Não queria tirar a fome de Caetana de novo, por isso, não chegaria antes do almoço. Talvez fosse melhor ir para a sede do Clube dos Devassos. Poderia encontrar alguém de confiança por lá que lhe desse um teto. Ou, na pior das hipóteses, teria de deixar um recado. Luiz Fernando havia avisado que era importantíssimo entregar a carta em mãos. Então, em mãos seria.

-Tome! Para abrir os seus caminhos e impedir que os males lhe atinjam! – D.Geralda estendeu-lhe um patuá.

Canto e Melo tomou aquele saquinho pequeno e pesado na mão. Cheirou-o e fez uma careta, afastando-o do rosto. O que tinha ali? Um pedaço de cadáver?

-Se eu falar, você não vai querer usar. Só use. – avisou a quitandeira.

Ela tinha um olhar dissecador, daqueles de quem lê a alma, coisa que Canto e Melo passaria a acreditar se ficasse encarando-a por muito tempo.

Que mal um saquinho costurado faria?

Jogou-o no bolso interno da casaca e dirigiu-se para a Rua dos Mercadores.

*

A sede do Clube dos Devassos ficava próxima a Igreja de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, por entre os casarios de baixo meretrício, na esquina das disputas de capoeiras, onde se reuniam os gatunos e viciados, próximo ao cais onde aportavam levas e mais levas de marinheiros sedentos pelos abraços quentes de uma rameira. O local não era dos melhores, nem a sua aparência de fora. O casarão de três pisos e fachada colonial portuguesa não via uma pintura desde que havia sido construído nos idos do século XVIII, por um famoso devasso português – conhecido por seus manuais eróticos. Em homenagem ao patrono daquelas Artes, havia sido pendurado o seu retrato ao centro do vestíbulo de entrada. Canto e Melo estava com saudades da cara de rato do tal patrono – que, depois veio a saber, havia sido Governador de Província.

Ainda podia jurar que havia visto aquele quadro antes, em alguma venda, daquelas bem baratas, lá para a Freguesia de Santana. Conhecendo o Marquês e a sua necessidade de criar linhagens e origens distantes para dar mais peso a uma informação, era possível que a história do tal devasso tivesse sido comprada junto da pintura – afinal, todos sabiam que o atual Clube havia sido fundado há alguns anos por três amigos, quando moravam na Inglaterra: Luiz Fernando Duarte, Eduardo Montenegro e “o Marquês”. A identidade do Marquês era tão secreta quanto o que havia debaixo das saias da Imperatriz Teresa Cristina. Segredo de Estado. O por quê? Montenegro explicara a Canto e Melo: “O

Marquês é uma pessoa muito importante no meio político e econômico, e se souberem que ele está vinculado a abolicionistas, poderá não só levantar suspeitas para o Clube. E, em meio a tantas atenções, isso poderia se tornar um problema para as suas reais funções”. “Ele é tão importante assim?”, questionara Canto e Melo, incrédulo. Montenegro atirara um longo olhar acinzentado para um cálice que tinha nas mãos: “Mais do que o Gabinete do Visconde do Rio Branco.”

Quiçá o Marquês pudesse ajudá-lo a procurar por uma casa para passar a lua-de-mel. A ideia pareceu tão absurda quanto querer olhar por debaixo das saias da Imperatriz.

Na frente do casarão, Canto e Melo aguardou um grupo de pessoas passarem para discretamente bater à porta. Não demorou para que uma portinhola no meio da porta fosse aberta e dois olhos negros o encarassem.

-Senha!

-Que senha?

-A senha para poder entrar.

Eles nunca tiveram senha! Montenegro não o havia avisado nada sobre ter que falar algo à porta. Verdade era que foram tantas as “chaves douradas” perdidas em bebedeiras e bordéis, que os devassos votaram em colocar um porteiro para impedir os intrusos e curiosos e inibir os “empréstimos” das chaves para não-membros.

-E desde quando temos senha para entrar aqui? – questionou, irritado, procurando manter a voz baixa para os passantes não o escutarem.

Fecharam a portinhola na sua cara.

-O que...?! – afastou-se do casarão e atirou um longo olhar para os andares superiores. Todas as janelas tinham as venezianas cerradas.

Escutou os ferrolhos da porta se mexerem.

Abriram, junto a um sorriso maroto:

-Hah! Quase acreditou!

Sorria-lhe um rapaz de 20 anos. Por ter os cabelos compridos presos num rabo de cavalo, parecia mais velho – se assemelhando a um francês do século XVIII. Deduzia-se, entre uma garrafa de vinho e outra, que seu pai teria sido algum marinheiro francês que aportara entre as pernas de sua mãe rameira. Não havia qualquer problema em ter uma mãe prostituta, inclusive, André via nisso um benefício. Se o xingassem de “filho da p...”, ele ria e afirmava satisfeito que era mesmo e ainda fazia propaganda dos negócios da mãe.

De tanto que vivia nas ruas no entorno, havia sido adotado pelo Clube como o “guardião do portal” – ele mesmo se intitulara tal. Uma vez que era um dos poucos que conhecia o rosto de todos os devassos, ele sabia para quem poderia

abrir ou não a porta. Porém, nem todos gostavam de André, considerando as suas brincadeiras e a simpatia um excesso desnecessário, quiçá uma mascarada falsidade.

-Oi, André. – Canto e Melo passou por ele e entrou, de imediato acenando para o retrato do patrono com cara de ratazana.

-Sentiu saudades minhas?

-Não.

-Nem um pouquinho? – perguntou André, fechando as milhares de trancas que havia na parte de dentro da porta.

Parece um baú do tesouro.

-O Marquês está?

André, na sua alegre jovialidade, coçou a cabeça e fez uma careta:

-Esta pergunta é um tantinho complexa, beira ao filosófico. – ao notar que Canto e Melo ia perdendo a paciência com ele, achou melhor explicar logo, afinal o outro era bem maior do que ele – Está sim! No *fumoir*.

O clube possuía tudo o que um clube masculino deveria ter: sala de estar onde era servido café ou uma pequena refeição, sala de reuniões, salão de festa, biblioteca, banho turco, *fumoir* e algumas saletas para o pessoal autorizado usar. Cada ambiente era planejado, decorado, aromatizado com essências masculinas – madeira, almíscar, menta, tabaco. A paleta de cores também possuíam um vigor do “sexo forte” – azuis, verdes, marrons, pretos.

Canto e Melo dirigiu-se para a sala que ele considerava a mais bela – apesar de ser a menos freqüentada por ele: o *fumoir*. Ao passar por reposteiros de voal azuis, entrava-se num mundo a parte, imerso na fraca luz das lamparinas turcas espalhadas. Pilastras douradas com entalhes de flores erguiam-se por paredes recobertas por um brocado azul turquesa e dourado e “sustentavam” um teto em forma de abóboda celeste. No chão, tapetes persas demarcavam áreas de fumo. Sobre um menor havia apenas uma poltrona de couro e uma mesinha de lado com um cinzeiro. Para aqueles que gostavam de conversar em par, havia um sofá repleto de confortáveis almofadas. Os que preferiam fumar e jogar, havia um par de mesas nos cantos sobre tapetes redondos. Aos mais ousados, havia pufes sobre um tapete felpudo e em torno de um narguilé com detalhes em dourado. Ainda se distribuíam algumas *chaises-longues* para os mais filosóficos.

O Marquês poderia ser encontrado no mesmo lugar. Ao fundo, próximo a uma janela semicerrada, sentado numa poltrona, com um livro no colo e uma cigarrilha entre os dedos. Quem o visse poderia confundi-lo com algum lorde inglês – talvez por isso o codinome Marquês. Loiro, pequeninos olhos azuis, rosto fino, nariz acentuado e pele translúcida. Seus movimentos eram comedidos e falava baixo, nunca se exaltando. Usava sempre cartola e uma bengala de

castão de prata – que, por acaso, estava apoiada na poltrona –, indicando que já tinha passado dos 40 anos. Perpassava essa pose aristocrata alguma coisa que causava arrepios. Canto e Melo não sabia explicar o quê e pressentia que seria melhor nem o saber.

Ao se aproximar, pode ver o Marquês erguer os olhos para ele. Abaixou-os de volta para o livro e, por mais que seu rosto não tivesse alterado a expressão de quem lia, comentou:

-Meus parabéns. Soube do seu casamento. Você não deveria estar em lua-de-mel?

Como somente estavam os dois no *fumoir*, Canto e Melo retirou a carta do bolso e estendeu a ele:

-Ontem, em Barra do Piraí, recebi isso e pediram que entregasse a você, em mãos.

O Marquês nem se mexeu. Os olhos continuavam no livro. O livro continuava no colo e a cigarrilha continuava consumida pelo ar.

-Quem pediu? – perguntou ele, sem sinal de curiosidade.

-Luiz Fernando Duarte. – sussurrou, procurando ver se havia mais alguém no entorno – Ele disse que era urgentíssimo.

O livro foi fechado, mas o Marquês o manteve sobre o seu colo. Finalmente Canto e Melo o viu colocar a cigarrilha na boca e tragar. Por entre a fumaça que assoprou, pegou a carta que o jovem lhe ofertava. Segurou a cigarrilha por entre os lábios finos para poder abrir o lacre. Não demorou mais de dez segundos para ler o que estava escrito, pausar o olhar no ar e levantar-se da poltrona:

-Preciso resolver uma coisa. Com licença.

Hey! Precisamos falar do carregamento! Antes de poder pronunciar essa frase, o Marquês já havia saído da sala, enfiando-se por uma das portinhas que nem todos tinham permissão de usar.

Canto e Melo teria de voltar mais tarde, para conversarem e repassar as coisas que Montenegro havia lhe pedido.

Saía para o vestíbulo de entrada quando André reapareceu, pondo a mão sobre o seu ombro:

-E aí? Quer beber alguma? Contar as novidades? O que fez nos últimos, o quê, 10 anos que não nos vemos? – ao ver que Canto e Melo balançara a cabeça na positiva, o rapaz abriu um imenso sorriso – O quê? Você aceitou um convite meu? Que milagre é esse?

-O milagre de quem precisa de álcool urgentemente.

-Ah, falou com a pessoa certa!

O sorriso de André ganhou contornos maliciosos e um brilho que fez Canto e Melo se arrepender de ter aceito aquele convite. No entanto, era melhor fazer

hora até poder retornar para casa e ser capaz de enfrentar Caetana e as suas irritantes regrinhas sem perder a paciência.

Capítulo 5

“Quero em teus lábios beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d’esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!”
(Álvares de Azevedo)

A última coisa que Roberto Canto e Melo se lembrava era do sorriso de André quando aceitara acompanhá-lo num bar. A primeira coisa que lhe veio foi a expressão furiosa de Caetana, a lhe encher de perguntas que só o enjoavam mais: “Por onde você andou? Não sabe o quão preocupada fiquei contigo! O que você estava fazendo? Estava onde? Com quem? Sabe que horas são? Você está bêbado!!” Muitas perguntas. Muita luz. Que horas eram? Tinha sol. Não deveria ter demorado tanto assim. Deu um passo para dentro do vestíbulo. As pernas não seguiam os movimentos. Iam para qualquer lado. Ou era a casa que estava se mexendo? Estevão poderia ser canalha o suficiente para fazer um cômodo com o piso frouxo para parecer que havia bebido muito. O rosto de Caetana também não parava. Suas formas iam e vinham, coloridas, sem formar um foco. Talvez Estevão não fosse tão industrioso. Será que havia pedido que André colocasse algo em sua bebida? Por que Estevão faria isso? O tom de voz dela o puxou para o seu rosto movente. **Deve estar brava comigo, mas só fiquei um par de horas na rua!** “É assim que pretende me conquistar? Passando a noite fora sabe-se-lá-com-quem e só voltando na manhã do dia seguinte?”, e ela continuava falando, como se ele entendesse. Não compreendia nem se estava de pé ou deitado, parecia atirado num mar, se movimentando segundo as marés. Estava furiosa, podia constatar pelo tom e quando o rosto dela se firmava. Pelo quê? Era ele quem deveria ficar bravo com a atitude infantil dela. Estavam casados, oras, e se ele havia omitindo uma coisinha ou outra, caramba, era normal! Ela queria o quê? Saber qual ceroula vestia? Se é que vestia ceroulas... O sorriso safado dele deve tê-la irritado. Caetana se pôs na ponta dos pés, para ficar frente a frente, e afirmava que ele era um inconseqüente, que não tinha respeito por ela e pelo casamento, e teria continuado as acusações se Canto e Melo não a tivesse interrompido com uma risada zombeteira:

-Você não tinha me dito que só seria na aparência? – não soube como conseguiu formar uma frase coerente se não conseguia nem ficar de pé.

A voz dela tremeu e voltou para dentro das botinas. Ele queria ter podido

ver o seu rosto, mas nada parava de dançar, nem o próprio corpo dele ao mais simples movimento.

Caetana balbuciava:

-Eu... sim... mas você disse...

Se Canto e Melo estivesse no controle dos próprios sentidos, teria reparado que ela estava pálida, com a boca parcialmente aberta, como se tivesse levado um soco no estômago. E continuou:

-Caetana,... Caetana, você precisa se decidir. – segurou-a pelos ombros, assim também manteria o centro de gravidade “parado” – Conversei com um amigo e ele me ajudou a finalmente entender que isso tudo, a mágoa, a frustração, é porque a gente não fez amor. Ou seja, você precisa decidir se você quer ir para a cama comigo ou não.

Se Canto e Melo estivesse no controle dos próprios sentidos, teria previsto o tapa que levaria e que lhe tirou do seu centro de gravidade. Caiu no chão, com as mãos no rosto e uma dor que irradiava mais do ego ferido do que da face dolorida.

A voz de Caetana mal se sustentava diante das lágrimas que iam pintando o seu rosto decepcionado:

-Como ousa tratar o meu amor por você de maneira tão frívola?!

Como ele foi capaz de falar do nosso amor para outrem?

Ela disse amor?! Ela me ama ainda? Há esperança, então! Ele ia se levantar para poder tomá-la em seus braços e jurar que a amava de alma, mas algo arrebentou em sua cabeça.

-Eu não estou me sentindo bem... Que sensação estranha... Eu acho que vou... cair... – ele tombou para o lado, desmaiado.

Aquilo deveria ser uma encenação, arrependimento por aquela atitude esdrúxula e nem um pouco cavalheiresca. Tal Amaia que, para fugir de determinados temas, fingia desmaios. Limpou as lágrimas, retomando a pose de mulher controlada, e aguardou, de braços cruzados, o seu “despertar”. Queria que ele visse que não iria jogar-se aos seus pés feito uma esposa preocupada.

Mas Canto e Melo não se mexia. Nem os olhos por debaixo das pálpebras.

Com a ponta dos pés, Caetana deu um chutinho de leve no seu braço. O braço tombou. Nem um músculo facial se mexia.

O desmaio estava demorando por demais...

-Pare com as brincadeiras. Não irei aceitar este fingimento tolo.

Era um saco de batatas no chão.

Abaixando-se ao seu lado, Caetana tocou no rosto do marido. Estava gelado. Isso ele não teria como encenar. Puxou a cabeça dele para o seu colo. Acarinhava-lhe os cabelos escuros, sussurrando para que despertasse. Dava

tapinhas em seu rosto bem feito, cada vez mais fortes, até perder o controle e falar mais alto. Nenhuma reação vinha. Nada! Poderia ter morrido? Nunca havia escutado de pessoas que morriam de tanto beber que não fosse uma metáfora. No entanto, Canto e Melo nunca parecera ser uma pessoas de metáforas como era Montenegro.

Era um homem muito grande, encorpado, não conseguiria subir com ele para o quarto sozinha. Gritou pelos criados. O mordomo e o jardineiro pegaram-no cada um por um braço. Era como se dois anões estivessem tentando carregar um gigante adormecido. A cabeça de Canto e Melo pendia para os lados, a ponta das botinas arranhavam o chão de marchetaria. Caetana ia sendo preenchida por uma forte sensação de perda, que amargava a sua boca e revirava o estômago. Sempre o vira como um homem forte e assisti-lo desmaiado era tê-lo derrotado, ou morto. Todo seu corpo calcificou de medo. A possibilidade de perdê-lo era pior do que a de se separar dele, pior do que mentiras ou traições.

Puxou as saias e foi na frente para abrir a porta do quarto dele para os dois criados. Orientou para que o deitassem devagar na cama. Ainda numa pressa atordoada, gesticulou para que a ajudassem a despi-lo. O mordomo pediu licença e saiu. Não era tarefa para ele, nem para a sua idade e nem para a sua posição na casa. O jardineiro se propôs a ajudá-la.

Rubião era relativamente alto e forte, conseguiu erguer o tronco de Canto e Melo para que ele e Caetana conseguissem despi-lo de sua casaca e do colete. As botinas foram retiradas pelo jardineiro e ele pediu que, enquanto se desfazia das calças, que a esposa cuidasse de tirar a gravata e abrir os primeiros botões da camisa para poder respirar um pouco.

Caetana parou. Nunca havia visto um homem nu.

Recordou-se ser casada e que seria natural que, uma vez ou outra, o visse “como veio ao mundo”.

Deixou o jardineiro despi-lo por baixo e cuidou de tirar a gravata e abrir os botões até o meio do peitoral. Canto e Melo tinha um corpo bem formado por debaixo de uma penugem escura, mas foi uma cicatriz redonda, próxima ao lado direito, que a fez questionar quando fora que ele havia feito aquilo. Nunca soube dele ter se machucado gravemente. Talvez por que nunca tivessem, de fato, conversado sobre suas vidas, resguardando-se numa timidez que poderia ser entendida como falta de interesse. Será que teria alguma ligação com o homem misterioso que ele havia se encontrado em Barra do Piraí.

Quem é você de verdade?

-Vou buscar um pouco de água para ele. – avisou o jardineiro, ao sair do quarto.

Ela nem notara que havia ficado a sós com Canto e Melo, envolvida por

uma aura de fascinação e de mistério. Seus dedos foram atraídos pela ferida e resvalaram na cicatriz, fazendo-o se mexer na cama como se galvanizado pelo toque dela. Caetana afastou-se num susto. Ela o havia acordado? Ou estaria fingindo?

Ele permanecia de olhos fechados, ressonando.

Está dormindo.

Um balbucio a fez se curvar sobre ele para melhor entendê-lo.

-Caetana... – ele soltou num murmúrio.

A mão a puxou. Na surpresa, Caetana não conseguiu se esquivar. Também não relutou quando caiu na cama, com seu corpo por cima do dele. O cheiro forte de álcool misturava-se ao adocicado do perfume dele, envolvendo-a feito um elixir que a atraía para perto da pele quente. Era incapaz de sair do abraço que ele havia lhe dado.

Ainda de olhos fechados, com a cabeça encostada nela, Canto e Melo balbuciava algo. Ela tentou se afastar, mas era forte demais e parecia... dormir?!

Deveria estar sonhando.

As mãos dele subiram para o seu rosto, segurando-a com firmeza. Sua respiração estava fraca, de quem sonhava algo muito gostoso e aproveitava daquele sonho. Ele tinha os olhos fechados, mas Caetana poderia jurar que a observavam por debaixo das pálpebras. A boca se aproximou e seus lábios foram beijados. Um beijo simples, casto, como o dado na frente do padre. Até que ela sentiu algo. A língua dele tocava os seus lábios para que os abrisse. Ela o fez, num gesto automático. Sentia que os dedos dele iam se afundando por seus cabelos, impedindo-a de se afastar. Caetana, então, se deixou amarrar por aquele bailado de seus corpos. Aquele beijo era a exploração de um prazer desconhecido, a fundir as suas respirações como se estivessem usando o mesmo corpo.

Uma pressão sobre sua coxa chamou a sua atenção. Ficou confusa. Quanto mais o corpo dele se mexia, mais o dela se esquentava, não sabia ao certo o porquê. Ao ser apertada contra o peito do marido, mal conseguia respirar de vontade de continuar aquele beijo.

Canto e Melo irradiava um sorriso de alívio e esplendor, antes de se virar para o lado e soltar um ronco.

Desfazendo-se dele, Caetana foi rolando para fora da cama. O coração estava na boca e a sensação daquele beijo, dos seus corpos prensados, do cheiro dele, a deixavam de cabeça virada. Notou que tinha o rosto corado. Talvez fosse melhor ir dar um passeio. Espairar.

Saiu do quarto, trombando com a Sra.Cruz. A criada queria saber se precisava de alguma ajuda.

Sim, Caetana precisava de toda a ajuda do mundo para evitar se apaixonar ainda mais pelo próprio marido, aquele mentiroso.

*

O Rio de Janeiro, capital do Império, era tão inóspita para Caetana quanto se estivesse vagando pelo Saara atrás de um oásis. Não conhecia ninguém e nem possuía um mapa do lugar. Estava perdida nos meandros das ruelas, nos rostos da gente estranha, no grito dos vendedores de rua, no susto da correria. Que vida era aquela que tinha um ritmo tão agitado, como aquela dança dos escravos, o lundu.

Ao atirar os olhos para o horizonte, em que morros transpassavam os telhados dos casarios coloniais, recordou-se que sua irmã Dalva ficava no Convento D'Ajuda. Seria reconfortante reencontrar-se com ela, quiçá pedir uma orientação. Amava Canto e Melo, contudo, a sua mágoa lhe pulsava tão forte, que a impedia de se entregar a ele. Era feito um diabinho, no fundo da mente, a lhe lembrar que ele omitia-lhe as coisas em benefício próprio. E, por mais que ela quisesse acreditar que ele a amava, – e acreditava de coração – o diabinho ria-se e a fazia enxergá-lo de maneira diferente.

Talvez esse demônio se chamasse medo e era ele quem a controlava.

Tomando um tálburi, foi até a Rua dos Borbonos, próximo a Rua da Ajuda. Saltou em frente a um edifício de formas retas que lembrava um caixote. A construção do século XVIII muito se assemelhava a uma fortaleza. Bateu a imensa porta e aguardou. Com a demora de uma resposta, bateu mais cinco vezes seguidas. A freira que lhe atendeu não teve a simpatia de lhe responder sobre a sua irmã. Explicou que as freiras não podiam receber visitas. E deixou claro que aquele local era dedicado a Deus e não um passatempo e que a paciência era uma virtude divina. Pedindo desculpas por sua atitude, Caetana retirou-se.

Poderia passear por aquela cidade errática, poderia ficar à beira da água vendo os barcos deslizarem ou os pássaros sobrevoarem as gigantescas pedras que cortavam os horizontes. Mas seus olhos foram desviados para os imponentes portões de pedra do Passeio Público.

Era um belo parque ajardinado com um toque inglês, caminhos sinuosos cortados por pontes e alamedas feito bosques, pequenos coretos em que se reuniam pessoas para beber cerveja ou escutar a música da banda alemã. Diante de um chafariz mais apartado, longe do movimento dos pedestres, Caetana ficou. Observava os detalhes da obra do Mestre Valentim, o Chafariz dos Jacarés, também conhecido como a Fonte dos Amores, uma homenagem ao romance do vice-rei D.Luis de Vasconcellos com uma moça pobre de nome Suzana. Caetana não conhecia nada sobre o amor proibido do seu antepassado, nem que naquela

fonte havia um coqueiro no lugar do atual busto de Diana, simbolizando a casa em que Suzana vivia – não muito longe do Passeio, ao lado de um coqueiral.

Caetana repensava todo o caminho que havia feito para chegar até Canto e Melo, desde o sarau dos Alencar. Reparou que nunca haviam brigado antes. *Não pode ser*. Deveriam ter já tido algum atrito. Tentou repassar alguma discordância, alguma palavra dada de meia-vontade, algum drama e nada! Era a primeira vez que entravam em desacordo, que brigavam – e temeu que fosse a última.

Se tivesse que optar entre reclamar de estar casada com um mentiroso – não poderia abominar nada mais do que mentirem para ela –, ou em fugir dos olhares de uma antiga colega de turma, Caetana teria escolhido a segunda opção. No entanto, não teve tempo nem de se levantar do banquinho em que estava. A jovem senhora vinha até ela pendurada no braço de um senhor alto, de barba espessa e monóculo. Pela voz estridente e pelas roupas extremamente coloridas, era impossível não reconhecer Caroline D’Avis e o seu marido italiano – de quem ela se gabava por ter “sangue nobre” e ser aparentado do deposto rei Francisco II, das Duas Sicílias.

Se sua presença fosse tão irritante quanto as suas cartas, repletas de autoglorificações, Caetana seria capaz de empurrá-la no charafiz. Não estava com humor para Caroline, ou para quem fosse do seu ressurto passado.

-Queridaaaaaaaaa!!!! Não posso acreditar no que meus olhos vêem!!!! É mesmo você? O que faz aqui na Corte? Achei que nunca sairia de Vassouras! Ah, mas que tola sou! É claro que você não iria agüentar tal lugar! Por mais que a Guaíba seja linda. Amoooooor, você deveria conhecer a fazenda da família dela, um esplendor. – cutucou o marido, que contemplava o ar – Mas um tantinho longe da civilização, não é mesmo? Chegou quando? Pretende ficar muito tempo? Temos que marcar de conversarmos um dia destes. Está hospedada num hotel? Já sei, veio visitar a Dalva no convento. Acho difícil que consiga! Essas monjas são repletas de regras. Ah, mas fazem docinhos deliciosos para vender! Comprou algum? – cutucou o marido novamente, que parecia um tanto a parte do que ela falava – Amoooooor, lembre-me de comprar alguns para mim e para mamãe antes de irmos para casa. Moramos em Botafogo. Não é exatamente o lugar mais rico, mas nosso palacete é bem charmoso. Não é, amoooooor? Ah, tem que vir nos visitar! Espera, onde é mesmo que você disse que está hospedada?

-Não disse. – finalmente conseguiu responder alguma coisa.

-Hah, amoooooor, eu havia e esquecido o quão Caetana é tímida. – ela deu uma cutucada forte que fez o monóculo dele voar do rosto – Ela quase não fala. Nem parece a filha de um cafeicultor importante. O pai dela é o Sr.Feitosa de Vasconcellos. Seu pai ganhou algum título? Não sei o porquê, achei que ele era barão... Que estranho! Hah! E como vão suas irmãs? As gêmeas devem ter

crescido muito! Continuam faceiras? Nunca sei quem é quem! Hah! Qual mesmo nome delas? Ah, não importa. Então, venha nos visitar. Recebemos na quinta! Aqui está o meu endereço... – e cutucou o marido para que lhe entregasse o cartão com o brasão que haviam mandado fazer para eles – Espero recebê-la em breve. Vai amar a minha casa. Acredito que nosso jardim é maior do que este, não é, amooooor? Adeus, querida! Muito bom revê-la e poder por a conversa em dia! Até breve!

A cabeça de Caetana ainda girava. Havia se esquecido que Caroline perguntava e respondia ela mesma, sem precisar dizer muito – ou nada. O marido, então, deveria estar roxo de tanto ser cutucado. O pobre nem conseguira se apresentar e, pelo jeito, nem mais tentava, pescando algo no ar como se nem presente estivesse.

Melhor seria voltar para casa o quanto antes. Não queria encontrar nenhuma colega da escola de moças de Vassouras. Não tinha o menor apressado por elas, todas esnobes e sem qualquer apego à realidade. Caetana soltou um suspiro. Estava com saudades de Amaia. Achou melhor escrever para ela logo que chegasse. Estaria bem após a confusão com o casamento desfeito? Será que ela havia conseguido saldar as suas dívidas? Quisera ela ter dinheiro para ajudar Amaia, porém a mesada que ganhava não dava para mais do que as despesas pessoais. E, apesar de nem Canto e Melo e nem seu pai falarem, deduzia que o seu dote não deveria ter sido muito alto, senão poderia tentar pegá-lo com o marido – Canto e Melo vinha de uma família rica, não faria qualquer diferença para ele.

Era metida nesses pensamentos que Caetana retornou e deparou-se com o marido, sentado nos degraus da escada, com os dedos entre os cabelos escuros e a cara enfiada na ansiedade. Estava apenas de camisa e ceroulas, como se tivesse acabado de sair da cama, e mechas do cabelo caíam sobre as sobrancelhas bem delineadas e sobre os olhos extremamente azuis. Ao vê-la fechar a porta da casa, ele se ergueu. Ela pode reparar que o rosto estava vermelho, como de quem havia chorado.

Um sorriso de alívio tomou todo o corpo de Canto e Melo. Ela não o havia abandonado! Temia tanto que ela se fosse, de repente. Perdê-la era pior do que perder a própria vida, e isso era inquestionável. Contudo, o olhar longo dela o deixou reticente. Ela deveria ter saído para pensar, ou repensar o casamento.

Devagar, temendo rechaço, aproximou-se. Enlaçou as suas mãos e se pos de joelhos. Com a testa apoiada nas mãos dela, suplicou por perdão:

-Devo ter sido imprudente. Não deveria ter dado este susto em você, essa preocupação. Perdoe-me.

Havia verdade nele, em seus olhos desesperados, Caetana não podia negar.

Estava arrependido. Mas, por mais que quisesse abraçá-lo e dizer que o perdoava, aquele diabinho vinha para trás da sua orelha e afirmava que era somente mais uma maneira de mantê-la emocionalmente atada a ele.

A sombra de uma barba escura tomava o nobre rosto, somada aos cabelos despenteados caindo pela testa, Canto e Melo lembrava a algum corsário destemido. Havia se esquecido como ela ficava pequena perto dele – não que ela fosse alta, não passava de 1,65m. Se não fosse pelo olhar de susto, quase infantil, ela poderia temer por sua honra feito as mocinhas dos folhetins que lia junto a Amaia às escondidas.

Fechando os olhos, Caetana mordeu os lábios e retirou as mãos dentre as dele:

-Teremos que impor regras. Não poderemos passar a noite fora. – ele ergueu uma sobrancelha – Você não poderá. Eu certamente não passarei. Não podemos levantar dúvida quanto ao nosso casamento. Também não devemos ser vistos com pessoas de má fama ou de honra duvidosa. Muito menos, mulheres, cortesãs e do tipo. – ela corara ao falar disso – Também deve evitar bebedeiras e ir ao bar com os conhecidos. Pode ser mal-visto aos olhos de alguns um marido recém-casado estar embebedando-se. – “alguns” significava alguém como Caroline D’Avis, que parecia ter uma rede de espiões por toda a Corte.

Sem comentar muito, Canto e Melo encurvou-se sobre ela, numa fria reverência:

-Mais alguma coisa, minha senhora?

O cheiro do álcool havia passado e restava o adocicado natural de sua pele. Caetana sentiu a respiração próxima, sobre o seu pescoço, e o calor que ele exalava naturalmente.

Ao reparar que ela respirava mais pesado, Canto e Melo acercou-se mais dela. Ela não se afastou, em aceitação. Fechava os olhos, entregue àquela proximidade. Sentiu-a estremecer quando a sua barba resvalou no canto do seu rosto e o hálito tocou o lóbulo da sua orelha.

O coração de Caetana estava a mil, a língua que lambia os lábios. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que era muito bom e que, se ele não se afastasse dela o quanto antes, iria beijá-lo.

Com um sorriso mordido, Canto e Melo sussurrou em seu ouvido:

-Seria mais fácil se você me castrasse de uma só vez.

Caetana ergueu os olhos e fitou-o. Seu rosto havia passado do preocupado ao ardente e deste, para a tabula rasa.

Iniciava-se um duelo que ele nunca achou que ela seria capaz de manter.

-Não falta vontade, pode ter certeza. – retrucou ela, mirando-o com archotes no lugar dos olhos.

Puxando as saias, foi para o seu quarto numa calma que poderia soar perversa.

Se aquela situação durasse por muito mais tempo, Canto e Melo sentir-se-ia castrado. Havia chegado no limite da paciência, o que ele mesmo rompeu, dando um tapa nas flores que enfeitavam uma mesa. Pelo tamanho da mão, o vaso perdeu o equilíbrio e caiu no chão. **Droga!** Com a ponta dos pés, tentou empurrar os cacos e as flores para debaixo da mesa sobre a qual estavam, feito criança medrosa. De lá saiu rapidinho. Se alguém perguntasse, diria que foi o vento.

Capítulo 6

**“Mas eu, por você, por mim,
Plantei amor em meu peito.
E quer você que desfeito
Em prantos eu sempre passe?!”**
(O álbum da rapaziada)

Caetana estava estática.

Seus pés, mãos, olhos, nada se mexia, inertes na incredulidade diante daquilo.

Mais cedo, antes dos criados, antes mesmo do sol, quando havia despertado – se é que poderia dizer que havia acordado uma vez que nem dormira –, decidira levantar-se da cama. O quarto em que estava não a ajudava a apaziguar o coração, nem a imaginação. Com a dança das luzes da madrugada, os afrescos eróticos ganhavam vida e movimento, fazendo-a acreditar que estavam vivos. Vivaz era a sua imaginação, acionada por uma curiosidade que, a cada dia, era cutucada por aquelas cenas e as sensações que explodiam nos rostos das figuras. Ainda não havia conseguido definir quem era o dono daquela casa, porém, tinha convicção que não era boa pessoa e nem decente. E, vagando dentro da própria curiosidade, resolvera perambular e descobrir mais a respeito do “patife”.

Todos os ambientes eram mais do mesmo. Banalização. Já havia decorado posições e nem mais novidade eram os contorcionismos, causando mais riso do que espanto. Contudo, naquele raiar de manhã, a passear pela casa, ainda de camisola e roupão, sem ter feito a toalete, Caetana deparara-se com o inusitado. Tão inesperado quanto seria um soco em seu estômago ou pegar Canto e Melo com outra mulher.

Havia uma saleta, uma portinha atrás da escada, que nas suas errâncias anteriores nunca havia sido visitada. Pelo local na qual se encontrava, achava se tratar de algum armário de guardados. Porém, à luz do sol nascente, reparara que a porta tinha uma fechadura diferente, cujo desenho lembrava o de uma orquídea. Ao centro, no buraco da fechadura, havia sido enfiada uma chave com o cabo que lembrava um T de pontas arredondadas. Ao girar a chave destrancara a porta numa facilidade que a assustara. O coração pulara na boca e a mão tremera. Sentia que fazia algo errado, e isso tornava tudo mais excitante. Nunca havia feito nada que não fosse “o correto”, “o honrado”, “o nobre”, era tida como “a boa menina” que “seguia as regras” – deixava que Amaia fosse além dos limites e, depois, dividisse com ela as suas descobertas.

Não era certo entrar na casa dos outros, como também não era certo de que a hospedassem num lugar daqueles. Ah, por que tinha que ser tão correta? Por

que uma vez na vida não poderia ser mais “ousada”, feito Amaia? A mão girava a maçaneta e abria a porta, devagarzinho, ainda se decidindo se entraria ou não.

Quando se viu, estava no meio da sala, estática, pés e mãos paralisados, os olhos amendoados arregalados. *Que diabos é isso?*

Nunca poderia imaginar uma sala repleta de... repleta de... de... estátuas e imagens de... de... pessoas nuas em posições mais do que comprometedoras! Não seria inusitado algo do tipo naquele lugar, porém, este quarto era diferente dos demais. Assemelhava-se aos antigos gabinetes de curiosidades, só que repleto de peças eróticas.

Duas imensas estantes ladeavam a sala, recobertas de falos dos mais diversos materiais e tamanhos. Desde marfim até pedra, passando por argila e bronze. Havia alguns que eram duplos, usados na Roma Antiga. Outros estavam esculpidos em vasos, pratos, taças, xícaras – uma, em especial, captara a atenção de Caetana: a réplica do seio de Maria Antonieta, transformada em taça de *champagne*. Havia estátuas de figuras politeístas de sátiros e deuses das mais diversas culturas – africana, asteca, grega, egípcia – com falos eretos e partes femininas à mostra. Tinha um brinquedo de marfim que parecia Napoleão excitado, que, ao mexer uma das hastes, enfiava-se na *derrière* de uma mulher de saias arregaçadas. Era curioso que também tivessem livros nas estantes! – Caetana ria do próprio pensamento absurdo – De capa de couro desgastada, a maioria estava presa às prateleiras por correntes para evitar roubos devido a sua raridade – mais da metade constava no *Index Librorum Prohibitorum*, a lista de livros proibidos pela Igreja.

O mobiliário – que contava com duas cadeiras, duas poltronas, escrivaninha e uma mesinha lateral – parecia, à distância, bem comum. Caso Caetana se aproximasse, poderia ver em detalhes os entalhes de cenas orgásticas e um estofado que parecia petúnias chinesas – só pareciam. Um candeeiro de bronze em formato fálico se fazia ao centro da mesinha lateral. Se aceso, a manga de vidro fosco revelaria cenas sexuais nos mínimos detalhes. As cadeiras também tinham algo de “especial”. Numa havia um buraco no assento – lembrando os gabinetes franceses – e outro havia um falo ao centro – o que fez Caetana se perguntar, dentro da sua confortável ingenuidade, como a pessoa conseguiria se sentar ali.

As paredes eram recobertas de litogravuras européias – sobretudo alemãs e francesas – que datavam do século XVI a XVIII, repletas de “indecência” e inspiradas nas cenas das histórias de Sade. Inclusive, ressaltava-se a grafia do nome Estevão escrita com pessoas fazendo poses eróticas. O teto também tinha da sua “curiosidade”: uma roldana, igual a de prender carne para secar. O que aquela roldana fazia ali, Caetana não era capaz de imaginar. Se tivesse olhado

com mais atenção para uma das gravuras próximas, teria descoberto e ficado, minimamente, chocada.

Atrás da escrivaninha, no meio de alguns quadros a óleo de nus, havia o que poderia ser uma tromba de 2 metros – na verdade, um falo de baleia. Correu os olhos sobre a escrivaninha. Por entre as imagens sexuais indianas, sua curiosidade se sentira atraída por uma pintura do mestre japonês Hokusai – um polvo repleto de tentáculos, enfiado entre as pernas de uma gueixa. Por ali, encontrou um anel, quase do tamanho da sua palma, com pelos finos em volta. Ergueu-o na altura dos olhos. *O que é isto? Qual a serventia?* – Ah, se ela soubesse se tratar de uma das peças mais raras daquela coleção! Um anel peniano de cílios de cabra, usado pelos nobres chineses no século XIII.

Terminou a incursão analisando o objeto mais misterioso que toda aquela sala poderia guardar. Na ponta da escrivaninha havia uma caixa de terracota. Repleta de inscrições egípcias, Caetana deduziu que deveria ser algo muito antigo. Talvez o sarcófago de um animal ou de um bebê – doeu-lhe o estômago ao imaginar algo terrível assim. Quis pegar o artefato para analisar as inscrições. Nunca havia visto nada tão histórico e... pesado!

A mão falhou e a peça foi ao chão, despedaçando-se.

No susto, Caetana pulou para trás e evitou que seus pés fossem esmagados.

Por entre os destroços, enxergou um objeto preto comprido. Parecia um tecido velho, desgastado, repleto de ranhuras. Pegou-o. Não se assemelhava a um animal e nem a um bebê – ainda bem! Aproximou-o do nariz. Bem perto, para ter certeza do que poderia ser. Tinha cheiro de velho e algum produto que não soube identificar.

-Chama-se Gabinete de Curiosidades. E, pelo visto, não é só o Estevão que é curioso...

Caetana escondeu o enigmático objeto atrás de si. Não queria que Canto e Melo a visse mexendo naquelas coisas, na verdade, não queria nem que a visse ali. Só de imaginar o que ele poderia pensar dela, corou – e muito.

-Eu não sou curiosa. – retrucou, tentando manter a pose de mulher séria e decente, o que ela mesma questionaria se fosse Canto e Melo a encontrá-la xeretando por lá.

-Não? – ele se acercou dela, erguendo as sobrancelhas e mordendo um sorriso.

Os cabelos despenteados caindo pelos olhos acrescentavam a ele a expressão de indomável, o que era charmoso. O *look* se completava pelas roupas – ou pela falta delas. Usava apenas calças e camisa desfraldada, revelando parte do torso nu. O que captava Caetana era a aura voraz no seu entorno, e ele parecia saber disso e querer provocá-la a cada passo que dava em sua direção. A

qualquer instante, parecia que iria arrebatá-la pela cintura, atirá-la sobre a mesa e resolver ali qualquer pendência entre eles.

Caetana segurou a respiração e corou.

Não olhe para ele! Pare de olhar para ele!

Ela não conseguia fugir daquele olhar que a queimava por dentro, evaporando as suas roupas. Deu alguns passos para trás para conseguir ganhar espaço e escapar de ser devorada pelo sorriso dele.

-Estava procurando... uma... sala... – *Ele tem os músculos bem feitos! Para de olhar!* – ...e banhos... Com licença.

Entregou a ele o objeto encontrado e se foi, levantando as saias para ir mais rápido e não ser capaz de tropeçar na própria vontade de beijá-lo.

Canto e Melo soltou uma risada. Adorava vê-la corada de timidez. Hah!

Mas o que era aquilo que ela havia dado a ele? Se assemelhava a uma pele envelhecida, como a daqueles restos mumificados. Pelo formato, o que poderia ser? Arregalou os olhos. Era mesmo isso que ele estava imaginando? Atirou-o no chão. Todo seu corpo se retraía enojado. Não chupava daquela fruta, nem de vivo e, muito menos, de morto.

Estevão não é só um devasso, ele é um devasso sórdido!

Como é que Caetana veio encontrar aquela saleta secreta? Começava a suspeitar que havia algum dedo de Estevão nessa descoberta – talvez mais do que um dedo, talvez uma mão inteira. Conhecia-o o suficiente para saber que não estava aberta “por acaso”. Era do tipo brincalhão inconveniente, daqueles que gosta de enviar indiretas aos amigos só para deixá-los constrangidos. Isso significava duas coisas: 1- os criados estavam sabendo que tipo de casamento era o deles; 2 – Estevão deveria estar por perto.

Se colocasse as mãos nele, bateria em Estevão até que não conseguisse mais sorrir.

Ao sair do gabinete, fez questão de trancá-lo – não sem antes notar o que a chave e a fechadura representavam. **Libertino!**

Ao virar-se, deparou-se com o mordomo numa pose típica: mãos na frente do corpo, nariz empinado, olhar no horizonte. Aquele lá deveria ter alguma coisa com Estevão. Seu cúmplice, no mínimo, apesar da expressão de dignidade. Certamente era daqueles que ria por debaixo da pose séria.

-Sr.Cruz, diga-me, quem foi que deixou a chave aqui para que ela entrasse?

-O Sr.Estevão esteve aqui. Deve ter esquecido a chave na fechadura. – e estendeu a mão para que Canto e Melo lhe entregasse a chave.

-Estevão esteve aqui? E por que não me chamaram?

-Ele disse que não queria perturbar. – e mexeu os dedos como se querendo chamar a atenção para a mão estendida.

-Disse para onde ia?

-Não, senhor. O Sr.Estevão possui dos seus mistérios e não é do nosso interesse, a menos que ele ache apropriado comentar. – e foi ao alcance da chave.

Reparando que havia um leve comichão de ansiedade no rosto do mordomo – de quem estava ficando irritado com aqueles questionamentos –, Canto e Melo agarrou-se à chave e cruzou os braços. O Sr.Cruz não iria querer “brigar” com um jovem com a metade da sua idade e o dobro do seu tamanho. Abriu um sorriso divertido de quem nem notava a pressa do outro:

-Como você tolera isso, Cruz? Estevão e esta casa licenciosa. Deve ser uma loucura quando ele está aqui.

-Ócios do ofício, senhor. – abaixou a mão, vendo que não adiantaria pedir a chave de volta. Soltou um suspiro, mas ainda manteve a pose ereta, quase militar – Posso ajudar em mais alguma coisa?

Canto e Melo balançou a cabeça na negativa. Dirigia-se para a escadaria, quando fingiu se lembrar de estar com a chave. Retornou os degraus e foi até o mordomo, segurando o riso:

-Ah, e, por favor, esconda essa chave.

-Sim, senhor. Com licença, senhor.

Achava o mordomo engraçado com toda aquela pompa de criado inglês. Pior do que ele, só a sua esposa. Como será que eles haviam se conhecido? Eram ambos tão pomposos, solícitos e frios.

-Ah, desculpe-me, senhor. – o mordomo retornou – O senhor sabe o que aconteceu com o vaso que havia nesta mesa? A faxineira disse que encontrou os cacos dele.

Um susto prendeu na garganta de Canto e Melo. Balançou a cabeça na negativa, até conseguir soltar uma desculpa:

-Não tenho ideia. Deve ter sido algum pé de vento.

-Como queira, senhor. – e o mordomo se retirou, sorrindo por debaixo da expressão séria.

*

Esgueirando-se para evitar o Senhor ou a Senhora Cruz, Canto e Melo desceu as escadas degrau por degrau. Tentava manter pouco peso na pisada para que a tábua não estalasse e pudessem achar que estivesse fugindo deles – e estava. *Crack-roi-crack!* Aquela casa toda rangia. Poderia até imaginar o quanto era barulhenta a cama! Estevão era terrível o suficiente para afrouxar os pinos do estrado só para causar algum embaraço. Pensar na cama rangendo, no ritmo do seu amor por Caetana, deixou-o afogueado – era mais prudente sair logo dali para que não “percebessem”.

Ao atingir o vestibulo, deu um passo atrás ao ver que Caetana vestia as luvas e o chapéu. Isso não o ajudaria a ficar “controlado”. Respirou fundo e tentou pensar em Estevão e o quanto queria matá-lo.

No entanto, Estevão era tão canalha, que havia dominado a sua imaginação também. Deitado no meio da cama, fazendo caretas sedutoras, o Estevão imagético o chamava para uma noitada.

Ah, era terrível demais, mas havia conseguido controlar o corpo. Ufa!

Pode, então, se perguntar por que ela estaria de saída, sem lhe avisar. Iria visitar alguma amiga – ...ou amigo? Empertigou-se. Não era contra os ideais de amizade entre um homem e uma mulher. Achava razoável e provável – em alguns casos. Mas com a sua mulher, esta era outra questão. Sabia que Caetana iria achá-lo um tanto possessivo, xingar-lo-ia de ciumento, com razão, e ficaria magoada por ele “não confiar nela”, com mais razão ainda.

É, confiança parece ser a questão entre nós. Preciso confiar nela e ela em mim.

Mas ele não podia negar que ficaria enciumado e inseguro.

Postou-se atrás dela, em silêncio, e curvou-se o suficiente até sentir roçar a ponta do seu nariz no penacho do chapeuzinho dela. Segurou o espirro, mas não a pergunta:

-Onde vai? – coçou o nariz e tentou abrir um sorriso de quem não estava questionando, era somente uma pergunta de quem estava curioso. **Por que não sou ciumento. Eu confio nela!**

-Achei melhor passear. Respirar um pouco de ar puro. Esta casa é um tanto... – suspirou – ...demais.

Havia uma melancolia nos olhos de Caetana, de quem estava perdida, vagando nos próprios pensamentos, atolados debaixo daquela linda cabecinha.

-Concordo. – Canto e Melo foi à cata da sua cartola e das luvas, na chapeleira ao lado da porta – Posso me juntar a você?

Por estar de costas, ajeitando-se para sair, ele não pode ver o longo olhar de surpresa de Caetana e nem o brilho de alegria que tomara todo o seu semblante. Se tivesse, iria pegá-la pela cintura e beijá-la e, ela, aceitaria com todo o coração aquela atitude.

Independentemente do que ambos falassem, suas almas diziam que se amavam e ninguém, nem eles próprios, seriam capazes de silenciá-las.

O gesto havia sido automático: Canto e Melo erguera o braço para Caetana se apoiar, o que ela fez sem pestanejar. E seguiram caminhando rumo a algum ponto de tálburi. Não haviam estipulado para onde iriam, porém nenhum questionava para onde estava sendo levado, imersos num silencioso acordo.

A sensação em ambos, no entanto, era a mesma de quando haviam se

conhecido. Não precisavam se comunicar para fazerem exatamente a mesma coisa, irem aos mesmos lugares, aproveitarem a vida da mesma forma. Era um alívio saber que ainda não haviam perdido aquele contato telepático, empático, simpático e tão reconfortante que os havia atraído.

A carência, o vazio, a frustração, a raiva, tudo havia desaparecido como se estivessem em sintonia novamente.

Caminhavam aproveitando a brisa marinha que batia em seus rostos, junto ao sol que ia esmorecendo contra as gigantescas pedras da paisagem.

Ainda que fosse bom aquele silêncio compartilhado, havia tanto que Caetana queria lhe dizer, tanto que precisava ser acertado entre eles. Foi abrir a boca, e Canto e Melo a silenciou contando uma lenda que havia escutado de algum alufá, ou amigo – não lembrava mais quem havia sido – sobre os montes da cidade.

-Dizem que estas pedras são gigantes adormecidos que um dia despertarão.

Caetana soltou um olhar curioso para ele e para o Pão de Açúcar, que dava para ser visto de onde estavam.

-E para quê?

Ele a mirou e levantou as sobrancelhas. Sua expressão era de confusão.

-Não tenho a menor ideia. Hah!

O riso dele foi acompanhado pelo dela.

-A única coisa que sei é que a primeira pessoa a escalar o Pão de Açúcar foi uma mulher. – comentou ela – Uma inglesa, Enrieta Carstiers, em 1817.

Aquele pequeno adendo de Caetana tinha muito a ser subtraído: a força e determinação das mulheres. Canto e Melo não se surpreenderia se Caetana resolvesse escalar a pedra. Ela havia mostrado uma nova faceta de teimosia e determinação que o deixava confuso, e mais ainda apaixonado – e irritado. Quão tênue é a linha entre a paixão e a raiva!

E teria rido do próprio pensamento se não tivesse seu braço apertado pelo dela:

-Acho que ambos precisávamos disso... – respirou fundo, de olhos fechados, elevou o rosto para o sol vespertino – Sair, respirar ar puro. Sinto-me mais leve.

Canto e Melo não conseguia parar de admirá-la. O perfil simples e bem feito, os cabelos castanhos claros com toques dourados a reluzir. Caetana não era uma beldade como Amaia. Caetana era linda.

Os olhos amendoados dela o pegaram na admiração. Canto e Melo corou. Diante daqueles olhos tão ternos, era difícil mentir, até mesmo pensar muito. Seria mais fácil beijá-la – porque era esta a sua única vontade.

Temendo a recepção que poderia receber, ele abriu um sorriso flácido e

gaguejou:

-Si-sim, cla-ro.

Os olhos azuis dele estavam mais claros na luz externa. Davam uma sensação de placidez que deixava Caetana esperançosa enquanto tranquila de que, no final, eles conseguiriam se entender e a anulação não se concretizaria. Ou não.

-CAETANAAAAAAAAA!!!!!!

O timbre esganiçado de voz era reconhecido a quilômetros de distância. Mesmo que não houvessem dúvidas de quem se tratasse, a mãozinha erguida, a acenar por debaixo da sombrinha de renda e o chapéu tão espalhafatoso quanto as vestes cor-de-rosa eram inconfundíveis, o que ainda era afirmado com convicção pelo acompanhante: um senhor magro, de barba e monóculo.

-Boa tarde, Caroline. – respondeu apenas quando já estavam frente a frente.

-Estava quase me matando de tanto acenar e você, para variar, nessa sua pasmaceira. Ah, que cansa! – Caroline revirou os olhos para demonstrar o seu enfado – Você usa cores muito mortas, que não favorecem a sua cútis. Se não fosse pelo Ettore, eu nem a teria visto. – passou do olhar crítico sobre o vestido simples da colega para o belo homem ao seu lado. Todo o corpo de Caroline se estreitou. De seus olhos soltaram faíscas e da sua boca a voz se aveludara – Ah, não me diga que este é o seu marido? Ohhhh!!!! Mas eu seria capaz de nadar nestes olhos! – ao notar que Canto e Melo ficou incomodado com o comentário inapropriado, ela se corrigiu com um sorriso faceiro – Com todo respeito, por certo. Sou Caroline D’Avis, amiga de infância de Caetana. Você deve ser o marido garboso que ela escondeu de mim. – estendeu-lhe a mão, não tinha como não beijar.

Canto e Melo apenas acenou com a cabeça e manteve a pose de antes – que mais lembrava um guarda cuidando do seu posto.

Aquele evidente interesse de Caroline em Canto e Melo subiu em Caetana. Contudo, dama como era, não se deixaria abalar – conhecia muito bem a outra. Abriu um sorriso sardônico e deu uma cantarolada que soava falsa:

-Escondi? Achei que havia mencionado.

Nunca iria contar nada para aquela “boca aberta”. Falar alguma coisa para Caroline era o mesmo que gritar no meio da rua lotada, em breve, todos saberiam.

Às vezes, Caetana tinha a impressão que saiam raios de inveja dos olhos da outra. Havia considerado uma sorte quando ela se mudou para a Corte para “encontrar um pretendente à sua altura”. Tinha pena do escolhido, no entanto. O italiano ficava calado a maior parte do tempo, com os olhos pregados nos arredores e só comentava algo quando ela o cutucava.

-Você não me disse que havia se casado! Não é mesmo, Ettore? – cutucou-o, tirando-o da observação silenciosa das escravas que passavam por eles – Ontem, depois de nos encontrarmos, fui visitar a sua tia Escolástica e ela me contou tudo sobre o seu casamento. Fiquei estarecida, pois havia dito que a havia visto e nem me falara a respeito! E sua tia está furiosa que você ainda não foi visitá-la. Eu, se fosse você, iria hoje mesmo. Mas não fala que fui eu quem comentou. Pode ser que ela não quisesse que você soubesse. – atirou um desejoso olhar sobre Canto e Melo, o que o deixou constrangido e o fez desviar a atenção para outro lugar – Nossa, Caetana, quem poderia imaginar que você fosse se casar com alguém assim tão... tão...

-*Amore mio*... – o marido puxou o braço de Caroline.

Deveria conhecer bem a esposa que tinha e o que aquele olhar significava. Canto e Melo temia que Caetana também o interpretasse mal e pudesse ter uma ideia errada dele. Afinal, começavam a resolver suas questões e não queria uma estranha os atrapalhando.

-Ah, deixe-me terminar, Ettore! – num gesto brusco, Caroline soltou o braço do marido e se acercou de Canto e Melo – Tão distinto. – voltou-se para o italiano, rindo-se – Viu? Não falei nada demais, *amore mio*. Não precisa ser ciumento, *cuore*. Caetana, sua espertinha. Logo você, se casar com esse homenzarrão! Hah!

Canto e Melo podia ver o sangue subindo no rosto de Caetana e ela apertando o seu braço cada vez mais forte. Teve de segurar a dor com um pigarreio.

Conhecendo-a bem, educada como era, tinha certeza de que Caetana deixaria passar aquela alfinetada. Já ele, porco-espinho, daria o seu golpe.

Fazendo a cara mais sensual que poderia – estreitando os olhos azuis e abrindo um sorriso avassalador – perguntou, num tom de ironia, à Caroline:

-E por que ela não se casaria?

Não havia como fugir daquele olhar que se arrebentava no fundo de Caroline, feito um tsunami pronto a lhe afogar – e num mal sentido. Ela ficou muda e arregalou os olhos. Todo o seu rosto explodiu em tons de vermelho.

Caroline era impossível, até mesmo para Canto e Melo. Retomando o controle de si mesma, ela abriu um sorrisinho – que lembrava muito um cãozinho pidão que Caetana havia tido:

-E essa voz! Nunca fale perto do meu ouvido assim, que eu tremo! – a mulher ousou pousar a mão no ombro largo de Canto e Melo – Caetana sempre foi muito certinha, tímida, simplória, humilde com tudo. Todos tínhamos certeza que iria virar freira, como a Dalva, em algum momento.

Sem qualquer brutalidade, Canto e Melo retirou a mão dela de cima do seu

ombro e a encarou, desta vez sem sorrir, mas tão irresistível quanto antes – ele ficava muito mais bonito quando sério:

-Acredito que você e essas pessoas não têm ideia de quem a Caetana é realmente. Ela é uma mulher espetacular, não só pela sua beleza, mas pelo seu bom coração e educação, ademais do caráter impecável. É capaz de aceitar em seu convívio pessoas invejosas e ciumentas, sem questionar a sua má índole, graças a sua bondade excessiva.

Caroline afastou-se quase ganindo, e retornou ao braço do marido italiano – que mais parecia uma estátua do que um homem.

-Não é mesmo?! – soltou um sorriso sem graça, que não conseguia se firmar no rosto roxo de vergonha – Nossa, Caetana, acho que estou me apaixonando pelo seu marido. Hah!

Tanto o italiano quanto Caetana apenas lhe encararam surpresos com aquela revelação. Saíra tão verdadeira, que chegava a ser acintosa.

Para impedir que continuassem com aquele absurdo, Canto e Melo mudou de assunto de imediato – era isso ou sair correndo com Caetana, porém, tinha quase certeza que se fizesse isso, era capaz de Caroline ir atrás deles:

-E de que região da Itália o senhor vem?

Ao ver que era com ele que falavam, Ettore ajeitou o monóculo antes de responder:

-Calabr...

Mas foi imediatamente cortado pela esposa:

-Veneto! Veneza, para ser mais precisa. A família dele tem um *palazzo* no *Gran Canale*.

Havia ali uma acobertação de mentiras. Canto e Melo havia notado o olhar de desespero de Caroline quando ele ia responder. Era possível que, como muitos italianos, viesse da Calábria, uma região pobre ao sul do Reino da Itália. Tinha pena do *povero pazzo* por ter aquela mulher como esposa.

-É próximo ao *palazzo Ducale*, perto da *Torre di Pisa*?

-Sim! Ao lado da torre! – ela riu, aliviada e sem se dar conta do olhar de quem pinçara uma mentira – Podemos vê-la da janela da sala! Conhece Veneza?

-Estive lá uma vez. – abriu um sorriso falso e reparou que o italiano estava pálido como se fosse desmaiar. Certamente deveria estar pensando que teria de ensinar à sua esposa que Pisa e Veneza são extremos na bota italiana.

-Oh, além de bonito, é viajado! Soube que também é de uma distinta família de Bananal. E ramificado da Marquesa de Santos.

Foi a vez de Canto e Melo ficar sem graça e abaixar os olhos:

-É o que dizem.

Ainda um pouco perplexa em saber desse “fato histórico familiar”, Caetana

foi surpreendida por um cutucão de Caroline:

-Caetana, sortuda! Casou com um nobre, ainda por cima! Hah!

O que mais faltava? Caroline arrancar as suas roupas e se atirar sobre Canto e Melo? Se não fosse pelo italiano chamar a atenção da esposa, aquele encontro tenderia a chegar nesse ponto.

Canto e Melo, que arranhava o italiano, mordeu o riso ao escutar de Ettore:

-*Amore mio, vorreste forse coricarvi con lui per aver certezza che sia realmente maschio?* (Tradução: Meu amor, você também não quer se deitar com ele?)

Caetana não sabia o que havia sido dito, mas pela cara de ofensa de Caroline, o olhar bravo do italiano e Canto e Melo escondendo o riso atrás de um pigarreio, ela só poderia deduzir que deveria ser algo muito irônico. E, finalmente, veio o alívio quando Caroline se despediu deles num aceno discreto – bem anormal da parte dela – como se fossem dois “conhecidos”.

-Melhor nós irmos. Espero poder revê-los em breve! Quem sabe no baile de sua tia Escolástica?!

E tomaram o rumo contrário, atravessando a rua para o lado da baía de Guanabara.

Estavam longe o suficiente para que Canto e Melo sentisse capaz de respirar em paz e rir-se daquela situação inusitada:

-Achei que nunca mais iriam embora!

Ao ver que Caetana estava quieta, ele parou e mirou-a com alguma preocupação. Será que havia ficado ofendida com alguma coisa?

Na verdade, Caetana tinha a mão na frente da boca, segurando o riso.

-A cara que ela fez! Achei que ia atacar você a qualquer instante... – e ria-se, tendo de por a mão no estômago que começava a doer.

A antiga Caetana estava retornando, pouco a pouco. Como era gostoso vê-la rindo dessa maneira, dividindo com ele seus pensamentos. Estava com saudades dela. Daquela vibração alegre, de quem observava o mundo e se divertida sem se apegar a qualquer mal-estar. E a teria abraçado e beijado se tivesse certeza de que ela o aceitaria.

A maneira de ver se ela o havia perdoado seria testando. Tomou as suas mãos enluvadas e a encarou.

Conseguindo se controlar, Caetana retribuiu o olhar, com surpresa. Todo o seu corpo se eletrificou e, por segundos, ela esqueceu o porquê dos dois terem brigado. –Mas havia sido por segundos, não por minutos – Retirou as suas mãos dentre as dele e abriu um sorriso simpático de quem tentava contornar o gesto dele com uma delicada recusa:

-Você nunca me disse que tinha título de nobreza e era ligado à Marquesa

de Santos.

-Eu não tenho. – franziu a testa – Meu pai e meu irmão têm. E você não me disse que tinha uma tia morando aqui.

Caetana suspirou, desanimada, ao se lembrar da irmã de seu pai:

-Estava evitando ter de visitá-la. Tia Escolástica não é uma pessoa agradável de se conversar. Se você achou Caroline intolerável, temo que se assustará com a minha tia.

-Mas agora que fomos descobertos, teremos de ir.

-Eu sei, – suspirou – eu sei.

-Não se preocupe, – ele tomou a sua mão e a apertou – eu estou ao seu lado.

Encarando-a – para precisar a sua reação – Canto e Melo elevou a mão dela aos seus lábios e a beijou.

Apesar de estar com luvas, a impressão de Caetana era a de que a havia beijado no âmago do seu corpo com aquele olhar intenso. Ela toda se derreteu no calor que lhe subiu as pernas e achou que desmaiaria se a continuasse encarando daquela forma – o que muito lembrava a uma fera faminta. *Será mais prudente aguardar um pouco, até ter certeza de todas as mentiras e omissões.*

Soltando-se dele, ela rumou de volta para casa.

Canto e Melo foi atrás, confuso. Afinal, aquilo era uma aceitação ou uma recusa? Entrou na casa e o Sr.Cruz, com a cara de papão, ajudava Caetana a tirar sua capa. O mordomo pegou chapéus, luvas e a bolsinha e perguntou a que horas deveriam servir o jantar. Ela transpassou um olhar para Canto e Melo, que se desfazia da sua cartola e luvas, e deu o horário de sempre.

-Pois não, senhora. Vou pedir para que a cozinheira prepare tudo em meia-hora.

Ao se deparar com um relógio de carrilhão, que ficava escondido num canto do vestíbulo de entrada, Caetana entendeu que eram 4:30 da tarde. O tempo voara ao lado de Canto e Melo, de uma maneira que ela achou que nunca mais seria capaz de ter. Seu coração se encheu de alegria, e os olhos de um brilho que logo foi captado por ele.

-Obrigada. – disse ela, assim que o mordomo se retirou.

-Pelo quê?

-Pela maneira que tratou a Caroline. Você poderia ter concordado com ela, ou ficado quieto.

Canto e Melo, com toda a sua altura, não provocava medo. O olhar feroz havia ido e no lugar surgira algo terno, que lembrava aquelas pelúcias infantis que traziam conforto quando abraçados, o que fazia o coração dela se derreter tanto quanto o outro Canto e Melo, o devorador.

Ele ergueu a mão para pegar a dela, mas recuou. Preferiu apenas lhe

explicar com toda a sinceridade que tinha:

-Eu nunca deixaria ninguém acusar você ou dizer inverdades.

O rosto dela corou de leve.

Talvez ele devesse ter aproveitado a chance e pego em sua mão.

-Melhor nos prepararmos para o jantar. – disse ela, fugindo dele.

-Claro. – havia notado a sua reação de retração.

Num passo, Canto e Melo viu o rosto de Caetana resvalar o seu. O cheiro de jasmim o encheu, a ponto de fechar os olhos e vê-la correndo por um campo de flores alvas, cabelos ao vento e o sol tocando a sua pele nua.

Ela estava nas pontas dos pés e com as mãos apoiadas em seus ombros. Seu rosto cáldo encostava no dele. Seus lábios, no entanto, haviam optado por outro alvo; a sua orelha, onde sussurrou:

-Obrigada.

E subiu para o seu quarto.

Deixava-o paralisado, com as calças cheirando à jasmim.

Capítulo 7

“Se o amor é cego, nunca acerta o alvo.”

(Shakespeare, *Romeu e Julieta*)

Era inegável: ela ainda o amava! O toque leve, o sorriso sereno, o olhar empático, eram os sinais que o seu amor ainda vivia no peito de Caetana. E que seios! Era igualmente inevitável não pensar no seu corpo aveludado e as carícias que seus dedos tanto desejavam dar. Queria escrever seu nome completo com a língua, ao longo das suas costas nuas, sentir o gosto da sua pele perfumada. E errado não seria, afinal, eram casados e há muito desejava tê-la. Em momento algum da corte e do noivado, ela lhe deixara mais do que tocar na mão. Certa vez, havia resvalado em seu braço nu – por causa de um vestido de baile sem mangas – e ela estremecera toda, e passara o resto da noite evitando-o, como se encontrá-lo uma segunda vez fosse levá-la à perdição. E, provavelmente, levaria. Canto e Melo conhecia todas as suas qualidades – assim como os seus defeitos – e que não era alguém para se menosprezar na cama, principalmente quando determinado a dar prazer.

Sorrindo diante do espelho, analisava os cabelos escuros que caíam pelos olhos azuis. Tinha um sorriso convencido, aquele de lado que o deixava ainda mais bonito.

Iria chegar um passo mais perto da cama de Caetana.

Arrumou os cabelos passando os dedos e a goma por eles. Fez uma careta. Virou o rosto para um lado. Penteou um pouco. Virou o rosto para o outro. As costeletas estavam bem aparadas. Pos alguns fios no lugar. Ergueu o queixo e analisou as narinas e a barba. Tudo podado – era daqueles homens que se deixassem crescer a barba e os cabelos, iria parecer uma fera. Era másculo até a ponta dos pelos, poder-se-ia dizer – e do que se gabava.

Lembrou-se de uma coisa. Abriu as calças e olhou para dentro. Parou um segundo para pensar. Pegou um perfume e borrifou. Estava pronto.

Ao descer as escadas, notou que o mordomo estava parado próximo à porta de entrada, junto a um reposteiro que dava para o escritório de Estevão. Com as mãos na frente do corpo, queixo erguido e olhos no horizonte, poderia ter sido confundido com uma estátua sob a escassa luz do ambiente.

-Boa noite, senhor.

-Muito boa, hein, Cruz. – piscou, levemente canalha, ao que o mordomo não reagiu.

Prosseguiu para a sala de jantar, quase a cantarolar, tão satisfeito consigo, que não ouviu uma vozinha que surgia por detrás do cortinado, a sussurrar no

ouvido do mordomo:

-Ele se foi?

O Sr.Cruz, sem perder a pose, calcificada pelos anos de trabalho, respondeu num murmúrio:

-Sim, Sr.Estevão.

*

Antes de entrar na sala de jantar, Canto e Melo ajeitou a gravata. Havia escolhido uma azul clara que realçaria a cor de seus olhos – segundo a vendedora, que quase caíra aos seus pés quando ele sorria agradecendo a indicação.

Pigarreou e achou ter sentido um cheiro azedo vindo de sua boca. Assoprou nas mãos em forma de concha e cheirou. Não, seu hálito estava agradável, apesar de um pouco ardido depois de ter gargarejado um vidro de colônia. Se conseguisse sentir o paladar, já poderia se dar por satisfeito.

Caetana merecia o seu melhor e ele daria a ela, com prazer.

Abriu um sorriso e empurrou as portas da sala aguardando o rosto terno dela sob a luz volátil de um par de velas. Uma sinfonia intimista que impregnaria o ar com um tom romântico de dois apaixonados – do jeito que ele havia imaginado que seria a sua lua-de-mel.

Imaginado, apenas.

Encontrou todas as velas e bicos a gás acesos e um olhar em Caetana que não tinha nada de terno. Ela estava com o corpo ereto, a expressão tensa e a voz firme. Era uma Caetana totalmente diferente da que havia surgido para ele naquela tarde. Uma Caetana dura e que fazia questão de se mostrar desagradada com a sua presença.

-Nossa, que cheiro forte de perfume! – comentou, após limpar a boca num guardanapo e esconder uma careta de desgosto.

Canto e Melo se retraiu, querendo se esconder atrás da gravata. É, poderia ter exagerado um pouquinho no odor, mas Caetana também não precisava fazer uma cara de nojo. Aquilo minava toda a sua confiança.

Tentando não perder a pose, ao menos – a esperança é a última que morre! – sentou-se no lado contrário da mesa, colocou o guardanapo sobre o colo e manteve o sorriso galanteador.

-Pelo visto, estava com muita fome... Que apetite!

Caetana não o havia aguardado para começar a comer. E ele nem havia se atrasado! Era ela que havia se adiantado. **O que está acontecendo? O que foi que fiz de errado desta vez?** Fingiria que não havia notado aquela situação deseducada, de quem fazia questão de demonstrar que ele não era bem-vindo naquela mesa. Fez um sinal ao copeiro e foi servido. Entre as garfadas da comida

e o bebericar do tinto, manteve Caetana presa na sua mirada. E ela parecia não reparar, dentro da dura calma de quem comia ignorando a pessoa a sua frente.

Mas ela o havia visto sim. Os olhos dele estavam ainda mais claros por causa das velas sobre a mesa, e o sorriso parecia mais alongado, feito um lobo debaixo da pele de cordeiro antes do ataque.

Alcançando a mão dela sobre a mesa, Canto e Melo acarinhou os seus dedos. Havia sentimento nos olhos dele, assim como na voz. Por mais que Caetana soubesse que ele estava sendo sincero, ela não soube como reagir. Havia desaprendido a amar? Todo o seu corpo gelou e a sensação de sufocamento se apossou de sua garganta.

Retirou a sua mão debaixo da dele:

-Não precisamos disso agora. – deu um sorriso gélido, sem-graça – Não há ninguém por aqui para que finjamos estar apaixonados.

Ela se arrependeu de suas palavras logo que as pronunciou. Soaram erradas. Foi como se uma parte magoada dela tivesse tomado conta. Teria se desculpado de imediato, se Canto e Melo não tivesse se fechado numa expressão oca.

A esperança dele agonizava junto ao seu sorriso. O lobo se mostrou um cordeiro com crise de personalidade, e Canto e Melo acabou se derramando pela cadeira, frustrado pela sua “falta” de sensualidade. Caetana havia construído um muro impenetrável entre eles e, pelo visto, por mais que soprasse e assoprasse, ele nunca desmoronava, feito do mais duro tijolo – o da mágoa.

-Está tudo bem com você? – perguntou ela, antes de uma garfada, ao reparar que ele não comia.

Havia soado errado – muito errado. Parecia que o ironizava após ser rechaçado e não era essa impressão que queria dar.

Mas foi a que deu.

-Por que a pergunta? – ele falava, beirando o arisco – Achei que a minha presença não fazia qualquer diferença no **seu** jantar.

Sentido-se atacada, Caetana não recuou, apesar de não lhe levantar mais os olhos, querendo se provar indiferente:

-Sim, faz. Na verdade, não você, mas o seu perfume. Está excessivo e é enjoativo. – e enfiou uma garfada para evitar continuar falando.

Cala a boca, Caetana! Você e seu orgulho idiota só estão piorando tudo! Não era assim que você deveria conduzir das coisas. Deve mostrar força e determinação e não que é mal-educada e birrenta! O que está acontecendo comigo?

Ele terminou o tinto num gole e fez sinal para que o servissem com mais. Havia desistido de comer e, quando no terceiro copo seguido, Caetana lhe dirigiu um olhar duro, por cima da borda da água que bebia:

-Não gosto quando bebe tanto.

Levantando a taça para que o copeiro o servisse pela quarta vez, Canto e Melo a encarou e disse, sem qualquer pesar:

-Talvez eu precise para tolerar essa situação.

Havia acinte na sua atitude e um jeito confrontador que a deixava injuriada e, ao mesmo tempo, preocupada. Poderia estar indo longe demais com a “lição” que queria dar a ele. Queria que ele sentisse o que seria perder ela caso repetisse os erros e voltasse a mentir ou omitir algo. Mantê-lo alerta quanto as próprias atitudes. Por outro lado, o afastamento que ela impunha tinha outro motivo: seu próprio controle quando com ele. Desde que voltaram do passeio, ela havia ficado andando de um lado ao outro do quarto, analisando o que acontecia entre eles. Todo o seu amor, sedimentado pela desilusão, havia se revirado, querendo recobrar vida. Era um jardim florido sob um lamaçal que era limpo por um cuidadoso jardineiro. Diversas vezes Caetana se viu tendo que controlar-se para não querer beijá-lo.

E era exatamente estas duas Caetanas se alternando que o irritava. Canto e Melo não conseguia entender aquela frieza perpétua, que intercalava com uma doçura que preenchia o seu coração. Tinha errado, era fato, ao não ter contado a ela que era abolicionista e que queria roubar os escravos de seu pai – talvez, este segundo item ele preferisse guardar para si; ela não precisava saber de todos os detalhes. Porém, chegava à conclusão de que seria melhor estarem separados do que juntos – ao menos, seria mais digno e menos cruel do que olhar para algo que não se podia ter.

-Pouco importa a maneira como “lidamos com essa situação”. – ela disse, dando os ombros – Eu queria saber se poderemos amanhã visitar a tia Escolástica?! Antes que espalhe que sou a pior sobrinha do mundo.

Meu Deus, ela vai me deixar maluco! Morde e assopra? O que ela pensa que está fazendo?

Recostado na cadeira, ele tomou todo o vinho da sua taça num gole. Limpou os cantos da boca com a manga da casaca e ficou observando-a enquanto seus dedos giravam a base da taça.

Uma nuvem de consternação parecia esconder uma face perversa que ela não gostou de ver. Havia uma tensão em seu olhar, o que fez Caetana se afogar em si mesma. Uma tempestade se formava e iria destruir o seu jardim.

-Não seria melhor se anulássemos logo o casamento?! Parar com esse fingimento e as preocupações em descobrirem algo. Afinal, nada aconteceu. – e lhe lançou um olhar frio que a fez estremecer.

Caetana gaguejou de corpo inteiro – *ele quer anular o casamento!*

Calmamente, retirou o guardanapo do colo e limpou os cantos da boca.

Queria ganhar tempo para se controlar e não parecer aflita.

-Seria o seu direito por lei. – abaixou o rosto, mostrando, pela primeira vez, um lado de esposa obediente e submissa, o que o deixava ainda mais irritado.

Preferia a Caetana de opinião e posicionamento e não uma marionete!

-Não se trata do meu direito por lei, mas o que você quer fazer, Caetana. Eu sempre me considerei um homem paciente, mas há limite para tudo. Ou resolvemos isso, ou anulamos o casamento. – colocou o copo sobre a mesa, antes que o atirasse contra uma parede.

Seus nervos já beiravam a flor da pele e não precisava de muito para que Caetana o fizesse explodir.

-Caroline esqueceu de mencionar uma qualidade sua: a falta de honradez.

-Falta de honradez? O que você mais quer de mim? – deu um murro na mesa, uma atitude violenta, o que a assustou – Que caia aos seus pés e implore por perdão? Já fiz isso, mas se quiser, posso fazer de novo.

O olhar dele era de um menino perdido, incapaz de conseguir a atenção de quem tanto amava. Porém, Caetana só enxergava a violência da sua atitude e o quanto havia sido machucada por aquela reação.

De dentro dela foram emergindo feridas, todas elas abertas pelo medo de que ele fosse como outros “devassos” de quem havia ouvido falar. Por toda a sua vida, Caetana e suas irmãs haviam escutado que deveriam se afastar de devassos e libertinos, como o que havia seduzido a sua irmã Thaís – e teria destruído a sua reputação se não tivessem se casado, mesmo que sob as ameaças de seu pai. Devassos não eram confiáveis, seduziam as mocinhas apenas por prazer e, depois de enjoados delas, as largavam à própria sorte. Por mais que conhecesse Canto e Melo – ou achava conhecer – ele fazia parte do tal mal-afamado Clube dos Devassos, era amigo de Montenegro – conhecido por não se deixar seduzir por nenhuma mulher, apesar de seduzir a todas – e havia omitido isso – dentre outras coisas. Talvez sua mãe estivesse certa quando alegava que “os homens não são confiáveis”. Ao conhecer Canto e Melo, Caetana achava que sua mãe não poderia conhecer “todos os homens”, que ele era diferente. Era honrado, aceitava o pouco contato que ela lhe permitia e nunca ultrapassava os limites por ela impostos. Mas, talvez, não fosse. Após o casamento ele havia se transformado num insaciável sedutor e ela não sabia mais como lidar com isso, senão com medo e atitudes agressivas.

-Você só faz isso porque quer dormir comigo. – Caetana virou-lhe a cara, incapaz de olhar sequer para ele, e também para esconder os olhos mareados.

Não queria que a visse chorar.

-Sim, quero. E muito! E qual o problema nisso? Estamos casados, pelo que sei. E nos amamos!

O silêncio dela e a sua incapacidade em lhe encarar, fez com que Canto e Melo perdesse a cabeça. Deu um pulo da cadeira, fazendo-a cair no chão. O som oco da madeira batendo no assoalho fez Caetana estremecer como se tivesse levado um tapa. Encolhida em si, escutou-o marchar para fora da sala, sem lhe responder quando ela chamou por ele.

Sem qualquer apetite, Caetana afastou o prato de si, ignorou a sobremesa e subiu ao seu quarto.

Após urrar em cima de um travesseiro – para que não a ouvissem –, foi para a penteadeira e, de dentro de uma gaveta, retirou papel, pena, tinteiro e mata-borrão. Só havia uma maneira de se entender: escrevendo. Ainda que nunca viesse a entregar a carta, ela colocaria toda a sua alma para fora, traduzindo os seus sentimentos e atitudes em palavras que ela mesma poderia ler e reler sempre que precisasse se enxergar.

A pena arrastava-se pelo papel, arranhando letras que iam se acabando na tinta antes das palavras terminarem. Parava. Analisava o seu perfil na frente do espelho da penteadeira. E a pena ia desfazendo a imagem de mulher segura diante do olhar mareado da mulher fragilizada:

“Querida Amaia,

o desespero me consome e não sei o que fazer. Preciso tanto de você! Estou perdida. Dividida entre o meu orgulho e a minha paixão, o meu medo e o meu desejo. E nesse cabo de guerra, vou perdendo as forças e a razão, e ajo como uma menina mimada que perdeu a boneca predileta e não quer brincar com mais nada. Ah, amiga queria, queria ouvir os seus conselhos, saber o que fazer para parar com essa divisão que está desestruturando o meu coração. Nem eu mais me reconheço nas minhas atitudes. Será que Roberto irá me agüentar por muito tempo? Tenho medo que ele me abandone, pois parece que eu mesma já me abandonei. Como pode um amor mudar tanto a nossa maneira de ser? Estou descobrindo aspectos de mim mesma que estavam tão escondidos nas reentrâncias da alma, que nunca tinha me deparado antes: ciúmes, inveja, raiva, medo, frustração, desejo.

Por favor, me dê uma luz para afastar essa escuridão interior que está me afastando de Roberto.

*Saudades,
Caetana”*

Capítulo 8

**“Segui o mundo em passos curtos,
Maiores do que o nosso romance,
Menores do que o nosso Amor.”**
(Roberto Canto e Melo, *Nosso romance*)

As palavras de Amaia, ditas no dia da festa de noivado na Guaíba, estavam entranhadas na mente de Canto e Melo. Somente agora, quase um ano depois, é que decifrava aquele enigma que havia tomado como uma brincadeira: “Quero cumprimentá-lo e avisá-lo do quão enganado está quanto a esta mocinha aqui. É bem mais esperta do que aparenta ser e precisa estar avisado para não pisar em falso. Terá muitos inimigos se o fizer, a começar por mim. Não quero assustá-lo, só quero desejar ‘Boa sorte!’ Terá uma verdadeira jóia premiada como esposa.” A ironia no olhar verde, sim, Amaia o havia avisado e ele não havia entendido. Maldição! Ela havia deixado claro que Caetana era difícil, ainda mais se perdia a confiança em alguém.

Enquanto a mente se partia em dúvidas, o coração, no entanto, ia acima de si mesmo. Pulsava pelas velas, fazia girar a veia poética. Era a única maneira de se tranqüilizar e tentar recobrar um pouco de paciência.

A lua sobre o mar, o céu parcialmente estrelado, pontilhando um destino que não sabia ler, a tristeza batendo no peito, pois tudo era-lhe inspiração:

*“Por caminhos inexplorados eu havia passado,
Com a lembrança de, até então,
Um dia em seu coração.
Pelos mares naveguei,
Pelas terras vaguei,
Para fugir do meu pecado,
Mas tudo o que encontrei foi mais solidão.
Resolvi buscar por uma multidão,
E o que encontrei foi mais escuridão.
Segui o mundo em passos curtos,
Maiores do que o nosso romance,
Menores do que o nosso Amor.
Pode ter sido uma discussão qualquer para você,
Mas para mim, foi uma vida desperdiçada numa briga.
As armas foram escolhidas; dois corações e nada mais.
Agora só me resta lembrar que ainda há
Um pouco de vida nesse corpo sovado,
Perdido no tudo, perdido no mundo,*

Somente encontrado no seu coração.”

O seu canto se findou ao se ver na casa de ervas do cego Tenório. Não compreendeu como havia terminado lá, nem o quanto havia andado. Sabia-se somente diante de uma portinha estreita, cujo batente estava repleto de ervas penduras, anunciando do que se tratava o negócio.

Ao entrar na loja, uma vastidão de cheiros o preencheu, fazendo-o ser capaz de escutar grilos e cigarras numa sinfonia de mata que lhe acalentou. As paredes, recobertas de ervas secas penduradas, outras em grandes potes sobre estantes de madeira torta e sem tratamento, havia até mesmo alguns sacos de juta pelo chão, abarrotados de ervas, grãos e mais lá o que fosse – com a escassa luz do lugar, não identificava.

No fundo da loja ficava uma mesa longa que servia de balcão. Atrás dela sentava um homem negro, de chapéu de palha desabado sobre os olhos brancos e fumando um cachimbo. O velho Tenório deveria ter passado dos oitenta anos, àquela altura, porém não havia mudado nada em relação ao dia em que se conheceram anos atrás – talvez estivesse mais magro. Continuava fumando a sua diamba no cachimbo e mantendo o olhar leitoso num horizonte que mais ninguém enxergava.

Feito boa parte dos cegos, Tenório foi capaz de sentir a sua presença, o que o fez atirar os olhos em Canto e Melo, como se o visse.

-Ôóré Yéyé ó! Achei que não vinha mais. – disse com um sotaque estranho.

Canto e Melo se arrepiou. Olhou para os lados. Imersos numa quase escuridão, afastada somente por um lampião pendurado no centro da loja, reparou que havia somente ele e o velho Tenório.

-Fala comigo?

-E quem mais seria? Vê mais alguém aqui, galego? – Canto e Melo balançou a cabeça – Ainda bem. – o rapaz desconfiou se o velho realmente era cego, mas Tenório nem dava tempo de inquirir o que fosse – Se visse alguém, diria que eram eguns. – e soltou uma risada mole.

-Eguns?

-Espíritos, meu filho. – o velho empurrou um saquinho sobre a mesa – Aqui está, o que você precisa. Basta fazer uma infusão com um punhado para ela beber e estará apaixonada por você assim que lhe ver.

A nuca de Canto e Melo se eriçou. Como ele sabia do que Canto e Melo precisava? Ele mesmo mal sabia o que era necessário!

O velho Tenório tinha uma aura de dar medo, daquela sapiência de outro mundo, de quem ouve e conversa com espíritos. Canto e Melo havia assistido a uma mesa girante em Paris e, ainda assim, tinha certeza que eram micro linhas que usavam para “estimular a resposta dos espíritos”.

Fosse o que fosse, não queria ver as velhas cordas de Tenório. Agradeceu e já teria tomado rumo se o velho não tivesse lhe chamado a atenção:

-O dinheiro! Não quer dar o calote nesse velho cego, não é mesmo?

-Não. – ficou sem-graça – Desculpe-me. – retirou algumas moedas do bolsinho do colete e se despediu, atravessando aquele corredor transformado em mata, serenando o corpo.

-Boa sorte, Roberto. Que você e Caetana sejam felizes!

O velho Tenório mantinha os olhos esbranquiçados no horizonte, soltando fumaça do seu cachimbo, num silêncio de sábio.

Uma sombra surgiu do meio dos potes e sacos, enfiada junto das ervas penduradas numa parede para secar, numa posição que não permitiria que Canto e Melo o tivesse avistado.

-Como sabia que ele vinha hoje? – perguntou a sombra.

-Intuição. A mesma que mandou chamar você, meu filho. – Tenório fumegava o cachimbo.

Ao senti-lo apagado, retirou as folhas queimadas com o mindinho e bateu com a peça na mesa, para soltar toda a diamba queimada.

-O que deu a ele?

-Ora, o que ele precisava: autoconfiança. Mas o que você precisa não tem remédio não. Você precisa aprender a perdoar, Estevão, senão, nunca será feliz.

A pessoa nas trevas bufou:

-Não posso perdoá-lo pelo que fez à minha mãe.

-Não falo só de seu pai. Falo de perdoar a si mesmo, também.

O homem de sombras soltou uma risada fraca, pouco convencida, e foi embora, ajeitando o seu chapéu vermelho escuro sobre os cabelos. Não ia escutar um velho maluco.

*

Canto e Melo tinha o saquinho de erva na mão, e um olhar descomposto pela noite, de quem não havia dormido. Pensara e repensara o que havia naquele saquinho e se seria correto dar o conteúdo à Caetana. Não que acreditasse num “herbarium mágico”, porém, o seu desespero para que a esposa o perdoasse e voltasse a amá-lo era maior ainda do que qualquer crendice ou questionamento. Era um “talvez”, “quem sabe”, bem melhor do que um nada.

Colocaria no chá que ela tomava pela manhã.

Foi para a cozinha – depois de tentar encontrar a maldita cozinha, enfiando-se em milhares de saletas, cada uma mais ousada do que a outra. A cozinha era igual a todas as outras, o que era um alívio para a visão. Não havia nus, não havia sexo, não havia nada senão uma cozinha bem equipada.

Ele nunca havia esquentado nada em sua vida, mas imaginava como seria

fazer uma infusão. **Panela! Sim, preciso de panela para esquentar água.** Foi à procura de uma panela para por no fogão à lenha, que nunca era totalmente apagado. Andou para um lado, mexendo numa bancada, andou para outro e quase tropeçou num pilão de pé, por fim, deu uma cabeçada num grupo de panelas de cobre penduradas em ganchos no teto. Tentou segurá-las para impedir que o barulho acordasse a casa.

Em vão. Tábuas rangendo ao som de passos o fez estremecer. Havia acordado Caetana? Como iria explicar o fato de estar aquela hora da noite na cozinha? Não importava o que falasse, ela não acreditaria. Ah, pela maneira que as coisas estavam, não poderia piorar. Ajeitou a postura, pos as mãos atrás das costas e ficou olhando para a porta. Ao menos, não iria parecer que havia sido pego em flagrante, fazendo algo errado.

Os passos ficavam mais audíveis, anunciando que a pessoa estava mais perto de entrar na cozinha. Canto e Melo respirou fundo, olhos atentos na porta.

Alguém surgiu de camisola e roupão, feito uma aparição saída das trevas do sepulcro.

Ele segurou a respiração.

Dava para ver, pela luz da vela que carregava, que a cara também estava fechada – de quem não gostava de ter o sono perturbado. A Sra.Cruz não estava nem um pouco feliz em se deparar com o senhor e também não se fazia surpresa. Era como se sempre esperasse uma atitude “errada” por parte dele.

Relutando com a parte profissional, a senhora perguntou, à contra gosto – pois havia sido tirada da sua cama no meio da noite – se ele precisava de alguma coisa.

Tentando se manter no controle, Canto e Melo disse que precisava de um chá. Àquela altura, não adiantava mais mentir. Iria falar o quê? Que havia se perdido no escuro? Era capaz dela achar que havia ido tentar se engraçar com alguma das criadas.

Ainda assim, a senhora não pareceu acreditar nele:

-Às 4:00 da manhã? – erguia uma sobrancelha.

-É para ver se consigo dormir. – não poderia contar TODA a verdade.

Fazia cara de criança que havia enfiado o dedo no bolo e agora escondia o seu erro. Canto e Melo não sabia explicar, mas havia nela muito da sua ex-governanta, aquela que adorava usar a palmatória. Num ato involuntário, sentiu o peso da madeira sobre os dedos e fechou a mão em reflexo.

-Me dê. – ela estendeu a mão a ele, fazendo-o ficar pálido; queria a sua mão para bater? – As ervas. – falava, impaciente – Eu faço o chá.

Não havia sorriso ou simpatia na voz da Sra.Cruz, porém o gesto havia sido compreensivo, o que deixara Canto e Melo transtornado – tanto quanto em ter

que ele mesmo fazer a infusão. Agradeceu num aceno de cabeça e foi para a sala de estar.

Arrancou a gravata, se desfez da casaca, retirou com cuidado o relógio de bolso – lembrança de seu pai, ganho quando atingira a maioridade – e atirou o colete e as roupas sobre o sofá.

Sentou-se numa poltrona diante de uma janela e abriu os primeiros botões da camisa, para ficar mais confortável. Ali ficou, a observar o mar noturno que mal se mexia dentro da baía. Preferia o mar aberto, o oceano, o movimento das ondas que poderiam levá-lo a qualquer lugar – e até afogá-lo, se a Mãe d'Água quisesse.

E nesse vai-e-vem, o barquinho do sono foi levando Canto e Melo longe-longe, flutuando sobre a maré do sono, até a voz de Caetana:

-Bom dia.

O barquinho virou e Canto e Melo caiu da cadeira, aos pés da amada. Soltou o ar engasgado, feito se tivesse engolido água. Tentou se acalmar do susto e levantou a cabeça para ela.

Caetana o mirava, triste. Por um lado, talvez tivesse acertado o que temia, por outro, estava triste por ter acertado. Ele estava desmazelado, sem casaca, colete ou gravata, e com a camisa aberta, barba por fazer e cabelos despenteados. Era a imagem de quem havia passado a noite fora, na farra e, possivelmente, por causa da bebedeira, havia se atirado no primeiro assento para dormir. Era decepcionante, no mínimo, apesar de esperado, por ser um devasso.

-Eu... – ele deu um pulo do chão, adivinhando aquele olhar dela – Eu posso... expli... eu não... não! Não saí. Sim, saí, – ela lhe deu as costas, o que o deixou ainda mais nervoso – ...mas não para beber... eu não... não... eu...

A Sra.Cruz apareceu na porta e impediu a passagem de Caetana.

Não havia confronto, porém, havia a urgência de explicar algo – que ela havia entre-escutado:

-O senhor retornou logo em seguida, minha senhora. Sou prova disso. Disse que não conseguia dormir e me pediu que fizesse um chá para ele. Pedi que me aguardasse na sala e, quando vim lhe trazer o chá, ele havia adormecido. Achei melhor deixá-lo ali, já que estava com dificuldades de dormir. Temia que acordá-lo fosse contraditório uma vez que não conseguia dormir.

Caetana empalideceu de vergonha. Havia condenado Canto e Melo antes mesmo de escutá-lo. *Que tipo de pessoa estou me tornando? Nunca fui ciumenta e, muito menos, possessiva.* O que ela não queria enxergar era que o seu medo de perder Canto e Melo, somado ao seu orgulho, estava condenando àquele amor ao ciúmes – e não poderia haver nada pior para aquela relação.

Tentando manter o controle das emoções, Caetana abriu um sorriso sem-

graça:

-Fez bem, Sra.Cruz. E quanto ao chá?

A senhora mexeu a cabeça na direção da xícara, próxima a poltrona em que ele dormia, ao lado do relógio de bolso.

-Está sobre a mesa. Mas já deve estar frio. Posso pedir que a cozinheira requente ou faça outro.

-Pode mandar fazer outro. – e Caetana agradeceu. Pelas suas costas, no entanto, o marido gesticulava para a Sra.Cruz que não o fizesse, o que deixou a criada sem reação. Caetana voltou-se para ele, fazendo-o parar a mímica imediatamente – Não sabia que gostava de chá?!

-Adoro. – fez uma careta, o que a deixou desconfiada. Ao ver que a governanta levava o chá, Canto e Melo gritou – Pode ser este mesmo!

Tanto a senhora quanto Caetana o miraram surpresas com a urgência em sua voz. Ela iria apenas fazer outro chá. O que havia de tão especial neste?

-Vou pedir que requente. – disse a senhora, antes de ir-se – Ah, achei que o senhor não se importaria e tomei o resto.

Maldição!

-Cla-claro. – ele fingiu um sorriso.

Sorte do Sr.Cruz! Isto é, se ela havia olhado para o S.Cruz primeiro... Ele gelou e a cabeça girou. Será que ela estava “agradável e o defendendo” por causa do chá? Será que a Sra.Cruz havia se apaixonado por ele? **Maldição dobrada!**

Desconfiando que havia algo errado com Canto e Melo e aquele chá, Caetana estendeu a mão para a Sra.Cruz e pediu a xícara. Cheirou o conteúdo, tentando decifrar o odor.

-É chá de quê?

Canto e Melo se desfez na palidez. Não tomava chá e sequer conseguia se recordar de um nome que fosse. **Inferno! Ela vai desconfiar que o chá não é para mim. Como vou explicar como consegui esse chá? E, pela maneira como a Sra.Cruz me olha, está certamente apaixonada por mim! Isso só irá atrapalhar a minha relação com Caetana... e a dela com o pobre Sr.Cruz. O que farei?**

-De... – tentava pensar em algo, mas nenhum nome vinha à mente. Sua mãe só tomava café, assim como boa parte da sua família.

Mais uma vez, a Sra.Cruz o socorreu:

-De jasmim.

-Amo chá de jasmim. – Caetana voltou-se para Canto e Melo. Todo o seu rosto havia se transformado em alegria, enchendo o coração dele – Como conseguiu? É tão difícil encontrar! Poderia fazer um pouco para mim, também?

-Infelizmente, acabou. – avisou a governanta.

-Acabou? Mas que raios! – vociferou o marido, fingindo estar chateado, e aproveitou o gancho lançado – Pode ficar com o meu.

-Não, pelo visto você gosta por demais de chá de jasmim.

Caetana quis lhe dar a xícara. Canto e Melo, que gesticulava numa educada recusa, não reparou e esbarrou na mão da esposa. Todo o chá foi derramado em sua camisa.

Ao notar o que havia acontecido, Caetana quis se esconder:

-Ah! Que desastrada sou! Você está bem?

-Por sorte não estava quente. – ele riu, evitando os olhares da Sra.Cruz para o seu peitoral.

A quantidade de chá havia sido o suficiente para grudar a camisa na pele, permitindo que se entresse alguns pelos sobre os músculos bem feitos, dando a ideia de uma nudez fortificadora.

A governanta achou apropriado que ele tirasse a camisa molhada. Ela mesma a levaria para lavar.

Sem qualquer pudor, Canto e Melo tirou a veste pela cabeça, revelando o corpo bem formado e uma leve penugem negra que por ele se espraiava, intensificada na altura dos peitos e descendo pelo ventre. Caetana segurou a respiração e tentou não olhar para ele. Era uma construção intrincada de caminhos musculosos, todos eles venais, que a levariam a um templo de Vênus – o que a deixava afogueada. Caetana desviou novamente o olhar. Era errado. *Muito errado*. E lindo! *E tentador*. Todo o seu corpo vibrava ao imaginar suas mãos resvalando aquele peitoral e o calor que sentiria se seus corpos se encontrassem. Corou, virando-se para a porta de entrada.

Notou que o Sr.Cruz estava parado aí, com uma sálvia de prata com duas cartas. Há quanto tempo ele estaria ali? Diante da comoção do chá, ninguém o havia visto entrar na sala e pigarrear a sua presença.

-Correspondência, senhora. – anunciou.

Aproveitando que Caetana pegava as cartas e analisava os remetentes, a Sra.Cruz saiu. Levava consigo a camisa de Canto e Melo e o rabicho de olho do velho marido.

Canto e Melo permaneceu no meio da sala de estar, sem a roupa e sem saber o que fazer. Teria subido para tomar um banho e se recompor, porém, ver a face de Caetana empalidecendo o fez mudar de ideia. Ela se esgueirou para o sofá, em automático, golpeada por algo.

-De quem são? – preocupou-se, indo para perto dela.

Caetana fechou os olhos e tentou não olhar para ele, já era bem difícil estar no mesmo ambiente, ainda mais agora, com aquele muralha de músculos diante

dela, um corpo de estátua grega, chamando o detalhe para a cicatriz de um ferimento no ombro, exalando um calor que podia sentir de onde estava. Procurou se concentrar apenas na correspondência.

-Uma é de mamãe e a outra de tia Escolástica. – pigarreou – Primeiro vou abrir a de mamãe. Deve ser importante. Ela nunca me escreve, a menos que seja uma emergência.

Os olhos amendoados foram mareando no vai e vem da leitura. Todo o seu corpo foi desaparecendo em si. Caetana desfalecia em silêncio.

Aturdido com aquela reação, Canto e Melo pensou o pior. Atirou-se de joelhos ao lado dela, tomou as suas mãos. Estavam frias. Assoprou-as e as esfregou e continuavam geladas. Seu olhar era perdido, parado em algum abismo da mente. Não queria que ela sofresse mais do que ele – **Idiota** – já a fazia sofrer.

Ao colocar as mãos dela contra o seu corpo quente, Caetana ergueu os olhos para ele. Havia sido imediato. O coração dele pulsava sob a pele calorosa num ritmo intenso, forte, cadenciado com o dela. Caetana retirou as mãos dele e abaixou o rosto, corroída por uma timidez que, em outra situação, teria feito ele rir.

-O que diz? Por que esta cara? – ele foi se sobressaltando segundo o silêncio dela – Caetana! O que foi? Alguém morreu?

-Amaia e Montenegro...

-Morreram?

-Não. – ela soltou um riso de alívio daqueles emocionados, o que o deixava confuso – Eles se casaram!

Abriu um sorriso tão sincero e meigo, que o marido ficou enciumado. Desde que se casaram, ela nunca mais abrira um sorriso daqueles para ele. Se foi o ciúme, ou outra coisa, Canto e Melo não deu intento, mas a reclamação, esta ele não deixaria de fazer:

-É, ela conseguiu enredá-lo direitinho.

-Enredá-lo? – Caetana limpou as lágrimas e levantou-se do sofá, afastando-se dele e ficando de costas – Amaia é perdidamente apaixonada por ele.

-É, mas não é o que as suas atitudes demonstravam... – ele se ergueu do chão – Estava tão determinada em salvar a fazenda e os escravos das dívidas que nem se importava com os sentimentos dele. Teria se casado com o primeiro que passasse, se lhe tivessem oferecido. Ah, um instante! E o doutor, que a largou pela irmã dela... – estalava os dedos para lembrar do nome da moça – ...a Cora?

-Em primeiro, Singeon não largou Amaia por Cora. – ela se virou e quase deu com o nariz no belo peitoral dele. Desconcertada, voltou para o sofá – Foi Amaia quem o largou porque sabia que ele ainda amava Cora e ela a ele. –

cruzou as mãos sobre as pernas e encarou um quadro numa parede. Podia sentir as bochechas pegando fogo e as pernas ansiosas, tremendo por debaixo das palmas suadas.

-E vai me dizer que é bom-caratismo tentar se casar com o pretendente da irmã?

Todo o corpo dela pausou. A ironia na voz dele, a fez mirá-lo enraivecida:

-Amaia estava desesperada, porque já nem tinha mais comida em casa. Era eu quem levava para ela ter o que comer. Ou Amaia se casava com Singeon, ou passava fome! E quando você afirma com tanta convicção que Amaia não se importava com os sentimentos de Montenegro, por favor, me esclareça se ele se importava com os dela quando a convidava para ir para a cama com ele em troca de ajudá-la? Será isso bom-caratismo? Para mim soa a um devasso! Um libertino! Se ele fosse tão apaixonado por ela, como você alega, por que não a ajudou desde o início?

Ela se assustou com a própria voz, como se nunca tivesse revelado a si mesma o que pensava de Montenegro até então.

E, da mesma forma que ela protegia Amaia, Canto e Melo tentava explicar as atitudes do amigo:

-Ele não sabia das dificuldades dela.

-Mas você sabia. Via quando eu ia levar comida para ela. Havia escutado os meus comentários de preocupação. Por que não contou a ele?

Canto e Melo deu um passo atrás. Era verdade. Mais de uma vez ele ouvira os problemas de Amaia, e evitava passá-los para que o amigo não se influenciasse e acabasse numa relação apenas para “salvar uma donzela em perigo” – bem ao estilo do que ele teria feito, se não amasse Caetana.

-Eu... eu não tinha certeza se ela gostaria de realmente se casar com ele por amor ou por dinheiro e tive que defender o meu amigo.

Os olhos amendoados dela marearam. Se antes Canto e Melo havia enxergado decepção, agora via a derrota de tudo o que ela acreditava ter visto nele.

-Que espécie de homem é você?

-Do tipo que protege aqueles que ama. Deveria já saber disso.

-A única coisa que sei é que você poderia ter destruído a felicidade da minha amiga e isso é imperdoável.

-Caetana, não exagere. Não estamos num folhetim. Achei que Amaia estava usando Montenegro, porque todos sabem que ele é muito rico e que ela estava desesperada precisando de dinheiro. Ele mesmo não sabia se ela gostava dele realmente ou se era apenas charme. Uma coisa você não pode negar: Amaia flertava com todos! E antes dos pais morrerem, antes de passar necessidade.

Qualquer homem ficaria receoso, principalmente alguém como Montenegro, cujo coração sempre esteve fechado.

Caetana soltou um longo suspiro. Não ia adiantar ficar discutindo quem fez certo ou errado. Canto e Melo defenderia Montenegro à medida que ela defenderia Amaia. Os dois, por fortuna, estavam casados e felizes e era isso que importava.

Ao que tudo indicava, os pensamentos do marido iam para o mesmo fim, só que de uma maneira um pouco menos piedosa:

-Já vi que não adianta continuarmos essa conversa. Você irá defender a sua amiga com unhas e dentes e eu defenderei o meu amigo com todas as minhas forças. Deixamos os dois felizes e continuemos com a nossa vida miserável.

-Miserável? – ela repetiu, querendo ter certeza de que era isso que ouvira.

-Por acaso acontece alguma coisa aqui que não seja você impor a sua vontade sobre a minha, Caetana?

Surpresa com toda aquela potência varonil, voz e fronte tensionadas, Caetana estremeceu. Quem era aquele homenzarrão que surgia diante de si? Era um Canto e Melo totalmente transformado! Sem os sorrisos tímidos ou os filosóficos silêncios e a maneira reverenciosa que escutava tudo o que ela dizia, concordando com ela. Poderia alegar que havia se casado com outro homem. Ainda tentando encontrar o poeta por quem havia se apaixonado, Caetana murmurava:

-Eu... eu não imponho nada... eu falo abertamente o que é a verdade.

Ah, isso já está ridículo! Estou fazendo papel de tolo!

Sem qualquer ademais, Canto e Melo saiu da sala, batendo a porta atrás de si.

Deixava Caetana perdida. Somente alguns minutos depois que ele saiu é que ela conseguiu respirar novamente e terminar de ler as cartas recebidas.

*

Havia duas possibilidades para Canto e Melo: fazer as malas e ir embora, ou tentar uma última vez conquistá-la.

Estava tão incomodado com o muro que ela havia construído ao seu redor, que queria era socar aquela barreira invisível, jogá-la por cima dos ombros e sumir com ela pelo mundo. Como não era um bárbaro, teria apenas que ler para se acalmar, por enquanto.

Após tomar banho, pos roupas limpas e sentou-se numa poltrona do seu quarto. Pretendia passar o dia ali, em busca de alguma paz. O que não durou nem quatro páginas.

Bateram na porta e, pela madeira, uma vozinha se fez:

-Preciso falar com você.

Era de Caetana. Vinha suave, calma, beirando a uma humildade que o fez derreter a raiva em segundos. **Maldição!** Ele ainda a amava demais para desistir. Mas ela não poderia saber disso. O seu lado bárbaro funcionava melhor do que o compreensivo. Seria melhor, então, manter a pose de cavernoso.

Ajeitou-se na poltrona, como fazia o Marquês – este sim, tinha uma maneira de sentar que era de arrepiar – e pos a mão na testa, encurvando-se sobre o livro no colo. Pigarreou antes de obter a voz mais assustadora que conseguiria:

-Pois fale.

-Posso entrar?

Canto e Melo se condeu. Ela parecia ter um fiapo de voz, o que quase o fez perder a pose. Mandou que entrasse. Ao ver que havia relaxado, ele se recolocou na posição, com a mão apoiando a testa e os olhos no livro. Por entre os dedos, viu Caetana entrar no quarto um pouco reticente, talvez arrependida da sua atitude anterior.

-Desculpe, não queria interromper a sua leitura.

Tentando segurar a ansiedade em pedir que ficasse, e manter o jeitão de quem pouco se importava com ela, Canto e Melo achou um entremeio:

-O que foi que aconteceu? – retirou a mão da testa, mas permaneceu sentado, com o livro no colo e as mãos cruzadas sobre ele – Você não entraria no meu quarto nem que estivesse em perigo. Deve ser algo grave.

-É, de certa maneira. – ela achou tê-lo visto estremecer – Recebi um convite de minha tia Escolástica. Ela irá dar um baile amanhã à noite e nos “convoca”.

-Convoca? – ele ergueu uma sobrancelha. Aquele termo era pouco usual para um convite.

-Sim, usou este termo. Disse que está muito magoada por estarmos na Corte e não termos ido visitá-la e que seremos sumariamente cortados do seu testamento se não formos. – ao reparar que nunca havia falado da tia para ele, rapidamente se explicou – Tia Escolástica é a irmã mais velha de papai. Ela nunca se casou. E nunca teve filhos.

-Não que uma coisa esteja diretamente ligada à outra, você sabe.

O olhar dele, ao falar esta frase, fez com que um calor corresse pela espinha de Caetana e explodisse no topo de sua cabeça, dando a sensação de que tivesse levado um golpe das ondas do mar. Obrigou-se a se controlar, apertando a saia da roupa:

-No caso de minha tia Escolástica, está milimetricamente colada uma coisa na outra. Ela é uma mulher muito pia. Seu apelido era Madre Superiora. Meu pai só confia nela porque foi ela quem o criou quando criança.

O coração pulava na ponta da língua, mas Canto e Melo tentava se manter

impassível. Retornou ao livro, fingindo dar descaso ao que ela havia ido fazer lá.

-Espero que se divirta na festa.

-Por favor. Preciso que você vá comigo. Certamente Caroline estará lá e não quero que ela me veja sem você.

O tom suplicante dela o fez se revirar por dentro. Queria correr até ela, abraçá-la, beijá-la, dizer que iria ao Inferno com ela, mas sabia que seria rechaçado de novo e, se sua paciência se esgotasse, não teria volta desta vez. Era melhor manter o controle da situação.

-Tem medo que ela morda? – fingiu uma risada, que soara estranha à Caetana.

-Era você quem a deveria temer. – ela pausou e aguardou ele fazer ou dizer mais alguma coisa. Canto e Melo nem se mexeu, concentrado no livro – Bem, pelo visto, terei de ir sozinha e arrumar alguma desculpa sobre a sua ausência.

E foi atravessando o quarto numa velocidade que fez Canto e Melo questionar se havia escutado o que ele havia dito antes dela fechar a porta:

-De preferência, algo digno.

Retirou o patuá de dentro do bolso do colete e o analisou:

-Chá, patuás... que Deus me proteja é de mim mesmo! – resumiu ele, atirando o patuá pela janela.

Capítulo 9

“Na valsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranqüila,
Serena,
Sem pena
De mim!”

(Casimiro de Abreu, *A valsa*)

Caetana queria sorrir, mas todo o seu corpo estava tensionado num choro aprisionado.

Ela havia perdido Canto e Melo. Para sempre! Ele não só não a acompanhara no baile da tia dela – era certo que falaria sobre isso, tanto a irmã de seu pai quanto Caroline – como nunca mencionara aquele ferimento em seu ombro. O que ela sabia sobre o marido? Nada! Apenas que era de Bananal, que estudou no Largo de São Francisco e que seus pais – que estavam no casamento – eram simpáticos, porém extremamente reservados. Haviam evitado ficar perto dos noivos ou da família Feitosa, fechando-se entre eles, como se entediados com aquela celebração.

Caetana, respira!

E bufou ao ver a cara de sua tia Escolástica, relembrando o motivo do apelido Madre Superiora.

Tia Escolástica não era tão velha como Canto e Melo teria suspeitado – se tivesse vindo! – Tinha menos de 50 anos, muito bem espreitados pelo corpo e postura de grande dama da sociedade. Os cabelos – estes sim, com algum resquício de idade – estavam sempre bem arrumados num penteado ostentoso, que muito lembrava os usados pela Imperatriz Sissi. A própria Escolástica, no passado, se parecia com a jovem Elizabeth da Áustria e tivera muitos admiradores. Porém, nunca quis se casar. Caetana não conhecia o motivo para tal e poderia levantar hipóteses, contudo, com quem? – se ele tivesse vindo!

A senhora, de roupas escuras e muitas jóias resplandecendo atirou um olhar duro para Caetana. Se antes a jovem queria chorar, agora ela tinha certeza – se ele tivesse vindo... – Era aquele olhar analítico, cruel, repleto de silenciosas críticas e de uma acidez que deixava o interlocutor nauseado.

-Achei que não queria mais me ver. – disse a tia, ao receber a sobrinha no vestíbulo de entrada de seu palacete em Santa Teresa.

-Por certo que não, titia. – Caetana não conseguia sorrir diante daquele

olhar afiado e tentou escapar, mas a senhora a segurava pelas mãos.

-E onde está o seu marido? Faço muito gosto em conhecê-lo.

Havia um brilho gélido em seu olhar, de quem tinha mais conhecimento do que poderia supor. A tia sabia! Todos já deveriam saber a esta hora que Caetana havia sido abandonada pelo marido. Caroline estava ali perto. Falava algo no ouvido do marido, olhando diretamente para Caetana. Era fato: todos sabiam! – ah, se ele tivesse vindo...

Os olhos marearam. A boca tremeu. Caetana não tinha por onde começar e explicar o que de fato estava se passando – no seu casamento e no seu coração. Deveria contar que ela era cabeça dura e ficara tão decepcionada e magoada ao descobrir que ele omitia coisas dela, que quis se afastar. Contudo, quanto mais ele provocava um encontro entre eles, mais ela ficava com medo de não resistir e se deixar levar por sua paixão e, mais adiante, decepcionar-se de novo com outra mentira ou omissão.

A tia ergueu uma sobrancelha. Se antes ela sabia, agora tinha certeza.

Nunca havia se sentido tão só, tão frágil, tão insegura!

-Ele... eu... nós... – gaguejava.

-Vai me conjugar os pronomes?

Era mais difícil explicar tudo tendo a senhora a lhe encarar.

-Eu... nós...

Iria usar a tática de Amaia e desmaiar? Seria uma boa oportunidade para fugir da situação. Por que havia vindo? Só para provar a Canto e Melo que não precisava dele? Ela precisava e muito! Era ele o seu esteio, a sua fortaleza, o seu amor. *Céus!* Uma lágrima foi escorrendo pelo rosto de Caetana, contornando a boca semi-sorridente e caiu na mão que conseguira retirar dentre as da tia. Como ela iria contar ali, diante dos convidados e de Caroline – que se aproximava com o marido à tira colo? Seu peito gritava: Fui abandonada! Mas ela não conseguia dizer isso senão que...

-Desculpe-me o atraso!

A voz de Canto e Melo bateu em Caetana como uma brisa amena que afasta o verão que lhe escalda a alma. Seu corpo parou de tremer e as lágrimas secaram, de imediato. Pode reabrir um sorriso e manter um olhar fixo no rosto confuso da tia.

Sem precisar voltar-se para trás, podia sentir a presença dele às suas costas, a imensidão do seu corpo, o calor que ele exalava debaixo da casaca do fraque. Estava segura porque ele havia vindo.

Com um rabicho de olho, Caetana notou que o marido de Caroline a puxava pelo braço, no sentido contrário, evitando que a esposa fosse falar com ela e Canto e Melo – o que, visivelmente, estava causando uma discussão entre eles.

Queria rir. Sim, poderia rir e rir. E teria rido alto ao ver a tia ficar mais flexível, sorridente, incorporando uma falsa simpatia diante da beleza de Canto e Melo:

-Ah, pois aqui está o galante marido!

Ele tomou a mão da senhora e beijou-a de uma maneira solícita – e tão séria, que o fazia ainda mais sensual.

-É um imenso prazer conhecê-la, senhora.

-Bonito e educado. – Caetana achou ter visto um sorriso bobo na tia – Muito bem escolhido, pelo que vejo. Pode me chamar de titia, se assim preferir. – e deu uma piscadela que deixou Canto e Melo perturbado.

Assentiu e, dobrando o braço para Caetana, ofereceu-lhe a sua companhia para entrarem no salão de baile.

O pousar da mão enluvada de Caetana sobre o seu antebraço fez com que Canto e Melo segurasse a respiração. Era a confirmação que ela o aceitava, o que o deixava mais tranquilo. Ainda havia alguma maneira de solucionar o problema entre eles: a questão era achar qual era.

Havia uma grande afluência de pessoas para uma sala transformada em salão de baile, o que os fez diminuir a distância de seus corpos. O braço desnudo dela resvalava em seu peito e sentiu-a por inteiro quando alguém passou com pressa, empurrando-a para o lado. Amparou-a numa rapidez que ele mesmo se impressionou. Ela segurava em seus braços, como se tateando os músculos por debaixo da roupa formal. Os olhos, no entanto, estavam fixos nos dele, com uma película de assombro pelo susto de quase ter caído no chão. Ela nem deveria estar notando que o acariciava.

O coração de Canto e Melo batia tão forte que nem pode escutar a melodia tocada pela orquestra. E achou que seria pressionado para fora quando ela corou e afastou-se, ajeitando o seu vestido verde claro.

-Você está linda.

Caetana ficou ainda mais vermelha ao ver aqueles olhos brilhantes resvalando a sua pele com admiração, correndo o tecido fino do seu traje simples de baile. Olhos nos olhos e as pernas dela bambearam.

Era preciso falar algo para evitar soar nervosa diante dele. Pois, disse-lhe a primeira coisa à cabeça:

-Este fraque cai muito bem em você também.

-Oh, esta coisa velha? – ele ergueu as sobrancelhas, imitando uma juvenzinha – Achei no armário.

-Nunca diria. – e mordeu o sorriso ao entender que ele fazia aquilo para ela não se sentir constrangida – Seja como for, você está lindo.

-Oh, por favor,... – pos a mão na frente do peito e revirou os olhos – ...não brinque com este pobre coraçãozinho.

-Nunca ousaria. – ela estendeu a mão a ele – Dar-me-ia a honra de uma contradança?

Canto e Melo paralisou. Não esperava que ela fosse convidá-lo para dançar. Achava que estavam somente nos termos da brincadeira quando inverteram os papéis. Pigarreou, ajeitou o fraque e abriu um sorriso tímido:

-Com todo o prazer do mundo. – e entregou a sua imensa mão a ela.

De mãos dadas, firmes e unidas, foram para o meio da pista de dança. Não se soltaram até precisarem se distanciar para se posicionarem para a quadrilha.

No primeiro rodopio, em que seus braços e mãos se encontraram, Caetana aproveitou para lhe agradecer, porém, foi só depois da troca de pares, quando seus corpos se tocaram de novo para um enlaçamento, é que ele pode perguntar o porquê da gratidão. “Por ter aceitado dançar com você? De nada.”, retrucou, afastando-se dela, e rindo. Num vai e vem, Caetana não conseguiu completar a ideia. Teve de esperar que viesse a vez dele tomá-la pela cintura e darem uma volta no salão, o que demoraria tempo suficiente para ela poder se explicar: “Não, por ter vindo ao baile. Eu não suportaria o que poderiam falar de nós se eu tivesse vindo sozinha.” Os dedos dele apertaram a sua cintura: “E o que poderiam falar?” “Que estamos separados.”, e ela se afastou em nova volta, dando um giro com o par ao lado. Mais alguns passos. Canto e Melo queria poder discutir sobre a expressão “estar separado”, porém, veio a parte em que dois pares dançavam em ronda e ficavam trocando os parceiros até que cada um foi para um pólo da pista e terminou a dança numa reverência.

No meio do movimento, seus olhos se encontraram e Canto e Melo aproveitou que a esposa estava paralisada pela intensidade do seu olhar para perguntar:

-E estamos separados, Caetana?

Ela não se mexeu, incapaz de fugir daquele azul.

As memórias da primeira dança, numa festa dos Mesquita, a fez suar frio. Eles nunca haviam se tocado antes e tinham os braços entrelaçados para a valsa. Nunca havia estado tão próxima a um homem daquela maneira, a sentir o seu busto pressionado contra o peitoral dele, o hálito em seu rosto e as palavras de uma poesia tão perto. Havia sido tão encantador quanto neste momento.

-Maldito! – ele vociferou, rompendo com a recordação dela.

De quem Canto e Melo falava? O rosto tenso dele mostrava que havia avistado alguém por cima do ombro dela. Ele pediu licença e foi num passo apressado para perto de uma das portas que desembocavam na varanda.

Caetana restara, recolhendo a confusão em si mesma. Afastou-se da pista de dança e foi para a outra ponta do salão, de onde poderia enxergar a porta da varanda. Aguardaria por ele – e quem quer que fosse que ele buscava – ali. Tão

ansiosa estava, apertando as saias do vestido, que não percebeu uma senhora que dela se aproximava com um sorriso inebriante.

-Olá!

Era uma mulher de uma beleza que Caetana nunca supôs encontrar, nem em Amaia – que era tida como uma beldade vassourense. De altura mediana, tinha porte de rainha e gestos de bailarina. A maneira como conduzia o leque de madrepérola, a pose ereta em que estava, a articulação bem delineada das palavras, assemelhava a um encanto digno dos palcos de *Sonhos de uma Noite de Verão*. Ademais das roupas de fios de ouro, das jóias que dariam inveja a qualquer uma, ela tinha uma luzidia pele negra que chamava a atenção tanto quanto qualquer diamante que usava. E o seu sorriso, bem, seu sorriso era a extensão do seu olhar simpático – porém, analítico.

-Você deve ser Caetana, a sobrinha de Escolástica?! – deduzia a bela senhora negra.

-Sim, sou eu. Desculpe-me a falta de educação: quem é a senhora?

-Benedita Albuquerque Damaso. – fechou o leque e fortaleceu o sorriso ao ver que Caetana havia ficado acanhada com o tom ríspido de suas palavras – Oh, mas não vamos entrar nessas formalidades. Pode me chamar de Benedita. Afinal, sou muito amiga da sua tia. Desde priscas eras. – riu como se tivessem lhe contado uma piada ao pé de ouvido – Vi que estava acompanhada do Sr.Canto e Melo. Conhece ele?

Canto e Melo, sempre era dele que as mulheres queriam saber!

Aquilo já estava ficando intratável. Caetana fechou a cara para responder no ápice do orgulho:

-Sou a esposa dele.

-Não poderia ter deduzido menos. – a mulher não se mostrava nem um pouco constrangida, ao contrário, parecia bem segura ao afirmar que havia deduzido isso – Pela maneira como ele a olha, que mulher poderia não se sentir apaixonada?!

Caetana não era do tipo que falava das suas intimidades, muito menos dos seus sentimentos, com pessoas estranhas, por mais simpáticas que fossem.

-Com licença, Sra.Benedita, mas acho que minha vida de casada...

-Não quero perturbá-la, Sra.Canto e Melo, – interrompeu-a antes que fizesse alguma grosseria – Muito menos, constrangê-la. Quero apenas conhecê-la melhor. – e reabriu o seu leque ao notar olhar de Caroline para cima de ambas – Aceitaria vir tomar um café no meu sítio?

Aquilo era estranho. Absurdamente estranho. Por que uma mulher desconhecida iria querer conhecê-la, tendo se mostrado prontamente interessada em seu marido?

Só havia uma maneira educada de recusar:

-Teria de perguntar ao meu marido.

-Ora, e por quê? – fechou o leque – Ele não me parece do tipo que manda na senhora, e nem a senhora parece do tipo que pede permissão. – havia um tom de zombaria em seu sorriso, o que deixou Caetana vexada.

-Sra.Damasceno, por favor, diga-me, o que tanto quer me falar e fica rodeando desta maneira?

-Direta! Gosto disso... – e a estudou em silêncio, incapaz de parar de sorrir – Ah, aí vem o seu esposo! – abriu o leque e caprichou no sorriso para receptionar o belo rapaz – Ah, Sr.Canto e Melo, não poderia ter se casado com melhor pessoa! Sua esposa é um anjo!

Aproveitando que ele se achegava, Caetana mirou-o para ver qual seria a primeira reação em relação àquela mulher. Se a conhecia ou não. Nada! Canto e Melo nem piscara, conhecendo ou não.

Respondeu ao comentário bem-humorado, quase gracejando, o que seria normal dele fazer com quem fosse:

-Eu vivo nos céus ao lado dela.

D.Benedita assentiu e os mirou por alguns segundos antes de se despedir e desaparecer nas portas que davam para outra sala.

Canto e Melo a deixou se afastar o suficiente para perguntar quem era, o que deixou Caetana confusa:

-Você não a conhece?!

Balançou a cabeça na negativa.

-Era a D.Benedita Albuquerque Damaso. – e parou para estudá-lo com mais cautela.

-Ela?! – ergueu as sobrancelhas.

-Conhece, então?

-De nome e fama! – ao ver incompreensão no rosto da esposa, explicou – Casou-se com o falecido Conselheiro Damaso, homem riquíssimo, amigo íntimo do Imperador. Foi um escândalo, na época. Ela era uma escrava. Dizem que ele pagou uma fortuna para a senhora dela vendê-la para ele para poderem se casar.

-Que horror! Comprada pelo marido! – vociferava, aumentando o tom enquanto ia falando – Acho desumano a maneira como tratam os escravos. Acho a escravidão em si um ato desumano, amoral, que deveria ser extirpado da sociedade imediatamente. Não se pode ser dono de outro ser humano. – calou-se ao ver que outras pessoas a olhavam, cochichando entre si.

Já ele a encarava com tanto prazer, tanto resplendor, como se uma santa fosse, que Caetana teve medo de cair daquele pedestal que ele a colocava. Era muito mais difícil se manter ali do que ser elevada.

Por detrás do olhar de admirador, no entanto, havia mais que ela nem poderia supor. Muito mais. **Eu quero tanto poder falar a verdade, sobre o Clube, sobre quem é o seu pai, mas ela nunca vai acreditar, não vai aceitar, não agora que só me enxerga como um mentiroso.** Tentando não aparentar imbecilidade, Canto e Melo pigarreou e colocou o dedo no bolso do colete branco e modulou o peso de uma perna para a outra:

-Diga-me, o que essa senhora queria?

Seria melhor que Caetana não falasse nada, por enquanto, até ter certeza que ambos não se conheciam. Infelizmente, uma sombra de dúvida se fazia sobre tudo o que o marido lhe dizia.

-Perguntar-me do meu vestido. Se o fiz aqui na Corte. E você estava atrás de quem? – franziu o cenho.

Aquela pergunta o fez se recordar de que deveria estar procurando pelo safado do Estevão.

-Achei que tinha visto o Estevão. – explicou a ela enquanto seus olhos iam percorrendo rosto por rosto do salão de baile.

-O dono da casa em que estamos hospedados?

-O próprio. – seus olhos não paravam, perseguindo as pessoas, o que deixava Caetana ainda mais apreensiva.

-A Sra.Cruz me disse que ele estava viajando. E ela não me parece uma pessoa que mentiria.

-Foi o que me disseram, mas, se tratando dele, pode ser uma mentira. – e a encarou – Nunca sabemos o que é verdade ou mentira quando se trata dele.

Ela estremeceu e aguardou que a boca seca desgrudasse para que pudesse lhe perguntar mais sobre o tal Estevão. Ela mesma adoraria dar um tapa bem dado nele após colocá-los naquela casa.

-E o por quê disso? Por que ele age assim?

-Esta é uma longa história. – suspirou, achando que poderia ter se equivocado e apenas visto alguém parecido.

Deparou-se com Caetana e seus imensos olhos amendoados fixos nele, aguardando uma resposta. Não era nem tempo, nem momento dele contar – e nem se sentiria muito confortável em entrar em detalhes sobre o que sabia da vida turbulenta de Estevão Silva de Castro.

-Beto Canto!

A sorte acenava para eles. Não exatamente a sorte, mas um rapaz com um copo de refresco à tira-colo que interrompia aquela conversa. O jovem de vinte e poucos anos tinha os cabelos castanhos anelados como os de um anjinho e olhos escuros com ar de pidões, feito um cãozinho comportado, daqueles que dava vontade de ter no colo e acarinhar. Havia um ar de leveza e serenidade que

deixava as pessoas mais confortáveis quando conversavam com ele e Caetana pode perceber isso logo que Canto e Melo a apresentou.

-Euzébio! Como vai? Nunca pensei encontrá-lo aqui?!

-Os estudantes de Medicina também têm uma vida social, por mais esporádica que seja. – ria.

-Deixe-me apresentá-los. Caetana, este é meu amigo, o futuro Dr.Euzébio Ribas.

-Finalmente conheço algum amigo de meu marido que não seja o Sr. Montenegro. Estava começando a me preocupar...

-E deveria. Ter Montenegro como amigo é preocupante. – brincou o estudante de Medicina.

Havia uma simpatia tão natural e informal e uma aura de confiança e honestidade em torno de Euzébio, que Caetana já o tinha como um amigo.

-Não tanto quanto ter Estevão como melhor amigo. – retrucou Canto e Melo, mordendo o riso.

-Ele não é tão ruim quanto parece... – defendeu Euzébio, soltando um olhar por cima da borda do seu refresco.

-Não, ele não é ruim. Ele é perturbado.

-Eu acho que o termo correto seria: diferente.

-Doidivanas.

-Tolo. – mais um gole de refresco.

-Idiota.

-Difícil.

-Irritante.

-Rebelde.

Para terminar com aquele dueto de adjetivos, Caetana pontuou:

-Acho que já entendemos quem é o Sr.Estevão.

Canto e Melo aproveitou para testar Euzébio – melhor amigo de infância de Estevão e o único que o tolerava por tanto tempo – e ver o que colheria.

-Eu o vi aqui, o Estevão.

-Aqui? – Euzébio fez uma careta e deu um gole logo após comentar, levantando as sobrancelhas – Que inusitado!

Num olhar, Canto e Melo concluiu a verdade através do desconforto do outro:

-Ele estava aqui mesmo! Não estou vendo coisas. Você nunca foi um bom mentiroso.

Euzébio deu com os ombros.

Caetana, cansada da obsessão que Estevão começava a se tornar, preferiu desfilar os olhos nos arredores e ver se havia mais algum conhecido que deveria

cumprimentar, antes que fosse considerada mal-educada. De longe, reparou que sua tia a fuzilava com o olhar. Achou melhor ir até ela e ver do que se tratava.

-Vejo que minha tia acena para que vá falar com ela. Com licença. Foi um prazer, Dr.Euzébio.

-O prazer foi todo meu, D.Caetana.

E ela se distanciou, indo para junto da tia e deixando-os a sós por alguns instantes. Canto e Melo aproveitaria que a esposa estava “entretida” com a tia para avisar a Euzébio:

-Benedita está rodeando Caetana. Acho que quer saber do clube. – sussurrava, com os olhos buscando se poderiam escutá-los.

-Ela foi visitar o Marquês no clube semana passada. – disse, entre goles de refresco.

Canto e Melo virou-se para ele, surpreso:

-Deixaram-na entrar?

-Não, André arrumou uma desculpa. Não confio nela. Está tentando chegar ao clube de qualquer jeito, rodeando cada devasso como pode.

E terminou o refresco assim que deles se acercou outro conhecido, este de olhar grave e cabeça baixa. Os olhos claros estavam sombreados por noites mal dormidas e havia um peso em seu andar, que o fazia de um morto-vivo daqueles das histórias da revista *Penny Dreadful*.

-Boa noite. – disse, enfatizado que não estava bem.

-Que cara é esta, Felipe? – estranhava Euzébio – Quem morreu?

Felipe lançou-lhe um olhar triste:

-A minha mãe.

-Está... está a brincar?!

-Não.

Não havia sequer uma gota de gracejo no que dizia ou na sua expressão. Nada que pudesse fazer com que desconfiassem que fosse uma mentira, tal qual as que Estevão pregava. Imediatamente, ambos se retificaram, dando os pêsames. Nenhum dos dois sabia da morte da Condessa, o que os deixara vexados.

Felipe, mergulhado na melancolia, explicou que fazia alguns meses – o que explicava o seu sumiço das rodas sociais e das reuniões no Clube dos Devassos.

Canto e Melo, que não era uma pessoa muito atenta aos meandros sociais, quis saber se o amigo não estava de luto, pois não deveria frequentar uma festa antes dos seis meses do luto fechado. Apesar de que, se tratando de Felipe, era possível que este luto durasse a vida toda.

-Tentei, mas Caroline não permitiu. – explicou, largando um olhar arrastado para as pessoas que passavam por eles.

-Caroline? Que Caroline?

-Caroline D'Avis. Irmã do Duque de Olivais. – Euzébio colocou o copo de refresco vazio sobre uma bandeja volante e se serviu de outro – É apaixonada por Felipe desde sempre.

-Pobre italiano... – murmurou Canto e Melo, balançando a cabeça, ao se lembrar do marido acessório.

-Ele tem das suas também. – comentava Felipe, beirando ao rancor – É um acordo entre eles. Vivem de aparências, apenas, um casamento de conveniências. Debaixo do mesmo teto, cada um tem a sua vida particular, mas para os outros, são um casal como outro qualquer.

Havia um tom de crítica em Felipe, que era afirmada pela expressão de Euzébio, que deixara Canto e Melo consternado. Se soubessem que o seu casamento também era de aparências, ficariam como?

Não teve muito tempo de pensar nisso. Caroline talvez tivesse se sentido convidada quando Canto e Melo lançou um olhar para o marido dela – que limpava o monóculo para esconder os bocejos de tédio. Ela se intrometeu entre eles, com o seu sorriso e um decote que era acentuado pelo vai-e-vem de um leque de plumas:

-Ora-ora, se não é a reunião mais galante desta festa! Três dos mais adoráveis candidatos desta Corte!

Euzébio não entendendo o termo, quis saber que espécie de candidato ela estava falando, o que a deixou perplexa:

-Candidato a quê?! A casar! Em que outra coisa uma mulher pensa?

Felipe, que havia se tensionado e fechado ainda mais a cara desde que ela se aproximara, respondeu a ela beirando ao estúpido:

-Posso listar várias.

Outras mulheres poderiam ter se ofendido, menos Caroline. Ela não era tola em arrumar confusão com o primo da Princesa Isabel.

-Felipe e o seu bom humor! – fechou o leque e empinou os peitos, sorrindo para ele – Achei que a festa faria bem a você. – cantarolava, passando a mão sobre o colarinho do seu fraque, como se o ajeitando.

-Pois se enganou. – tendo dito isso, Felipe se foi, largando um lastro de tensão.

Para não parecer abalada, Caroline abriu o leque e voltou a se abanar:

-Hah, ele faz isso só porque acho charmoso.

Euzébio, que há alguns anos desconfiava que poderia haver, ou ter havido, algo entre Felipe e Caroline, achou mais apropriado perguntar pelo irmão dela, o Duque de Olivais – pois era outro que havia sumido do clube.

Ela revirou os olhos. Não agüentava mais que lhe perguntassem de

Guilherme. Parecia que somente o seu irmão era de interesse do Universo.

-Em Portugal, resolvendo alguma coisa de propriedades, acho. Pouco me importa o que Guilherme faz. Hah! – abanava-se mais rápido – Prefiro saber o que os amigos dele fazem... Onde você e Caetana se conheceram, mesmo?

O jovem estudante de Medicina, cujos estudos tomavam a maior parte do seu tempo, questionou se os dois se conheciam. Não lembrava de Canto e Melo conhecer o duque e, conseqüentemente, Caroline. E só havia conversado com Felipe algumas vezes no clube, nas aulas de esgrima, e nenhuma consistente o suficiente para que tivessem alguma intimidade – até porque Felipe era extremamente reservado, assim evitando interesseiros que poderiam se aproximar dele para chegar à família imperial. Euzébio, que burro não era, questionou até que ponto eles “se conheciam”, pois Caroline parecia “conhecer” muita gente.

-E quanto a vocês, Caroline, se conhecem de onde?

-O mundo é menor do que imagináramos. O Sr.Canto e Melo, posso chamá-lo de Robertinho, não é?! Bem, Robertinho se casou com uma grande e querida amiga de Vassouras. E cadê a sua adorável esposa? Achei que estaria aqui, agarrada a você. Se você fosse casado comigo, eu não o deixaria solto por um segundo sequer.

Caroline virou-se quando a cutucaram no ombro.

Era Caetana com uma expressão de poucos amigos, apesar do sorriso:

-Não deixei. Mas, pelo visto, o seu está sozinho e procurando por você. – apontou o italiano, acenando para ela, do outro lado do salão.

-Ah, *amore mio!* – acenou com o leque. Estendeu a mão para ambos os cavalheiros, despediu-se com um beijo na face de Caetana e se foi – *Arrivederci!*

-*Ciao!* – retrucou Canto e Melo, levando um cutucão nas costelas de Caetana – Ai! O que foi que fiz?

-Não a suporto. – sussurrou a esposa, com os olhos pregados no ódio, analisando Caroline de longe, a discutir com o marido, que a puxava pelo cotovelo para outra sala – Não depois do que ela fez com Amaia.

-E o que ela fez com Amaia?

Achando inapropriado ouvir a história dos outros, e nem um pouco afoito a fofocas de quem nem conhecia, Euzébio se retirou com uma desculpa esfarrapada:

-Vou pegar uma bebida, se me dão licença. – e se foi, levando o copo cheio consigo.

Atiçada pela rememoração de todas as mentiras levantadas por Caroline, que via em Amaia uma concorrente, Caetana foi se irritando só em contar:

-Foi ela quem começou a espalhar os boatos de que Amaia era flerteira. E

também foi ela quem gerou a intriga que causou o duelo entre os rapazes por Amaia. É uma cobra. É preciso tomar muito cuidado com ela e com o seu veneno.

Aquilo lhe fazia mal. Caroline lhe fazia mal. Era como a prova de que não existia Justiça no mundo, por mais que Caetana quisesse acreditar que, no final, os bons seriam felizes e os maus punidos.

Caetana pediu licença. Seus olhos se enchiam de rancor e ela não conseguia mais segurar o desprazer em estar em um mesmo ambiente com Caroline. Ao menos, Amaia havia “ganhado” algo com a situação do duelo: a capacidade de enxergar os erros da escravidão. Era acordado entre ambas o mal e o sofrimento que aquilo era. Divergiam na maneira de lidar. Caetana achava que a única coisa que poderia fazer era não ter escravos e tratar bem o dos outros. Já Amaia acreditava que a questão se resolvia libertando todos, fosse através de alforrias ou de fugas. Não que Caetana não quisesse isso, porém, acreditava que era temerário e que as pessoas é que deveriam se conscientizar do erro e libertarem os próprios escravos. De que adiantaria fugir se seriam perseguidos? Devia-se mudar o sistema através da conscientização.

Andando pela festa, Caetana ia tendo mais convicção dos seus ideais. Via os escravizados em roupas bem postas, carregando bandejas, circulando entre a gente rica, como se fossem invisíveis. Ninguém parecia se importar com eles, ainda que toda aquela sociedade só funcionasse por causa deles, uma engrenagem por detrás das aparências.

Tentou interceder quando um escravizado recebeu uma cotovelada e deixou cair taças de cristal em seus pés descalços. Enquanto seus dedos negros sangravam, as pessoas ao redor estavam preocupadas com a champagne que havia respingado no vestido de seda de uma senhora.

Caetana, junto a um outro escravizado, apoiaram o negro ferido para ajudá-lo a “sumir” dos olhos dos convidados, antes que levasse uma chicotada por ter “derramado do seu sangue” no chão recém-polido.

Tão preocupada estava em prestar os primeiros socorros, que não se viu sendo observada. D.Benedita, vertendo uma taça de vinho, tinha os olhos cravados nela e um interesse que não escapava a sua expressão e nem ao sorriso ardiloso de quem tinha um plano em mente.

Capítulo 10

“Escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível.
Fixava vertigens.
Criei todas as festas, todos os triunfos, todos os dramas.
Tentei inventar novas flores, novos astros, novas carnes, novos idiomas.”
(Rimbaud)

Levaram o escravizado para a cozinha, atizada pelas bandejas de comida e bebida que iam passando volantes por eles. Desviando-se da correria, Caetana e o outro colocaram o ferido num banco, no canto.

-Pegue um pano limpo e água. Precisamos limpar o ferimento para ver se o corte foi profundo.

Não demorou para que tivesse tudo à mão.

Quanto mais água Caetana ia vertendo sobre o ferimento, mais o homem se contorcia e mais sangue surgia. Por mais que enxugasse com o pano, mais parecia brotar. Não via nenhum caco de vidro, o que era sinal de que não deveria ter sido muito profundo.

-Tem muito sangue! – dizia o escravo, pálido diante do medo de perder o pé.

Era possível que tivesse pego alguma veia, ou pior. Tentando manter a calma e pensar, ela ordenou que fossem até a sala e chamasse pelo Sr.Canto e Melo e pedissem a ele que trouxesse o Dr.Euzébio.

O escravizado que a havia ajudado, estava parado, ainda atordoado com o sangue que ia pintando a cozinha e com a cozinheira, agitada, gritando que teriam que limpar aquela bagunça, que não ia servir comida com gosto de sangue.

Caetana achou melhor estancar o corte. Pegou o pano e o enrolou bem firme no pé. O apertou e o escravizado ferido zuniu de dor.

Será que há algum caco interno? Rezando uma Ave-Maria, ia segurando o ferimento para estancar o sangue, sem se dar conta de que o seu vestido era tingido de vermelho.

Euzébio surgiu na cozinha e pos-se de joelho ao lado do homem.

O ferido estava muito pálido, entre desmaiar e ficar desperto, o que o fez analisar o pulso. Ainda batia, mas estava fraco. Mandou que o deitassem e erguessem o pé acima da altura da cabeça.

A cozinheira, que começava a se preocupar com a situação, selecionou dois ajudantes, que levaram o ferido para uma esteira num canto. Deitaram-no e colocaram o pé sobre um banquinho.

Pedindo um candeeiro, para analisar o corte, Euzébio tirou a bandagem.

Cutucou o entorno e estudou o grau de profundidade. Pediu uma faca limpa e que a embebessem em álcool para desinfetá-la. Caetana pegou uma garrafa de champagne sobre uma mesa e verteu metade do líquido sobre a lâmina. O médico pediu a bebida, deu um gole, e depois passou ao ferido, que deu um longo gole.

Com precisão, Euzébio cutucou o ferimento e retirou um imenso pedaço de vidro que havia dentro. Houve certa dificuldade e teria sido mais fácil se estivesse com os seus instrumentos. A face de alívio no escravizado foi prova de que não teriam mais estilhaços lhe cortando por dentro. Então, limpou o ferimento jogando o final da champagne e o escravizado, num grito ardido, apagou.

Aproveitando que havia desmaiado, Euzébio pediu que costurassem o ferimento e deu todas as indicações que o moribundo precisaria ter para melhorar. Entre elas o descanso, o que fez a cozinheira soltar um muxoxo – ela bem sabia que não deixariam um escravo descansar, nem no leito de morte.

Uma escravizada trouxe um kit de costura e Caetana tomou para si a tarefa de dar pontos tal como Euzébio havia explicado. Colocou o pé sobre o seu colo e, sentada no banquinho baixo, ia com tanta delicadeza e determinação, sem qualquer nojo, cerzindo a pele.

-Parabéns, D.Caetana. Outras senhoras teriam desmaiado. – comentava Euzébio, impressionado com a perícia e dedicação com aquele escravizado.

Poucos teriam coração para lidar com eles de maneira tão humana. A escravidão parecia ter feito esquecerem que eram seres humanos, iguais aos outros, que pensavam, tinham sentimentos e que não mereciam estar acorrentados ao medo da chibata.

-Não posso deixar de ajudar. – respondia ela, finalizando o serviço com um nó e cortando a linha com uma tesoura.

-A senhora daria uma excelente enfermeira.

Caetana agradeceu num aceno de cabeça e aceitou a mão que ele lhe estendida para que conseguisse se levantar do banquinho.

Euzébio atentou que ela havia manchado parte da saia do vestido. Porém, Caetana nem deu caso. Lavando as mãos numa tina d'água próxima, ela perguntou onde estava Canto e Melo e por que ele não havia vindo junto, uma vez que o mandara chamar.

-Não vi seu marido. Eu havia visto a cena e demorei porque me perdi por entre as alcovas desta casa. São muitas, como num labirinto sem saída.

-Talvez esta tenha sido a ideia de minha tia: aprisionar os seus interesses.

-Como?

Tentando formular um sorriso, Caetana agradeceu e saiu da cozinha.

Onde ele se meteu? Um homem de 1,90m de altura não deveria ser difícil de enxergar. Ele sempre ultrapassava as cabecinhas numa multidão.

Não o viu em volta da pista de dança, nem dançando, nem junto da mesa de comes e bebes e não o achou na varanda. Estaria atrás do tal Estevão? Se ela mesma o visse, era possível que lhe pisasse o pé de raiva.

Foi então que **O** viu. Num canto. Olhando para os lados. Buscando algo. Tinha dois copos de bebida na mão e uma expressão de perda por debaixo do monóculo. Se o italiano estava procurando por Caroline, isso era um sinal de perigo.

Caetana parou para pensar e concluiu que haveria um lugar que somente Caroline poderia ter levado Canto e Melo: uma saleta que ficava próxima a sala de estar. Apenas quem conhecia a casa, saberia daquela alcova cuja porta era disfarçada como o restante da parede.

Para lá foi, pisando o fogo do Inferno, lançando labaredas capazes de queimar quem estivesse próximo. E não se deu por satisfeita apenas empurrando a porta, como vociferando:

-O que está acontecendo aqui?

A escuridão foi se desfazendo com a luz que entrava pela porta atrás dela, o que permitiu que Caetana notasse apenas dois corpos entrelaçados sobre um sofazinho. Eles pararam os movimentos e ficaram em silêncio aguardando que as sombras do ambiente os camuflassem.

Irritada, e com os olhos vermelhos de prender as lágrimas, Caetana aproximou-se dos amantes e puxou Caroline de cima do homem, pelos cabelos.

A mulher, tentando coordenar os movimentos para não cair no chão e segurar as suas roupas, tinha a voz fraca, quase inaudível pelo susto:

-Nós estamos...

-Esta foi uma pergunta retórica. Eu sei muito bem o que está acontecendo aqui. Você está se jogando em cima DO MEU MARIDO e eu não vou tolerar isso... sua... sua... ...SUA RAMEIRA! – trincou os dentes.

Aquele palavrão saíra sem querer, mas Caetana sentiu-se satisfeita em pronunciá-lo – quase orgulhosa, na verdade. E Canto e Melo que esperasse o que ela estava guardando para ele. Como pode ser tão fraco, tão cruel, tão baixo em traí-la e, justamente, com alguém que ela abominava?! Oh, não sabia o que era pior: ser traída ou ver Caroline debaixo de Canto e Melo – por cima, para ser mais exata. Ia arrancar a pele dele, diante de todos, ainda que odiasse escândalos. Contudo, a sua raiva era maior do que a sua vergonha e, desta vez, Caetana estava cansada de se controlar e aceitar que todos fizessem o que bem entendessem e ela tivesse que aceitar tudo e calada.

-E quanto ao senhor... – balançava o dedo riste – ...me fez acreditar que me

amava! Que eu podia confiar no meu marido. Que espécie de marido é o senhor?!

O homem, que até então estava nas sombras, tentando recolocar as calças, estranhou o seu discurso:

-Marido?

Aquela palavrinha pronunciada foi o suficiente para Caetana paralisar.

A garganta secou. Deu um passo atrás. A voz não era de Canto e Melo. Arregalou os olhos e corou. Ainda bem que estava contra a luz e não poderiam ver a sua expressão de vergonha. Principalmente Caroline, que terminava de por a roupa no lugar e lhe lançava um olhar que a estrangulava mentalmente.

Quando a sombra do homem se ergueu, notou-o baixo e magro.

Ele deu alguns passos e, diante da luz, ela teve a confirmação:

-Oh! O senhor não é o meu marido!

Cortando-a com um olhar que ela não se sentia segura, o homem balançava a cabeça:

-Não, não sou. – lambeu os dedos, terminando de sorver algum néctar – Mas se quiser... – rodeou-a, faminto pelo apetite que havia sido aberto – Eu posso ajudar com isso e acabar com o seu ciúmes... – passou o dedo molhado pelo seu colo.

Caetana se arrepiou – num mal sentido. Tentou se afastar, mas o homem a enlaçou pela cintura e a puxou contra o seu membro. Caetana dava tapinhas no corpo franzino, buscava maneiras de se soltar, quanto mais se mexia, parecia que ele mais se excitava. E quanto mais o empurrava, mais ele a apertava e ia enfiando o nariz em seu pescoço. Suspirava, de olhos fechados, querendo tomar do seu perfume. Lambeu o seu pescoço. Caetana pode sentir nojo além do bafo de alho e vinho dele.

Virou a cabeça para o lado e deparou-se com Caroline, ajeitando os cachos que haviam caído do penteado quando Caetana a puxara pelos cabelos. Estava pronta para sair da alcova. Um respingo de luz em seu rosto mostrava que era bem possível que ela invertesse os papéis e fosse em busca de Canto e Melo para que ele “pegasse Caetana no flagra com outro”. Ao menos, seu sorriso dizia isso. Era preciso impedi-la. Como faria se não conseguia nem se desfazer do abraço do homem?

Não foi preciso esperar tanto. Caroline nem saíra da sala e alguém entrava, abrindo totalmente a porta, alumando a cena.

A luz iluminou ainda mais o sorriso de vitória de Caroline. Sem qualquer pudor, deslizou a mão pelo ombro de Canto e Melo e lhe sussurrou no ouvido:

-O que será que a escuridão nos revela? – estalou a língua – Veja bem com quem casou... – e foi, abrindo o seu leque e largando uma gargalhada de quem se

divertiria com aquela situação por um bom tempo.

Caetana não conseguia ver o rosto do marido, contra a luz da sala, porém deduzia que deveria estar bem ferino. E não poderia estar mais certa.

Vê-la sendo lambida por um homem pequeno e de olhar safado, tendo os seus peitos agarrados – ela nem havia notado; era como se o mundo tivesse se desfeito diante da possível expressão de decepção de Canto e Melo. Ele não agüentaria ficar olhando. Puxou o homem pela gola do fraque, desvencilhando a esposa dele.

Sacudiu-o pelas roupas – literalmente, pois seus pés estavam acima do solo – e vociferou tal uma fera enraivecida:

-Se tocar nela de novo, eu arranco os seus dedos e furo os seus olhos com eles.

E teria dado um soco, que certamente lhe arrancaria todos os dentes, se não estivesse a presença de Caetana. Uma situação daquela, em outras épocas, teria feito dele um pugilista que só pararia depois de nocautear o adversário.

Diante da ameaça, bem palpável, pois começava a ficar roxo, o homem deu nos calcanhares. Não se importaria em discutir com um homem que era o dobro do seu tamanho – em todos os sentidos e direções. Fugiria dele todas as vezes que se cruzassem, rezando mentalmente para que nunca o reconhecesse.

Caetana recobrou o fôlego e se surpreendeu quando Canto e Melo lhe estendeu um lenço. Percebeu que tinha o pescoço molhado. *Ah, nojo!* Limpou a saliva e, somente quando devolveu o lenço ao marido, é que reparou o quanto as suas mãos tremiam. Não somente as mãos como todo o corpo. Não era mais de medo, era a adrenalina que estava diminuindo e enfraquecendo as suas pernas.

Sem saber o que ele faria consigo, Caetana aceitou o seu desfecho, abaixando a cabeça. Deveria ter impedido o homem de agarrá-la, evitado de alguma maneira. Agora era Canto e Melo que não confiaria mais nela, e com todo o direito.

Quão pouco ela o conhecia! Se não tivesse escuro, poderia ter visto o olhar terno que ele lhe mirava, de quem se sentia mal em não poder lhe proteger. Se estava calado era por se culpar em não ter chegado antes e impedido que ela tivesse passado por aquela situação tão assustadora.

Somente uma coisa deveria ser feita para impedir qualquer mal entendido, por parte de quem fosse.

Ele lhe estendeu a mão. Caetana não entendeu. Por detrás dos ombros largos dele, reparou que se iniciava uma valsa e cores modulavam no compasso ternário, girando e girando.

-Aceitaria me dar a honra desta dança?

-Estou com as pernas bambas.

-Não importa. – ele se aproximou dela a ponto de Caetana jurar poder enxergar seus olhos claros repletos de carinho – Eu a sustento.

A preocupação na voz dele, misturada a firmeza e a doçura, só preencheram o coração de Caetana com a segurança que ela precisava para enfrentar as possíveis inverdades que Caroline começaria a espalhar. Ela não soube como conseguia se manter de pé, quiçá caminhar, mas de alguma maneira, estar ao lado dele a fazia mais forte. E, por mais que pudesse prever, por detrás do leque de Caroline, que contava a história de outra maneira para algumas senhoras, Canto e Melo só reforçava, ao pé de seu ouvido, que tudo ficaria bem. Aquela voz forte e suave, ao mesmo tempo, reverberava nela tranquilidade, ainda que deixasse os pelos dos braços arrepiados.

Canto e Melo tomou a sua mão e os dedos de entremearam. Mesmo ambos estando de luvas, podiam sentir o calor do par. Caetana ergueu os olhos e avistou um largo e profundo sorriso de confiança em Canto e Melo. Foi quando a outra mão dele pousou, de leve, na sua cintura, e o seu corpo resvalou o dela. As respirações entraram no mesmo compasso, assim como seus pés e pernas. Iniciou-se com um vai-e-vem – teste para ver se Caetana estava bem. Quando sentiu que ela estava mais segura, o movimento ficou mais intenso e Canto e Melo ousou dar alguns rodopios. Na metade da valsa, Caetana lhe sorria, entregue ao fascínio daquela dança muito bem conduzida por ele. Por mais que ela pudesse pressentir as fofocas em torno do seu nome, ele tinha o queixo erguido e o olhar fixo nela, incapaz de enxergar outra coisa que o seu amor pela esposa, estampado em todas as células de seu corpo. Canto e Melo vibrava esse amor, se Caetana pudesse reverberar na mesma sintonia, enlevada pela musicalidade dos seus sentimentos...

A música esgotou, mas o coração de Caetana batia acelerado na direção do seu amado. A única coisa que queria era beijar o seu marido. E nada a impediria desse gesto, nem os “bons costumes”, nem o olhar afiado da tia. Sem qualquer receio ou constrangimento, Caetana pos-se nas pontas dos pés, tomou a bela cabeça de Canto e Melo por entre as pequenas mãos enluvadas e tocou os seus lábios com a boca, com ele dividindo um beijo casto.

Euzébio trocava um sorriso com um homem do outro lado do salão de baile. Por entre sombras, Estevão concluía que havia feito o correto para aproximá-los, mesmo que isso lhe rendesse ainda um soco e a alcunha de “intrometido”. É, Estevão havia nascido para Cupido, quem diria... logo ele, o maior dos devassos, o “Lobo do Império”.

*

De olhos fechados ou abertos, aquele beijo foi se alongando para fora da festa, levando-os até o coche. Canto e Melo não conseguia desprender os seus

lábios dos de Caetana – não por qualquer dificuldade física, é porque não o queria. Ela também não permitiria, envolvendo toda a sua boca na dele, com os braços ao redor de seu pescoço, e sendo erguida pela cintura por ele para que conseguissem caminhar. Passaram assim pela chapelaria, largando as capas aos cuidados da casa – depois mandariam alguém buscar, outras coisas tornavam-se mais urgentes.

E só foram separados quando o cocheiro – segurando a porta do veículo – pigarreou como se anunciando que os aguardava “terminar”. Foi o tempo de entrarem no coche e um retornar aos braços do outro, num automatismo que fez os dois rirem enquanto seus lábios se buscavam.

Descendo pelo contorno do rosto dela, Canto e Melo sussurrava que ele havia aguardando muito por aquele momento e que ele deveria ser especial para ambos.

Caetana, mal o escutando, assentia. Apertava-se contra o assento como se segurando algo dentro de si. Ela fechou os olhos e atirou a cabeça para trás, deixando à mostra o seu longo e sensível pescoço. O resvalo da respiração ofegante do marido a fez se arrepiar e suspirar. Ao primeiro beijo de Canto e Melo, ela soltou um gemido.

Deslizando os lábios da clavícula à sua boca entreaberta, Canto e Melo se sentia revirar, o que fez ele a puxar ainda mais contra o seu corpo como se tomando-a para si.

Ela sentia aquele peso caloroso sobre ela, envolvendo-a por completo, deixando-a tão pequena, ainda que tão perfeitamente encaixada, que era impossível deduzir quem era quem na dança dos corpos. Sentia-o morder os seus lábios enquanto as mãos iam ao alcance do seu decote. Não recuou, do contrário, queria aquilo, queria que os lábios dele percorressem o seu corpo.

Ela o estava deixando louco e ele não se sentia capaz de resistir até chegarem na casa. Mas chegaram, infelizmente, mais rápido do que teriam desejado.

Após um novo pigarreio do condutor, que lhes havia aberto a porta e aguardava parado, ao lado, feito um guarda imperial, desvencilharam-se um do outro com alguma dificuldade.

Canto e Melo ajeitou as roupas e saltou primeiro, para depois lhe estender a mão e ajudá-la a sair do veículo.

Caetana tomou aquilo com um sorriso de felicidade.

As mãos de beijaram no ar e, assim que os pés dela tocaram o chão, ele tomou a sua cintura e lhe fez girar num rodopio, e cair em seus braços como numa dança.

Encaravam-se tanto quanto as estrelas miravam a lua no céu. Canto e Melo,

sério, tinha os olhos navegando por um mar de desejo, ancorados nos lábios de Caetana. Inclinou-se sobre ela.

-Boa noite. – disse ela, desfazendo-se dos braços dele.

Tinha o rosto corado – se de vergonha ou de paixão, não dava para saber – e os olhos afobados. Era como se ela o temesse?! Canto e Melo ficou confuso. Aquele beijo não era um beijo qualquer. Era O BEIJO! Daqueles que se tira o ar, faz a cabeça voitar e o sangue pulsar mais forte e que termina na cama. Todo o seu corpo pulsava e ele tivera que se conter para não desfazer Caetana de seu vestido de baile no próprio coche – pois achava que seria demeritório para ela e para o seu amor.

Balançando a cabeça num sorriso, ele insistiu, incrédulo de que ela poderia estar rechaçando-o:

-Isso foi um convite?

-Não. – retrucou ela, tomando o rumo da porta de entrada.

-Não?

Ele estava maluco ou o quê? Havia acabado de declarar o seu amor, sem palavras, apenas com AQUELE beijo.

Ela só pode estar de brincadeira!

Foi atrás dela.

Caetana não parava o passo, sentindo-o costurado na margem do seu vestido, perseguindo-a.

De dois em dois degraus Canto e Melo foi escada acima, passou a sua frente e parou diante dela quando na frente da porta de seu quarto.

Impedia-lhe a passagem, o que a deixou irritada:.

-Acha que o fato de você dizer que me ama e me beijar fará com que eu esqueça e aceite que você mente e esconde coisas de mim?

Canto e Melo não podia acreditar no que havia acabado de escutar. O que estava acontecendo? Caetana havia retrocedido no tempo? E aquele beijo? Aquele entrega? Ela estava tão desejante quanto ele, ou havia compreendido mal? Porém, o queixo erguido e a pose altiva só poderiam significar uma coisa: que ela era uma Feitosa e quando um Feitosa cismava, seria difícil fazê-lo conceber o contrário.

Ergueu a mão para tocar em seu ombro, mas Caetana se afastou. Dava a entender que não queria que se aproximasse – estarem a sós não era mais seguro.

Ah, aquilo foi demais. Ela conseguia esgotá-lo como ninguém antes. Podia considerar-se teimosa, mas agora beirava à burrice.

-Sabe de uma coisa, Caetana? Para mim basta! – reclamava ele, gesticulando.

Por certo que ela não esperava essa reação. Tampouco sabia o que esperar.

Havia sido pega desprevenida pelos próprios sentimentos e, se não fosse por ele parar o beijo quando o coche estacionara na frente da casa, teria descido os lábios do pescoço dele por todo o tórax.

Preferindo ignorar a própria estupidez, Caetana tentou refreá-lo antes que falasse demais e ambos se arrependessem:

-Não vou continuar discutindo com você. Estamos caindo na repetição. Disse tudo o que tinha que ser dito. Boa noite.

-Mas eu nem comecei. – ele a segurou pelo braço quando ia tentar entrar em seu quarto – Agora é a minha vez de falar. – ela arregalou os olhos diante daquela atitude ousada, ninguém, nem o pai, nunca havia encostado um dedo para forçá-la a escutar algo que não queria – Você adora se fazer acima das contradições, dos problemas, como se fosse uma entidade divina que não se mistura. Usa a razão como desculpa para dizer o que pensa por mais que diga que se preocupa com o outro, só se preocupa mesmo se aquela pessoa não a magoou ou a frustrou. Porque aí está o seu calo, Aquiles! Você não admite ser um ser humano normal como os que “você ajuda”. Não pode sentir, não pode se frustrar ou ter medo. Nada pior do que se sentir fragilidade, não é? Se sentir humana, e que você pode errar, ainda mais debaixo de toda essa teimosia homérica. – e a sua voz modulou para algo terno, discrepante da mirada fixa – Pois ainda assim, repleta de defeitos, Caetana, eu amo você, com toda a minha alma. Seja se colocando no alto de um pináculo da moral, seja atirada na lama. Eu sempre vou amar você. Me perdando ou não. Querendo me ouvir ou não. Eu sempre vou amar você.

Ao terminar, Caetana tremia. Ele a soltou, achando que ela passaria mal. Estava pálida, mordendo os próprios lábios, com um olhar mortiço de quem estava em transe.

Então, veio um tapa.

Ainda com a mão no ar, Caetana não acreditava no que havia acabado de fazer. Ela havia batido nele. Nunca havia se descontrolado daquela maneira. *Que vergonha! Como eu puder fazer isso?* Sem conseguir reagir, incapaz de olhar para a expressão de surpresa de Canto e Melo, ela deu-lhe as costas e entrou no quarto, fechando a porta atrás de si. Ainda tremia e as pernas falhavam, obrigando-a a se segurar numa cadeira para não cair no chão.

A porta não foi impedimento para ele. **Ah, não mesmo!**

Canto e Melo batia freneticamente, ordenando que abrisse para discutirem e porem tudo em ordem. Não ia continuar tolerando aquela situação, mesmo que ficasse totalmente roxo de tantos tapas que levaria. Preferia que ela colocasse para fora toda a raiva e frustração do que continuasse guardando seus sentimentos e agindo de maneira pendular – quero-não-quero.

-Abra esta porta!

-Não! – gritava ela, do outro lado.

-Abra!

-Não abro!

No ápice da impaciência, Canto e Melo deu um chute que tirou a porta dos eixos e a fez cair aos pés de Caetana. Ela deu um pulo no susto. Por sorte, não estava atrás, senão teria sofrido um acidente.

Nervosa, com a mão no peito, Caetana bateu a parte detrás dos joelhos na cadeira. Tinha medo do que ele faria com ela após aquele tapa que deixara sua mão latejando de dor. Ele tinha o semblante fechado, as sobrancelhas cruzadas, o olhar caído na raiva e a marca dos dedos dela no lado esquerdo do rosto. Canto e Melo estava transformado, remetia-lhe ao lobisomem que assombrava as histórias que as escravas lhe contavam antes de dormir e rondava os seus pesadelos de menina.

Ela se desviou da cadeira e ia de costas na direção oposta, protegendo o corpo com as mãos e xingando-o:

-Bruto!

-Agora não temos mais nada entre nós do que nós mesmos. – caminhava mais devagar, estudando qual seria a próxima reação dela para ele estar preparado.

Caetana bateu as pernas na penteadeira. Notou que sobre ela havia deixado o seu alfinete de chapéu. Pegou-o para se proteger, empunhando-o como uma arma. Poderia não matar, mas causaria dor se o perfurasse.

-Não se aproxime de mim! – ameaçava-o.

Canto e Melo parou, incrédulo com o que havia percebido. Seu rosto era só desapontamento, o que ficou preso na garganta de Caetana.

-Você acha que vou atacá-la feito algum perverso? – Caetana ficou extremamente arrependida da sua atitude exagerada e abaixou o alfinete – Posso até esconder de você algumas coisas, segredos que não são meus e que podem prejudicar os verdadeiros donos, mas eu NUNCA faria mal a você e nem a mulher alguma. Abomino os homens que acham que têm o direito e o poder de fazer o que bem quiserem. Pensar isso de mim é não me conhecer. – pausou, analisando-a através do olhar pálido dela – Você não quer continuar casada. É isso? Amanhã vamos atrás de um cura ou padre, até mesmo do bispo, e anulamos este Inferno. Eu não aguento mais lutar pelo seu perdão. Eu não aguento mais viver esta situação, Caetana. Achei que conseguiria, mas está impraticável. Olha o que fiz com a porta! – apontou – Este não sou eu! – ao ver que ela estava toda retraída em si mesma, com aquele maldito alfinete na mão, soltou um suspiro de desistência – Ah, sabe, não importa. Nada mais importa.

Meu Deus, aquilo estava ficando absurdo! Canto e Melo deu a volta, pegou a pesada porta e a apoiou na parede ao lado. Cabisbaixo, era como se ele tivesse sido derrubado.

O alfinete caiu sobre o tapete, abafando o som.

-Espere! – disse ela, dando um passo a frente, como se saída de um longo sono.

Ela não queria que aquilo tivesse acontecido. Estava confusa, com medo e muito frustrada. Contudo, era incapaz de alegar ser culpa sua. Era mais fácil culpar o marido por não lhe ter contado toda a verdade do que admitir que ela havia errado diversas vezes e que era imperfeita, exatamente como ele havia sugerido. E talvez fosse isso que ela temesse tanto: que Roberto Canto e Melo descobrisse que Caetana Feitosa de Vasconcellos era como outra mulher qualquer, alguém normal, passível de erros e acertos.

O peso desse silêncio podia ser sentido entre ambos e terminou quando Canto e Melo soltou um longo suspiro, incapaz de mirá-la de tão magoado que estava pela figura que ela havia criado de si.

-Agora sou eu quem precisa de tempo para pensar, Caetana. – e foi tragado para a escuridão do corredor.

Capítulo 11

**“Simpatia - é o sentimento
Que nasce num só momento,
Sincero, no coração;
São dois olhares acesos
Bem juntos, unidos, presos
Numa mágica atração.”**

(Casimiro de Abreu, *O que é – Simpatia*)

Por seus dedos iam se desfazendo os sonhos de um casamento feliz, aquele “e viveram felizes para sempre” que terminam os livros. Nenhum autor queria falar das dificuldades do cotidiano, das duas personalidades tentando se relacionar debaixo do mesmo teto, das brigas. Isso não era romântico, não era venturoso, não era ficcional.

Caetana enfiou o rosto, deformado pelo choro, dentre as mãos. Reluzia ainda o anel que Roberto havia lhe dado. Pesava grilhões – todos eles atados ao seu coração pesaroso – e não conseguia ter coragem para retirá-lo.

Sentia-se burra, estúpida e toda uma gama de adjetivos pejorativos. Precisava conversar com ele, esclarecer fatos, explicar que estava ressabiada, mas que não duvidava mais do seu amor por ela. Na verdade, nunca duvidou. O problema era que ele não soube confiar nela e isso a havia magoado muito. A solução? Não haveria mais, ela também o magoara.

Esse ciclo de mágoas precisava acabar e a única maneira seria uma conversa séria, em que não deveria ter medo de se expor, dessa vez.

Porém, ele havia partido. Pela manhã, ao despertar, soube pela Sra.Cruz que Canto e Melo, durante a noite, havia preparado uma pequena mala de roupas e dito que iria dormir num hotel. Não disse qual, não deu o endereço, apenas ressaltara que retornaria pela manhã para buscar o resto das suas coisas.

Aquilo só poderia significar uma coisa: fim. Sem beijos, sem casamento, sem qualquer sinal de que seriam felizes pelo resto de suas vidas.

Ao menos, até o virar da página...

Ao escutar baterem a porta da casa e alguém ser recepcionado pelo Sr.Cruz, Caetana correu à beira da escada. O coração batia acelerado e tinha que fechar a boca para que ele não saltasse, na esperança de que fosse o marido. Do topo da escada, guardou-se nas sombras para, antes de qualquer atitude, ter certeza de como seria recepcionada por ele. Estaria aberto a uma conversa? Decidido a se separarem? Essa espera, ansiosa, fazia o seu estômago revirar e um gosto amargo tomar a sua boca.

A expectativa se abriu mais plena ao reconhecer a voz e o audacioso olhar

verde claro brilhante que lhe havia achado escondida por entre as sombras do andar superior.

Segurando as saias, Caetana correu escada abaixo ao avistar o belo perfil amigo e atirou-se nos braços de Amaia.

Sem conseguir se segurar, o choro se misturou a um soluço e Caetana escondeu o rosto no ombro da melhor amiga.

Amaia se surpreendera com aquela emotiva recepção. Nunca tinha visto Caetana tão... sentimental. Acarinhando os cabelos castanhos claros, trocou um olhar preocupado com o seu marido, Eduardo Montenegro. Não imaginava que a situação de Caetana e Canto e Melo estivesse tão ruim, como havia dado a entender a Sra.Feitosa.

*

O que Amaia sabia sobre o casal Caetana e Roberto Canto e Melo? (aceitou a xícara de chá oferecida pela amiga) Pouco conhecia o marido dela. Eram algumas poucas informações que Montenegro lhe passava e todas elas “à força”, depois que faziam amor – quando ele não lhe negava nada. (elevou a xícara ao nariz e sentiu a boca amargar. Aquele chá não parecia bom. Disfarçou, segurando o pires, mas sem tocar na xícara) Canto e Melo vinha de uma família nobre, estudou numa das melhores faculdades do Brasil, foi seguidor do admirável Luis Gama, conhecera Montenegro na Inglaterra – ou foi numa reunião de abolicionistas em São Paulo? (aquele odor do chá havia mexido com ela. Estava enjoada e a boca salivava. Iria precisar de um copo d’água. Aparentemente a Sra.Cruz tinha o dom da previsão, entregando-lhe um antes que se anunciasse. Ainda bem!)

Quanto a Caetana, conhecia-a de pequena, considerando-a mais do que a própria irmã Cora, com quem não se dava bem. Caetana era uma moça tímida e serena, muitas vezes confundida com submissa porque não era do tipo confrontador, feito Amaia. A menos que fosse uma situação que a tirasse totalmente do eixo – o que era raro. Amaia só a havia visto uma vez assim, quando haviam pego a sua ama-de-leite para ser colocada no pelourinho – nem lembrava mais do motivo. Porém, era incapaz de esquecer Caetana, de 8 anos, atirando-se no braço do feitor, para impedir que ele fizesse o movimento do chicote. Foram necessários três capatazes para desprenderem a menina. Ela urrava, se debatia, gritava, mordida as mãos que a aprisionavam. Fez tanta força no braço do feitor, jogando todo o peso do seu corpo, que quebrou o antebraço do malfeitor. Uma menina com a força de um mutirão. Podia jurar que, de vez em quando, ao mirar Caetana, enxergava aquela menina, escondida dentro dela, pronta para despertar e mostrar ao que veio.

Nunca falaram sobre o ocorrido e raramente discutiam a escravidão. Para

Amaia, era certo o erro de se ter escravizados. Para Caetana, era errado escravizar, mas não sabia o que fazer para acertar a situação – afinal, o que uma mulher poderia fazer, num mundo em que, ou ela se casava, ou ia para o convento, ou se prostituía? E cada uma vivia a sua luta, do seu jeito, evitando que outras amas-de-leite fossem chicoteadas pelo braço implacável do senhorio.

Se Caetana e Canto e Melo tinham a verve abolicionista, então, o que haveria de estar errado? Amavam-se desde o primeiro olhar. Amaia nunca havia visto a amiga tão apaixonada por quem fosse. À boca miúda – diga-se, as gêmeas Feitosa, Rosária e Belizária – falava-se que Caetana seria freira ou uma “solteirona”, pois seu coração era impenetrável. Talvez estivesse o problema aí, analisava Amaia. Quando Caetana amava era com intensidade – apesar de não demonstrar por causa da sua timidez e do receio do rechaço. Ela havia aberto o seu coração e algo Canto e Melo havia feito para ela se fechar daquela maneira.

Queria poder perguntar, mas conhecia a amiga o suficiente para saber que não lhe responderia na frente de Montenegro.

Aproveitando que a água não havia melhorado o seu enjoo, Amaia pediu licença ao marido.

Eduardo Montenegro era um homem de expressão forte, daqueles que deixavam uma marca em que os conhecia. Além de muito bonito, era relativamente alto – apesar de poder ser considerado “baixo” ao lado de Canto e Melo –, vestia preto – inclusive a camisa e a gravata, o que realçava a sua pele clara e os cabelos anelados negros – e usava óculos escuros para proteger da claridade os olhos cinza prateados. Uma figura, por certo, tão misteriosa quanto os seus sorrisos enviesados.

No entanto, Caetana conhecia apenas a pose séria e distante de Montenegro. Nunca o havia visto na intimidade, muito menos, com Amaia. Observá-lo pegar a mão de sua esposa e assoprá-la para aquecê-la, porque estava gelada, a fez ter certeza de que a amiga estava em boas mãos.

-Você está bem?

A pergunta de Montenegro para a esposa transbordava preocupação e carinho. Os dois estavam numa estufa de amor, em que seus olhares apaixonados se encaixavam em simetria e suas almas dialogavam em silêncio.

Se antes Caetana tinha alguma dúvida quanto ao amor deles, não teria mais a partir de então.

-Só cansada da viagem. – respondia Amaia, um pouco pálida – Ficamos dois dias inteiros para chegar aqui.

Amaia falava com tanto charme e ternura, batendo os longos e fartos cílios sobre os olhos verdes, que o marido não pode negar quando Caetana lhe ofereceu descansar um pouco em seu quarto.

Tomando o braço da amiga, como duas colegas de escola, Amaia foi sendo guiada por aquela casa “diferente”.

Ao contrário do espanto inicial que, inclusive, fazia Caetana corar, Amaia enxergava as imagens sensuais com curiosidade e análise, pensando em que sensações teria ao tentar determinada pose. Aquele lugar poderia dar-lhe umas boas ideias. E mordeu os lábios avermelhados num riso, aquilo era um Kama Sutra arquitetônico! – se conhecia o livro, era porque Montenegro a havia incentivado a “expandir” os seus horizontes “literários”.

-Que lugar é este? – perguntava, curiosa, ao entrar no quarto de Caetana, numa excitação de menina travessa.

-Não pergunte. – respondeu, pondo-se na frente da porta quebrada.

Não o fazia para proteger Canto e Melo, mas a si mesma de perguntas para as quais não conseguiria mentir com a mesma facilidade que mentia para si.

Vagando pelo cômodo, analisando o toque mourisco da decoração por entre os detalhes eróticos, Amaia não parecia mais a mesma. De alguma forma, o casamento a havia alterado, e não eram as roupas ricas e elegantes que vestia, nem o penteado elaborado que prendia os longos cabelos castanhos escuros, ou as jóias. Amaia estava mais concentrada, menos falante e serelepe feito quem criava planos mirabolantes enquanto fingia conversar sobre amenidades. Amaia havia amadurecido.

-Recebeu notícias de Cora? – quis saber Caetana, tentando desviar a atenção daquele ambiente “indecente”.

Amaia deu os ombros e sentou-se na beira da cama, soltando um suspiro de cansaço:

-O que sei dela?! Ela enviou uma carta para Montenegro. Pedia um adiantamento de parte do dinheiro da compra da metade dela da fazenda. E pediu que fosse entregue num endereço em Petrópolis, através de um portador. Ao que tudo indica, ela e o marido querem comprar uma casa.

Talvez a culpa do seu cansaço fosse de Montenegro. Desde que se casaram, ela não dormia mais. Era impossível diante da paixão avassaladora do marido, que não podia encontrá-la sozinha em lugar algum. O que ela nem poderia reclamar, pois o aticava na maioria das vezes. Ah, ainda assim, Amaia estava mais esgotada do que imaginava e louca para se desfazer das sapatilhas! Seus pés estavam muito inchados.

Um pé descalçou o outro e ela pode sentir o fresquinho das tábuas de madeira através das meias. Esfregava-os contra o chão, fazendo exercícios de alongamento neles. Podia senti-los latejando e estufados por debaixo do fino tecido.

Parou o relaxamento dos dedos ao reparar na porta apoiada na parede ao

lado do batente.

-O que foi isso?

Passando da vergonha – em ter que explicar aquilo – para a ironia, Caetana comentou, sem muitas palavras:

-Meu amável marido.

A preocupação de Amaia foi evidente. Todo seu corpo enrijeceu.

Sua cabeça girava um pouco com a conversa, porém, não poderia deixar de notar a urgência que se fazia:

-O que está acontecendo aqui, Caetana? Este lugar..., – apontou a porta – ... isto! E você! Não me parece em nada com uma esposa feliz... – e foi se recostando nos travesseiros e colocou os pés sobre a cama. Todo o seu corpo relaxou sobre o colchão de molas. Era uma dádiva dos deuses! Fechou os olhos para apreciar todo o corpo serenando, mas isso não quis dizer que havia se esquecido do que falavam – Vai me contar ou terei que perguntar ao seu marido?

O que Caetana mais amava em Amaia era a sua sinceridade. Era capaz de ler a sua alma a quilômetros de distância e socorrê-la com todas as suas forças e determinação. Quisera Caetana ser assim: forte, determinada. Porém, diante de Amaia, tudo o que conseguia era tirar-se para fora de si mesma e chorar.

Ao reparar nas lágrimas que corriam pelo rosto de Caetana, Amaia levantou-se e foi abraçá-la. Ignorava a tontura que veio a seguir e o gosto amargo que subiu até a sua garganta.

Aninhada naqueles braços receptivos, Caetana conseguiu acalmar o coração e a mente. Era bom ter a sua amiga ali!

-Ele fez algo que não deveria? Ele a forçou a....?!

Ao escutar aquelas palavras, Caetana se afastou com horror:

-Não! Por Deus, Amaia! Como pode pensar numa coisa destas?

Não era tão horrível este tipo de questão, infelizmente, era uma realidade que obrigava as mulheres a servirem aos homens, independente da sua vontade. Agora que era casada, Amaia fazia parte de outro círculo de senhoras e, às vezes, lhe caía nos ouvidos que as esposas eram abusadas pelos próprios maridos e silenciadas pela sociedade que acreditava que “ele estava no seu direito”.

-Pelo estado em que você está, algo muito grave deve ter acontecido.

Afastou-se da amiga. Como Amaia poderia sequer ter cogitado a possibilidade de Roberto ter feito algo contra ela? Caetana se sentiu na obrigação de contar o que estava acontecendo:

-Descobri que ele omite coisas e mente outras.

Erguendo uma sobrancelha e estreitando o olhar, Amaia foi certa:

-Que tipo de coisas?

-Sobre a vida dele... – Caetana começou a perambular pelo quarto, temendo

ter que escutar que ela estava sendo egoísta em não o ouvir e nem em aceitar o seu perdão.

-Ele tem uma amante?

-Não! – todo o corpo de Caetana estava tenso – Amaia, eu realmente não sei o que você anda lendo?!

-Garanto que nada condizente com uma mocinha de boa família. – por seu rosto perpassou um sorriso malicioso que a outra ignorou – Vamos, diga-me! Só assim poderei ajudar você. – segurou as suas mãos, mirando-a nos olhos, para que não desviasse do assunto.

-Eu o ouvi conversando com o seu marido, no nosso casamento. Falavam de meu pai, de esconder coisas de meu pai, de que eu iria acobertá-lo. Eu não entendi bem, já nem quero me lembrar, para ser sincera, tamanha foi a minha decepção.

Amaia, uma vez que era daquelas pessoas que usava as palavras para construir as suas artimanhas, não se considerava capaz de julgar Canto e Melo. Às vezes era preciso esconder alguns detalhes, omitir uma coisinha e outra, até mesmo mentir, se fosse necessário, para que as pessoas pudessem viver em harmonia. Contudo, conhecia a amiga bem o suficiente para compreender que Caetana não era da mesma índole da maioria das pessoas. Seu nível de moralismo era alto assim como o de exigências. Para Caetana, as pessoas deveriam ser perfeitas, ao menos, dar o melhor de si, o que era frustrante, pois ninguém nunca correspondia ao que ela desejava. E deveria ter sido este o real motivo daquela crise: Roberto Canto e Melo havia conseguido desfazer-se da imagem que Caetana havia criado para ele, o que demandaria muita maturidade da parte dela, pois iria conhecê-lo novamente nesta convivência marital, e poderia não gostar do que iria encontrar.

Conhecendo Montenegro e sabendo-o amigo de Canto e Melo, poderia imaginar que falavam de escravidão e da tentativa de libertação dos escravos da Guaíba. Ela mesma questionava qual seria o posicionamento de Caetana à respeito, afinal, se tratava de seu pai – ainda que a ouvisse, de vez em quando, criticar quem escravizava os outros. Porém, antes de opinar, era preciso ter certeza do tema:

-Ele disse o por quê?

Balançando a cabeça, Caetana acrescentou:

-Quando fui confrontá-lo, me disse que não era um segredo seu e que não poderia contar, pois poderia prejudicar outras pessoas.

Bravo! Canto e Melo não estava errado. A própria Amaia preferia esconder de Caetana o que o seu pai havia feito com ela e o que – mais tarde descobriu – fazia com as suas escravas. Tinha receio que a amiga não compreendesse que

aquilo não era um ataque à sua família, mas uma questão de Justiça.

-Ele fez o certo.

-Amaia! Eu sou a esposa dele! Ele deveria confiar em mim! Um casamento sem confiança, não é um casamento.

Caetana não estava totalmente errada. Um casamento deve ter como base a confiança, a divisão dos problemas e a parceria nas ações. Talvez, se Montenegro conversasse com Canto e Melo, da mesma maneira que ela pretendia com Caetana, as coisas poderiam se resolver da melhor maneira.

-E se você der uma outra chance para ele se explicar?

-Não. – soltou a sua mão dentre as dela, virando os olhos recheados de lágrimas - Ele quer anular o casamento. Agora é tarde.

Amaia segurou a respiração:

-Quando ele disse isso?

-Ontem à noite.

-Hum... Então foi recente... hum...

Quando Amaia parava uma conversa para analisar um ponto, Caetana estremecia. Sem dúvida nenhuma, ela viria com alguma espécie de conclusão fantástica para explicar a situação.

-Amaia, por favor, não me venha com as suas ideias estaparfúdias!

-Elas não são estaparfúdias. São esplendorosas! – e abriu um daqueles sorrisos que Caetana tanto temia, por conterem mais “problemas” do que “soluções”.

*

Montenegro não entendia porque as duas demoravam tanto para descer. Estavam há mais de meia-hora no quarto e não havia qualquer sinal de que pretendiam se juntar a ele tão cedo. Será que Amaia ainda passava mal? Ela havia reclamado de enjoos boa parte da viagem e vomitara uma vez – o que a havia deixado extremamente incomodada, pois havia sido nos seus pés, de novo.

Talvez fosse melhor subir e verificar? Poderia estar precisando dele. Riu-se do próprio pensamento. Amaia nunca precisava dele. Era ele quem precisava dela, dos seus abraços, das suas carícias, das suas palavras de conforto. Ainda mais depois que os fazendeiros vassourenses “descobriram” que ele era um abolicionista *à la* cartilha e que se reunia com eles para “colher” informações e repassá-las aos abolicionistas da Corte. Desconfiava quem havia contado a eles – mais do que desconfiava, tinha certeza: Sr. Feitosa. E a chave – a maldita chave que havia conseguido tirar dele – não era a chave mestra da senzala da Guaíba. Ah, mas deixaria o que era dele para mais tarde.

Era preciso descobrir a rota dos escravizados que aportavam em Macaé ilegalmente e eram incorporados às fazendas sob falsos registros – com a

anuência de tabeliães e padres, que alteravam os registros de batismo, dando ao africano traficado nascimento em terra brasileira.

Olhou no relógio de bolso. Nem havia se dado conta de como o tempo passava devagar quando estava longe de Amaia. Demorara menos de cinco minutos para circular a sala entre uma espiadela e outra nas horas. Sentou-se numa poltrona e pegou o chá que Amaia havia largado. Uma das suas boas lembranças eram os chás que tomava quando morava na Inglaterra. Estava frio e um pouco amargo, mas nem teve tempo de analisar de que era feito, pois a porta da sala se abria e, junto dela, a expressão consternada de Roberto Canto e Melo.

Por um instante Montenegro temeu que Amaia estivesse certa, e que a sua lua-de-mel na Corte se transformasse em sessões terapêuticas. Sua esposa estava muito preocupada com o que a Sra.Feitosa teria dito sobre o casamento de D.Caetana e Canto e Melo estar indo por um mau-caminho. Conhecendo Canto e Melo, duvidava que fosse verdade. Era ele extremamente justo, absurdamente heróico e irremediavelmente inocente. Na pior hipótese, poderia inferir que a família dela chegara à conclusão de que também era abolicionista e havia sido deserdado da própria família por causa disso. Conhecia um punhado de famílias que teria anulado o casamento de suas filhas o quanto antes.

Canto e Melo mal lhe cumprimentou e atirou-se no sofá, apoiando a nuca no espaldar e soltando um gemido de cansaço. Suas roupas estavam amarrotadas e seu rosto era de quem não passara a noite contando carneirinhos. Em poucas ocasiões o encontrara neste estado, mas em todas elas, ele estava de ressaca de alguma noitada nos braços de alguma cortesã. O que o fez concluir que era pior do que Amaia acreditava.

Afundando-se na poltrona, Montenegro cruzou as pernas e aguardou que Canto e Melo iniciasse a contar o que o estava perturbando. Não foi preciso esperar muito. Canto e Melo não era do tipo que se resguardava dos amigos.

-Ela quer saber do clube e do pai.

Montenegro franziu o cenho e seus olhos cinza metalizados o dissecaram, antes de finalmente comentar, sem qualquer sinal de preocupação:

-Amaia também.

Aquela frase despertou Canto e Melo.

Sentou-se na ponta do sofá e só faltou segurar as mãos do amigo e implorar “pela receita do milagre”.

-E como você fez? Contou a ela?

-Eu soube contornar a situação. – abriu um sorriso faceiro – E quanto àquela outra questão? A da herança?

Retornando a posição anterior de “amante abandonado”, Canto e Melo cobriu os olhos com o antebraço:

-Meus pais não se sensibilizaram com o casamento, na verdade, reforçaram que eu ia aprender a dar valor à família agora que iria ter a minha, que eu não deveria me voltar contra um membro da minha própria família, que era inadmissível ter roubado minha tia e que eu teria todo o resto da minha vida para me redimir. Fato consumado, como dizem, mas não me arrependo de ter libertado aqueles escravizados do cárcere. Faria tudo novamente e levaria outros tiros, se necessário.

-E o que seria de Caetana se você levasse um tiro? Pensou nisso, ou somente o quão heróico seria morrer e deixá-la nas mãos do pai?

Por mais sarcástico que Montenegro fosse, e por mais pacifista que Canto e Melo fosse, houve alguma espécie de curto que o fez se levantar e dar uma volta na sala antes de acalmar a alma e ser capaz de responder a única certeza:

-Eu a amo.

-Eu sei, não precisa me dizer. É palpável. Você precisa dizer isso a ela.

-Já disse e ela não acredita! – passou a mão nos cabelos, exasperado.

Mantendo uma fria calma, Montenegro mordeu um leve sorriso:

-Só há um jeito. – seus olhos brilharam feito os de um gato.

-Qual?

Se de uma coisa Montenegro sabia, era como seduzir uma mulher. E disso ele poderia se gabar.

-Eu vou explicar. – levantou-se e rodeou o braço em torno dos ombros do alto amigo, guiando-o para fora da sala – Vamos beber algo num lugar mais... digamos, inspirador.

Aquele olhar, aquele sorriso, não eram em nada inspiradores.

*

-Amaia, isto é loucura! – Caetana teve de se conter para não gritar essas palavras.

Todo o seu corpo estava retraído e os olhos arregalados como se amiga tivesse lhe contado algum absurdo.

Amaia teve de morder o riso quanto ao moralismo de Caetana e explicar com um tonzinho de leve humor:

-Loucura é um estado relativo.

-Não, não é.

Respirando fundo, Amaia se levantou da cama, onde as duas estavam sentadas:

-Caetana, dei-lhe uma ideia. Espero que faça o que melhor lhe aprouver... hã... – ela se segurou no dossel. Sua cabeça girara e achava que perdia o chão. Fechou os olhos até conseguir se reequilibrar.

-O que foi? – Caetana a pegou pelo cotovelo para dar apoio – Está bem?

Está muito pálida. Sente-se aqui!

-Não, não, já passou. – Amaia respirou fundo algumas vezes, soltando o ar pela boca – Eu não comi nada esta manhã e meu espartilho está muito apertado e aqui está abafado. – abanava-se com as mãos.

Caetana poderia não ter um entendimento muito abrangente do mundo, mas havia coisas que não lhe escapavam:

-Amaia, quando foram as suas regras?

Uma das poucas vezes que Caetana vira Amaia corar de vergonha havia sido neste instante. Tentando não dar atenção ao que a outra havia dito – apesar de estar fazendo as contas em sua cabeça – Amaia foi na direção da porta do quarto:

-Não seja tola, Caetana! Não estou grávida.

-Por que não estaria? Ao que tudo indica, vocês... – que termo usaria? – ...são “muitos felizes”?! – corou de vergonha.

Perdida nas próprias memórias, Amaia soltou um risinho. Era provável que se fosse outra amiga, a esta altura estariam dividindo dicas do que fazer.

-Ele sabe fazer uma garota se divertir! Hah! – ao notar que o constrangimento de Caetana crescia, Amaia tomou a sua mão e a encarou – E agora, minha amiga, é a sua hora de se divertir também com o seu casamento! – apertou-lhe os dedos – Por isso, faça exatamente o que estou falando e verá como tudo se dará as mil maravilhas! Será esplendoroso!

*

Os olhos cinza claros de Montenegro iam e vinham pelas estantes repletas de artefatos sexuais e pela vasta coleção de imagens eróticas que tomavam as paredes, sem falar em um ou outro apetrecho sobre a escrivaninha, ou largado num canto como se fosse um guarda-chuva molhado. Ele não poderia acreditar na existência daquele gabinete, ao menos, não como sendo o de Estevão sem o ver pessoalmente.

-Eu não sabia que ele tinha tantas peças! Achei que haviam exagerado quando me contaram. Que era uma piada! – tomou grande curiosidade pela roldana presa no teto.

Foi inevitável imaginar Amaia, nua, atada pelas mãos. Uma pena ia passando no entorno dos seus seios, intumescendo-os, descendo pela barriga, dando voltas nas nádegas, feito duas luas perfeitas, subindo pelas pernas, passando de leve por dentro da coxa e a vendo se arrepiar ao se aproximar do seu centro e acariciá-la na intimidade como se orquestrando os seus gemidos.

-São todas que ele conseguiu em viagens e em leilões. – a afirmação de Canto e Melo fez o seu delicioso mundo da imaginação desabar e restar somente uma roldana enferrujada presa ao teto.

-Estou impressionado. – pigarreou Montenegro, ajeitando-se dentro das roupas – Só me pergunto, para que tanto se ele não usa nada disso? Fica aqui como uma espécie de totem para afastar as pessoas.

-Ele quer afastar o pai. – comentou o outro, dando uma volta em torno da escrivaninha.

-Está conseguindo mais do que isso... – ia se aproximando de uma cadeira num canto – Todos temos problemas com algum dos nossos pais, ainda assim, não fazemos uma sala destas. – reparou que a cadeira tinha um falo no meio do assento – Bem, pouco me importa o Estevão. – e se afastou, preferindo sentar na beirada da escrivaninha – Ouça o que vou dizer: você não vai mais correr atrás dela.

Surpreso com aquele comando, Canto e Melo jogou-se na cadeira atrás da escrivaninha:

-Não?

-Não. – Montenegro mordeu os lábios numa espécie de sarcasmo – Você vai manter a história da anulação.

-Vou? – a voz de Canto e Melo nem saiu, acobertada pela surpresa.

Aquilo era tão estranho que ele se questionou se Montenegro havia realmente escutado tudo o que lhe havia contado, à pouco, sobre a noite em claro pensando na dor da separação, do quanto amava Caetana e que estava disposto a tudo para reavê-la... Anular o casamento parecia contraditório.

Seu rosto todo tensionado entre a surpresa e a confusão fez com que Montenegro desse a volta na mesa e colocasse a mão sobre o seu ombro, soltando um olhar de profunda sabedoria professoral:

-Confie em mim, vai dar certo. E quando tiver certeza que ela está apaixonada por você e que não abriria mão de você por nada, você dará o segundo passo: contará toda a verdade sobre o pai dela.

Canto e Melo cruzou o cenho:

-Sem provas e sem explicar o que é o Clube dos Devassos? – balançou a cabeça na negativa – Ela não vai acreditar em mim. Ela ama a sua família.

-Ama, mas não coaduna com a questão escrava. Está aí a sua chance! – e apertou o ombro dele – Conquiste-a com o que você tem de melhor: os seus ideais.

Tentando levantar o ânimo com a zombaria, pois não se acreditava capaz de fingir que não amava Caetana e que queria se separar dela, Canto e Melo mudou o tom de voz para algo um pouco mais teatral:

-Achei que iria dizer que era com a minha beleza. – bateu as pestanas como as sinhazinhas faziam.

-É, você é bonitinho. – Montenegro, mordeu um riso, e se afastou para

voltar a analisar a roldana presa ao teto e se seria possível conseguir uma igual.

-Se você fosse mulher, se casaria comigo?

Sem tirar os olhos do apetrecho, Montenegro respondeu sem qualquer pudor:

-Não.

-Na... não?! Por que não? O que me falta? – antes que terminasse de falar, Montenegro saiu do escritório e foi para o vestibulo ao escutar as vozes de Caetana e Amaia – Hei, Montenegro, volta aqui! Eu fiz uma pergunta! Montenegro!

Capítulo 12

“Que é o amor?
A necessidade de sair de si.
O homem é um animal adorador
Adorar é sacrificar-se e prostituir-se
Assim, todo amor é prostituição.”
(Charles Baudelaire)

Os lábios fibrilavam pelas palavras não ditas e os pensamentos pulsavam com as emoções à flor da pele, mas era no olhar que tanto Caetana quanto Canto e Melo puderam compartilhar que eles haviam errado. Uma madrugada fora tempo suficiente para compreenderem que, às vezes, antes acompanhado do que só. Porém, por mais que fosse necessário que conversassem sobre isso, ter Amaia e Montenegro como suas testemunhas só dificultava. Pior! Pendia sobre os ombros de cada um as dicas que os amigos haviam dado, reverberando no fundo de seus cérebros como a única solução para aquele desencontro de almas.

Com a desculpa de que precisavam visitar o padrinho de Montenegro, o Visconde de Mauá, os amigos se despediram. Não sem antes convidarem o casal para um jantar no Hotel Globo, na Rua Direita, conhecido pelos pratos requintados e pela qualidade do paladar.

Canto e Melo, com os dedões pendurados no bolso do colete, fez uma careta de “Não sei”. Caetana deu como certa aquela reunião.

Lado a lado, aguardaram o casal subir no túburi e desaparecerem no fim da rua para poder entrar em casa.

Eu preciso me manter forte!, ele pensava enquanto o veículo levantava poeira.

Eu preciso ser mais adorável e irremediavelmente sedutora, ela analisava, observando o coche virar um ponto no fim da rua.

Ela precisa entender que se continuar com isso vai me perder.

Ele vai ver o quanto o amo!

Era esperado que quando Caetana buscasse o braço de Canto e Melo, ele automaticamente o quebrasse para ela. Sem qualquer explicação, no entanto, ele não aguardou por ela, voltando para dentro da casa.

Caetana congelou com aquela atitude mal-educada. *Ele me despreza!* Mas antes que pudesse se alarmar, a voz de Amaia foi tranquilizando-a: “Ele está magoado. Deixe que ganhe tempo e que volte a perceber que a ama. Enquanto isso, seja gentil, carinhosa e finja que precisa dele.” *Fingir que preciso dele... Precisar eu preciso.*

Respirou fundo, tentou concentrar as suas forças num tom de voz amável,

contudo, ao pisar no vestíbulo, reparou que Canto e Melo buscava o seu chapéu.

-Vai a algum lugar? – havia um tom de susto na sua voz.

-Vou ver quais papéis precisamos para anular o casamento e se serão necessárias testemunhas. S.Cruz..., – aproveitou que o mordomo lhe entregava os apetrechos para sair – o senhor, por favor, poderia nos servir como testemunha?

O mordomo congelou de um jeito que era incomum. A estátua altiva tornava-se um menino amedrontado que fora pego pela orelha:

-Ah, eu... bem, hã...

Canto e Melo conseguira, pela primeira vez, fazer o mordomo perder a pose, ficar pálido, gaguejar. Até mesmo as costas envergaram! Teria celebrado se não tivesse que manter a “pose de homem sério” que Montenegro lhe havia instruído: “Mostre a ela que você está no controle, mesmo sabendo que é ela quem manda.”

-Ótimo! – e ajeitou a cartola na cabeça, tentando conter o riso.

Uma mão tocou o seu braço e ele se arrepiou ao escutar Caetana, num tom de súplica que quase o fez jogar-se aos seus pés e beijá-los. Como sua mãe sempre lhe dizia: “Qualquer mulher o fará de bobo, pois tem um coração imenso e perdoa com facilidade.” Ele havia merecido aquele tapa, a havia ferido antes, não teria como não a perdoar.

-Roberto, não vá! Precisamos conversar.

Ele segurou a respiração e os pelos da nuca se ergueram, ela nunca o chamava pelo primeiro nome. Tentou não pensar o quanto a amava, o quanto a queria. Pelo visto, estava dando certo o que Montenegro lhe havia dito. Ele ia ter que parecer ser “difícil”. Céus, era difícil não querer beijá-la! Aquela boca perfeita que se juntava como um botão de rosa. Como o seu amigo conseguia isso? Haja autocontrole!

Estava suando. Isso não era um bom sinal. Teria de sair logo dali, antes que Caetana notasse que era tudo uma manipulação para que ela temesse perdê-lo. Não sabia se teria coragem de continuar com aquilo. Era mentir, era continuar no que ela mais detestava. **Calma. Antes de entrar em pânico, a escute. Aguarde!**

-E sobre o quê... – saiu um fiapo de voz. Teve de pigarrear para que o tom não fosse de amedrontado – E sobre o quê seria? Já acordamos quanto a anulação. – conseguiu manter a pose de “pouco caso”, erguendo uma sobrancelha, mas ainda não respirava direito, o que o obrigou a mexer no colarinho da camisa.

Ela tinha os olhos baixos, atirados ao chão, quando lhe lembrou que o acordado era que seria dentro de um ano e SOMENTE – isso ela deixou bem claro – se as coisas não melhorassem.

Céus, Montenegro é o mágico do relacionamento ou o quê? Já está dando certo o que ele me disse e nem fez cinco minutos!

Tentou não se afobar, mantendo a pose de petulante:

-E, por acaso, melhoraram? Não que eu saiba.

Fez menção de sair, mas Caetana se colocou na frente, evitando passagem:

-Vamos até a sala, onde poderemos conversar... – deu uma espiadela no mordomo, não o queria os escutando – ...melhor. – e sua mão foi subindo pelo braço dele, arrepiando-o por debaixo da casaca, enquanto a outra espalmou o seu peitoral.

1... 2... 3... 4... 5... Estevão nu deitado na cama! Estevão nu deitado na cama!

-Está bem. – bufou; não queria parecer afobado em responder, como se estivesse pensando sobre o assunto – Mas saiba que não pretendo mudar de ideia. – adendou, depois se arrependendo ao reparar que havia soado infantil.

Se ela notou ou não, Canto e Melo não soube dizer. Contudo, havia no olhar incisivo de Caetana uma ternura que poucas vezes ele havia encontrado nos últimos dias.

Ele foi na frente, sem qualquer cavalherismo. Andava forte, quase a bater os pés numa marcha militar.

Ela, mais atrás, com as mãos na frente do corpo e o rosto baixo, conversava consigo mesma: *Ande, Caetana, seduza-o! Faça-o achar que nunca terá outra mulher como você em sua cama...*

-Ande! – ele parou no meio da sala, fingindo olhar as horas no relógio de bolso – Diga-me o que é que devemos conversar? Ao que sei, até pouco tempo atrás, você não queria nem ouvir a minha voz.

-Não quer se sentar? – ela apontou o sofá.

Ela fica linda quando gentil. Mas preciso ser forte. Forte!

-Estou bem de pé.

-Ao menos, retire o chapéu. Parece que irá fugir a qualquer instante.

Se eu tivesse que fugir, certamente, seria com você em meus braços e para a cama mais próxima.

-Como queira. – retirou o chapéu e ficou segurando-o na frente do corpo.

Ele me odeia! Está arrependido! Não deveria ter sido tão dura com ele! Não deveria ter dado aquele tapa! Como sou tola! Por que fui me levar pela raiva? O que está acontecendo comigo?

Sentada no sofá e com as mãos no colo, Caetana desaguou toda a sua aflição, amassando a saia do vestido:

-Desculpe-me pelo tapa. Nunca deveria ter agido de forma tão violenta. Estou deveras arrependida.

Canto e Melo desviou os olhos para a janela. **Parecer inalcançável. Parecer inalcançável. Parecer inalcançável.**

-Entende, Roberto, que isso é difícil para mim?!

-O que é difícil? – o coração estava na boca e as mãos acariciavam a aba da cartola, nervosas.

-Roberto, eu amo você.

Os olhos amendoados dela mostravam que ela havia sacado aquilo do fundo da sua alma, expondo a ele como uma flor delicada que precisava de amor para ser cultivada.

E eu amo você, Caetana! Você não pode dizer isso agora, seu idiota. Está dando certo. Controle-se! Ele limpou a garganta, puxou o colarinho, pegou um lenço e enxugou o suor da testa:

-Que calor! – **controle-se!** – Não foi o que me pareceu nas últimas semanas. – guardou o lenço no bolso – Na verdade, desde que nos casamos. – fitava-a.

Aquelas palavras saíram com tanta mágoa, que o próprio Canto e Melo se surpreendeu em ver o quão chateado ele também estava. O relacionamento deles não era acerca apenas de uma pessoa e Caetana teria também que entender que ele tinha sentimentos e que deveriam ser respeitados.

-Caetana, não pense que não me fez sofrer. Você também me magoou e muito com as suas atitudes. Eu tentei superar porque amo você, mas chegamos num ponto que está ficando insuportável até mesmo para mim.

Ela nem piscou. Maldição! Falei o que não deveria. Montenegro me avisou para não expor os meus sentimentos. Seu besta!

-Se eu magoei você, me perdoe. Eu estava brava e irritada e queria que você visse o quanto eu estava sofrendo, que sentisse na pele.

-Pode ter certeza de que eu senti. – passou a mão no lugar do tapa, de um jeito sarcástico.

Ao notar que os olhos dela marearam, ele se empertigou. **Seu besta! Besta! Besta!** Daria um tapa em si mesmo se não estivesse diante dela.

Não queria que ela ficasse triste como não queria que aquele “teatrinho” continuasse. Sentia nojo de si mesmo e era errado manipular Caetana daquele jeito, só para que ela compreendesse “o quão ruim seria perdê-lo”. Por mais que soubesse agora que estava fazendo o mesmo que ela havia feito com ele, Canto e Melo descobria que não era do seu feitio, nem quem ele era.

Recolocou a cartola e a ajeitou sobre a cabeça:

-Melhor terminarmos a conversa neste ponto. Antes que ambos venhamos a nos arrepender do que iremos dizer um ao outro.

-Não! – ela pulou do sofá, surpreendendo-o.

-Não?

Será que ela descobriu a minha encenação? Ele paralisou. Nem mais respirava de tanto medo que tinha do próximo tapa que ia levar. Caetana era pequena e parecia fraquinha, mas tinha uma mão incrivelmente pesada.

Dona de si, Caetana aproveitou que estava estático e foi até ele. Seus olhos amendoados estavam em brasas, mas nada no seu rosto indicava raiva ou rancor.

Ela ergueu a mão no ar, na direção dele.

Canto e Melo fechou os olhos e virou o rosto, preparado para o tapa.

Os dedos dela escorregaram pelo seu pescoço suado. De imediato a nuca do marido se arrepiou. Mantendo o olhar fixo nele, Caetana se pos nas pontas dos pés e puxou o seu rosto para si e lhe beijou os lábios.

Caetana saboreava a sua boca feito fruta, tão intensamente que Canto e Melo não a reconhecia – estava acostumado com beijos tímidos, quase fraternais. O corpo dela colava-se na extensão do seu e sentia que ela parecia estar sem espartilho. Deveria ser impressão sua – quiçá, desejo. Perdeu a atenção quando ela começou a morder os seus lábios. Todo o corpo dela se agitava contra o dele, chamando-o para um bailado para o qual um pedaço dele já se mostrava apto a participar. Se ela continuasse fazendo isso, não seria mais capaz de suportar e nem “Estevão nu deitado na cama” ajudaria ele. Mergulhou em seu pescoço. O cheiro dela era inexplicavelmente inebriante. Adocicado, ainda que salgado, com uma nota de amadeirado. Era perfeito como ela. As mãos a envolveram, acariciando as suas costas. Sim, ela não usava espartilho, o que o deixou transtornado, mas não o freou. Do contrário. As mãos foram descendo pela sua cintura. A boca roçava o pescoço dela e notou que a sua barba por fazer a deixava ainda mais ofegante. A pele do colo se eriçou assim como os seios por debaixo do tecido do fino vestido. Seus lábios não resistiram e Canto e Melo atirou-se a eles, sorvendo-a, enquanto as mãos erravam por seu corpo por cima da roupa. Num gemido dela, o corpo dele se animou.

Estevão nu deitado na cama. Estevão nu deitado na cama... Maldito, Estevão!

Com a cabeça ainda no colo dela, Canto e Melo tentou completar uma frase coerente que não fosse – “Eu quero você”:

-O qu... Cae... O que você gosta de comer?

Caetana parou, com os lábios no seu pescoço e as mãos tentando se desfazer do nó de sua gravata.

Aquela era uma pergunta estranha.

-Vai cozinhar para mim?

-Não, mas posso pedir para que façam. Sou ótimo em dar ordens. – e abriu um sorriso tão bonito, que todo o seu rosto iluminou e os olhos brilhavam.

-Vou anotar isso. – respondeu ela, puxando a cabeça dele para o seu colo – E no que mais você é bom?

Com o corpo em comichão, Canto e Melo fechou os olhos, levantou o rosto dela e tentou imaginar em detalhes Estevão nu deitado na cama.

-Acho inapropriado dizer... – balbuciava.

Todo o seu rosto estava vermelho de desejo. Queria pegar Caetana pela cintura e fazê-la dele, ali mesmo naquela sala, sem se preocupar se alguém poderia interrompê-los a qualquer instante.

-Senso de humor, está anotado também. Ah, e devasso, não podemos nos esquecer.

Ele se engasgou com a própria respiração. Abaixou os olhos para ela e foi pego de surpresa quando a mão dela apertou as suas calças. Canto e Melo fechou-se num reflexo autoprotetivo, jogando o quadril para trás. E tentou aparentar a calma que havia sido surrupiada por ela.

-Devasso? – disse fino e formando um parco sorriso ao sentir que a mão dela permanecia imóvel.

Por favor, não vamos falar do clube. Não vamos falar do clube. Por favor! Por favor! Oh, por favor! Não posso mais mentir... Ah, Caetana, não faça isso... Não vou agüentar... Estevão nu deitado na cama da Caetana... a Caeta... nua!

-Você não faz parte do clube? – ela sorriu, como se no controle dele e de toda a situação, e soubesse disso.

-Si-sim... Oh! – juntou forças para se afastar – Foi bom ter me lembrado... Tenho que resolver uma coisa. – saiu do alcance dela.

Ele não ia agüentar ficar passivo por muito mais tempo como Montenegro havia comandado. Tentou se refazer, ajeitando os cabelos e a gravata. Parecia que ele iria explodir se continuassem.

-No clube? – fitou-o com interesse, mordendo um sorriso ao notar que ele estava incomodado – O que vocês fazem neste clube? – foi caminhando para ele.

-Na-nada demais. – ia se afastando, temeroso mais de sua reação do que da ação dela – Jogamos cartas, conversamos, fumamos...

Ela parou e contraiu o rosto:

-Você não fuma e nem joga qualquer tipo de carteadado.

-Sim, mas converso com quem joga.

Ela voltou a se reaproximar. Canto e Melo deu de encontro com a parede atrás de si. Estava tão confuso, havia sido tudo tão rápido e fora do comum, que ele precisava respirar e pensar o que estava acontecendo ali. Mas parecia que ela não deixava, insaciável. Não é que não gostasse “dessa” Caetana, mas havia algo fora do lugar, algo como ela tentando agir sob o comando de outra pessoa... **Será**

que...?

-Posso ir com você? – ela lhe perguntou, descarrilhando o pensamento horizontal dele.

-Não! – tentou segurar a afobação – O clube é masculino. Não seria bom ter uma dama lá, poderiam levantar falsas acusações quanto a sua honra.

-E que tipo de mulheres vão lá?

-Mulheres? – ufa, ainda bem que ela não perguntara sobre o que conversavam – Ah, do tipo que você não faz parte... Mas não se preocupe. Sou totalmente fiel a você. Eu nem cruzo com elas. Nem sei onde ficam. Como as coisas acontecem por lá, não tenho ideia do que sejam.

Tomou-lhe a mão e a beijou. Queria sair dali antes que ela continuasse com perguntas e ele fosse obrigado a ir muito além nas mentiras. E, do jeito que ela estava agindo, era bem possível que ele, sem querer, contasse todas as verdades.

Porém, Caetana foi mais rápida e segurou ele pela mão.

Canto e Melo estremeceu. Havia algo em seu olhar que o deixava arrepiado dos pés à cabeça. Algo como uma fome no brilho do seu olhar.

Caetana puxou a mão dele.

-O que acontece neste clube para que possa manchar a “minha honra”?

E, sem lhe desprender a mirada, como se o hipnotizando, foi sobrevoando a mão dele por suas saias. Ela iria além disso, muito mais além, o que foi confirmado quando ela mordeu os lábios e levantou parte das saias para que a mão dele pudesse verificar que estava sem roupa íntima.

Num resvalo, ela atirou a cabeça para trás, corada, e soltou um gemido fundo.

Canto e Melo foi a pico. **ESTEVÃO NU DEITADO NA CAMA!**

Era impossível não querer senti-la. **Estevão nu deitado na cama! Estevão nu deitado... cama... cama... nu na... na... nua... cam... Caetana... na... cam... ca... ca... nua... cama... Estevão nu deitado na cama e muito excitado! Argh!**

Caetana soltou um gemido alto, gostoso, e a perna bambeou.

Aproveitando, Canto e Melo se foi, largando Caetana à cata de fôlego.

Todo o corpo dela vibrava e um zumbido se fazia em seu ouvido, terminando num delicioso silêncio que a fez cair no sofá, relaxada, por toda a tarde.

Capítulo 13

“Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!”
(Castro Alves, *Navio Negreiro*)

-Senha! – ordenaram os olhos negros, que se faziam ver e serem vistos através de uma portinhola.

Canto e Melo se retesou:

-Vou lhe socar se me perguntar, mais uma vez, sobre uma senha, André.

Escutou as trancas serem abertas tal como o cofre da Coroa.

O rapaz de 20 anos e sorriso comprido o deixou passar, não sem o alfinetar:

-Você realmente não têm senso de humor. – prendia os longos cabelos escuros num rabo de cavalo.

-Nenhum. E olha que estou bem-humorado. – o homenzarrão trincou os dentes – O Montenegro está aí?

-Sim. Está em reunião com alguém, no momento.

-E quem seria este alguém? – havia um sinal de desconfiança em seu tom de voz que, em conjunto com a sobrancelha levantada, só poderia significar que ele desconfiava quem fosse este “alguém”.

André sabia que ele era pequeno perto de Canto e Melo, mas se garantiria se os dois entrassem numa briga. Tinha rapidez, gingado, coisas que havia aprendido com as andanças pelas ruas, com as maltas capoeiras daquela freguesia. Bastava dar uma rasteira e, bem, é como dizem: quanto mais alto, pior a queda, e Canto e Melo era alto e devagar se comparado a André. Ainda assim, nutria uma simpatia pelo devasso. Principalmente, após tê-lo escutado se lamentar durante horas, envergado sobre uma garrafa de bebida, sobre a sua amada e a compor poesias sem qualquer sentido lírico. André poderia não ser um letrado e nem ter conhecimentos de poética, mas duvidava que rimar coração com limão, comparar amor com licor e fazer trocadilhos entre desejo e queijo, junto e presunto, que se formaria uma bela poesia. Era aquilo receita de amor ou de café-da-manhã?

Em consideração à bebedeira passada juntos, pois considerava muito quem com ele dividia alguns copos – e, no caso de Canto e Melo, foram duas garrafas inteiras. André pigarreou, olhou em volta para ver se eram escutados, e murmurou, por fim:

-O alguém que me pediu para NÃO dizer para você quem é...

Todo o corpo de Canto e Melo estremeceu e ele apertou os dentes:

-Estevão!

-Como você sabe?

-Ele está fugindo de mim que nem o sol da chuva.

-Você sabe que esta frase não faz o menor sentido?! A chuva encobre o sol. Se o sol estivesse “fugindo” dela, seria noite. – ao ver que o maxilar de Canto e Melo estava tensionado e que o seu punho estava fechado e vermelho pela força de quem estava se segurando para não socar alguém, André se corrigiu, dando um passo atrás – É só uma observação. Andei lendo algumas coisas. Está tudo muito parado por aqui...

Ignorando-o por completo, Canto e Melo queria saber onde estavam este “alguém” e Montenegro. André fechou os lábios. Algo, no fundo do seu cérebro, dizia para ficar quieto e não se envolver com confusão qualquer.

Canto e Melo, que estava com pressa, pegou-o pela gola e o empurrou contra uma parede:

-Estou com fome e quando tenho fome, eu fico muito, muito agressivo.

O olhar dele estava turbulento, como ondas em mar tempestuoso. Mareado com aquele golpe inesperado, André tentou responder:

-Te-tem comida... no salão... comun...

Soltando André, Canto e Melo arrumou as vestes dele no lugar, agradeceu a indicação e pediu para avisar a Montenegro e ao “alguém” que estava à espera deles no salão comunal. E foi seguindo caminho clube adentro.

André ajeitou o colarinho e a gravata velha que haviam lhe presenteado para aparentar “mais honrado”. Aquela maldição lhe apertava horrores! Mal via a hora de se ver livre dela.

O que havia acontecido com Canto e Melo era um mistério. Era um pouco mal-humorado, sim, mas ainda era um dos poucos devassos que não passava reto por ele, nem o ignorava, ou o confundia com algum criado entregando-lhe o chapéu. Canto e Melo estava no pico do nervoso, prestes a explodir numa frustração de quem não havia conseguido o que desejava. E devia ser algo que ele desejava MUITO!

Nem se deu tempo de criticá-lo mentalmente. Alguém batia na porta e André foi correndo perguntar a senha.

*

O vestíbulo de entrada da sede do Clube dos Devassos era como outro qualquer, em estilo colonial, pequeno, escuro e estreito, e com uma escada íngreme encostada numa das paredes. Ali se configuravam alguns retratos de “importantes componentes do Clube” – que, de fato, nunca fizeram parte, a maioria inventada pela mente criativa do Marquês – inclusive, o do “cara de rato”.

Mais adiante, seguindo para uma porta dupla à direita, Canto e Melo se

deparou com uma sala de estar tal qual a de uma casa. Seu único diferencial é que havia mais sofás e poltronas do que o de costume, formando pequenos ambientes de conversa. Um homem com avental passava com uma bandeja de prata apoiada num braço, servindo aos poucos senhores que ali estavam. Muitos iam apenas para ler os jornais – o clube possuía uma vasta assinatura de periódicos, inclusive vindos as França e da Inglaterra – e outros para fugirem das esposas.

Canto e Melo acomodou-se numa poltrona e acenou ao garçom. Não demorou para que ele lhe trouxesse o seu pedido – pão com queijo, presunto, café e licor.

O garçom não compreendia o pedido da bebida àquela hora. Por maiores e mais complicadas que fossem as relações humanas, beber antes do almoço só poderia significar que a situação de Canto e Melo era pior que ruim, era terrível.

Ao notar o olhar preocupado do garçom quando derramou o copo de licor dentro da xícara de café, Canto e Melo gesticulou para que fosse:

-Se precisar de mais alguma coisa, eu chamo. – o homem nem se mexia – Pode ir! – vociferou.

Atirando-se contra o espaldar da cadeira, Canto e Melo soltou um longo suspiro. Devia estar enlouquecendo. O que estava acontecendo consigo só poderia ser explicado desta maneira. Ele havia se declarado para Caetana e ela o havia rechaçado. E, de repente, quando ele a rechaça, ela aparece possuída por um desejo e uma vontade que, só de lembrar, fazia a mão dele coçar. Podia ainda sentir o cheiro dela, e isso era maluquice! – não em ter o prazer de sentir o cheiro dela, mas no que estava acontecendo com eles – Haviam invertido os papéis! Temia que, se ele aceitasse ela, como seu coração, alma, corpo e mente queriam, ela iria rir dele e se afastar de uma vez por todas, dizendo que só havia sido um teste, uma maneira de fazê-lo sofrer. Ah, e podia ter certeza de que ele estava sofrendo!

Precisava falar com Montenegro. Quem sabe ele poderia lhe esclarecer um pouco mais sobre as mulheres?! Não podia se dizer experiente quando o assunto era “relações amorosas”. Tivera apenas flertes ao longo da vida e uma cortesia que o havia trocado por seu irmão assim que foi “deserdado”. Então, conhecera Caetana e aquela paixão que parecia tão romântica, foi se mostrando visceral, tomando os seus sonhos, as suas noites e os seus dias também. Toda a sua alma gritava poesias com o nome Caetana e estar ao lado dela, bem, estar com ela era estar em casa, não importando onde estivessem.

O estômago roncou. Canto e Melo foi à cata do sanduíche e do café. Com fome ele não conseguiria ter forças para pensar muito além do menu que ele poderia vir a jantar mais tarde.

*

Restabelecida as forças, Canto e Melo ia pedir um segundo aperitivo quando Montenegro surgiu na porta do salão e acenou que viesse até ele.

Não via Estevão e nem se admiraria se tivesse aproveitado que estava comendo para escapar por alguma porta dos fundos – se é que aquele lugar possuía uma.

Nunca havia passeado por todos ambientes do clube, restringindo-se ao salão comunal, ao *fumoir*, à sala de esgrima, ao banho turco e ao salão de bilhar. Sabia haver uma biblioteca em algum lugar, algumas alcovas mais reservadas e outros ambientes misteriosos que somente os fundadores teriam acesso.

A primeira pergunta que fez a Montenegro foi:

-Cadê aquele filho da mãe?

Os olhos prateados sorriram mais por ironia do que por simpatia:

-Ele tem um compromisso e não pode ficar.

-Só se for um compromisso no cemitério, porque eu vou matar o desgraçado. Ele me colocou naquela casa para passar vergonha com a Caetana. Mal sabe ele tudo o que fiz para esconder determinadas coisas dela! Quadros, vasos, móveis! Montenegro, ele tem um armário... – mexia as mãos, nervoso – ... um armário... eu nem sei como falar desse maldito armário! Ah, mas não vim aqui para isso... – tentava organizar as emoções e os pensamentos – Fiz o que me aconselhou e Caetana se transformou! Parece outra mulher! Ela... ela... – corou. Não iria contar da sua intimidade com ela, não era do tipo que se gabava e detestava esses sujeitos que esmiuçavam as mulheres e atiravam seus nomes na boca e na mente torta de outros homens – Ela reagiu de uma maneira totalmente diferente e estou confuso.

-A parte da confusão eu notei. – Montenegro soltou um sorriso imperceptível – Diga-me, diferente como?

-Ela... ela... estava mais... – sentia as bochechas se incendiarem.

Os olhos afiados de Montenegro o dissecaram. Ele cruzou o cenho. Suspeitava o que estava acontecendo ali e a possibilidade de ter os dedos, talvez as duas mãos de Amaia naquela questão – e que mão!

-Estava mais aberta aos seus avanços? Flerteira?

Canto e Melo balançou a cabeça na positiva:

-Pode-se dizer que sim...

Passando a mão por seu largo ombro, Montenegro o guiou para a escada:

-Vamos conversar na minha sala.

Ao pisar no primeiro degrau da escada do vestíbulo, Canto e Melo voltou-se para ele, desconfiado. Montenegro também tinha dos seus suspenses.

-Deve ser sério. Nunca vamos para a “sua sala”. Acho que nem conheço “a

sua sala”. Você tem uma sala?

Mordendo o riso, Montenegro apontou o caminho.

Canto e Melo nunca havia estado no segundo andar do clube. Para o bem da verdade, a maioria dos sócios nunca haviam sequer pisado lá. Diziam haver os aposentos do Marquês, para onde somente poucos eram convidados para participarem de orgias. A maioria achava que deveria ser alguma espécie de almoxarifado e que a história das orgias era mentira. No entanto, saber que ali era a sala de Montenegro não impressionava Canto e Melo. Era até esperado que ele tivesse um canto recluso onde poderia tramar melhor os seus esquemas.

A sala era a primeira porta subindo as escadas, o que não ajudou a Canto e Melo desbravar o resto do andar e para onde levava um longo e escuro corredor. O ambiente era o suficiente para uma escrivaninha e duas cadeiras. Não havia janelas e nada nas paredes. Um local tão vazio e nu que duvidava ser realmente a sala de Montenegro.

Um candeeiro no centro da mesa iluminava parcamente a alcova e foi, através das brumas das sombras, assim que Montenegro fechou a porta, que avistou um rosto negro saltando da escuridão.

Se acreditasse em fantasmas, Canto e Melo teria gritado.

Era um homem alto e negro, de porte imponente, daqueles que faziam parte do imaginário tribal. Não dava para precisar uma idade, mas, pela expressão nos olhos negros, pelos cabelos raspados bem rente, o que abria a expressão marcante de seu rosto – deduzia ter passado dos 20 anos e nem chego aos 30 anos. Vestia uma camisa branca e uma calça preta, porém, dava para ver, pelo apertado do tecido, que tinha muitos músculos – e o que reforçava a possibilidade de ser um guerreiro.

-Este é Kambami. – Montenegro apresentou-o a Canto e Melo.

O marido de Caetana ergueu a mão num cumprimento:

-Olá!

O homem olhou para a mão, para o rosto sorridente, e nem se mexeu. Mantinha os braços na frente do corpo e um olhar duro, fixo em algo que Canto e Melo nem suporia o que poderia ser.

Montenegro deu a volta na mesa e se sentou. Começou a revirar alguns papéis, buscava algo enquanto Canto e Melo estudava o homem e para o que ele estaria mirando tão fixamente.

-Ele entende a nossa língua? – perguntou, por fim.

Sem dar muita atenção ao que falava, Montenegro resmungou:

-Ele é um africano traficado ilegalmente.

-Ele....?!

Achou um papel e analisou próximo a luz do candeeiro para verificar se era

mesmo aquilo que procurava.

-Conseguiu fugir do porto ilegal de Macaé. – ao se certificar que era o que queria, abriu um leve sorriso e dobrou o papel – Estevão o trouxe para mim.

Guardou-o no bolso interno da casaca. Tinha um sorriso de quem estava analisando mais do que achando graça. E talvez a cara de Canto e Melo tivesse dado motivo de riso. Estava com os olhos arregalados e a boca caída:

-Ele vem...

-Da fazenda de Macaé do Feitosa. – completou, pegando uma pistola escondida sob resmas de papel – É a prova que precisávamos para desestruturar o porto ilegal. Neste exato momento, Estevão foi atrás de um lugar para ele ficar. – levantou-se, sem parar de falar – Precisamos anotar o seu relato para decidirmos o que fazer a seguir.

-E quanto as autoridades? Não vamos chamar a polícia, avisar a alguém?

-A polícia de Macaé está comprometida. – prendeu a pistola na parte detrás das calças, escondendo-a sob a casaca – Feitosa e seus comparsas compraram “seus olhos, bocas e ouvidos”. E não duvido que tenha feito o mesmo aqui na Corte, onde a influência deles é maior ainda. – apoiando as mãos na mesa, fitou Canto e Melo – Teremos de realizar uma fuga em massa e roubar todos os registros para impedir que este porto continue em funcionamento.

Aquilo era loucura! Não adiantava comentar isso, pois Montenegro tinha total consciência disso – tanta, que passava a andar armado!

-Mas isso não impedirá que outros portos clandestinos existam.

-Talvez. – Montenegro tomou o seu chapéu sobre uma cadeira – Em meio as dificuldades que a Marinha Inglesa está criando, acho provável que eles desistam. Tornará muito arriscado ter um porto ilegal.

-O que o Marquês pensa disso?

Montenegro, que ajeitava a cartola sobre os cabelos negros, parou. Um segundo. E voltou a ajeitar o chapéu sobre a cabeça:

-Ele não está aqui. Foi para Barra do Piraí visitar o Duarte. Me resta tomar essa decisão e resolver de uma vez por todas a “questão” Feitosa.

-Está mais parecendo uma vingança pessoal... – ele havia dito baixo, não era para Montenegro o ter escutado.

Canto e Melo sentiu a sua alma estremecer quando Montenegro o mirou. Não havia sorriso. Não havia simpatia. Havia uma frieza afiada, que fez Canto e Melo se sentir cortado ao meio:

-A escravidão é uma questão pessoal.

A voz tenebrosa, o olhar perigoso do assassino diante do instrumento de morte, aquele não era o Montenegro que conhecia. Aquele era o “Barão Negro” de quem havia ouvido falar algumas vezes. E Canto e Melo não teve o menor

prazer em conhecê-lo. Melhor seria até esquecer que o havia visto, ainda que de relance. **Pretendo manter a minha alma intacta.**

Subentendia que havia algo entre Feitosa e Montenegro, mas o que fosse, se era para saber, o amigo já teria lhe contado.

Tinha das suas desconfianças: Amaia. Diversas vezes Canto e Melo notara como o fazendeiro olhava para a moça, assim como Caetana. Em mais de um momento havia visto a esposa impedindo o pai de ir conversar com Amaia, alegando que a amiga estava fora, ou numa outra situação em que não poderia recebê-lo. De fato, todas as vezes que Caetana mencionava o nome de Amaia, toda a expressão de Feitosa mudava e ele parava o que estivesse fazendo para escutá-la.

-E o que você dirá à Amaia?

Se antes Canto e Melo tinha a impressão que Montenegro queria matá-lo, agora havia a certeza. Toda a expressão dele ganhara contornos sinistros, possuída por um demônio. A sua voz cavernosa ainda completou aquela materialização assustadora:

-Quanto ao quê?

-Ao-a-ataque! Quem irá comandá-lo? – o olhar duro sobre Canto e Melo o fez entender de imediato – E-eu? Na-não! Já levei um tiro antes. E você mesmo me disse que eu tenho que deixar de ser heróico e pensar na Caetana. Não posso me arriscar desta maneira e... – em silêncio, Montenegro era ainda mais aterrador. Canto e Melo bufou – Ah, está bem, eu vou. Mas o que direi à Caetana? “Amor, fui lá para Macaé acabar com o comércio ilegal de escravos que seu pai comanda e sustenta, mas já volto. Me espera para o jantar.” – balançava a cabeça na negativa – Prometi que não ia mais mentir ou esconder as coisas dela. E onde você vai colocar estes escravizados? Vai mandá-los de volta para a África?

-Gostaria, mas não sei se conseguiremos. Por enquanto, eles serão distribuídos pelas nossas colônias de parceria até conseguirmos resolver como reenviá-los.

-Eu continuo achando uma péssima ideia. – Canto e Melo balançava a cabeça na negativa, já nervoso porque estaria traindo Caetana ao esconder dela que iria ajudar num ataque contra Feitosa.

-E faremos o quê? – em poucos passos, Montenegro se aproximou de Canto e Melo. Sua mão tocou o ombro e pode sentir o amigo estremecer – Deixaremos que sejam escravizados? Lembre-se o que aconteceu com a Lei de 1831. O próprio governo deixou dar perda dos escravizados trazidos ilegalmente e nunca foi atrás dos verdadeiros culpados. Enquanto isso, preciso que você esconda Kambami, até conseguirmos levá-lo ao quilombo.

-Co-como?

-A casa de Estevão é mais do que ideal e ninguém levantaria suspeitas que você e Caetana tivessem um africano foragido lá.

-Você realmente quer acabar com o meu casamento... – falava devagar, transpassando um olhar consternado para o africano – Não prefere dar um tiro em mim? Vai ser mais fácil lidar com a minha própria morte do que com o fim do meu casamento.

Montenegro apertou os olhos e um calafrio subiu a espinha de Canto e Melo.

-Desde quando você ficou tão medroso?

-Medroso? Eu só temo em perder a minha esposa. Eu amo Caetana e quase a perdi. Não foi nada bom o que eu senti. Não vou cair mais no mesmo erro. – continuava a negar, balançando a cabeça infundavelmente - Não, não, não...

*

No coche, Canto e Melo ainda balançava a cabeça. Desta vez para Kambami, sentado a sua frente. **Por que eu deixo Montenegro me influenciar? O que vou fazer com o Kambami? Ele nem entende o que eu digo!** Tentou sorrir, mas Kambami estava mais preocupado em conseguir se manter no banco de couro, dele escorregando a cada sacolejada do veículo. **Como vou explicar que ele tem que ficar escondido? Espero que o Estevão ache logo um lugar para ele.**

-Oi! – gesticulou para o africano e ganhou a sua atenção – Você! – apontou para ele e pos o dedo na frente dos lábios – Ficar em silêncio. – colocou as duas mãos sobre a cabeça, como se protegendo da chuva – Escondido. – fez “Não” com o dedo riste – Não posso mostrar você. – apontou para o homem.

Kambami respondeu numa outra língua. Canto e Melo não soube compreender, acreditando que havia falado em vão. **Ele não parece estar me entendendo e eu não compreendo uma linha do que me fala.**

Quando o coche parou, Canto e Melo saltou na frente. Havia aguardado escurecer para que não fosse fácil enxergarem quem entrava na casa.

-Minha casa. – apontava para si e para ele – Você esconder aqui. – apontava a casa e fazia o gesto de “esconder” – Escondido. Silêncio. – pos o dedo na frente dos lábios.

Durante o percurso de volta, Canto e Melo havia decidido que seria mais seguro colocar Kambami em seu quarto. Cogitara o tal “quarto de curiosidades” de Estevão, mas depois lembrou que alguém deveria entrar para limpar. Quanto ao seu, poderia dar a desculpa que não o perturbassem. Talvez alegar enxaquecas ou coisas do tipo. Quiçá fingir-se de doente por alguns dias. Seu receio era que Caetana se preocupasse.

Foi acenando com a mão para que Kambami o seguisse casa adentro.

A casa estava vazia e parcialmente escura, o que o fez questionar se todos haviam saído. Ao desembocarem da escada no segundo andar, Canto e Melo escutou a porta de Caetana se abrindo – finalmente haviam consertado! – e viu ela saindo. Estava com as roupas do dia, porém, o seu cabelo estava preso de outra maneira – bem mais social e elaborada e com mini-flores entremeadas pelas madeixas castanho-claras.

Ela ainda virava o corredor, o que o permitiu pensar rápido.

Empurrou Kambami para trás de um reposteiro e colocou o dedo na frente da boca, pedindo silêncio.

Eu preciso ser firme. Não posso desistir. Devo agir de maneira sedutora. Deixar que ele queira se apossar de mim. Incentivá-lo a me experimentar. Quando Caetana se deparou com Canto e Melo, materializado no meio do corredor, sorrindo largamente, ela ergueu a cabeça num susto e corou. Não estava esperando vê-lo antes de estar bem calma e controlada.

Desde o ocorrido pela manhã, ela oscilava entre as boas lembranças e a timidez de criança travessa que havia feito algo muito errado – e gostado. Só não queria ainda falar com ele, não agora, sem estar pronta para incorporar a Caetana sedutora. Talvez nunca tivesse, tendo considerado um fiasco a sua primeira tentativa. Nunca havia cogitado que fosse algo tão difícil. Era certo que Amaia tinha um talento natural e fazia parecer fácil, porém, não que fosse praticamente impossível. Havia feito tudo o que Amaia recomendara: evitar roupas íntimas, deixar que a tocasse em determinadas partes do corpo e lhe desse prazer, além de ensinar em que lugares os homens gostavam de serem acariciados. E parecia que nada adiantara, pois Canto e Melo fugira daquela sala como se estivesse contaminada.

Desta vez, porém, diante dela, não aparentava bravo e nem que fugiria dela, o que a deixava ainda mais nervosa.

-Aqui estou! – ele estava afobado, porém isso passou despercebido por ela, focada nos próprios pés e em apreciar a passadeira do corredor.

Se pudesse, Caetana correria dali, entretanto, suas pernas não seguiam a sua vontade, nem nenhuma outra parte do corpo, todo ele fibrilando numa curiosidade sem fim – piorada todas as vezes que seus olhos resvalavam em qualquer parte do corpo dele. Após o almoço, havia pego a chave do gabinete com o Sr.Cruz e trancara-se lá por horas, aproveitando para analisar com mais cuidado o que ali poderia aprender. Toques, apetrechos, pontos, “truques dos mais libidinosos” que a ajudassem a ser mais sedutora. O que, na verdade, a deixava ainda mais curiosa.

-Vai sair? – perguntou ele, como se ao acaso.

-Você se esqueceu do jantar dos Montenegro, no Hotel Globo?! – mirou-o e, ao sentir que suas bochechas iam explodir, voltou a analisar os pés – Amaia mandou um coche vir nos buscar. Daqui a pouco chega e não acho educado nos atrasarmos. – tendo dito isso, puxou a saia do vestido e retornou ao seu quarto, esquecendo o que ela havia ido fazer antes de cruzar com ele.

-Claro, meu bem. – soltou num muxoxo.

Caetana tornou a ele. Erguia uma sobrancelha e tinha os olhos contraídos:

-Tem algo estranho com você.

-O quê? – ele suave – Não tem nada de estranho comigo. Estou ótimo! – tentou abrir um sorriso, mas não conseguia – E você? Ficou bem depois que parti?

Toda ela gelou e suas bochechas pareciam que iam cair.

-Oh, vou terminar de me preparar. – balbuciou, abaixando o rosto.

Atchim!

Canto e Melo, com a mão na frente do nariz, espirrou – propositadamente:

-Atchim!

-Saúde. – desejou Caetana e, sem retomar o passo, ficou como se pensando em algo – E vá tomar um banho, você está com um forte cheiro de suor, como se estivesse fugindo a dias. Parece que impregnou o ar.

Fungando o ar em volta, e as axilas, Canto e Melo percebeu que o cheiro era de Kambami e não dele.

Atchim!

Malditas cortinas poeirentas!

-É só uma alergia. – gritou ele, acenando para ela que havia acabado de fechar a porta de seu quarto.

Contando até dez, para ter certeza que Caetana não sairia do quarto, Canto e Melo foi zunindo com Kambami para o seu. Puxou o africano para dentro e trancou a porta. Manteve o ouvido na madeira para escutar se Caetana estava no corredor.

Ao ouvir passos vindo em sua direção, colocou Kambami atrás da porta, onde não poderia ser visto se a abrissem.

-Você ficar aqui. – apontou o homem e o chão – Eu tenho que sair. – apontou a si e a porta.

Kambami respondeu algo na outra língua, mas Canto e Melo apenas o mandou se calar e aguardar.

Bateram a porta. Ajeitando as roupas e respirando fundo, ele atendeu com um sorriso de quem “estava tranquilo” – parecia que estava mordendo os lábios. Ao ver a face turrone da governanta, ele abriu ainda mais aquele sorriso estranho:

-Olá, Sra.Cruz! Poderia me fazer a gentileza de pedir que me preparem um banho.

-Como queira.

Canto e Melo respirou fundo ao fechar a porta. Recordou-se que o banho era na alcova ao lado, cuja porta entre ela e seu quarto estava aberta, ou seja, seria muito fácil, para quem enchesse a banheira, ver os dois ali. Correu para trancar a porta de ligação e, finalmente, sentar-se numa cadeira e poder respirar um pouco.

Ao levantar os olhos, tinha diante de si aquele africano forte e alto, que se misturava às sombras da noite. O olhar dele, no entanto, levava a crer que era um homem extremamente sábio – mesmo que Canto e Melo não estivesse entendendo o que lhe era dito.

-Não entendo... – balançava a cabeça na negativa.

Estava tão cansado, que nem conseguiria entender o que ele mesmo falava.

Novas batidas a porta.

Canto e Melo e Kambami se assustaram. O africano apontou a porta e Canto e Melo complementou:

-O banho deve estar pronto.

Abriu uma réstia da porta e agradeceu a Sra.Cruz pelo trabalho.

-Posso ajudar em mais alguma coisa? – ela quis saber.

-Não! Melhor a senhora se retirar. Estou como vim ao mundo!

Por causa da pouca luz, Canto e Melo não conseguiu ver a governanta corar ao sair da alcova.

Aguardou mais um tempinho e correu para a porta que dava no corredor e a trancou. Pronto, não seriam perturbados, por ora.

Ao voltar-se, viu que Kambami olhava a banheira de flandres e imaginou que nunca havia visto algo do tipo.

Kambami colocou a mão na água e a tirou rapidamente – estava quente.

-Banho. – Canto e Melo sussurrava para ele, apontando a banheira – Água. Tchibum! – ao ver que Kambami pegava a água na mão em concha e a bebia, Canto e Melo o parou – Não é para beber. Você tem sede? – foi até o quarto e trouxe um copo de água – Aqui! Água! Pode beber. – fez o gesto de beber a água - Nossa, isso cansa! – comentou para si mesmo enquanto o outro se deliciava com o fim da sede – Preciso me trocar.

Canto e Melo voltou para o seu quarto e foi a caça do fraque. Ao cruzar por um par de roupas, achou melhor entregá-las a Kambami e pegar a camisa e calça velhas que ele usava e estavam cheirando a suor. Sem saber que fim dar nelas, atirou-as debaixo da cama. Depois pensaria em alguma coisa. Trocou as suas roupas e foi verificar como o outro estava e levar as novas vestes. Ao passar pela

cômoda, lembrou-se que todos os dias colocavam frutas frescas para comer, caso desse fome à noite. Pegou a cesta e a levou consigo. Bateu na porta para anunciar que entrava. Não poderia deixá-lo no banho, poderiam suspeitar se o escutassem.

Na alcova, deparou-se com o africano nu, observando a noite pela janela. Sua pele, sem a poeira dos caminhos, e o suor dos sacrifícios, possuía uma película prata de raios lunares, feito uma aura que Canto e Melo não soube bem classificar. Algumas cicatrizes e pequenas marcas de ferros, ainda recentes, iam se sobressaindo nos altos montes dos músculos; resquícios da escravidão. Compunha a cena poética uma melodia triste. Ele cantava alguma coisa, bem baixinho, observando o mar prateado pela lua. Canto e Melo imaginou que fosse sobre saudades, pois toda a expressão dele era de pungente tristeza. Era uma pena que não pudessem conversar, trocar algumas palavras amigas, quiçá. Porém, Canto e Melo tinha certeza que nada que dissesse diminuiria a dor de quem havia sido arrancado da sua casa, da sua família, da sua tribo e atirado num porão sujo e escuro e transportado desumanamente feito carne até onde o oceano acaba.

Novas batidas o fizeram dar um salto.

Kambami, também assustado, tinha os olhos arregalados e ia a cata de uma faca que carregava presa na perna.

Para evitar que fosse ouvido ou atacasse alguém, Canto e Melo colocou as mãos na frente, pedindo que parasse. Falando baixinho, colocou o dedo na frente da boca. Shiuuuu... Kambami parou, mas as batidas ficavam ainda mais incessantes.

Sem abrir a porta, Canto e Melo perguntou o que queriam.

A voz do outro lado era a do mordomo:

-A senhora pediu que descesse, senhor. Ela já o aguarda no coche.

-Estou indo! – ao voltar-se para trás, viu Kambami pegando a cesta de frutas e cheirando uma por uma. Para que não cometesse algum erro, fez um gesto circular no estômago e sussurrou – Você deve estar com fome... Frutas. Coma. – fingiu pegar uma fruta e mastigar – Pode comer. Comer...

Estou me sentindo um imbecil.

-Está tudo bem, senhor? – perguntava o mordomo do corredor.

Canto e Melo se arrepiou. **Ele deve ter me ouvido falar.**

-Sim, obrigado, Cruz. – espetou a orelha na porta e aguardou o mordomo se afastar da porta para poder dar novas diretrizes a Kambami – Fique quieto. Eu tenho que sair. Silêncio. Shiuuuuu... Está bem? Já volto!

Puxando o fraque para baixo e acertando a postura, Canto e Melo saiu da alcova pela porta interna e terminou de jogar um olhar no espelho – para ver se

estava tudo a contento – e abriu um sorriso. **Como Montenegro não se apaixonaria por mim, se ele fosse mulher?!**

A porta do quarto se abriu e Canto e Melo se arrepiou. Era uma criada, que trazia um balde. Ao vê-lo, ela abaixou a cabeça e pediu desculpas. Vinha esvaziar a banheira.

-Não precisa! – a rapidez em que respondera o fizera questionar se havia feito bem, pois a criada tinha os olhos saltados – Não. – acalmou a voz – Para quê? – abriu um sorriso forçado – Não é mesmo?! Está calor hoje e posso, ao chegar, querer mergulhar na água.

O rosto da criada era de quem não o compreendia, mas a sua natureza era de não questionar:

-Como o senhor quiser.

Canto e Melo respirou fundo. Melhor seria trancar a porta do quarto também – e rezar, muito.

Ao entrar no coche, suave. Todo o seu corpo estava tenso e seus dedos não paravam de dedilhar a aba da cartola.

-Achei que não viria mais. – retrucou Caetana, que havia notado que ele nem largara um olhar sobre ela e nem elogiara as suas vestes. Era a primeira vez que usava um dos vestidos do seu enxoval.

-Eu também achei. – ele mirava a paisagem da cidade que passava pela janelinha do coche.

Sua cara estava chupada de cansaço, a sua voz era uma réstia e, com o bailar do carro, era bem provável dormir se não chegassem logo no restaurante.

Pondo a mão enluvada sobre a dele – também enluvada, como dita a etiqueta – Caetana procurou por seus olhos claros. Estava preocupada com o marido e com aquele distanciamento que havia criado entre eles, no banco apertado daquele coche:

-Você está bem?

-Fantástico. – ele lhe respondeu sem, sequer, lhe olhar.

E as mãos dela voltaram para o seu colo com uma estranha sensação de repulsa.

Capítulo 14

**“Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?”**
(Luiz Vaz de Camões)

Aproveitando que estava sentada de frente para o marido, Caetana tentava analisar o que acontecia. Estava abatido, os olhos não tinham qualquer brilho, o tom de voz era desanimado. Uma aura de preocupação o rodeava e, nem com Montenegro, ele trocara mais de duas frases durante o jantar. *Será que é sobre a anulação? O que fez ele achou inapropriado e teve certeza de que não sou apta a ser sua esposa?* Todo o corpo de Caetana estremeceu. Captou também um olhar de Montenegro sobre o amigo e um ar de quem sabia o motivo daquilo. *Não. Deve ser algo sobre o clube. Está assim desde que voltou do encontro com Montenegro. Será que Amaia sabe de algo?*

A amiga pouco comia, entretendo-se em conversar animadamente com o Visconde de Mauá, ao seu lado. Falavam tanto, que dominavam o assunto da mesa – sendo que a maior parte do “tema” era o quão Amaia era incrível e a sorte que Montenegro tinha, o que ele respondia com ironia, risos e brindes à esposa.

Para alguns, aquilo poderia soar a petulância ou a um casamento de aparências, porém Caetana os conhecia e sabia que, apesar do jeito coquete e desaforado de ambos, eles se amavam. Havia tanta ternura no olhar de Amaia, havia admiração nos de Montenegro, havia prazer nos de Amaia, havia carinho nos de Montenegro. Inclusive, quando o Visconde comentara sobre a juventude “rebelde” de Montenegro, das suas fugas noturnas do Colégio Pedro II para brigar com alguns meninos – abafava a parte que depois ia curar “os machucados” num bordel próximo –, Caetana vislumbrou um raio que ligava os corações de Amaia e Montenegro. Algo muito rápido e muito íntimo, que não deveria ser visto pelos outros. O casal sorria com a alma, trocava amores e, num gesto mínimo, o de acarinhar o dedo mindinho, colocavam na mesa todo aquele sentimento imensurável.

Caetana nunca se sentiu tão feliz pela amiga – e tranquila, pois tinha certeza que Amaia estava em boas mãos.

No caminho de volta para casa, tentava dar as suas impressões sobre o casal, sobre o amor deles, e como estava contente por eles – enquanto estava triste por achar que ela e Canto e Melo não teriam do mesmo, nem tentando seduzi-lo. Mas o marido, com quem dividia o banco, estava perdido no próprio silêncio, examinando a noite como se querendo deixar Caetana de fora de suas

questões, propositadamente.

Voltando os olhos para as mãos enluvadas, Caetana guardou para si o comentário de Amaia, dado quando se despediam na frente do restaurante e distante dos ouvidos dos esposos: “Continue! Não desista! Ele vai ceder! Não há homem que não ceda.” Havia sim, e se chamava Roberto Canto e Melo.

Num remelexo do coche, Caetana escorregou para o lado dele, caindo por cima. Foi amparada pelo corpo forte dele e por um olhar de surpresa. Suas respirações estavam curtas, só não sabia se pelo susto ou se pelo contato íntimo. Podia sentir toda a extensão do corpo dele e o calor delicioso que, misturado a uma leve colônia masculina, tornava a sensação agradável de maciez.

Canto e Melo pigarreou. Caetana reparou que, na confusão da queda, de membros e sustos, ela tinha uma das mãos entre as pernas dele e outra apoiada em seu peitoral. Pode senti-lo se expandir. *Amaia comentou que era um bom sinal! Quem diria!* Seus olhos correram para o rosto dele. Parcialmente nas sombras do coche, notou-o levemente desconsertado.

-Perdão. – Canto e Melo trocou um sorriso sem vida.

Pegou-a pelos ombros e a ajudou a se colocar no banco para, depois, retomar a pose comportada e retornar às suas misteriosas divagações.

Caetana queria pular pela janela. Não havia espaço o suficiente naquele coche para esconder a sua vergonha.

Sua mãe sempre lhe falava que uma boa maneira de sair de uma situação complicada era entrando em algum assunto completamente divergente e agradável, daqueles que as pessoas se esqueciam do que fosse de tão imersas que estariam em debater o tema.

Era preciso dar um tema. Algo mais neutro do que Amaia e Montenegro, ainda assim, interessante.

-Nunca pensei que o Visconde de Mauá fosse tão agradável de se conversar. – comentou, esperando uma resposta mais planejada do que um “sim”.

Tinha algo de estranho... Talvez o problema não fosse ela e a sua sedução – o que seria um alívio. Havia alguma outra coisa assombrando-o, ali, entre eles. E seja o que fosse, ela ia dar um chute nesta coisa. Mas antes, era preciso averiguar com calma, para ter certeza do que poderia ser. Não queria continuar repetindo os mesmos erros e tendo que se lastimar toda a noite por causa disso.

-Está escutando algo do que digo, Roberto?

-Claro.

Ele sequer a olhava.

-Eu vou plantar uma bananeira no jardim. E pretendo dormir com o Sr.Cruz e com o jardineiro-cujo-nome-esqueci. Os três, na mesma cama, a noite toda! Divertindo-se! – disse ao se lembrar de um quadro que havia visto no corredor

da casa de Estevão.

-Aham, sim. Que ótimo!

Caetana soltou um muxoxo.

O coche parou. Canto e Melo saltou e ergueu a mão para ela descer. Tão mecanicamente, que mantinha os olhos nos pensamentos no fundo do cérebro.

Aproveitando que ele estaria “mais próximo”, Caetana saltou do coche e lhe cravou os dedos na palma da mão e afirmou:

-Eu odeio nozes e pecans e você.

-Claro, claro. – retrucou, ofertando o braço para entrarem na casa.

Contudo, Caetana estacou, segurando-o.

Canto e Melo tomou um susto com aquela reação, como se desperto de algum pesadelo. A cara de decepção dela confirmava que ele havia feito algo muito errado. A boca de Caetana estava trincada num choro que ela impedia de sair, e seus olhos boiavam em lágrimas.

Todo o corpo dele se contraiu e o coração pesou toneladas. Teve medo de perguntar, mas era preciso:

-O que foi?

-Você não está escutando UMA palavra minha! – Caetana resmungou.

Sem paciência para isso, tendo coisas mais importantes para resolver no momento, Canto e Melo respirou fundo e deu as costas e foi entrando na casa, sem ela.

Aquilo subiu em Caetana e a fez saltar das sapatilhas. Do choro passou para o aborrecimento em segundos – e as lágrimas nem tinham secado.

-Roberto! Eu estou falando com você! – todo o seu corpo se arrepiou. Num raio, ela entendeu. Arregalando os olhos, concluiu – Você não está mentindo para mim e nem escondendo algo, não é mesmo?

Ele se voltou para ela, pálido.

Estreitando os olhos sobre ele, Caetana disse bem devagar, para que a compreendesse:

-Pense muito bem antes de responder.

Os olhos dela estavam cravados nele e era impossível para ele desviar. Foi preciso que Canto e Melo respirasse fundo, bem fundo.

*

-Eu não acredito! – Caetana quase soltou um grito ao se deparar com Kambami diante de si, parado no meio do quarto do marido. Canto e Melo cobriu a sua boca e pediu silêncio, não queria que os criados soubessem dele. Ela voltou-se para ele, nervosa, mas falando mais baixo – E você não ia contar para mim?

Os olhos amendoados dela estavam repletos de decepção, contudo, Canto e

Melo não conseguiu se sentir culpado desta vez:

-Eu ia, mas você foi mais rápida em perguntar do que eu em contar.

Tentando se refazer do susto, Caetana deu uma volta em si, pensativa. Era seguida pelos olhares transtornados do marido e do foragido.

-Sabe que manter um escravo fugido é crime?! – comentava enquanto ia andando de um lado ao outro – Podemos ser presos. – e parou, voltando-se para eles, aflita – Algum criado o viu?

-Acredito que não. Procurei ser bem discreto.

Discreto não era um adjetivo que Caetana daria a Canto e Melo.

-E de onde ele é?

-De algum lugar da África?!

-Qual! Deixe de brincadeiras! – arregalou os olhos, incerta se o marido zombava dela.

-Estou falando a verdade. Não sei exatamente de onde ele vem. Apenas que aportou em terras brasileiras recentemente.

Caetana olhou para Kambami, olhou para Canto e Melo e para Kambami novamente. Estava confusa:

-Como? A Lei Eusébio de Queirós proibiu o tráfico negreiro?!

-Você acredita que as pessoas irão deixar de ganhar dinheiro por causa desta Lei? A maioria certamente não irá se arriscar. Mas há aqueles que não se importam em tentar. A própria Lei fez com que o preço do escravizado subisse no mercado. E, agora que existe a Lei do Ventre Livre, ficou pior ainda! O preço está exorbitante e muitos senhores foram obrigados a acabar com os “centros de reprodução”.

Abaixando os olhos, Caetana corou. Sua timidez era por outro motivo: culpa. Culpa por fazer parte de um sistema tão cruel. Culpa por ter vivido anos sendo servida por pessoas escravizadas. Culpa por nada ter feito.

-Falando assim, parece que estamos discutindo sobre animais... – reclamou, envergonhada pela cultura em que havia sido criada.

-Infelizmente é como eles são tratados.

Havia no tom de Canto e Melo algo que Caetana leu como corajoso, o que lhe preencheu a alma. O jeito engraçado e bonachão do marido desaparecera e, diante de si, havia um homem socialmente consciente e humanitário. Um outro aspecto dele que somente agora era-lhe apresentado.

-Temos que pensar de que maneira vamos escondê-lo... – ela continuou, analisando em voz alta, dando voltas em si mesma, a ponto de deixar Kambami confuso se ela dançava – Não sabemos se podemos confiar nos criados. Você sabe se alguém do clube pode nos ajudar? Ou se Montenegro pode levá-lo para ficar escondido na fazenda, no meio dos outros colonos?

-Difícilmente. Transportá-lo para Vassouras é temeroso. Não poderíamos levá-lo de trem, senão, poderia levantar suspeitas. Estão mais exigentes com os negros, pedindo registro e todo o mais para ter certeza se não são escravos fugidos. Também não teria como ir de coche, pois é muito longe e teríamos que pernoitar em algum lugar. É arriscado. O melhor é deixarmos num dos quilombos dos arredores, por enquanto.

Os olhos de Caetana quase caíram de seu rosto pálido de tão arregalados que estavam:

-Existem quilombos na Corte? Achei que era somente no interior... no meio do mato!

-Um ou dois.

Canto e Melo não queria falar muito do assunto, e nem Caetana insistiu. Preferiu saber mais sobre Kambami, que os escutava, calado.

-Onde você o encontrou?

-Ele me foi trazido.

-Por quem?

Ele rateou para falar o nome, desviando os olhos para qualquer outro lugar:

-Estevão.

-Hum... – Caetana pensou em várias possibilidades de discutirem o fato dele ter encontrado Estevão e não ter dado um soco nele, o que ela mesma pretendia resolver outra hora – Por enquanto, deixe-o em seu quarto com você.

-Comigo?

Houve, mesmo que por segundos, a esperança de que Caetana falasse para que o esposo fosse dormir em seu quarto, ou que colocasse Kambami na alcova ou em outro quarto, porém, ela não deu opção para discussão.

-E onde mais ele ficaria? Comigo? – Canto e Melo corou e balançou a cabeça na negativa – Se ele ficar aqui com você e fizer algum barulho, acharão que foi você. Ao menos, até sabermos como vamos tirá-lo daqui.

-Estevão virá buscá-lo.

-Mal vejo a hora de conhecer este seu amigo Estevão...

Ele achou ter visto uma sombra de violência se apossar de Caetana por segundos, ao pronunciar o nome do “conhecido”.

Sem dar mais delongas a isso, Caetana se aproximou do africano e falou, calmamente:

-Qual o seu nome? Caetana. – apontou a si e ao marido – Roberto.

-Kambami. – o foragido respondeu.

-Kambami. Que bonito nome. – ela abriu um sorriso, que foi retribuído por ele – Kambami ficará conosco. – apontava ela e a casa – Protegido. – abraçou-se – Está com fome? – fez sinal para a boca aberta e apontou a barriga – Fome? –

ao vê-lo assentir, Caetana abriu outro sorriso, novamente sendo correspondida – Vou pegar algo na cozinha. Aguarde aqui.

Já saía do quarto quando Canto e Melo a parou no umbral da porta, tomando a sua mão:

-Caetana...

A esposa lhe abriu um sorriso singelo, ainda que com alguns resquícios de chateação:

-Você deveria confiar mais em mim. – e suspirou – Depois discutiremos isso. O importante agora é ajudar Kambami.

Retirava a mão quando Canto e Melo apertou os seus dedos. Seus olhos a miravam com admiração. Caetana sentiu a passadeira transformar-se numa corredeira a afogá-la naquela imensidão azul do olhar – ressaltado pelas luzes de vela espalhadas pelo corredor.

-Mais uma coisa... – ele a puxou pela mão.

Seus corpos se beijaram num encontro, mas seus lábios ainda continuavam distantes, pulsando no mesmo desejo de seus olhos.

-Obrigado. – disse ele.

As imensas mãos de Canto e Melo tomavam toda as costas de Caetana, por elas deslizando de um lado ao outro. Não era para constatar se usava espartilho ou não. Ele nem havia reparado na falta da vestimenta, tão preocupado estava em lhe fazer carinho, apenas. Um desejo simples, no entanto, forte o suficiente para que ela entendesse. Havia tanta ternura na expressão de Canto e Melo, que ia subindo por ela, fazendo-a amolecer em seus braços.

Encostando a cabeça em seu ombro, Caetana aninhou-se em seu peitoral e fechou os olhos. Espalmou as mãos e sentiu, sob os dedos, as batidas de seu coração. O coração que pertencia somente a ela e a mais ninguém.

Capítulo 15

**“E nem os anjos do céu lá em cima,
Nem demônios debaixo do mar
Poderão separar a minha alma da alma
Da linda que eu soube amar.”**
(Edgar Allan Poe, *Annabel Lee*)

Canto e Melo fazia canções em homenagem a Caetana, odes de amor, e aos pés da esposa ele se jogaria, arrancando do peito o próprio coração e entregando-o a ela ainda pulsante. Tomaria as suas mãos, beijar-lhe-ia todos os dedos, as palmas, o pulso, onde sentisse pulsar mais forte. Ela se esparramaria em seus braços. Seus longos cabelos castanho-claro fariam cócegas na pele nua dele, arrepiando-o todo. Os lábios quentes dele, úmidos, atingir-lhe-iam a clavícula desnudada pela hábil mão, que afastaria a gola da sua camisola. Beija-la-ia gostando de sentir cada centímetro da pele dela arrepiada. Ela não daria atenção às mãos dele, que, a essa altura, estariam explorando o seu corpo, por debaixo da camisola. Ela soltaria um gemido profundo que ele abocanharia com um beijo. Neste momento, já a teria sobre si, sentindo o corpo nu dela debaixo da fina camisola. Ela, quente, gemeria baixinho e pediria que ele parasse, que acordasse.

Acordar? Por que acordar de um sonho tão gostoso? Não era sempre que tinha o corpo coberto pelo calor perfumado do dela, as mãos subindo pelas costas, e o beijo que sugava seus lábios molhados. Os lábios que exigiam que acordasse. Ela lhe escorregava dos braços, sutil bailarina que lhe gritava:

-Acorde!

Um tapa.

Canto e Melo abriu a boca e foi água goela abaixo. Estava se afogando? Debateu-se sobre o colchão, a buscar ar, feito peixe em terra. O que estava acontecendo? Esfregou os olhos. Caetana estava ao pé da cama de camisola. Tinha o rosto vermelho, afoito, e respirava pesado. Os cabelos, desgrehados, caíam livres pela fina camisola que revelava um ombro nu e uma marca vermelha escura na clavícula. Ao que tudo indicava, não havia sido um sonho.

Ao perceber que seu corpo apontava na direção dela, por debaixo dos lençóis, Canto e Melo se fez ouvir, como se afirmando para si mesmo:

-Não foi um sonho.

Kambami soltou uma risada.

Era pior do que Canto e Melo poderia esperar! Ele havia presenciado tudo!

O africano, ao lado da cama, segurava a bacia de água, usada para fazer a barba pelas manhãs. Tinha um sorriso de quem estava se divertindo com aquela situação constrangedora.

Canto e Melo ajeitou o corpo da cama e abraçou um travesseiro, atravessado sobre as pernas, para esconder determinados arroubos oníricos. Com uma expressão de “oh, vocês me acordaram”, questionou a presença de Caetana – apesar de que preferia ter questionado a de Kambami e estar a dividir o quarto com Caetana, não o contrário.

-Vim acordá-lo e você me puxou para a sua cama. – explicava Caetana, corada pela maneira como Canto e Melo a havia atirado no colchão e a beijado – Tentei me desfazer do seu agarre, mas parecia que nada o acordava. Então, consegui me desvencilhar e Kambami me ajudou.

-Percebi. – resmungava Canto e Melo, sentindo pingos de água escorrerem pelos cabelos e rosto, molhando o dorso.

Captou um olhar de Caetana para o seu peitoral bem formado, levemente pincelado por pelos, e a marca do tiro que havia levado próximo ao ombro. Ela não parava de olhar a cicatriz como se perguntando o porquê daquilo. Foi a vez dele pigarrear para que ela parasse de olhar para seu corpo e sim, para o seu rosto.

-E me acordou pelo motivo de...?

-Ah, sim! – ela pegou as suas roupas que estavam ao pé da cama e as atirou para ele – Vista-se! Meus pais acabaram de chegar. Vieram nos visitar!

Canto e Melo deu um tapa de leve no próprio rosto para ver se ainda sonhava.

-O quê? Co... como? Quando?

-Chegaram ao amanhecer. Precisamos esconder Kambami. Eles vão suspeitar o fato de estarmos em dois quartos separados. Você terá de ir para o meu. – Canto e Melo não teve tempo de comemorar – E Kambami também! Não podemos deixá-lo sozinho. Se fizer algum barulho, meus pais poderão questionar. Afora que, além de meus pais, vieram Rosária e Belizária. E futriquentas como são, certamente tentarão ver o que há aqui.

-Você já pensou em tudo, não?! – Canto e Melo atirou o lençol longe ao se levantar da cama.

Caetana virou-se de costas, vermelhíssima. E Kambami soltou uma risada, apontando para ele. Fingindo não notar que estava nu diante de ambos, Canto e Melo vestiu ceroulas enquanto falava normalmente, como se nada tivesse acontecido:

-Eu só não entendi uma coisa: por que você está me ajudando e omitindo a presença de Kambami?

-Porque eu conheço o meu pai, talvez até melhor do que você. E se ele pegar Kambami aqui, vai entregá-lo às autoridades sem pestanejar, – voltou-se para ele – e você será preso por acoitamento.

Trocando um olhar irônico, já de ceroulas postas, Canto e Melo acercou-se dela. Caetana achou que parecia mais alto sem roupas do que vestido, e repreendeu a si mesma em pensar nisso num momento delicado e perigoso daqueles. E se sobressaltou quando ele tomou um de seus cachos por entre os dedos, sem lhe tirar a mirada:

-E você terá o casamento anulado, como queria. – cheirou a ponta do cabelo, notando que ela estava mais corada ainda com aquele gesto romântico, e abaixou a cabeça de leve, para esconder o sorriso sedutor.

Caetana deu um passo para atrás. O rosto ia ganhando os tons de uma vermelhidão outra. Estava irritada, sem qualquer sinal de vergonha desta vez, como se ele lhe tivesse dado um tapa na cara – o que, finalmente, fez Kambami parar de rir:

-Não quero que Kambami sofra pela inconseqüência de outrem. Sei bem o que poderão fazer com ele. – os olhos dela foram mareando – Vou ajudá-lo. Irei levá-lo até o quilombo. – e saiu do quarto.

-O quê foi isso? – Canto e Melo se perguntou, e não deu atenção ao que Kambami lhe respondera, apenas assentindo – É mesmo muito teimosa.

*

Canto e Melo não demorou muito para se arrumar, afinal, Kambami já havia feito a gentileza de lhe atirar água na cara e despertá-lo. Secou o cabelo e arrumou-se o mais rápido que pode. Ia saindo do quarto, quando se lembrou que teria que esconder o africano – e gesticular isso!

-Você... – apontou para ele – ...ficar quieto... – colocou o dedo na frente da boca – ...e se esconder... – juntou as mãos na frente do rosto.

Kambami continuou de pé, parado, olhando para Canto e Melo, sem piscar.

Respirando fundo, Canto e Melo pediu silêncio e maneou para que viesse atrás dele.

Com muito cuidado, foi para a porta do quarto e a abriu. Não via ninguém nos corredores. Aguardou alguns segundos, só para ter certeza, e saiu. Fez um gesto para que Kambami o seguisse. Três passos e uma tábua rangeu. Canto e Melo segurou a respiração. **Demônios!** Teriam ouvido-os? Aguardou. Ninguém apareceu e pode escutar as vozes vindo do andar inferior. Pelo som, estavam todos reunidos na sala de estar. Certificou-se que estava tudo bem e fez sinal para que Kambami descesse as escadas.

O Sr.Cruz atravessou o vestíbulo de entrada. Canto e Melo paralisou entre os degraus. Tentou posicionar o corpo na frente de Kambami para que não fosse visto.

Nem ele, nem o africano foram vistos pelo Sr.Cruz, que tomava um gole no gargalo do licor que havia sido servido aos recém-chegados. **Isso explica muita**

coisa!

O mordomo sumiu pelas entranhas da área de serviço e Canto e Melo se apressou. Queria esconder Kambami no gabinete de Estevão até que tivesse certeza de que os pais de Caetana tivessem ido embora. Só não confessava a si mesmo de que este era motivo também para impedir que o africano ficasse no mesmo quarto deles e, ele e Caetana, tivessem a oportunidade de ficarem mais juntinhos e a sós.

Tirou a chave do gabinete do bolso do colete e destrancou a porta. Nem se deu tempo de explicar e empurrou Kambami para dentro, trancando-o em seguida. Guardou a chave no bolso, ajeitou as roupas e abriu um sorriso ansioso, pronto para receber o sogro.

Entrar na sala foi como adentrar no passado próximo.

Recordou-se da segunda vez em que vira Caetana, logo após o sarau dos Alencar. Havia sido numa reunião na casa de Luiz Mesquita. Montenegro queria “se enturmar”, mostrar que poderia ser igual aos fazendeiros, mesmo que o vissem como alguma aberração por possuir uma colônia de parceria com ex-escravizados. Enquanto Montenegro andava por entre os barões do café, tentando escutar alguma coisa, descobrir sobre alguma senzala abarrotada ou maus-tratos, Canto e Melo se deixara levar para uma sala onde senhoritas se reuniam para conversar. Companhia muito mais agradável do que a de homens – que só pensavam em negócios e escravos – as mocinhas eram também almas sensíveis, com quem poderia discutir abertamente sobre poesia.

Ou assim, imaginava. A maioria não sabia ler, proibidas pelos pais que acreditavam que se elas lessem, seriam influenciadas pelos romances. Já estava inconsolável, incapaz de encontrar alguém com quem pudesse discutir poesia, quando a vira. Caetana Feitosa de Vasconcellos adentrava a sala, resplandecente, alumando mais do que as velas espalhadas pelo ambiente. Estava na companhia da mãe e com um livrinho debaixo dos braços. Os cabelos contra a luz dava a impressão de uma auréola de santa. O vestido simples e de tecido leve e cor clara, lembrava a nuvem sobre a qual circulava. Era aquele anjo que o salvara do vexame na casa dos Alencar, que o havia ajudado a recitar a poesia.

Havia esquecido o seu nome, mas era impossível não se lembrar do seu rosto bem esculpido e da sua aura. E o sorriso?! Tão delicado, tão elegante, que ele teve certeza que deveriam já ter feito odes para aquele sorrir perfeito. E quanto aos lábios rosados? Que lábios! Lábios sob os quais adoraria se aventurar. Teve certeza da sua singularidade quando ela se acomodara numa cadeira de braços e abriu o livro, do qual puxou um dos mais belos trechos dos sonetos de Shakespeare. Se as mocinhas não poderiam ler, Caetana Feitosa traria a leitura para elas, desafiando os pais de quem fosse e provando-se de uma

coragem e determinação que ele só poderia admirar. Se antes ela era bonita, sua determinação e inteligência agora faziam dela linda.

Naquela sala da casa de Estevão, tendo um escravo escondido sobre o seu teto, e agindo de maneira tranquila, como se tudo estivesse no seu devido lugar, Canto e Melo admirou Caetana tanto quanto naquele dia no Mesquita.

-Ah, o noivo! – o Sr.Feitosa quebrou a corrente da memória. Largou o cálice vazio de licor sobre uma mesa e puxou Canto e Melo para dentro da sala, passando a mão por suas costas – Achei que havia fugido e deixado a minha filha!

O sogro sorria, vibrava numa felicidade incomum. Nem quando fazia negócios “proveitosos” chegou a vê-lo tão alegre. Algo tinha ali, o que deixava Canto e Melo resabiado. E era impossível esconder mais o que fosse, o tempo das máscaras havia terminado e ele já havia conquistado o que queria: a mão de Caetana – só faltava todo o resto.

-O senhor não me conhece... – para não soar tão “ameaçador”, seu semblante se limpou num sorriso amigável – Hah... Nunca faria tal coisa! Sou muito apaixonado por sua filha! – deu um tapinha no ombro do sogro.

-Não conheço mesmo... – Feitosa murmurou.

A Sra.Feitosa chegou a escutar alguma coisa. Quando ia se inclinar para perto para saber o que havia dito, a filha os interrompeu.

Caetana estava tão apreensiva quanto o marido com aquele encontro. Mais por medo do que Canto e Melo poderia falar do que pelo pai. Mantinha a pose de moça educada, segurando as próprias mãos trêmulas:

-Vocês nos surpreenderam com esta visita. – tentava abrir um sorriso, mas não conseguia.

-Ideia de seu pai. – retrucou a mãe, notando o seu nervoso – Fui terminantemente contra.

-Insisti sim. – afirmava o pai, apoiando os dedos no bolso do colete e erguendo uma das sobrelanceiras, atitude comum quando queria fazer alguma surpresa para as filhas menores – Ia visitar a minha irmã e resolvi passar para ver como estavam.

Por um segundo, Caetana abriu um sorriso incerto:

-Pensei que iam ficar conosco?!

Nem teve tempo de segurar a excitação com aquela “boa notícia”.

O pai aproveitara a deixa – muito bem manipulada por ele – e fizera uma cara de “está bem, o que não faço pela minha filha”:

-Se faz questão, aceito de bom grado. Não quero que os meus filhos se sintam renegados. – e, se fosse um homem de sorrisos, teria dado um bem sarcástico, voltado para Canto e Melo, em especial.

O estupor fora visível, tanto em Caetana quanto em Canto e Melo. Ambos tentaram forjar alegria, algo bem torto e que deixou o Sr.Feitosa ainda mais certo do que ele precisava fazer para “se aproximar” do genro.

A Sra.Feitosa, conhecendo a filha mais velha melhor do que a si mesma, pigarreou e tentou convencer o marido de que aquela não era uma boa ideia. Tentou se embasar num único argumento: recém-casados precisavam de um tempo a sós para se conhecerem melhor.

Mas o marido estava determinado:

-Está decidido, ficaremos. – falava alto, impositivo, fazendo Caetana estremecer, e Canto e Melo pode notar que as mãos estavam se segurando – E quanto a esta casa? De quem é mesmo?

-Estevão Silva de Castro. – Canto e Melo respondeu e deu um passo para junto da esposa. Pos a mão sobre as de Caetana. Queria dar-lhe segurança, que ela soubesse que tudo ficaria bem enquanto ele estivesse ali.

Ela, automaticamente, abriu as suas e aceitou a dele, entrelaçando os dedos.

A sogra ao reparar naquela união, escondeu o sorriso de satisfação. Transpassou um olhar enviesado para o marido. Por sorte o Sr.Feitosa não parava para enxergar nada que não lhe fosse de proveito.

Estava preocupado em dar voltas na sala e criticar a decoração da casa. Aproximou-se de um cortinado colorido e repleto de franjas e tocou o tecido com algum desdém:

-Por certo ele deve ser uma alma bem alegre.

-Radiante, no mínimo. – sorriu Canto e Melo – Por favor... – apontou a poltrona para o sogro e soltou a mão de Caetana.

A moça tomou um susto com aquele repentino abandono. Suas mãos, antes suadas, estavam tão quentinhas, confortáveis. Teve um choque ao sentir que ele não estava mais ali, ao seu lado, a apoiando. Não o deixaria escapar dela, não sem sua permissão. Colocou-se ao lado de Canto e Melo e tomou o braço dele, como um casal de enamorados faria. E perguntou da viagem aos pais. Após escutar os meandros do percurso Vassouras-Corte, pediu licença:

-Vou pedir que a Sra.Cruz prepare um quarto para vocês. – e saiu, largando um sorriso para o marido.

Era visível o contentamento de ambos, a troca dos olhares, o brilho dos apaixonados. Tudo parecia fluir bem entre eles, o que deixara a Sra.Feitosa tranquila. Havia proposto aquela viagem para dar apoio a filha, que parecia tão perturbada na despedida do casamento e das poucas notícias. Talvez o que Caetana lhe confidenciara havia sido apenas um ataque de nervosismo, algo comum numa moça recém-casada que desconhecia da vida. Só não havia entendido por que Caetana havia destruído o seu vestido de noiva. Havia-o

encontrado escondido debaixo da cama, no dia seguinte ao casório, quando havia entrado no quarto para começar a prepará-lo para outra filha. Teria de perguntar-lhe no momento apropriado.

-Está tudo bem com vocês? – quis saber o Sr.Feitosa, dando uma rápida esmiuçada no genro – Caetana me parece um pouco pálida. Não me diga que já a emprenhou?

Chocada com aquela pergunta, a Sra.Feitosa o repreendeu:

-Caetano!

-Hah, este aqui não me parece que perde tempo para nada, não é mesmo? – riu-se, porém o olhar era de quem estava testando-o – Ou será que é daqueles que deixa a mulher fazer o que quer? Saiba, mulher é como égua, tem que ficar sob rédeas curtas e ter sempre um chicote à mão.

Diante disso, a Sra.Feitosa abaixou a cabeça e segurou os comentários. Não poderia negar que o seu casamento havia sido levado desta maneira e ela fizera de tudo para impedir que as filhas sofressem o que ela mesma teve que passar nas mãos do marido. Ela poderia estar encabulada em ter escutado isso tão claramente, porém se chocou ainda mais ao ver o posicionamento de Canto e Melo – e teria chorado de alegria, se pudesse:

-Não posso concordar com o senhor. Mulheres devem ser respeitadas e amadas, e não tratadas como animais.

O sogro não gostou do que ouviu, muito menos do que viu. Todo o semblante de Canto e Melo se assombreada e uma força raivosa se fizera – apesar dele controlá-la muito habilmente. O Sr.Feitosa o analisou, em silêncio.

-Ah, não vai me dizer que é daqueles que acha que elas pensam como nós homens? Daqui à pouco vai me falar que os escravos têm alma. – e riu.

Canto e Melo teve que se segurar para não dar um soco no homem. Não poderia haver alguém mais abaixo. E teria agido de maneira ríspida se a sua esposa não tivesse entrado na sala.

Caetana continuava com uma aura de nervoso, porém estava mais em posse de si do que antes.

-Tudo pronto! Pedi que preparassem dois quartos. – algo chamou a atenção de Caetana, algo como um silêncio incomum, o que beirava a uma serenidade que era tão pouco familiar quando se tratava dos membros de sua família. Foi quando percebeu – Onde estão Rosária e Belizária?

-Ficaram na casa da sua tia. Caroline D’Avis estava lá e quiseram aproveitar para conversarem. – avisou a mãe, reparando que o genro estava estranhamente desconfortável.

-Não acho que Caroline seja a melhor companhia para elas. – retrucou o pai.

-E por quê não, Caetano?

-Porque é mimada e sem escrúpulos. Depois das injúrias que ela andou espalhando a respeito de Amaia, eu nunca mais a aceitaria em nossa família, mas minha irmã insiste naquela matraca.

Foi imediato o descontentamento por parte de todos. Caetana enviou um olhar preocupado para a mãe e a Sra.Feitosa abaixou os olhos para as próprias mãos e ficou calada. Canto e Melo teve certeza: seu sogro estava querendo se enrabichar com Amaia. E a situação ficou ainda mais notória quando a sogra comentou com algum ressentimento:

-Você se preocupa demais com Amaia, meu marido.

-Qual! – ele riu – Sou o seu padrinho e ela não tem mais ninguém no mundo. E, falando sobre Amaia, já a encontrou? – virou-se para o genro, encarando-o – Soube que ela veio para a Corte também.

O Sr.Feitosa não tirava os olhos de Canto e Melo. Queria pegar um gesto, uma aspas, algo que pudesse lhe usar de força.

No entanto, seu olhar era sustentado pelo genro, criando um duelo que fazia surgir neles um comichão de desagrado que poderia causar uma briga irreversível.

Caetana passou na frente do marido ao responder:

-Não!

-Acho melhor subirmos. – soltou a Sra.Feitosa, notando a evidente mentira da filha – Quero poder me trocar e descansar um pouco da viagem antes do almoço. – levantou-se do sofá e esticou a mão para que o marido lhe desse o braço.

Não havendo outra alternativa, Feitosa fingiu um sorriso e a acompanhou até o quarto. Ele podia pressentir algo entre o casal. Era experiente demais para saber quando estavam escondendo algo.

Seu olhar tão intenso e analítico fez com que Canto e Melo achasse que ele poderia estar suspeitando de algo. Não precisou mais do que um passo para que Canto e Melo se achegasse a Caetana e passasse o braço no entorno da cintura dela.

Num primeiro segundo, ela se sobressaltou com o gesto inesperado, porém, ao reparar no olhar do pai no limiar da porta, abriu um sorriso e deixou a cabeça pender para perto do marido. Eles deveriam parecer íntimos e felizes.

Ao escutar os passos dos sogros indo para o andar superior, Canto e Melo, ainda abraçado à Caetana, pos à prova a esposa:

-E quanto àquela questão de mentir? – falava baixo, por entre um sorriso convencido que a envolvia e fazia girar a cabeça.

-Estou tentando preservar Amaia. – respondeu ela, afastando-se um pouco

dele.

Tinha medo dos próprios arreoubos, era difícil não querer beijá-lo ou se pensar com ele na cama – ainda mais com as explicações de Amaia de como tudo acontecia. Corou. Era como se Canto e Melo a lesse. Ele pegou a sua mão e a levou aos lábios. Mantendo os olhos pregados nela, beijou-lhe as palmas num delicado estalo que reverberou pelo corpo dela.

-O que você está fazendo?

-Um agrado, para que fique mais calma.

Não, aquilo não a deixava mais calma. Do contrário. Estava mais nervosa, mas um nervoso diferente, que vinha pelas pernas, acentuando um calor que deixava a respiração mais rala. As pontas dos seus dedos eram suavemente pinicadas pela barba de quem nem havia tido tempo de raspar pela manhã. Faziam cócegas como todo o seu corpo ao toque do olhar azul dele. Havia se esquecido como aqueles olhos eram profundamente belos, serenos, feito um mar num fim de tarde de verão. Se ele continuasse a encarando daquela maneira, era capaz de se afogar naqueles olhos cristalinos, pois já havia prendido a respiração. Sua expressão deveria ser bem receptiva. Um passo e o corpo de Canto e Melo grudou ao seu. O braço dele, feito uma ágil cobra, rodeou a cintura dela, e ele deu um tranco que a fez se sentir espremida. Tudo isso, sem lhe tirar os olhos, e ela dele. Estavam conectados por aquele olhar, dividindo mais do que dividiriam em palavras. A boca dele foi se aproximando, bem devagar, ao que Caetana não fez barreira. Ela mesma se colocou na ponta dos pés para facilitar o beijo.

-Havia esquecido de avisar!

Interrompeu-os a Sra.Feitosa, na beira da porta da sala. Mastigava um sorriso de quem os havia surpreendido e, apesar de estar envergonhada por “ter atrapalhado”, estava feliz ao encontrá-los tão bem “entrosados”. Tanto foi, que esqueceu do que vinha avisar.

A filha, pondo-se a uma distância razoável de Canto e Melo, voltou-se para a mãe, ajeitando o vestido com discrição. Tinha a face vermelha e respirava como se sem fôlego por ter se exercitado.

Uma pena os ter interrompido, pensou a senhora, antes de revelar o que a fizera retornar à sala:

-Iremos jantar na sua tia esta noite. Ela enviou um convite. Fará uma pequena reunião informal. – ao final do aviso, a Sra.Feitosa segurou uma risada e se foi.

Caetana nunca havia visto a mãe tão leve, se divertindo com algo. Era sempre sisuda, concentrada nas regras, chamando a atenção das filhas para a etiqueta, ou sendo silenciada pelas grosserias do marido. Era uma mistura de

tristeza e silêncio, nada mais. Sorrir, então, era quebrar com isso, e rir era mais delicioso ainda. Era significar que ali dentro de tanta opressão havia uma mulher que ainda poderia ser feliz. E se dependesse de Caetana, iria trazer isso para a vida de sua mãe.

A mãe desapareceu da sala e um calafrio se fez, chamando Caetana para a razão. A leveza do instante com o marido havia se perdido nas turbulências da orla do vestido materno.

Canto e Melo quis continuar a conversa entre eles, mas Caetana se afastou. Não por rechaço, mas por estar pensando. Todo o seu rosto se contraía numa ansiedade que a fez colocar a mão na frente da boca e perder o olhar em algum projeto mental.

-Por que está tão agitada? O que tem demais no jantar com sua tia?

-Reunião informal? – ela balançou a cabeça – Não confio em minha tia, nem em Caroline. Devem estar tramando algo. Mas o quê?

Ele ergueu as sobrancelhas, tranqüilo:

-Saberemos hoje à noite.

Ainda crendo ser possível continuar de onde haviam parado naquela outra tarde, antes de fugir dela, Canto e Melo foi se achegando, passo a passo. Mas desta vez Caetana nem estava prestando muita atenção nele, perdida nas ideias. E saiu da sala, levando consigo a chance de Canto e Melo terminar o que haviam começado.

Maldição!

Capítulo 16

**“Ela caminha em formosura, como uma noite
Em que o céu está sem nuvens e com estrelas palpitantes,
E o que há de bom em treva ou resplendor
Se encontra em seu olhar e em seu semblante:
Ela amadureceu à luz tão branda
Que o Céu denega ao dia em seu fulgor.”**
(Lord Byron, *Ela caminha em formosura*)

Se houvesse uma mulher mais bonita na sala, Roberto Canto e Melo não a notaria. Caetana era e sempre seria a mais bela de todas as mulheres e nenhuma outra lhe tiraria o título aos seus olhos. Não se tratava de uma beleza estética – como no caso de Amaia –, era um esplendor que a rodeava, que se apresentava na maneira como se portava, feito uma princesa, altiva, porém doce, em seus gestos leves de flor na brisa, o amendoado olhar sereno, o sorriso delicado quase sempre formado, e o tom de voz suave de quem nunca falaria mais do que o necessário. Não era a primeira vez que notava essas coisas, contudo, toda vez que a encontrava, apreciava essa mesma composição como um amante da Arte a apreciar um quadro – se a sua situação financeira melhorasse, quiçá, mandasse fazer um retrato dela, pois duvidava haver alguém capaz de captar tamanha beleza, porém, achava que deveria tentar.

Caetana nem estava com um dos seus melhores vestidos – apesar da mãe a ter convencido a usar um dos que havia sido comprados para o seu enxoval. Era uma seda rosa clara, com acabamento e lacinhos creme. Nada espalhafatoso. Nada nela seria em demasia – talvez a sua teimosia, mas isso começava a se tornar uma síndrome nas mulheres que Canto e Melo conhecia.

Em comparação direta com Amaia, Caetana poderia passar despercebida, ainda mais quando a Sra.Montenegro aproveitava o dinheiro do marido para refazer o seu guarda-roupa nas melhores modistas da Corte. E não seria de se espantar que, para um “jantar íntimo”, Amaia aparecesse num belo vestido de baile marinho e rodeada de safiras e brilhantes. Ao vê-la nesses trajes, a entrar no braço do marido, resplandecendo num sorriso e com os olhos verdes fixos nos outros convidados, qualquer um ficaria intimidado.

Caroline D’Avis e as gêmeas desapareceram em si, pondo-se de mau humor, atrás dos leques, a criticar a recém-chegada. Era tudo uma questão: o vestido impróprio, as jóias um acinte, o marido um enganado... Nada que Caetana não estivesse já cansada de escutar, e para qual sempre havia de enxergar a mesma coisa: inveja. Caroline quase tirava lascas do braço do marido quando Amaia entrou na sala e tomou a atenção de todos – como o de costume. Trincava os dentes de tal jeito, que Caetana achou que nunca mais conseguiria

abrir a boca – o que seria um alívio aos seus ouvidos. Rosária meteu-se em seu leque para guardar um riso e Belizária escondeu os olhos mareados atrás do seu. Não era novidade que Belizária havia se apaixonado por Montenegro e tinha esperanças que a pedisse em casamento, ao invés de Amaia. Naquela época, a própria Amaia imaginaria o mesmo, com o ciúmes nos calcanhares quando via Montenegro conversando com Belizária ou a tirando para dançar.

Porém, nem Caroline, nem as gêmeas incomodavam o casal. Tê-las ali era como afirmar que se podia ser mais forte do que fofocas e que Amaia podia pisar nos mexericos e provar a todos quem ela era realmente.

Contudo, toda a segurança e a expressão risonha de Amaia se transformara numa careta de constrangimento. Estava pálida, quase a gaguejar, ao ser cumprimentada pelo padrinho, o Sr.Feitosa. Ela mal lhe erguera a mão, muito menos lhe virara o rosto para que beijasse a sua testa, afastando-se o quanto pode dele. O sorriso amarelado, usado apenas em momentos de grande perturbação, Caetana notou, assim como um olhar feroz que enrijecia todo o semblante de Montenegro.

Os detalhes do que poderia ter acontecido Caetana não sabia, mas era inteligente para somar tudo e subtrair a sua própria conclusão. Chegava a ser aborrecido todas as vezes que seu pai tentava dar em cima de Amaia, e mais ainda o quanto isso causava uma situação humilhante para a sua mãe.

Um arrepio correu Caetana e ela trocou um olhar nervoso com Canto e Melo, que cumprimentava os recém-chegados. O marido não entendia o espanto, mas não precisou de muito. A maneira como o Sr.Feitosa e Montenegro se encaravam era sinal de que o sogro deveria estar tramando alguma coisa contra o amigo e Caetana havia reparado nisso. Pior! Era possível que usasse Amaia para tirar Montenegro do sério, o que causaria um vexame e faria que se tornasse fofoca na boca das gêmeas e de Caroline D’Avis.

Canto e Melo teria avisado ao amigo se o sogro não o tivesse puxado pelos ombros e pedido para acompanhá-lo numa bebida.

O caminho que abriu, permitiu que Caetana pegasse nas mãos de Amaia e, ao lhe beijar as faces, como num cumprimento íntimo e de saudades, pudesse lhe sussurrar nos ouvidos:

-Não saia de perto de Montenegro. – Amaia se assustou. Caetana aguardou que a sua tia, que havia ido receber os últimos convidados na porta, se afastasse, para explicar rapidamente – Meu pai vai tentar tirá-lo do sério, criar uma confusão e fará que espalhem para todos.

Amaia ajeitou a pose, ergueu o queixo, sustentou um olhar firme e puxou o marido pelo braço. Era hora de enfrentar os receios. Desde que tivesse Montenegro ao seu lado, nada seria um problema, pois sempre haveria uma

solução que os dois, juntos, chegariam.

Com um aceno de cabeça, a nova rainha dos salões fluminenses ia cumprimentando cada convidado presente, mantendo a pose altiva e o charme de quem sabia – e gostava – de ser cortejada.

Eram poucos convidados para um jantar dos Feitosa de Vasconcellos, porém muitos para o que seria “um jantar informal” para qualquer outra pessoa. As vinte pessoas circulavam por Amaia e Montenegro, cumprimentavam-nos e, assim que o casal se virava, comentavam a beleza da jovem senhora e os olhos claríssimos e frios do senhor.

E quanto mais adentravam a festa, maior a penumbra de desconforto que se apossava de Montenegro. Não importava para onde se virasse, sempre se deparava com os olhares de Feitosa sobre Amaia. Teria lhe dado um soco, ali mesmo, em pleno salão, se Canto e Melo e Caetana não tivessem se acercado dos amigos.

O que parecia ter sido uma boa ideia, afinal, também havia afastado Caroline de Canto e Melo – pois tanto Caroline quanto Amaia não se suportavam –, se provou um encorajamento para Feitosa. Com um copo de vinho numa mão e um sorriso de desfaçatez, foi ter com o casal, ladeado pelos familiares.

Um acinte, ao ver de Montenegro, e um ataque velado, ao ver de Canto e Melo.

-Como vai a vida de casados? – perguntou o pai de Caetana, sem muitos rapapés, e com o olhar pregado numa malícia que foi subindo por Montenegro, a ponto dele corar de raiva e contrair o maxilar e o punho.

-Esplendorosa! – respondeu Amaia, sem querer dar muita atenção ao padrinho, apesar de não poder ignorá-lo de todo, pois ainda era um dos homens mais influentes de Vassouras, quiçá do Império, e não seria prudente, para os negócios, atacá-lo.

O senhor, muito andado nos meandros das negociatas e da sociabilidade, mastigou um sorriso e espremeu os olhos, compreendendo a intenção da afilhada. Se alguma dúvida tinha, ela seria sanada com o marido ao lado.

Montenegro mal se continha de ódio dele, o que encorajou ainda mais Caetano Feitosa:

-Espero que não haja qualquer rancor entre nós, por causa do mal-entendido no casamento de Caetana. – falava num tom de visível falsidade, enfatizando que aquilo era uma encenação e que as coisas estariam como antes, talvez pior.

Caetana que, até então, estava ali apenas para dar apoio emocional e evitar que o pai falasse algo inapropriado que pudesse tirar Montenegro do sério e causar um “desejado” escândalo, quis saber que “mal-entendido” seria este.

Poderia ser algo atrelado “àquela” conversa que ela escutara entre Montenegro e Canto e Melo? Contudo, não seria ali, nem naquele momento, que ela viria a descobrir.

-Passado é passado. – comentou Montenegro, e lhe estendeu a mão para um aperto de cavalheiros.

Feitosa analisou o olhar duro e frio de Montenegro. Apesar de querer aparentar que estava “tudo bem”, podia sentir que o incomodava. E sorriu. Todo o corpo de Montenegro estava rígido, e os dentes trincados. O poderoso fazendeiro apertou-lhe a mão. Seus dedos começaram a ser esmagados. O rosto de Montenegro continuava inalterável, e, apesar de seus olhos estarem fixos em Feitosa, parecia estarem nos confins de algum pensamento tenebroso.

Amaia e Caetana perceberam a tensão ali imposta. Feitosa não soltava a mão para provar que apertar os seus dedos não fariam diferença. E Montenegro não o deixaria escapar.

Contudo, foi Canto e Melo quem tentou remediar a situação. Deu um tampinha no ombro de ambos e ofereceu que fossem tomar alguma coisa. Tanto o Sr.Feitosa quanto Montenegro atiraram um olhar de quem não permitiria intromissões naquele duelo de forças.

Por fim, Montenegro soltou a mão do homem e Feitosa pediu licença, indo para outro lado da sala, onde sua esposa e irmã os miravam, preocupadas.

Nem muito o pai se afastou, e Caetana voltou-se para Amaia:

-Que mal-entendido ele estava falando? O que aconteceu no meu casamento? Tem a ver com a conversa que escutei entre Montenegro e Roberto? – ao perceber que todos os três desviaram os olhos em direções distintas e que, ao que tudo indicava, não queriam lhe revelar nada, Caetana foi se irritando – Não minta para mim você também. – persistia – Estou cansada das pessoas me escondendo as coisas só porque acham que não posso lidar com a verdade. Principalmente você, que é a minha melhor amiga, uma irmã para mim e, depois de todos esses anos...

Os olhos verdes de Amaia a encararam. Caetana leu a palavra “pena” em sua expressão, o que a deixou ainda mais brava. Nunca questionava as atitudes de Amaia, sempre a considerando em alta estima e a apoiando no que fosse. Sentia-se a fiel escudeira, a protetora das ações quixotescas da amiga. Mas, com aquele olhar, viu-se diminuída, apequenada por aqueles “grandes e valorosos cavaleiros da verdade”. Não era estúpida. Sabia que o fato de ser filha de seu pai era o maior dos seus problemas.

Por debaixo da raiva, havia mágoa, a de que ninguém confiava nela, nem a sua melhor amiga. E nada mais exasperador do que ser confundida com alguém sem caráter. Não havia já provado, mais de uma vez, que era de confiança?

Incapaz de conseguir segurar o choro de decepção, Caetana se afastou do grupo.

Rumou para um vestíbulo adjacente, onde teria espaço para a sua mágoa e sem a curiosidade alheia – diga-se Caroline e as gêmeas – a lhe restringir a liberdade de ficar brava e triste, ao mesmo tempo.

Tanto Amaia quanto Canto e Melo trocaram olhares de quem havia entendido o seu estado. Porém, desta vez, o marido impediu que Amaia fosse ter com Caetana. Seria Canto e Melo a conversar com ela.

*

O lugar que Caetana havia encontrado para poder ter um pouco de privacidade era pequeno e escuro, mas apartado o suficiente para que Caetana pudesse deixar rolar as lágrimas da sua frustração. Escondia o rosto num lenço e, quanto mais escutava os rumores na sala, os tilintares dos movimentos e as risadas por cima da conversa miúda cotidiana, mais sentia as lágrimas pressionando o peito e uma irresistível vontade de gritar, mostrar a todos que ela também tinha sangue nas veias.

Já havia virado o lenço em diversas partes, não havendo uma que tivesse seca ainda, e um segundo lenço surgiu. Cheirava à colônia amadeirada. Foi-lhe entregue por uma imensa sombra contra o umbral da porta. Por detrás dele, as luzes e o som foram diminuindo. Podia não ver o seu rosto, mas pelas proporções e pelo tom, não precisou de muito para saber quem era.

-Você quer falar sobre o que aconteceu? – perguntou Canto e Melo, carinhoso.

Caetana não estava disposta a lhe dirigir mais a palavra.

-Não.

-Está bem. – disse ele, sem qualquer adendo.

O aparente “descaso” fez com que Caetana se retesasse. Ele deu um passo para trás e ela, apertando o lenço que havia lhe ofertado, aproveitou para expor tudo o que a pressionava, um desabafo que o deixou ainda mais quieto.

-Por quê? Por que as pessoas que mais amo e confio, não confiam em mim? Só por que sou calada e pareço ser uma pessoa serena? Acreditam que sou inocente quanto aos desmandos de meu pai? Ou me chamam de estúpida ou de cega. Porque custo a acreditar que achariam que eu os trairia. Sei do que meu pai é capaz, e não concordo em nada com ele.

A pouca luz da sala refletia a sua claridade no rosto de Caetana. Estava mais bela do que antes, com o olhos molhados e o rosto inchado. Havia ganhado cores e uma vivacidade que só tinha uma resposta a ser dada, toda ela preenchida de carinho. Ela não podia ver o rosto de Canto e Melo, nem o cenho preocupado, nem a tristeza pelo estado que ele a havia deixado, nem o pequeno gesto de alcançar a sua mão – ela a havia mexido para assoar o nariz e continuar a se

lamuriar.

Ela engoliu o choro:

-O que está acontecendo comigo?! Desculpe-me. Eu estou tentando, mas parece impossível... eu não consigo mais... não consigo. Não é quem eu sou de verdade.

-Este casamento está nos levando à loucura. – comentou Canto e Melo.

Os jogos de sedução, as pequenas mentiras, podiam funcionar para Amaia e Montenegro, contudo, para Canto e Melo e Caetana parecia tão impossível. Eram autênticos e não adiantaria continuarem com a malícia que não era condizente com suas personalidades. Ambos eram muito claros e sinceros quando se tratava da própria personalidade, e era o que exatamente atraía os amigos.

-Entenda, Caetana, não podemos continuar. Isso não faz o menor sentido. Ou decidimos nos separar ou ficamos juntos. Nós nos amamos, isso é inquestionável, e eu a feri, da mesma forma que você vem me ferindo. Hã! – ergueu o dedo ao ver que ela abria a boca para interrompê-lo – Eu vou falar desta vez. Eu tentei de tudo para conquistá-la, fazê-la ver que podia confiar em mim e que o fato de ter escondido de você uma questão ou outra, foi com o intuito de preservá-la. Se você acha que a sua mágoa é maior do que o seu amor, então, nada mais posso fazer senão anular o casamento. Se você acha que pode aceitar o que fiz, então, poderemos recomeçar.

-Aceitar? – ela ergueu as sobrancelhas, descrente – Eu é quem deveria perdoá-lo.

-Sinto muito, mas uma coisa ficou clara para mim enquanto conversava com Montenegro: eu não tenho que ser perdoado por algo que não foi a minha intenção.

-Você não teve intenção de esconder de mim determinadas coisas?

-Tive sim, porque você não pode saber. Mas a intenção não era magoar você. Ao contrário, se eu quisesse magoá-la, teria lhe contado.

Todo o rosto dela corou:

-Você tem outra!

-Da onde você tirou isso? Escutou o que eu disse?

-Tudo! Se você não quer me contar o assunto para não me magoar, é porque você tem outra!

-Que lógica macabra das mulheres é esta? Ah, você não me fará contar... espere! Foi Amaia quem lhe instruiu a tirar a verdade de mim tentando me seduzir?

Ela se abraçou.

-Que...? – mal conseguia falar, a voz havia sumido.

Canto e Melo desabafou:

-Eu fui deserdado.

O rosto de Caetana empalideceu. As lágrimas pararam e os olhos se arregalaram como se estivessem enxergando um espírito diante de si. Seus braços caíram em paralelo ao corpo e a voz tomou ponto, de novo:

-Como?

-Eu fui deserdado pelos meus pais, Caetana.

Era um alívio poder contar isso, que todo o corpo dele relaxou e os ombros caíram. Respirou fundo e viu-se mais leve.

Quem parecia ter ganho um peso foi Caetana. Todo o corpo dela contraíra:

-Por quê? Eles estavam no nosso casamento!

Além de tê-la tratado muito bem, com simpatia e até algum carinho.

-Porque eu... como vou explicar?!

-De preferência com palavras, para que eu possa entender. – estava beirando ao atônito; poderia ter imaginado tudo, menos que ele havia sido deserdado.

-Eu participei de uma fuga escrava. Eu, juntamente com alguns amigos de São Paulo, tiramos todos os escravizados que minha tia tinha em sua senzala.

-Quantos?

-Em torno de uns 600 escravizados.

-Isso é muito! Era para ser deserdado e esquecido, realmente.

Surgiu uma simpatia na expressão dela, que trouxe esperanças. Tomou as suas mãos e a encarou:

-Entende as coisas que não posso lhe contar?

Um olhar, um maldito olhar de injúria, surgiu:

-Só por que meu pai tem mais de mil em sua senzala? Hah! Quem você acha que eu sou? Alguém sem coração? – largou as mãos dele – Alguém que não sabe que é errado ter outras pessoas sob cárcere privado só para satisfazer o seu ego de poder e lucrar em cima do trabalho dos outros? Acha que gosto de ver o sofrimento no olhar dos escravos? Do tratamento que eles recebem? Acha que por ser mulher, filha de escravocrata, eu sou obrigada a abaixar a cabeça e seguir os ideais de meu pai, que não posso ter minha própria cabeça e as minhas próprias convicções? Se você achou tudo isso, é por que você não me conhece.

-Você ama o seu pai.

-Sim, amo ele, mas isso não quer dizer que ele esteja acima do certo ou do errado. Da mesma maneira que amo você e igualmente, você não está acima de nada. Se existe uma coisa que eu prezo, é a sinceridade. Se não podemos ter uma relação com base na verdade, de que adianta estarmos juntos, um mentindo para o outro e sendo quem não somos?

-Eu não quero que você sofra, você não é capaz de entender isso?!

Ela o encarou, sem qualquer timidez:

-Eu entendo, desde o primeiro momento em que você me disse, mas eu não aceito. Não sou um bibelô intocável pela sua fragilidade. Sou um ser humano racional, uma mulher que pensa e que deve ser vista como tal, e não como um ser passível de cuidados extras. Eu sou igual a você, tenho sonhos, medos, frustrações, ideais, tudo na mesma proporção e da mesma maneira. E se aceitei me casar com você, é porque eu soube, desde o primeiro momento, que você me enxergaria como sua contraparte e dividiria a sua vida comigo, seus sonhos, medos, frustrações e ideais. Acha que não sabia que você era abolicionista? Era palpável! Meu pai chamava você para ver os castigos e você sempre dava alguma desculpa; convidava para as reuniões escravocratas e você ia, mas retornava mais consternado do que animado com o que havia sido acordado; as perguntas que você me fazia sobre ele e sobre os seus escravos e negócios. Por Deus, o seu melhor amigo tem uma colônia de parceria e se casou com a minha amiga, que canta aos quatro ventos que devemos abolir a escravidão! Se antes eu estava brava porque você não confiava em mim, agora estou decepcionada, pois você me subestima como ser pensante.

-Eu... – ele balançou a cabeça na negativa.

-Acha que eu apoio meu pai? – os olhos dela voltaram a marear, mas de decepção – O que posso fazer contra ele? Ele é capaz de tudo, Roberto, de tudo para manter os seus escravos. O pouco que faço é tentar trazer algum alento a essas almas sofridas. Quem sou eu para lutar contra a sociedade? Agora me responda, o que aconteceu no nosso casamento? A conversa entre você e Montenegro. – o silêncio dele a encheu de ironia – Alega que deve proteger outras pessoas, e quanto a proteger o nosso casamento? O nosso amor? Eu estou farta, Roberto. Farta de ser vista em segundo plano, alguém de menor empenho ou força, alguém que não poderia arcar com a verdade, seja ela qual for.

-Eu só quero proteger você. – o dedo dele resvalou a mão dela.

-De quem? – ela tirou a mão, não notando o carinho – Mais uma vez, o seu silêncio. Certamente, eu nunca pensei em me envolver diretamente com a Abolição, mas isso não quer dizer que sou a favor da escravidão. Eu mesma não tenho escravos e nem nunca os teria, pois acredito que não devemos possuir o outro. De que adianta repetir mil vezes isso, se terei mil vezes o seu silêncio? De que adianta persistir nisso tudo? Nesse casamento?

Ele respirou fundo – era sempre a mesma questão e a paciência dele acabava:

-Caetana, eu preciso que você entenda... – e pegou a mão dela.

-Não! – ela tirou a mão da dele – Eu não tenho que entender mais nada! Já

fui muito compreensiva antes quanto aos silêncios, as mentiras e as omissões. Se querem que eu ajude, terão que me contar o que está acontecendo. A começar pelo nosso casamento.

Como ela havia aumentado o tom de voz, sem se preocupar de outros poderiam lhes ouvir, e estava visivelmente alterada, Canto e Melo lhe tocou de leve o ombro e ofereceu ir a outro lugar, onde ele lhe contaria tudo o que ela quisesse saber. Havia tido a impressão de ter visto um vulto próximo a porta, atrás de uma cortina, mas não tinha certeza.

-Não! – ela mexeu o ombro para que não a tocassem – Fale aqui! Agora!

Ela estava determinada e irredutível. Não havia mais como remediar. Havia chegado ao limite e sabia que, se saíssem daquele alpendre, sem terem conversado abertamente, ela iria dar por acabado o casamento. Ao menos, isso os seus olhos afirmavam.

Tinham sob as suas cabeças um céu estrelado e a vista da Baía de Guanabara. Pelo passar as horas, via-se sombras em tons de azul e negro, e pequenos pontos luminosos demarcando o que seria a cidade aos seus pés. Canto e Melo logo imaginou que a vista deveria ser muito bonita pela manhã, ou no entardecer, quando o sol pintava a paisagem com laranjas e cor-de-rosas.

Todo aquele colorido se transformara na expressão impaciente de Caetana:

-Sou toda ouvidos.

Apoiado na balaustrada, Canto e Melo tomou coragem. Sem, sequer, conseguir lhe olhar nos olhos, foi se desfazendo em explicações:

-Eu fui deserdado pela minha família por ter participado de uma fuga de escravizados. Desde que me entendo por gente, sou contra a escravidão, e sempre busquei me afiliar a grupos que libertavam os escravizados. Juntei-me a Antônio Bento e orquestréi uma grande fuga na fazenda de uma tia. Foi quando levei o tiro que você viu a marca. Pouco depois, conheci Montenegro e Luiz Fernando Duarte e ambos me apresentaram ao Marquês e ao Clube dos Devassos... O Clube é uma fachada para as nossas atividades.

-Que atividades? – ela franziu a testa, estudando-o e procurando por mentiras.

-Abolicionistas. Fugas de escravos, na maioria. E descobrir ilegalidades, como portos e reprodutores clandestinos.

O rosto dela tensionou ainda mais. Caetana queria ter certeza do que acabara de escutar:

-Por isso você chegou até o meu pai?! E fui eu o caminho?!

-Não! – ao perceber que ela não acreditava nele, teve de se corrigir – Não... exatamente. – ela se retirava, quando ele a pegou pelo pulso para que permanecesse – Quando a conheci, eu não sabia quem era. Apaixonei-me de

imediatamente. Ao descobrir que era filha do Feitosa, a quem vinha investigando, eu fiquei dividido. Não sabia se seria prudente me aproximar de você enquanto tinha que levantar pistas contra as ilegalidades na Guaíba.

-Ilegalidades?

Ele a soltou, junto a uma expressão de pena. Teria que ter muito cuidado como diria o que tinha que dizer a seguir, sem a machucar:

-Como alguém tem uma senzala com mais de mil escravos e que cresce a cada dia? Sim, era preciso investigar.

Se tivesse uma cadeira, por certo que Caetana se sentaria. Foi a vez dela se apoiar na balaustrada e respirar fundo, repensando o que havia sido dito e concluir:

-Cada vez que você esteve na minha casa, não era para me cortejar, era para descobrir mais sobre o meu pai?!

-Caetana, entenda, eu amo você. – tomou as mãos dela e as sentiu frias – Eu já amava você desde então. – foi se aproximando, devagarzinho, pressionou as pequenas mãos contra o largo e cálido peito – Por isso, não fiz nada contra o seu pai. – fitava-a – Eu não tive coragem de repassar todas as informações que eu recebia na Guaíba. De repente, eu tive medo que seu pai fosse preso, ou que algo de ruim acontecesse a ele e você sofresse. Por causa disso, Montenegro se tornou mais presente e se aproximou das gêmeas.

-E de Amaia?!

-Não. Amaia foi outro desvio de percurso. Ele também se apaixonou por ela. Mas, teimoso como só, demorou a aceitar que estava apaixonado. Achava que isso atrapalharia os seus planos de... – teria dito “acabar com a Guaíba”, mas teve de mudar a expressão – ...de dar um fim ao que vinha acontecendo na Guaíba.

-E o que Kambami tem a ver com isso?

-Kambami?

Ele achava que ela se daria por satisfeita com o que havia acabado de revelar. Mais poderia ser prejudicial a ela e não a queria fazer sofrer mais do que já estava. Rolavam lágrimas pelo seu rosto, só não soube identificar se pelo pai ou por ele.

-Não sou estúpida. – ela persistiu – Sei que ele tem algo a ver com o meu pai, senão, poderia ter arrumado outro disfarce para ele, ao invés de escondê-lo.

Apertou as mãos dela. Deu-lhe um beijo em cada uma e limpou as lágrimas de seu rosto com o nó do dedo, antes de revelar:

-Ele é a prova da ilegalidade do seu pai. Seu pai tem um porto em Macaé, em que recebe negreiros às escondidas.

Caetana não sentiu mais o próprio corpo.

-Agora tudo faz sentido?! – balbuciava concatenando informações e lembranças – As visitas que ele recebia, pouco antes do meu casamento. Eram homens estranhos, totalmente adversos de quem ele negociava diretamente. Uma vez escutei eles falando de um navio, o Hermosa, sim, acho que era este o nome. O navio havia aportado há poucos meses, mas a carga havia sido jogada em alto mar, pois quase foram pegos por uma patrulha inglesa. – ao escutar a própria voz, Caetana estremeceu. O rosto passou por uma película de assombro quando se ergueu para o marido – Quer dizer que esta “carga” eram....?!

-Seres humanos, sim. – confirmou o que ela não tinha coragem de pronunciar em voz alta.

Pondo as mãos na frente do rosto, Caetana murmurou, horrorizada:

-Meu pai é um monstro... – garganta selou, mas não houve choro. Ele havia secado, junto com a confusão emocional dela – Eu quero ir embora. Não conseguirei olhar na cara dele. Por favor, me leve para casa!

Canto e Melo não discutiu e nem a convenceu de permanecerem. Caetana vibrava num choro que não saía. Todo o seu corpo estava frio, trêmulo e ela poderia ter um ataque de choro na frente de todos. Era melhor ir embora sem se despedirem. Reparou que o alpendre dava por um caminho ao lado da casa e este para a rua em que estava parado o coche que haviam alugado. Depois, pediria ao cocheiro ou a um dos criados que fosse buscar as capas deles – isso, se os Feitosa não os trouxesse consigo ao notarem aquela “escapulida”. Sim, teria uma desculpa: os recém-casados escapuliram para um encontro a dois.

O cocheiro, que dormitava na boléia, foi acordado num susto. Canto e Melo mandou que seguissem de volta para a Glória, o quanto antes.

Ao partir do coche, Caetana deixou a sua cabeça pender sobre o ombro do marido e ali ficou, recostada, com os olhos fechados, apesar de se sentir incapaz de dormir.

A noite corria pela janela e o pensamento de Canto e Melo era apenas um: proteger Caetana.

*

Caroline D’Avis tinha um sorriso forte por detrás do leque e um olhar firme para cima de Feitosa. Havia um brilho que poderia ser confundido com as luzes do salão, no entanto, seu marido captara de outra forma. Era o próprio abutre sobre a carniça. O italiano, ao notar que ela não parava de encarar o senhor, a conversar com a irmã, questionou o que ali acontecia. Caroline tinha atração por homens jovens e de postura viril e, por certo, que Feitosa era velho, calvo e barrigudo – ainda que a sua conta bancária pudesse ser interessante, todo o resto era de repelir.

Deslizando a mão pelo ombro do marido, inclinou-se sobre ele e sussurrou,

sem despregar os olhos do fazendeiro:

-*Scusi, amore mio. Io torneró subito.* (Com licença, amor. Voltarei logo)

-*Dove vai?*(Aonde você vai?)

-*Vado a costruire il mio futuro.* (Construir o meu futuro)

Num giro, Caroline cruzou a sala, passando por Amaia e Montenegro, fazendo questão de sorrir para ambos entre o abanar do leque de plumas, e demonstrar uma vitória que eles ainda nem desconfiavam.

Tal rainha no ápice de sua coroação, Caroline não era mulher de se desprezar e Feitosa teve certeza disso quando ela lhe estendeu um sorriso afiado e pediu para conversarem em reservado.

Capítulo 17

**“Corpos se mexendo
Entrelaçando e roçando.
Mentes voando
No desejo ardente do amor.
Suor e lágrimas se misturando
Sangue que se fez
E os amantes se separando.
Foi a noite que terminou.”**
(Roberto Canto e Melo, *A Noite*)

Quando o coche parou na frente da casa de Estevão, Canto e Melo reparou que Caetana havia adormecido no trotar, balançada de um lado ao outro feito num berço de ninar. Com cuidado, afastou-a de si, e a encostou no assento. Saiu do carro e, com uma presteza de quem tinha alguma habilidade no assunto, tomou-a em seu colo. Era mais leve do que supunha, apesar de nunca ter pensando a respeito. Ao ajeitá-la nos braços, de uma maneira que ela não escorregasse do seu agarre, ela semi-despertou.

-O que...?!

-Não me custa levar você. – a esposa, passou os braços pelo pescoço dele e recostou a cabeça em seu peito, voltando a dormir.

Estava tão entregue a ele, tão confiante na sua moral, que o coração de Canto e Melo bateu mais forte. Aquilo poderia ser o indício de que as coisas entre ele melhorariam e teriam um casamento.

Foi com alguma dificuldade que teve de subir as escadas para o segundo andar, pois não enxergava os degraus. Ia tateando um por um com a ponta dos pés. E teria caído para trás se o Sr.Cruz, que lhe guiava o caminho com um candeeiro, não o tivesse segurado pela cintura. O mordomo abriu a porta do quarto e somente a fechou após ter certeza de que Canto e Melo havia conseguido achar a cama.

Largou o candeeiro sobre uma mesinha e se foi, deixando o casal a sós.

Ao deitá-la no colchão, Caetana abriu os olhos. Estavam assustados, ainda que sonolentos. Parecia não entender o que estava acontecendo. E não teria como. Tudo o que escutara no alpendre lhe parecera um pesadelo para o qual despertava, deitada em sua cama, e tendo a gigantesca sombra do marido inclinado sobre ela. Seu semblante, acobreado pela chama do candeeiro, era preocupado – a outra face da afirmação de que não havia sido um pesadelo. Mas nem ele, nem ela, estavam dispostos a comentar mais sobre o assunto. Caetana tinha toda a verdade e Canto e Melo só poderia lhe dar o apoio que ela precisava.

-Quer que eu chame alguém para ajudá-la a se despir? – perguntou ele,

apontando para a porta.

-Não, devem estar todos recolhidos a esta hora. – ela, em movimentos esparsos, de quem caminhava dentre nuvens, se levantou – Você mesmo pode me ajudar. – voltou as costas para ele e apontou os fechos do vestido.

Canto e Melo pigarreou.

-E...eu?

-É impróprio, eu sei, mas antes você do que Kambami, não acha mesmo?

-Cl...cla...ro... – e ficou sem saber como abriria já que os fechos eram escondidos e seria “obrigado” a tocar nela. Tentou numa posição, em outra, mas suas grandes mãos não conseguiriam sem que Caetana as sentisse – Errr, com licença... – encostou nela e todo o corpo da jovem esposa estremeceu. Ele foi descendo e ela pareceu se acostumar a ter aquelas mãos grandes lhe abrindo as roupas. Quanto mais folgavam as vestes, mas Caetana corava – Puxo aqui? – perguntou ele ao chegar na cintura e se deparar com um emaranhado de cordas que seguravam as saias.

Caetana fez um sinal com a cabeça para que prosseguisse. Era preciso ser um cirurgião para tirar as partes corretas em ordem, além de ter um aguçado senso de moda – o que não era o seu caso. **Nossa, que coisa complicada! Se eu tivesse com pressa... Todas as mulheres com quem me deitei já estavam nuas, deve ser por causa disso.**

Enquanto ele ia liberando camada por camada, Caetana ia ficando ainda mais corada. Quando o vestido caiu no chão, então, ela estava mais rosa que o tecido.

De anáguas e espartilho sobre a camisa de dormir e as calçolas, sentia-se nua. Era, no entanto, preciso que ele ainda desamarrasse o espartilho; ela poderia dar conta das anáguas sozinha.

Se estivesse olhando para trás, veria que Canto e Melo estava tão vermelho e nervoso quanto ela. Parecia que era a primeira vez que via uma mulher nua – ainda que fosse a primeira vez que visse a sua mulher nua.

A nuca dela se arrepiou quando, sem querer, os dedos grossos resvalaram por suas costas. Ele também se atçou com o toque e pigarreou, tentando pensar em outra coisa. **Estevão nu deitado na cama.** Lançou um olhar para a cama de dossel e esqueceu-se de Estevão ou do que fosse, suplantado pela imagem de Caetana, coberta por lençóis finos, que demarcavam as suas curvas nuas enquanto ela se revirava num despertar. Tentou se concentrar em outra coisa. **Kambami! Maldição!** Havia esquecido ele no gabinete. E foi aí que os seus pensamentos foram perdendo controle e, quanto mais desamarrava o espartilho, mais profunda ia a sua mente gabinete adentro, fazendo e se refazendo em cenas dele e Caetana, juntinhos, aproveitando os apetrechos de colecionador.

O espartilho caiu no chão. Respirou fundo. Caetana estava livre.

Nem se virou e Canto e Melo havia se escondido atrás de um biombo. Estranhou aquela pressa em também se despir. A casaca dele voou sobre o biombo e temeu que ele poderia ter considerado aquele um convite para dividirem a mesma cama. Não que não tivesse desejado e sonhado com isso – muito! –, mas não estava disposta no momento, não com aquelas revelações sobre o seu pai. Ela precisava descansar, por as emoções no lugar e saber o que fazer no desjejum, quando tivesse que encarar a mentirosa cara paterna.

-O que está fazendo? – perguntou ela, achando que ela mesma soara tola com a própria pergunta.

Parecia um pouco assustada ao vê-lo jogar o colete sobre a casaca.

-Me despindo. – retrucou ele, agora colocando os suspensórios e a gravata por cima do biombo.

Caetana, que havia rodado a anágua para frente, para poder tirar os nós antes que Canto e Melo saísse de trás do biombo e a encontrasse daquela maneira, tentou segurá-lo por ali:

-Aqui?

-E onde mais eu faria? – continuava ele e a camisa surgiu, caindo no chão, e os dedos de Caetana se atrapalharam – Não temos que aparentar estarmos casados? Inclusive, você mesma mandou tirar as minhas coisas do quarto, para liberá-lo para os seus pais, e as trouxe para cá. – pelo estrondo, as botinas tombaram no chão.

-Sim, está certo. – ela não respirava para ver se poderia ser mais rápida, a lutar com as anáguas.

Puxou o tecido tão forte, que rasgou o suficiente para conseguir se desvencilhar delas. Deixou-as no chão e pulou na cama, cobrindo-se até o pescoço. E ali aguardou, tímida, e com os olhos pregados no biombo. Foi quando reparou que a seda do biombo, onde havia umas cenas íntimas pintadas, era levemente transparente e, dependendo da incidência de luz, ela podia ver Canto e Melo trocando-se.

Pelos movimentos ele estava tirando as calças. *As calças!* Caetana escondeu o rosto. Será que ele ficaria de ceroulas? *Será que está de ceroulas?* E onde ele dormiria? O que ela faria? Nem ela sabia. Todo o seu corpo pulsava e ela sentia uma vontade subindo as pernas e a roendo no âmago. *O que está acontecendo?* Ergueu o rosto, só para ter certeza a quantas ele estava...

-Vire-se. – pediu Canto e Melo, detrás do biombo.

-Oh, desculpe! – ela fechou os olhos e enfiou a cabeça atrás dos lençóis.

Aguardou alguns minutos.

Escutou-o puxando algumas almofadas e sentiu que tiraram a colcha sobre

o lençol. Pensou em protestar, mas imaginou que seria pior, uma vez que teria que “vê-lo”. Respirou fundo e quando, cansada de aguardar, viu que ele apagou a chama do candeeiro e pulou para algo aos pés da cama.

Caetana tentou enxergar onde ele havia se deitado. Por meio do leve breu, afastado pelas luzes que vinham da rua, notou que havia feito uma cama aos pés da onde ela estava.

-Boa noite, então. – disse ele, com a voz emborcada no sono.

-Já vai dormir?

Ele virou-se de barriga para cima, dobrando o braço sob a cabeça – atento com o que ela pudesse vir a lhe oferecer:

-E o que mais iria fazer?

-É... Boa noite.

Se não tivesse puro breu, ele a teria visto dar um triste sorriso.

Caetana afofou o travesseiro e se ajeitou na cama, de lado, cobrindo-se até o pescoço. O quarto estava tão escuro e tão frio que ela se encolheu. Sem a respiração forte dele, vinda do chão, ela poderia supor que estava numa tumba.

Atento a escuridão que cobria todas as figuras eróticas do quarto, Canto e Melo soltou um longo suspiro.

-Caetana?!

Maldição, deve ter dormido! Mas a voz dela se fez no quarto:

-Sim?

Ela aguardava ansiosa o que ele iria lhe falar, como se à espera. Sua respiração estava presa e os olhos atentos nas palavras de Canto e Melo. Não queria perder nenhuma sílaba, vírgula, e ser capaz de aceitar a proposta dele – qual ela fosse.

-Achei que nunca seria capaz de amá-la mais do que já a amo. Mas, neste exato instante, eu consigo amá-la acima disso, acima de tudo. Não só pela sua coragem e determinação, mas pelo seu coração caridoso e pela sua lucidez. Errei sim e, graças a você, consigo enxergar o quão cego eu fui. Tomei você por outra pessoa, a pré-julguei. Me perdoe por tê-la subestimado.

De barriga para cima, encarando o dossel da cama, Caetana segurou as emoções em ter escutado aquilo, ainda que como uma voz que vem do abismo para lhe acalmar a alma quanto ao futuro.

-Eu não tenho que ficar perdendo-o, da mesma forma, que você não tem que ficar me perdendo. – ela respondeu – Nós temos que estar acima do perdão e um respeitar o outro. Também fiz muitas coisas erradas, também pré-julguei você. Talvez, o nosso casamento tenha sido muito precipitado e não tenhamos de fato nos conhecido o suficiente para nos entendermos. Sempre estávamos rodeados por outras pessoas e nunca ficávamos a sós para realmente

conversarmos e nos conhecermos. Somente agora, com esta convivência, é que enxergo isso.

-As “inconveniências” deste nosso casamento... – ele riu da própria ironia e a escutou estalar a língua – E se começássemos de novo? Sem ter outras pessoas ao nosso redor, sem ter que nos incomodar com o que os outros podem ver ou escutar? Você aceitaria?

O pequeno espaço de tempo entre a interrogação dele e a resposta dela encheu-o de receio, logo sanado por ela:

-Eu aceito. Tentaremos mais uma vez nos conhecer.

Satisfeito com a sua aceitação, ele brincou:

-Roberto Canto e Melo, à sua disposição, senhora.

-Caetana Feitosa de Vasconcellos, é um prazer conhecê-lo.

Os dois dividiram um riso desinibido e altamente libertador. Infelizmente não podiam enxergar.

No fim do riso, Caetana se retesou com uma preocupação que a vinha perpassando há algum tempo:

-Você vai continuar no hotel, depois que meus pais se forem?

-Não, não tenho dinheiro. Lembra que fui deserdado?! Vou ver se sou acolhido na casa de algum amigo.

-Não precisa. – ela se precipitou, ansiosa – Pode usar o seu antigo quarto.

Canto e Melo abriu um novo sorriso, de quem havia achado engraçado a reação dela. Como não queria aparentar convencido, ele forçou a voz para soar “incerto”:

-Não se incomodaria?

-Na verdade, estará me fazendo um favor. – ela virou-se para o outro lado da cama, abraçando o travesseiro – Esta casa me causa arrepios. Tenho a vívida impressão que somos espionados a todo instante.

Maldito, Estevão! Se eu o encontrar, vou socá-lo até perder os dentes e nunca mais poder sorrir.

-Farei a você companhia, se é o que deseja.

Somente eu desejo?

Você sabe o quanto eu a desejo, mas antes, iremos nos conhecer de verdade. Boa noite, D.Caetana Feitosa de Vasconcellos.

-Boa noite...

*

A noite foi bem mais movimentada do que o esperado – e menos animada do que Canto e Melo gostaria. Estava sonhando com Caetana, em seus braços, e ao lhe beijar, acordou molhando os travesseiros. Passou a mão na testa suada. Estava quente aquele quarto, e ele ainda mais aquecido com um sonho sensual.

Piorado por aquelas malditas ceroulas que vestia. Odiava dormir de roupas! Elas lhe apertavam e gostava de ficar bem esparramado, bem fresquinho, como veio ao mundo. Teria tirado as peças se não fosse imaginar o choque de Caetana quando acordasse. Ele se mexia muito à noite e poderia se descobrir e revelar bem mais do que ela imaginaria ter. Abriu um sorrisinho. Até que era portentoso – ao menos, era o que Lucinda e as outras diziam.

-Não... não... não!

Quem está aí na escuridão? Lembrou-se que deveria ser Caetana. Dividiam o quarto – mas não a cama; maldita recordação.

Chamou por ela. Não houve resposta. Somente murmúrios, gritinhos, grunhidos de quem tem pesadelos. Analisou se seria melhor acordá-la. Ah, ela já o havia acordado antes. Qual seria o problema? E, desta vez, estava de ceroulas, ao menos.

Levantou-se e foi até a beira da cama. Não sem antes bater o dedinho do pé numa quina de mesa e soltar um palavrão. Segurou a dor, recompôs-se e ficou de joelhos, ao lado dela. Ela suava muito e havia retirado todo o lençol de cima de si. Dormia de calçolas e com uma camisa de noite que ia escorregando pelos ombros, a cada mexida e, no decorrer da madrugada, atingia a base dos seios. **É perfeita!** Num ato de cavalheirismo, ele desviou o olhar daquela nudez e a cobriu novamente.

-Calma, meu amor, calma. – acariciava a sua testa – Eu estou aqui. Você está protegida. Não vou deixar que nada de ruim lhe acometa.

Pelas sombras da noite, viu Caetana abrir os olhos. Já guardou na ponta da língua a desculpa que daria quando ela gritasse que estava atacando-a.

Para a surpresa dele, Caetana tocou a sua mão e a apertou. Seus olhos estavam arregalados:

-Fique aqui comigo, um pouco.

Ele abriu um sorriso terno. Sentou-se ao lado dela e a acomodou nos seus braços, deitada contra o seu peito:

-Ficarei o quanto quiser. – e a observou fechar os olhos, sentindo-se protegida, e adentrar um sereno sono.

*

Se Kambami tivesse que depender de Canto e Melo para se alimentar, a esta hora teria comido as próprias mãos. Com uma astúcia inegável, conseguiu achar um objeto longo e fino, com a ponta envergada – não entendia o uso daquilo – para destrancar a porta do gabinete. Deu uma volta pela casa, achou a cozinha, comeu e bebeu tudo o que podia e levou um outro tanto consigo, por dentro da camisa, retornou ao gabinete, trancou a porta com o tal objeto, e deitou-se num canto, de barriga para cima e satisfeito com o banquete noturno.

Capítulo 18

**“Menina, sê ardente,
mas prudente,
se sentires calores
sedutores
embaixo do teu ventre.”
(Gautier, *Moralidade*)**

Se Rosária tivesse bom-senso e Belizária não fosse tão precipitada

em todas as suas atitudes, ambas teriam a chance de conseguirem bons pretendentes. Ademais da pouca idade, as duas eram charmosas. Tinham os cabelos cacheados castanhos e grandes olhos amendoados – como a irmã mais velha, Caetana – e toda uma bela composição de feições e gestos. Foram bem educadas, falavam Francês fluente e dançam com muita graciosidade. O problema era as línguas ferinas, as conclusões precipitadas e a inveja, até mesmo, de quem não conheciam.

Estavam sentadas com Caetana, na elegante Confeitaria Carceller, na Rua Direita. Vinham de uma missa na Igreja do Carmo e desejavam um *sorbet* de caju para ajudar a apaziguar o calor. Também era fim do expediente nas repartições públicas e a confeitaria se encheria de rapazes, o que não era de todo mal.

Não houve uma pessoa sobre quem não tivessem comentado. Todos eram assunto para as gêmeas. Das mulheres e “suas roupas horrorosas” ou “falta de classe”, aos senhores “bonitos ou feios”, “ricos ou pobretões”. Davam notas a cada um, valorizando o externo, o que deixava Caetana ainda mais preocupada com a futilidade das irmãs. Temia que o mesmo acontecesse com as mais novas, Lavínia e Felipa, ainda em formação de caráter e moral. Sabia que a culpa não era de todo da sua mãe – responsável pela educação das filhas – mas pelo fato de legar as meninas aos cuidados dos outros. Quando tivesse seus filhos, Caetana cuidaria ela mesma da educação de cada um.

A lembrança da noite passada, do corpo cálido de Canto e Melo contra o seu, da possibilidade daquelas grandes mãos a acariciando,... *Oh, Céus!* Engasgou-se com o *sorbet*. Com o guardanapo na frente da boca tossia, aproveitava para esconder o rosto corado.

As gêmeas, que se consideravam muito “elegantes e distintas”, arrepiaram-se de vergonha.

-Caetana! Pare imediatamente... – ordenou Belizária, colocando um guardanapo na frente da boca como se para limpar os lábios ao perceber que

poderiam escutá-las.

-Quer nos fazer passar vergonha? Não se tosse em público. É deveras deselegante. – pontuou Rosária, bem baixinho, para não chamar mais atenção.

Caetana, entre rir daquilo e tossir, se engasgou. Tomou um gole d'água, o que não a ajudou a parar com a tosse.

-Só pode estar nos amolando! – brigava Belizária.

-Caetana, estão nos olhando... – avisou a outra.

Bem que Caetana adoraria se engasgar e tossir de propósito só para perturbar as gêmeas. Se soubesse disso antes, já o teria feito em outras ocasiões. As duas tinham que aprender que o mundo e as pessoas não giravam no entorno delas. E se havia olhares de crítica, era certo que não era pela tosse de Caetana.

O cerne de tantos olhos voltados era os horríveis chapéus que as gêmeas haviam comprado na Ouvidor, com tia Escolástica e Caroline D'Avis. Mal se via a cabeça delas, encoberta por plumas, flores de tecido, brilho e sabe-se mais lá o que havia naquela montanha confusa. Deveriam pesar tanto quanto os vestidos de veludo escuro que usavam – neste ponto, Caetana se considerava mais esperta: só vestia roupas leves, fossem de algodão ou linho, e em cores claras. Questionava-se até onde as gêmeas haviam se “inspirado” na tão criticada Amaia, quando optaram por roupas em tons de verde escuro e vermelho sangue e decotes ousados.

Ao se refazer, Caetana respirou fundo, e notou que Belizária e Rosária tinham os olhos arregalados e os lábios mordidos. Era como se um fantasma tivesse aparecido atrás dela e não saberiam como avisá-la.

Pelo gigantesco espelho, pendurado numa das paredes revestidas de mármore, Caetana notou uma alta e elegante mulher parada ao seu lado. Em renda branca, contrastando com a pele negra, a elegante senhora sorria para ela.

O rosto era familiar, mas demorou alguns segundos para se lembrar de onde a conhecia.

-Dona Caetana, que prazer encontrá-la aqui! – disse a senhora, em um tom de voz ameno – Tomava por mim que havia voltado para Vassouras.

-Oh, não. – Caetana sorriu, desconcertada – Oh, desculpe-me, esqueci o seu nome...

-É Benedita Albuquerque Damasceno. Pode me chamar apenas de Benedita.

-Ah, sim. – lembrou-se da festa da tia – Como vai, a senhora?

-Bem e a senhora?

-Igualmente bem.

Sem largar o sorriso, costurado em seus lábios, Benedita perpassou os olhos pelas gêmeas – desaparecidas sob seus chapéus –, a lhe mirarem com apreensão,

como se fosse lhes roubar os docinhos, e retornou à Caetana.

-Vejo que tem companhia.

-Sim, minhas irmãs. Estas são Rosária e Belizária.

As gêmeas irrequietas eram duas estátuas de mármore. Caetana as conhecia bem o suficiente para perceber que estavam assombradas. Possivelmente nunca haviam visto uma mulher negra livre e rica. O que poderia ser um pensamento absurdo era também triste. Resquícios de que havia algo de muito errado naquela sociedade e cuja mácula evidente era a escravidão.

Antes que oferecesse assento à Benedita, Belizária se levantou da mesa, num pulo:

-Eu quero ver uma coisa antes de partirmos! – e puxou Rosária – Venha ver isto! Nos encontramos depois. – usara tanta força ao puxar o braço da irmã, que esta quase perdeu o equilíbrio e caiu da cadeira.

Afobada, Belizária abriu um sorrisinho sem graça e ajudou a gêmea a se recompor, antes de arrastá-la pelo salão da confeitaria.

-Foi um prazer. – retrucou Rosária, ajeitando o chapelão que lhe tombava nos olhos, enquanto era carregada por Belizária para fora do estabelecimento.

Caetana queria se esconder de vergonha. Não só pela falta de educação, como pelo evidente desgosto de Belizária. Porém, não queria ofender D.Benedita. E ficou no entremeio da dúvida, quando a senhora sentou-se ao seu lado e tocou a sua mão sobre a mesa. Caetana reparou que, por cima das luvas brancas, Benedita usava uma linda pulseira de ouro. Uma cobra que se enrolava no pulso e cujos olhos eram rubis. Havia algo, no entanto, de diferente naquela pulseira, que ela não soube explicar e que tanto lhe chamava a atenção. Teria comentado a beleza da jóia, inclusive para não parecer petulante, se não tivesse se deparado com os olhos negros e profundos. Estavam preocupados, atentos, contrastando com o sorriso simpático de D.Benedita:

-Não quero segurá-la por muito tempo. Vejo que suas irmãs têm pressa. – levantou os olhos para Rosária e Belizária que, encostadas no balcão de doces, fingiam escolher algo e atiravam espiadelas para a mesa de Caetana – Gostaria apenas de avisar uma coisa.

O sorriso desapareceu e Caetana se arrepiou.

-Avisar-me de algo? E o que seria? – estranhava a consternação na sua voz.

-Quanto ao seu marido.

Os dedos de Caetana se contraíram:

-O que tem ele?

Ele me trai com outra? Será D.Benedita a sua amante e veio me questionar a nossa relação?

D.Benedita abaixou o tom de voz o máximo que conseguiu para poder falar

sem que fossem ouvidas:

-Ele tem muitos inimigos que estão ávidos para se livrarem dele. Peça ao senhor seu marido que tenha cuidado. Sobretudo quanto a questão do porto e sobre as pessoas mais próximas a ele. Há inimigos sob o seu teto.

Caetana empalideceu e achou que o coração iria saltar pela boca.

Falava de seu pai? Quem era D.Benedita? O que ela sabia sobre o seu pai?

A senhora perpassou os olhos pelo salão. Abriu um sorriso ou outro para algumas pessoas. Acenou com a cabeça para outros conhecidos. Por fim, voltou-se para Caetana, tão preocupada e misteriosa quanto antes:

-Já sabem sobre ele e sobre o africano. A casa está vigiada. É preciso tirá-lo de lá o quanto antes. Senão, o senhor seu marido estará em perigo. Se o prenderem, temo que poderá desaparecer, e para sempre.

-Como sabe disso?

-Há ouvidos em todos os lugares, D.Caetana, assim como há olhos e línguas. Basta um dos ouvidos escutar e as línguas propagam, mesmo sem ter visto.

Tendo dito isso, Benedita recolocou o seu sorriso e se levantou da mesa:

-É sempre um prazer reencontrá-la. – disse em voz alta, para disfarçar.

Caetana, ainda com o coração na boca e o rosto pálido, murmurou:

-Quem é a senhora?

D.Benedita soltou um largo sorriso, tão elegante quanto seus gestos e posturas, de um jeito que Caetana nunca achava que seria capaz de fazer igual:

-Uma amiga. Ainda nos veremos, D.Caetana. Até breve!

E se foi, carregando a pose aristocrática, o que deixava os passantes encantados com tanto *glamour*.

Caetana ainda se refazia com aquele aviso, tentando inferir alguma coisa. De que porto ela falava? Inimigos? Seriam escravocratas? Talvez, o seu pai? Precisava ir logo para casa e avisar Canto e Melo. Precisavam tirar Kambami de casa o quanto antes. Mas como fariam? D.Benedita havia dito que estavam sendo vigiados.

O estômago de Caetana se enrolou e ela achou que iria sufocar. Os olhos foram mareando e a imagem de Canto e Melo morto, em seus braços, se fez tão vívida, que ela quase deu um grito. Respirou fundo e tentou se acalmar. Era preciso pensar. De nada adiantava o nervosismo, não iria salvar o marido e nem Kambami. Também não achava que deveria contar a Roberto sobre o seu encontro com D.Benedita. Ele poderia rir dela, achar besteira, ou fazer uma loucura. Já havia levado um tiro antes, poderia receber outro. *Céus!* Todo o corpo de Caetana tremia. Nem conseguira pegar o copo d'água sem derramar o líquido.

Ao notar que D.Benedita havia ido, Belizária voltou para a mesa junto a Rosária. Nem se sentaram e Belizária percebeu que a irmã não estava nada bem. Todo o corpo de Caetana gritava abalo e estava mais pálida do que o normal, como se fosse vomitar a qualquer instante. O que seria um vexame, com certeza.

Rosária, um pouco mais “avoadá”, perguntou, em voz alta:

-Está tudo bem, Caetana?

A irmã mais velha lhe levantou um olhar perdido. Parecia que não havia entendido a pergunta. Rosária nunca a havia visto daquele jeito. Caetana era tão serena, controlada, no topo de tudo. Preocupou-se e teria lhe perguntado mais se Belizária não a tivesse interrompido com algo que considerava mais urgente do que a saúde dela:

-Quem era aquela mulher?

-Uma amiga. – respondeu Caetana, num sopro – Não me sinto bem.

Na sua ânsia por “novidades”, Rosária mordeu um sorriso animado:

-Está grávida? – e levou um pisão de Belizária – Ai! Ora, o que tem demais perguntar?!

-Vou deixá-las na casa de titia. Depois, sigo para a minha. – retrucou Caetana.

Ergueu-se apenas quando sentiu que as suas pernas não falhariam, ainda apoiada na mesa. Um garçom se aproximou para ajudá-la ao ver que não se sentia bem, mas ela gesticulou que não era necessário. Estava tão ansiosa para dar o recado a Canto e Melo, que mais nada importaria naquele instante senão chegar logo em casa. Tentou manter a pose, mas a cabeça que girava e as mãos tremiam tanto que nem conseguira pegar o dinheiro para pagar a confeitaria.

Rosária, numa solidariedade inesperada, pagou ela mesma o valor e deu o braço para que Caetana se apoiasse nele. À porta da Carceller, Rosária soltou um muxoxo, enquanto aguardavam um tálburi:

-Não íamos ao teatro à noite? Quero muito ver o tal Vasques, de quem tanto falam!

-Veremos. – respondeu Caetana, mingando um sorriso – Preciso descansar um pouco.

-Tem absoluta certeza que não está esperando um bebê?

Logo que o tálburi chegou, o cocheiro desceu para ajudar as senhoras a subirem. Aproveitando que Caetana foi a primeira a se acomodar, Rosária cutucou Belizária:

-Está grávida. Tenho certeza.

-Será?

-Fico feliz que serei titia.

-Quero ver se ficará tão feliz quando ficar para titia... – riu-se Belizária,

subindo no coche.

Rosária, que ficara por último, foi tocada por um calafrio de medo. Nunca havia cogitado não se casar.

*

Assim que Caetana entrou em casa, entregou o chapéu ao Sr.Cruz, e ia desvestindo as luvas, chamando pelo marido. Passou pela mãe e pelo pai, que liam o jornal na sala de estar, e os cumprimentou. Teria andado por todo o andar térreo atrás de Canto e Melo, quando finalmente o mordomo – que a seguia – conseguiu se fazer ouvido:

-Está no gabinete, senhora. – falava à cata de ar.

O Sr.Cruz começava a questionar se não estava ficando velho demais para correr atrás de patrões jovens, afora as eventuais dores de cabeça que tinha com Estevão quando este resolvia “armar” alguma brincadeira, ou fazer festas que deixariam sua santa mãe – que-Deus-a-tenha – se revirando no caixão. Do jeito que eram as “reuniões íntimas”, era bem possível que ela já nem mais estivesse no caixão, a esta altura, correndo para bem longe da sem-vergonhice do filho.

Caetana, sem entender porque o mordomo estava roxo e com dificuldade de respirar, envergado sobre os próprios joelhos, perguntou se estava tudo bem. Num aceno de cabeça, ele revelou que sim, era apenas a idade que começava a se apossar dele.

Se não fosse inapropriado, Caetana teria lhe perguntado a idade. Ademais, havia outras coisas mais importantes para estudar. Tantas que nem escutou a mãe chamá-la. Agradeceu ao mordomo e foi entrando no gabinete, certa de que Canto e Melo estaria com Kambami.

-Preciso falar contigo...

No susto, o africano, que tinha um objeto de louça na mão – o qual analisava com curiosidade – deu um pulo para trás.

A louça se espatifou no chão, causando um estrondo que só não foi maior porque todo um grupo de livros, que estava sobre a escrivaninha próxima, tombou. Num efeito dominó eles foram caindo e levaram junto um imenso vaso.

Canto e Melo e Caetana se entreolharam.

Nem deu tempo de comentarem, pois logo ouviram passos apressados e as vozes da mãe e do pai querendo saber o que acontecia.

-Tem alguém vindo! O que faremos? São os meus pais!

Num estalo, Canto e Melo teve uma ideia. Apontou para que Kambami se escondesse debaixo da escrivaninha – que era daquelas fechadas, que não se via as pernas. Aguardou o homem puxar a cadeira e rastejar para debaixo da mesa e puxar o assento de volta para o lugar. Então, pegou Caetana e, olhando firme em seus olhos, levantou-a pela cintura.

-Espere... o que é isso? – Caetana foi sentada em cima da escrivaninha, ao lado dos livros caídos – O que você pensa que está fazendo?

Ela estava corada, não só pelo gesto impensado, mas pela proximidade de seus corpos. No entanto, as vozes fizeram com que Canto e Melo não tivesse tempo de entrar em detalhes.

-Você confia em mim? – perguntou, muito sério, muito determinado, de uma maneira que Caetana nem ousaria cogitar responder que não.

-Não deveria, mas confio. – disse ela, tentando segurar os batimentos cardíacos que perpassavam toda a extensão da sua pele.

Se ele a tocasse, era bem capaz que o seu coração parasse.

E parou.

*

Havia aqueles que diziam que meninos eram os mais travessos, a Sra.Feitosa era testemunha que meninas eram mais arteiras e, ainda por cima, manipuladoras, confundindo os pais com beicinhos inocentes e olhos molhados. Ela era do tipo de mãe que se preocupava com as filhas, sempre atenta aos sons da casa e se estariam aprontando alguma coisa. Desde pequenas era assim e não mudaria de uma hora para outra, ainda que casadas.

O pai, ao escutar o estrondo, deduziu que não deveria ser nada demais – e se fosse, o chamariam – e retornou ao seu assento e ao Jornal do Comércio.

Já a esposa, não agüentando, foi até o vestíbulo verificar do que se tratava. O barulho havia sido muito forte, como alguém caindo no chão, e a “calma” do marido também não era de se fiar – conhecia-o bem para imaginar que seria capaz de mandarem atacar Canto e Melo dentro da própria casa, se assim quisesse.

Atrás dela veio o mordomo, querendo impedi-la de descobrir a porta do gabinete. O que não foi difícil, afinal, estava apenas encostada.

-Acho melhor não entrar... – dizia o mordomo, tentando se por no caminho. Tarde demais.

A senhora já havia aberto a porta e invadido a sala, afobada:

-Caetana, que barulho foi est... Céus!

A Sra.Feitosa parou, em choque, sem saber para onde olhar. Estava mais corada do que jamais estivera. Por mais que seus olhos estivessem fixos na cena, queria se esconder.

Num balbucio tímido de desculpas, saiu correndo, fechando a porta atrás de si.

Com a mão no peito, a Sra.Feitosa foi se refazendo, encostada numa parede do vestíbulo. Era bem possível que tombasse se não tivesse apoio. Ela buscava a própria respiração e apagar o que havia visto, porém, era como se os seus olhos

pulassem das órbitas e tivesse perdido o controle do próprio corpo.

Preocupado, o mordomo lhe ofereceu um copo de licor – pelo estado dela, era crível que um copo d’água com açúcar não resolveria:

-A senhora está bem? Eu disse para não entrar aí... – resmungava consigo, entregando-lhe a bebida.

-De fato. De fato. – ela tomou todo o licor num gole, deixando o mordomo impressionado. Devolveu-lhe o copo vazio e agradeceu, abrindo um sorriso estranho – Ao menos, agora sei que está tudo bem entre eles.

E retornou ao seu lugar na sala e a um bom humor que o marido não via há muito tempo.

Levantando os olhos por cima das páginas do jornal, Feitosa perguntou se estaria tudo bem.

Sentada no sofá, a esposa abriu um sorriso de alívio e assentiu:

-Melhor não poderia estar. – e guardou para si o motivo daquela branda felicidade.

*

Caetana tinha a cabeça jogada para trás, os olhos fechados, a boca semi-aberta por onde passava uma pesada respiração. As mãos estavam grudadas no tampo da mesa, apertando a madeira, quase a lhe cravar as unhas. Seus pés estavam apoiados na beira da mesa e os joelhos erguidos. Entre as pernas abertas, estava Canto e Melo. O que estava acontecendo? Todo o seu corpo ainda fibrilava e a cabeça rodopiava, como se uma onda a tivesse pego pelas pernas e a feito submergir num oceano de prazeres. O que era aquilo?

Nem vira a mãe entrar no gabinete, nem se via mais no cômodo. Estava deitada no espaço, atirada em meio as estrelas mais brilhantes do céu.

Quando ele a colocara sobre a mesa e levantara as suas saias, Caetana aguardava que o marido fosse fazer valer o seu casamento, ali mesmo. E teria relutado se realmente não quisesse. Estava tão entregue àqueles olhos oceânicos, que Canto e Melo poderia fazer o que bem entendesse, pois estaria disposta a tudo. Nem pensaria uma segunda vez, com medo de se arrepender de não ter feito antes – e mais ainda. Todo o seu corpo estremecera ao sentir a respiração quente dele em seu pescoço, junto ao toque suave de seus lábios, e as mãos experientes pelas coxas desnudas.

Ao ter certeza de que a Sra.Feitosa havia saído do gabinete, Canto e Melo continuou na sua função, hipnotizado pela reação da esposa. Incansável, sentia ela se derreter sobre a mesa, arqueando o corpo de encontro ao seu. Teve que se controlar muito para manter a sua palavra. Caetana confiava nele. Não era um devasso, no sentido estrito do termo, e jamais trairia a confiança da mulher que tanto amava.

Ao perceber que ela havia se contorcido ao toque, e que todo o seu corpo relaxava, ele parou.

Ajudou-a a se recompor:

-Desculpe-me, mas tinha que parecer verdadeiro, para não haver dúvida.

E não havia dúvida, de quem fosse, de que ali havia um casal que se amava.

Ao abrir os olhos, Caetana viu que Canto e Melo tentava ajeitar a calça, apertada demais pela vontade de tê-la. Estava sem graça, feito um menino tímido pego em flagrante. Já ela, havia largado toda a sua timidez sobre aquela mesa.

Ainda sentada no tampo, Caetana abaixou as pernas e se inclinou para frente. Canto e Melo se aproximou para pegá-la pela cintura e ajudá-la a descer, mas foi puxado. Caetana o havia pego pela gravata. Dera-lhe um beijo que o fez perder o ar. Os corpos estavam de encontro, ainda assim, os braços dela tomaram a cabeça dele e as pernas o envolveram, apertando-o contra si como se querendo a ele se fundir. Os lábios se espremiavam e as línguas se descobriam num aperto de prazer. As mãos de Canto e Melo giravam pelas suas costas – confirmando a falta do espalho – e, se não fosse por Caetana atirar a cabeça para trás para poder respirar, não teria tido a ousadia de se enfiar por entre o decote simples do vestido, em busca dos seios rígidos que acenavam para ele por debaixo do vestido.

Caetana pode senti-lo estremecer e pender a cabeça sobre o seu ombro. Com um olhar terno, afastou-o de leve para poder lhe dizer:

-É um prazer conhecê-lo. – e abriu um sorriso flébil.

Canto e Melo, ainda encaixado nela, sentindo todo o calor úmido de seu corpo concentrado entre suas pernas, tomou as suas mãos e acariciou os dedos. **Como ela é importante para mim.** Virou as palmas e beijou cada uma. **Eu a amo. Eu a amo.**

E com um lindo sorriso que clareava os seus olhos, retrucou:

-Não, o prazer é todo meu.

Os olhos se fixaram e os lábios novamente se achegavam com a timidez e o afã de um primeiro beijo.

Aquele era o reinício entre eles.

Ou teria sido, se Kambami não tivesse saído do esconderijo, reclamando algo bem alto, para se fazer notado.

Tanto Canto e Melo quanto Caetana coraram. Tão envolvidos estavam um com o outro, que haviam se esquecido completamente de que Kambami estava escondido debaixo da mesa.

Capítulo 19

**“O futuro tem muitos nomes.
Para os fracos é o inalcançável.
Para os temerosos, o desconhecido.
Para os valentes é a oportunidade.”**
(Victor Hugo)

Que loucura! Que loucura! Você está louco? Só pode estar?! Levar Caetana consigo até o quilombo? Só pode ter sofrido algum dano... repetia Canto e Melo consigo mesmo, no vai e vem do coche.

Perfurando a noite, que se fazia de cobertura para a fuga, ele e Caetana haviam decidido que o melhor era tirar Kambami o quanto antes da casa. Não poderiam mais esperar. Era arriscado demais, tendo Feitosa por lá e ainda sendo observados. Não sabiam quem era Benedita e o porquê de tê-los avisado – e como ela teria descoberto essas informações –, no entanto, Caetana acreditava na sinceridade da mulher de uma forma quase intuitiva – o que não ficava claro para Canto e Melo que só havia aceito o adiantamento daquela fuga porque Montenegro concordara com Caetana que, se alguém de fora sabia de Kambami, era muito provável que “os de dentro” também já o soubessem, e havia se tornado uma questão de tempo para arrombarem a porta da frente e prendê-los. Um passo mal dado e poderiam sumir com Kambami e prender Canto e Melo – que, de qualquer maneira, fazia algo ilegal ao esconder o africano.

E tudo o que Canto e Melo mais queria era continuar em bons termos com Caetana, e perto dela. Bem perto.

No gabinete, ela não resistira a sua loucura, a sua impetuosidade, o que o deixava repleto de vigor só em se lembrar. A bela conjunção de cores, texturas e sabores, e... teve de se ajeitar no banco e pigarrear, pensar em coisas mais tenebrosas, para que esse vigor todo não ficasse visível. **Estevão nu deitado na cama ao lado de Kambami!** Parecia que nem isso adiantava! Caetana sobrepunha a figura dos dois, entrando naquela cama e se envolvendo de uma maneira que só o fazia ainda mais aturdido com aquela fantasia. **Esqueça a cama!** Tentou pensar em coisas sérias como o fim da escravidão, relembrar a tensão que sentira quando levava o tiro durante a fuga escrava, mas nada, NADA, o fazia esquecer do sabor de Caetana – o que era ainda mais dificultado pelo fato dela estar sentada à sua frente.

Caetana tinha os lábios tremidos e amassava a própria saia. Seus olhos estavam atentos nos arredores e, ao menor ruído, ela se voltava de corpo todo. Tudo lhe tirava a tranqüilidade, menos os olhos de Canto e Melo. Era neles que ela resgatava a sua paz e a certeza de que tudo ficaria bem. Talvez, melhor do

que antes. Aquilo que ele havia lhe feito... – corava só ao recordar as delícias que lhe provocara – deveria ser coisa de devasso, de libertino, algo tão excitante que achou que iria sufocar de prazer. Porém – teve um “porém”, claro – não sabia mais como encará-lo. Era como se Canto e Melo a tivesse enxergado tão profundamente que ela não tinha mais como esconder nada dele. E nem queria. Se não houvesse um baú entre eles, por certo, já teria se atirado no colo do marido.

Ao se recordar da presença de Kambami, corou em dobro – e os olhos de Canto e Melo cravados sobre ela não a ajudavam a voltar a ficar pálida.

Quando Kambami saíra do seu esconderijo debaixo da mesa, e Caetana reparara que ele havia escutado ambos naquele ato de intimidade, ela não soube como e nem o que fazer. Muito menos quando Canto e Melo saíra do gabinete dizendo que havia tido uma ideia para tirar o africano de lá e sem levantar suspeitas – não que os dois, saindo à noite, e com um baú não fosse “insuspeito”. Havia tudo de suspeito nesta combinação, porém, não haveria motivo de pararem o casal em lua-de-mel para uma revista, ou o que fosse.

Aproveitando que o marido havia ido por em prática parte de seu plano, Caetana aproveitara para explicar a Kambami o que acontecia entre eles – ao menos, o que acontecia no confuso coração dela. Como Kambami não falava a sua língua, isso facilitaria para que Caetana expusesse, sem vergonha, toda uma verborragia emocional, trincada por aquele delicioso ato indecoroso: “Ah, Kambami, o que faço?! Eu amo o meu marido, muito! Mas Roberto me enganou, escondeu coisas de mim. Um lado meu quer perdoá-lo, e já o perdoou, e o outro tem medo que ele minta novamente e eu sofra mais ainda. Eu não sei o que fazer... Ah, como seria bom se você me entendesse e pudesse me dar uma opinião, de quem têm convivido conosco?! Ah, vou deixar de ladainha. Não me ache egoísta por não perguntar a sua história. Imagino que deva ser tão interessante quanto qualquer outra, pena que não falamos a mesma língua. Você não está mesmo me entendendo...” Kambami, atento, piscava. Havia em Caetana alguma esperança que ele pudesse lhe revelar o que já sabia, mas não havia tido coragem de esclarecer a si mesma: ela amava Canto e Melo mas tinha medo de sofrer uma nova decepção. Nunca havia passado por isso antes, quiçá porque nunca tinha amado antes, ao menos, não dessa maneira. E não havia sido “amor à primeira vista”, como Amaia supusera, certa vez. Era algo mais intenso, que foi se enraizando aos poucos, conquistado ela, feito uma poesia nova: na primeira vez, acha incomum, mas há algo que a faz querer continuar lendo e relendo e relendo, até que aquela poesia parece ganhar vida própria e, no som da sua voz, torna-se dela.

Caetana temia que tudo não se passasse de uma ficção, que ambos fossem

personagens de alguma história macabra e que acabaria num final trágico, como era a moda.

Num solavanco, causado por uma pedra, o coche balançou e Caetana escorregou para o lado. Teria ido de cara na porta se Canto e Melo não a tivesse escorado. Suas grandes mãos tomavam todo o ombro dela, mas era o seus olhos que lhe seguravam a alma.

Os dedos dele a apertavam, assim como os lábios, fixos em imaginar um beijo quente. Ela se contraiu toda, entregue a ele.

Se não fosse o baú, entre os assentos, teriam se aproximado mais.

Canto e Melo se afastou dela, irritado, e deu um chute na peça.

-Cuidado! – sussurrou Caetana, preocupada.

-Esta coisa é tão dura, que duvido que faça algum mal.

Calaram-se por mais um trecho do percurso. Desta vez, ela mirando por uma janela e ele, frustrado, por outra.

A paisagem anoitecida passava e, na escassez dos pontos de luz que apartavam a noite, é que foram se vendo distantes da cidade. Quanto mais estrelas pintavam o céu e a luz da lua cheia refletia a estrada de terra, mais era certo que se afastavam do burburinho para adentrar a mata do silêncio. O tilintar das rodas sobrepunha o piar de uma coruja, o trissar do morcego, a vastidão dos animais da noite que teciam a sua hora e davam vida ao imaginário popular. Seria uma bela noite para um passeio, se não fosse pelo que tinham que fazer e por quem levavam.

E, da mesma forma que a noite caía sobre as árvores e a mata ao redor, criando sombras sobre as sombras, dentro do coche o mesmo acontecia. Caetana havia se tornado um borrão no meio de todos os outros borrões da noite. Um lugar confortável para esconder o desejo que lhe subia e fazia apertar as saias e lambe os lábios.

Escutou-se um trotar. À princípio, longe. A ganhar velocidade. Expresso. Sem parar. Canto e Melo pos a cabeça pela janela. Eram dois cavaleiros vindo na sola do coche. Faziam sinal para que parassem. Canto e Melo não queria, imaginando o que seria. Bateu no teto do coche e ordenou que o cocheiro continuasse. Pos a cabeça para fora e notou que pegavam algo da cintura. Armas!

Gritou para que parassem. Se atirassem, poderiam acertar Caetana.

O cocheiro puxou os arreios e o veículo andou mais alguns metros até os cavalos parassem num relincho.

Caetana, no susto, segurava-se nas paredes do veículo. Encarava-o, congelada no próprio temor. Ela podia não dizer o que estava acontecendo, mas sabia, como ele sabia. Ficaram em silêncio. Canto e Melo pos a mão no coldre

da sua arma, presa à cintura. E aguardaram.

Uma voz ordenou que saíssem. Canto e Melo entendia que seria pior não saltar. Abriu a porta do coche. Caetana segurou a manga de sua casaca:

-Não vá. – suplicava.

Pela parca luz do luar, ele viu que todo o rosto dela era composto por um choro. Lágrimas para ele, e não criadas por ele. Ironicamente, sentiu-se fortalecido, como se aquela fosse a prova definitiva de que se amavam. Teria lhe dado um beijo se não tivesse escutado outra ordem para sair, esta ainda mais ameaçadora.

-Não atirem! Vou sair! – gritou de volta.

Aproveitando a escuridão dentro do coche, passou a sua arma para Caetana e puxou-lhe pela nuca para dar-lhe um beijo – tão rápido quanto apertado. Prometeu que voltaria, mas, caso algo desse errado, que ela atirasse e fugisse.

Não aguardou para assistir as lágrimas dela, nem o choro miúdo que ela tentava prender. Seria mais difícil se entregar se ela lhe pedisse de novo que não o fizesse.

A porta do coche foi aberta e Canto e Melo, com as mãos para cima, saiu. Pediu que não atirassem.

O luar permitiu vislumbrar o toque de prata na estrada e em alguma mata ao redor do caminho. Também reparou nos dois homens que os rendiam. O de bandana no rosto – para esconder a sua identidade – lhe mirava um revólver, enquanto outro ainda descia do cavalo.

O homem de bandana mandou que Canto e Melo se virasse e apoiasse as mãos no coche. O marido de Caetana era alto e tinha o dobro do seu tamanho, poderia tentar desarmá-los, porém a possibilidade de atirarem e ferirem Caetana o fez obedecer sem argumentar.

Enquanto era apalpado – para confirmarem se estava armado – um segundo foi verificar o cocheiro. A boléia estava vazia. Deve ter aproveitado para escapar para a mata. Foi, então, ver o que havia dentro do coche.

De olhos fechados, Canto e Melo murmurava a si que não fizessem nada à Caetana, senão não iria conseguir se controlar. E fechou os punhos sobre o coche.

Escutou o homem soltar uma risada ansiosa, quase desejosa, o que fez Canto e Melo cravar as unhas no teto do coche.

*

-Oi, beleza. – o malfeitor disse para Caetana.

Caetana, encolhida no canto do banco, com os pés no assento e as mãos atrás das costas – segurando a arma – se contraiu mais ainda, como se fosse vomitar.

Enfiando a cara para dentro do veículo, o homem reparou no baú no chão, entre os assentos.

-O que é isso aqui? – bateu no baú com o cabo da arma – Abra! Vamos! Ande! Quero ver o que você esconde aí! – Caetana não se mexia, sem saber onde poderia deixar a arma – Ah, não vai abrir? Então, dê adeus ao seu amigo... – dois passos para trás e o homem atirou no baú.

Ela tinha as mãos nas orelhas e os olhos fechados, apavorada com o estopim do tiro. Numa risada, o homem ainda atirou mais duas vezes, querendo ter certeza que havia “matado” o seu conteúdo.

-Abra! Vai! – apontou a arma à Caetana.

Sem saber onde a arma havia caído com o susto que havia levado com os tiros, Caetana retirou da bolsa uma chavezinha. Tremia tanto que não era capaz de acertar o cadeado. De relance reparava a impaciência do homem crescer, assim como as suas calças ao olhar para ela. Com a ponta dos dedos guiando-a, achou a entrada da chave e girou.

O baú destrancou.

*

Canto e Melo ia sendo apalpado.

Ao ver que estava limpo, o bandido sussurrou em seu ouvido:

-Agora que matamos o africano, vamos matar você e vou aproveitar um pouco da sua mulher. – ao perceber que Canto e Melo trancara o maxilar e se retesava, riu-se – Melhor, vou deixá-lo vivo só para ver o prazer que dou a ela. E aí, sim, eu mato você. Quanto a ela, vou pensar no que vou fazer...

O punho se fechou e teria dado um soco no malfeitor, só por ter sugerido isso, porém, a esposa estava sob a mira de outro e seria temerário. Teria de esperar um melhor momento para contra-atacar.

-Oh, Neco. Olha isso! – chamou o que atirara no baú.

-Nada de gracinhas... – Neco apontou a arma para Canto e Melo e se afastou, mas com o marido de Caetana ainda na sua mira – O que foi?

-Olha! – e jogou, aos seus pés livros e figuras de barro, que iam se arrebatando. Pegou um membro masculino de porcelana e mostrou ao outro – O que é isso? O que vocês são? Perversos?

-O clube se chama “devassos” por esta razão. – explicou o que mantinha Canto e Melo sob a sua mira.

-Isso não é de Deus. – inconformava-se o bandido, atirando o membro bem longe, a se perder na estrada, e limpando as mãos nas calças.

No estalo, ele se voltou para pegar mais coisas no baú. Estava repleto desses objetos e nada do africano. Quanto mais tirava do baú, e mais se aproximava do fim, mas certo era de que não estava ali.

Diante do embuste, Neco pegou Canto e Melo pelo braço e o virou de frente. Enfiando o cano da arma contra a sua bochecha, perguntou, impaciente:

-Cadê o negro?

-Que negro? Vim jogar essas coisas fora. Não achava apropriado ter isso perto da minha esposa.

-Ah, é? E por que trouxe ela consigo?

-Para ela ver que não menti ao dizer que ia me livrar dessas coisas. Sabe como são as mulheres, muito desconfiadas.

-Eu sei que você tem um negro escondido na sua casa. Cadê ele?

-Negro escondido? – sentia apertar o cano mais forte contra o seu rosto – Todos que trabalham lá são livres. Não há escravos.

Sem qualquer sinal de humor, Neco deu uma coronhada e Canto e Melo desabou de joelhos. O homem pegou-o pelos cabelos e puxou o seu rosto para trás e enfiou o cano da arma em sua boca:

-Não gosto de mentiroso.

-Neco!

O grito se misturou a um barulho de tiro.

Canto e Melo caiu com o rosto na terra. A escuridão entrou no seus olhos e ele não conseguiu respirar. Sua cabeça latejava e podia sentir sangue escorrendo pelo pescoço, mas apenas uma coisa vinha a sua mente: Caetana! Juntou as forças e virou o rosto para o lado para ver o que acontecia. O homem que revirava o baú estava caído ao lado do coche, de barriga para cima. Era possível ver que saía sangue de um ferimento em sua cabeça. Ele havia levado um tiro.

O tal Neco, foi para a porta do coche e começou a atirar para dentro do veículo.

No ápice do desespero, Canto e Melo ressurgiu em força, rastejando-se com os braços, e agarrou as pernas do homem. Neco se desequilibrou. Mais fortalecido, ignorando o zumbido em seus ouvidos e a visão que turvava de vez em vez, Canto e Melo sentou-se sobre ele e começou a socá-lo. Um, dois, três socos para o cara largar a arma e perder a noção de tempo e espaço. Ia dar mais um soco, este de misericórdia, ao ver que golfava sangue, quando sentiu o chão debaixo de si estremecer.

Pela bruma da noite, vinha um cavalo selvagem. Na aproximação, reparou num homem sobre ele, chapéu caído no rosto e um lenço cobrindo a boca e nariz. A arma de Neco estava caída ali ao lado. Esticou-se para alcançá-la antes que o cavaleiro se acercasse. Num gesto, pegou, rolou para o canto da estrada e mirou no cavaleiro.

O homem passou em disparada e acertou alguém que vinha na direção contrária da estrada, empunhando um rifle. O cavaleiro puxou as rédeas, o

cavalo empinou, e ele deu a volta. Com medo que fosse o próximo a ser executado, Canto e Melo se atirou para dentro do coche. Podia sentir nas pernas a pressa do outro, levantando poeira atrás de si.

Não viu Caetana ali, mas a outra porta estava aberta, indicando que ela havia escapulado após o tiro. O que lhe trouxe esperança de estar tudo bem com ela.

Levantando o baú, agora esvaziado, como uma espécie de barreira, Canto e Melo deixou a arma apontada na direção da porta, no aguardo que o cavaleiro remanescente viesse até ele. Ficava apertando os olhos, para que a visão voltasse ao normal, mas parecia que seus olhos tinham dificuldade de fixar qualquer imagem. Teria de ser um tiro cego. Sua mão tremia e a falta de firmeza não era por medo, era pela fraqueza que ia se apossando do seu corpo. Tentava segurar com as duas mãos o revólver que tremia.

Queria ter se despedido de Caetana.

Uma sombra apareceu contra a porta. O cavaleiro estendeu as mãos como se rendido:

-Um “obrigado” basta. – resmungou uma voz familiar.

Canto e Melo mexeu as sobrancelhas, desconfiado:

-Es...tevão?!

-Vou escoltá-los até o quilombo. – abaixou os braços – Onde está a sua esposa e Kambami?

Primeiro foi uma cabecinha que apareceu pela outra porta, atrás de Canto e Melo. Tinha desespero em seu rosto e uma lágrima desprendendo dos seus olhos.

Kambami surgiu atrás de Caetana. Tinha nas mãos a arma que Canto e Melo havia dado para a esposa se proteger.

-Que bom que vocês estão bem!

Havia sido uma boa ideia fazer Kambami vestir a roupa do cocheiro. Ninguém suspeitaria que o cocheiro seria o africano contrabandeado. Os que os perseguiam, ao terem os visto colocando o baú dentro do coche, certamente imaginaram onde estava escondido Kambami. “Nem sempre o que está à mostra, está visível.”, havia comentado Caetana, ao dar a ideia de levar um baú com os objetos do gabinete.

Sem agüentar a pressão em seu coração, Caetana jogou-se nos braços de Canto e Melo, e deitou a cabeça em seu peito. Podia escutar o coração dele desacelerando, até ritmar no compasso sereno que a tranquilizava. A vista dele foi retornando e o latejo na cabeça, assim como o zumbido, diminuíram até o completo silêncio.

Que alívio!

Tomou a pequenina cabeça da esposa e a mirou. A luz da lua cobria o rosto

dela como uma película de mármore, trazendo vivacidade aos seus olhos mareados pelo temor de perdê-lo.

-Vamos! – ordenou Estevão – Consegui acertar um, mas vi outro que escapou e, em breve, podem voltar com reforços. Você acha que consegue manejar o coche?

Canto e Melo foi sincero e balançou a cabeça na negativa.

-E quanto a montar?

-Sim.

Estevão entregou o seu rifle para Canto e Melo e subiu na boléia, e pediu a arma, que levaria em seu colo. Seguiria com Caetana e Kambami – também armado. Canto e Melo, com as armas dos bandidos, iria ladeando o coche, afim de evitar qualquer perigo até alcançarem o quilombo.

Capítulo 20

**“O que é o Amor senão canto e silêncio,
ao mesmo tempo.”**

(Roberto Canto e Melo, *O que é*)

A tensão era palpável feito a escuridão que encobria a estrada assim que uma nuvem sumiu com a lua.

Qualquer barulho na mata era motivo para Canto e Melo e Estevão sacarem as armas.

Qualquer sacolejo era para Caetana segurar a respiração e as saias e Kambami elevar a arma na altura do peito.

Num desvio, entraram num caminho marcado por duas gameleiras-brancas – uma em cada margem da estradinha de terra. Era surpreendente para Canto e Melo aquele caminho. Por mais que soubesse que na entrada do quilombo havia um par de gameleiras, nunca imaginaria que seria tão difícil identificá-las – ainda mais à noite, em meio a outras tantas árvores.

-Estamos entrando no universo dos orixás. – Estevão falava alto, para ser escutado acima do trotar dos cavalos – Só entra aqui quem eles permitem. Aos intrusos, o caminho é velado.

Canto e Melo soltou um ar de descrédito. Mais uma das histórias de Estevão.

Ao passarem as enormes árvores, a nuvem descobriu a lua e o caminho voltou a clarear. Era como se um véu de magia tivesse sido erguido. Apesar de não poder ver o rosto de Estevão, por causa do lenço, poderia imaginar que ele sorria, se divertindo com a cara de embasbacado que Canto e Melo não conseguia esconder.

Foram adiante mais um pouco e as árvores iam estreitando a passagem e a estrada foi se tornando um fio que só poderia ser atravessado a pé. O coche parou e Caetana e Kambami saltaram. Canto e Melo desceu do cavalo com alguma desconfiança e foi para perto da esposa.

-Tem certeza que é por aqui? Como chegaremos lá? Teremos de andar na mata. É perigoso. – e trocou um olhar com Caetana, quem detinha toda a sua preocupação.

-Confie em mim. – cantarolou Estevão, o que deixou Canto e Melo ainda mais preocupado.

Não confiava em Estevão, principalmente quando usava essa expressão “confia em mim.” Nenhuma das vezes que confiara havia tido um bom resultado. Em todas – TODAS – Estevão estava mentindo e não sabia realmente

como conduzir a situação, usando de uma falsa confiança que só o irritava ainda mais. Contudo, estar com Caetana deixava a questão ainda mais tensa, pois não queria que nenhum mal lhe acontecesse. Seria capaz de enlouquecer se... Balançou a cabeça, não iria pensar nisso. Teria de confiar em Estevão.

O devasso saltou da boléia e caminhou para o seu cavalo – usado por Canto e Melo – e retirou do alforje um candeeiro. Acendeu e subiu de volta no coche e, de pé no banco da boléia, levantou o candeeiro.

-O que é isso? O que ele procura?

Estevão pediu silêncio à Caetana e, usando a própria mão, fez sinais na frente da luz.

Canto e Melo se inclinou sobre a esposa e explicou, baixinho:

-Ele está fazendo um código, provavelmente para que nos permitam entrar no quilombo.

-Se não fizer isso, nos atacam. – disse Estevão, baixinho, ao repetir o gesto – Este quilombo, em especial, têm muitos guerreiros e nenhum deles quer voltar para a escravidão. Aqui formaram a sua tribo e retomaram as suas tradições. – calou-se quando, no negrume da mata, surgiu uma pequena luz a piscar.

À princípio, Caetana achou se tratar de um vagalume, mas em pouco, reparou na constância do tremeluzir e que o foco não voava.

Num sinal, Estevão comandou que prosseguissem e que pisassem onde ele estava pisando. Nenhum milímetro para fora do estreito caminho de terra. Ia à frente, segurando o candeeiro. Atrás de si vinha Kambami e Caetana e, fechando o caminho, Canto e Melo. Caetana reparou que Estevão havia abaixado o lenço do rosto, mas não podia vê-lo por estar de costas para ela. Porém, uma coisa era evidente: tinha a altura do marido e talvez fosse até mais forte. Na distração, ao se lembrar dos músculos de Canto e Melo, do calor que ele exalava, ela bambeou e pisou fora da estradinha.

Foi imediato.

Um grupo de estacas de madeira vieram na sua direção.

Canto e Melo a puxou contra si e a abraçou firme. Se não tivesse reagido, ela teria todo o seu rosto perfurado a esta hora.

-Tente não pisar fora da linha. – sussurrou no seu ouvido.

-Parece impossível. – retrucou ela, soltando-se dos braços dele.

-Oh, pombinhos, dá para irem mais depressa? – reclamou Estevão, mais à frente.

Continuaram. Eis que uma parede de mato se fez. Aquilo era estranho. Caetana teria tocado se Estevão não a tivesse segurado pelo pulso:

-Eu, se fosse você, não faria isso. São venenosas ao toque.

Ele estava com o lenço de volta no rosto, mas, dessa vez, pode ver os seus

imensos olhos negros. Subiu-lhe um arrepio pela espinha. Eram olhos de quem parecia que iria devorar o interlocutor a qualquer instante. Estava aí o apelido, então, o Lobo do Império. O homem mais charmoso e concorrido em toda Corte. Não havia mulher que não fosse seduzida por ele – e que, automaticamente, ficasse arruinada.

Um tapa na mão e foi só isso que precisou para que Estevão a soltasse, reclamando da força que Canto e Melo havia empregado.

O marido, enciumado até a raiz do cabelo e fazendo questão de deixar isso bem claro, avisava:

-Conheço-o bem o suficiente para saber que não posso confiar a ter a minha esposa em suas mãos. – e ficou bem atrás de Caetana, segurando-a pela cintura, impedindo-a de se aproximar do outro.

-Pelo visto, não confia é em mim. – comentou Caetana, à beira da ofensa.

Estevão segurou o riso e Canto e Melo não soube como se explicar, gaguejando uma resposta. Quanto mais tentava, parecia que piorava:

-Confio em você, não confio nele. – apontou para o outro que, graças à máscara, mordida os lábios para não rir.

-Por quê? – ela se afastou dele – Acha que pode me agredir? Que espécie de amigo é esse, então, que você tem?

-Não, ele não faria uma coisa dessas... – balançava a cabeça – É que ele é muito... – teria de falar, teria de falar – ...muito charmoso e as mulheres não resistem a ele.

Estevão, tentando se conter, balançava a cabeça na positiva:

-Verdade.

-Cale-se! – ordenou Caetana para Estevão, fazendo-o engolir o riso – E quanto a você, Roberto, quem você acha que sou? Depois de tudo o que conversamos? Estou decepcionada por achar que eu sou volúvel a ponto de largar o meu marido por... isso. – apontou para Estevão.

-Obrigado. – retrucou Estevão, usando da sua ironia, algo que parecia ser obrigatório para entrar no Clube dos Devassos.

-De nada. – ela respondeu, mas sem dar atenção à brincadeira dele.

Canto e Melo ia lhe responder se não fosse por uma imensa porta que se abriu no meio da parede de plantas venenosas.

-As damas primeiro! – Estevão fez uma reverência para que Caetana fosse na frente, e largou os olhos para a parte detrás dela. Recebeu um forte tapa na cabeça, dado por Canto e Melo, o que o deixaria dolorido algumas horas, e um olhar raivoso, o que o deixaria preocupado por alguns dias.

Do outro lado do muro havia uma espécie de aldeia. Postas em círculo, havia cinco cabanas e, por detrás destas, outras tantas. As cabanas lembravam

muito as que Kambami tinha na sua terra. Eram de madeira, barro ou alvenaria, e os tetos cônicos de barro ou folhagem seca. Uma ou outra tocha acesa pontilhava um caminho entre as cabanas e evitava chamar a atenção das pessoas que passassem por fora do quilombo.

Estevão, mais amigado dos quilombolas, retirou o lenço do rosto e foi cumprimentar os conhecidos com abraços e risadas. Ficaram de conversa como se estivessem num bar e coisa do tipo. E, por mais que Caetana tentasse enxergar o seu rosto, não conseguia, pois ele ficava todo o tempo de costas para ela e em meio as sombras.

Dois quilombolas vieram receber Kambami e lhe ofereceram água e alguma coisa que Caetana não conseguia ver o quê.

Outros dois vieram falar com ela e Canto e Melo. Era uma mulher já muito idosa e um rapaz que a levava pelo braço. A senhora trajava roupas comuns como todos, mas possuía uma aura diferente, algo que lhe identificava como a anciã daquela pequena vila. Com um turbante e colares de sementes e miçangas, tinha uma pose de rainha, apesar do corpo corroído pelo tempo e pelo trabalho escravo.

Tomando a mão da moça, a senhora começou a lhe falar numa língua que Caetana não soube entender. Olhava para a mulher, sorria e balançava a cabeça, mas nada compreendia. Quando ela terminou, Canto e Melo virou-se para o rapaz e ele se prontificou a traduzir:

-Minha avó agradece a ajuda. Ela veio para esta terra há muitas luas, foi obrigada a deixar a sua família, a sua cultura, mas nunca se permitiu deixar de falar a sua língua. Ela considera o símbolo de quem ela é, do que fala o seu coração. – a senhora colocou a mão sobre o seio esquerdo de Caetana, pegando-a em sobressalto, e disse mais alguma coisa, que o rapaz traduziu – Ela disse que você precisa deixar o seu coração falar, que você guarda o que deve ser esquecido e que esquece o que deve ser guardado. Fale a língua do seu coração.

Tendo dito isso, os dois se afastaram.

Caetana não se mexia, arrepiada. Seu coração estava disparado e a cabeça zonzinha. Quando a senhora colocara a mão em seu peito, foi como se tivesse levado um choque, o que a fizera despertar.

Com os olhos embebidos em lágrimas, virou-se para Canto e Melo. Não tinha coragem de lhe encarar, mas era preciso, depois de tantos erros, de tantas mágoas, de tanto medo. Era preciso retirar aquela farpa enfiada em seu coração. *Ele sabe!* Pelo olhar dele, ele sabia que ela queria lhe pedir desculpas.

Todo o rosto de Canto e Melo estava iluminado pelo fogo de uma tocha, permitindo que ela enxergasse o seu olhar. Era tão terno que o coração de Caetana foi se acalmando. E a única coisa que ela se sentiu capaz de fazer foi

abraçá-lo, apertado. Era ali o seu lugar, nos braços dele, o seu porto seguro.

Sob a luz das estrelas e da lua, ao som de um vozerio, finalmente Canto e Melo e Caetana se encontravam. Corações unidos por aquele gesto simples de abraço.

*

A noite se foi ao som de comemoração – nada muito alto, para não chamar a atenção de algum passante. Comeram, beberam, ficaram em torno de uma pequena fogueira, ao redor da qual algumas mulheres dançavam ao som de um cântico.

Caetana, aninhada nos braços do marido, observava as estrelas e, de vez em vez, sentia ele lhe estalar um beijo no topo da cabeça. Apertava-se contra ele e Canto e Melo correspondia, aquecendo o seu corpo que ia esfriando com a madrugada.

Foi no alento daquele carinho, que a jovem esposa adormeceu.

Canto e Melo não queria fechar os olhos. Tinha medo que se dormisse, iria acordar e descobrir que tudo havia sido um sonho. Não, iria viver aquele momento, ver o nascer do sol pintando os morros nos arredores, recitar a poesia que arrebatava em seu peito, tendo a lua cheia a sua testemunha, a lhe abrilhantar a alma:

Oh lua, que já me trouxe alegrias mil
Traga mais uma para este pobre homem febril.
No seu semblante vejo o brilho da amada,
E na amada vejo a sua beleza.

Oh, dama da noite, que vem coroar
Os corações dos perdidos
E transformá-los em cavalheiros,
Faça realizar-se mais um desejo!

Eu, que já fui amado e agora sou amante,
Já traí e agora sou abstraído,
Sofro a pior das enfermidades: o amor.

Oh, musa inspiradora dos poetas,
Faça este aqui parar de filosofar
E realmente lutar por este amor.

Que dos meus lábios saiam músicas

Para os ouvidos da amada alegrar.
E que nem a morte detenha-me
De ainda poder cantar canções de ninar,
Para a minha amada poder descansar.

*

Havia sido um sonho bom, deduzira Caetana, ao abrir os olhos. Daqueles que nem dá vontade de acordar, mas quando se desperta, a alma fica impregnada de uma leveza gostosa, de um bom humor sem lógica. Soltou um bocejo e espreguiçou-se. Deparou-se com o amanhecer no quilombo, ainda sob a bruma da madrugada. Algumas mulheres saíam com latas e vasos de barro, indo para uma imensa cabana sem paredes, onde havia um fogão de barro à lenha e umas tábuas que serviam de mesa. Homens com enxadas e ferramentas seguiam para uma roça, mais distante. Crianças corriam e riam, suplantando o som da cigarra e dos pássaros. Mães com bebês no colo, amamentavam a cria e conversavam entre si.

Não foi um sonho. Ou terá sido?

Reparou que estava deitada na terra, sobre uma manta de lã. Parte do corpo estava gelado, por causa da umidade do solo, porém sentia apenas a gélida falta de Canto e Melo. Podia jurar que ficara nos braços dele por toda noite. Pode sentir a respiração quente em sua nuca, o braço envolvendo a sua cintura, os corpos encaixados. *Talvez um sonho apenas...* O cheiro dele ainda a preenchia. Viu que estava coberta pela sua casaca. Ainda estava quente, o que significava que havia pouco tempo que a cobrira.

Sentou-se e colocou a casaca dele sobre o ombro, rodeando-se com as mangas, como se fosse ele a abraçá-la. Resvalou o nariz no tecido e puxou o cheiro dele. Tinha saudades, tanta, que não se envergonhou quando ele surgiu diante de si.

Com um café-da-manhã nas mãos e um sorriso estampado no rosto, o marido riu-se daquela atitude romântica dela. Mas para não deixá-la embaraçada, fingiu não ter notado.

-Bom dia! Trouxe-lhe um café e uma broa.

Os olhos azuis estavam repletos de alegria, provas que ele também havia tido uma excelente noite de sono.

Caetana não se recordava se o havia visto daquela maneira tão iluminada antes. O sorriso espalhava por todo o corpo, numa felicidade contínua, daquelas que vem da profundidade da alma e reverbera em cada célula do corpo. Os cabelos escuros caíam sobre a testa, de um jeito bagunçado. A falta da gravata, a camisa semi-aberta e de mangas arregaçadas, formavam o retrato de uma sedutora

informalidade que a fez arquejar.

Ele se sentou ao lado dela, sobre a manta de lã, e passou para ela a broa. Na primeira mordida, Caetana abriu um sorriso. Foi-lhe ofertado o café e ela deu um gole, dividindo com ele a bebida quentinha. Ultrapassando os limites auto-impostos pela timidez, ela se inclinou e deitou a cabeça em seu ombro. O marido passou a mão em volta dela e ali ficaram, a observar a mudança da paisagem com a firmação do sol.

Já era sol alto quando Canto e Melo e Caetana resolveram ir embora. Ela não viu mais Estevão, deduzindo que deveria ter partido antes do amanhecer. A curiosidade em ver o seu rosto era menor do que a possível querela que teria com o marido se perguntasse pelo outro. Teria que aguardar os próximos capítulos para conhecer o desenrolar daquela história. Por enquanto, preocupar-se-ia com o próprio enredo. Havia passado muitos anos sendo a “figurante” nas histórias alheias, agora era a sua vez de ser a personagem principal e tomar as rédeas daquela narrativa. Seria ela mesma a escritora da sua vida.

Um quilombola e Kambami levaram os dois para fora do quilombo, ao encontro do coche. Ao atravessarem o pequeno percurso no meio do mato, Caetana reparou nas estacas e diversas armadilhas de cordas e ferro que, sob a noite, ficavam às escondidas.

Ao chegarem ao veículo, ela deu um abraço apertado em Kambami e lhe desejou boa sorte, antes de entrar. Canto e Melo estava igualmente ansioso. Podia ver na expressão dela que o queria tanto quanto ele a ela. Estendeu a mão para Kambami e lhe sorriu, desejando uma vida melhor dali para frente.

Kambami olhou para a mão, olhou para Canto e Melo, e repetiu o gesto, um pouco confuso com o que seria aquilo. Ou não. Abriu um sorriso e apertou a mão do devasso, comentando alegremente:

-Obrigado, meu amigo, por toda a ajuda.

Se não fosse ridículo, Canto e Melo teria tombado de susto.

-Você fala português?

-Sou de Luanda! Falamos Português. – ria-se do espanto de Canto e Melo.

-Então... os gestos...

-Foi engraçado ver você tentar se traduzir em gestos. Me diverti muito.

Filho da mãe! Tava rindo da minha cara o tempo todo!

-E quanto aquela língua que você falava?

-É da tribo da minha mãe. Um dia vamos nos reencontrar e vou contar para você a minha história e como parei num negreiro.

-Estarei ansioso por este dia! – comentou Canto e Melo e ambos dividiram o sorriso de uma amizade que começava ali.

Canto e Melo ia soltar a mão, quando Kambami apertou ainda mais a sua e

colocou a outra mão sobre a dele. Queria lhe confidenciar algo muito importante, algo que não poderia se perder na falta de comunicação:

-Eu preciso dizer uma coisa que está entalada: D.Caetana ama você. Ela me disse. Mas não conte nada a ela. Não quero constrangê-la. Falou outras coisas também, mas acho que são vocês dois que devem conversar.

-Ela sabia que você fala português?

-Não e se soubesse, acho que nunca teria desabafado comigo. Boa sorte, meu amigo. Que Ogum o guie e proteja! – bateu em seu peito.

-Boa sorte, meu amigo. E nos veremos em breve. – e bateu no próprio peito, reparando que havia algo lá, por dentro do bolso da casaca. Era o patuá que D.Geralda havia lhe dado. Como aquilo havia ido parar nas suas roupas é que se manteve mistério.

Rindo ainda daquela brincadeira do Destino, Canto e Melo subiu na boléia do coche. Ao se sentar, reparou que Caetana estava, desta vez, ao seu lado. E, ao que tudo indicava, não queria que ele mudasse. Havia pego a sua mão e a apertado, junto a um sorriso que o fez ter certeza de que ela o amava, independentemente do que Kambami havia dito.

Capítulo 21

“Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!”
(Álvares de Azevedo)

A mão estava quente, mais quente do que o normal, fibrilando numa magia. Ao toque daquela mão, cada pelo da pele de Caetana se alvoroçava. Arrepiou e foi inevitável segurar um gemido. **Não faça isso...** A cada gemido, a cada movimento dela, Canto e Melo ficava ainda mais teso, recheado pelo desejo de que os dois se encontrassem não só de alma como de corpo. A pele dela era macia, tanto que ele teve de beijá-la, na base da nuca – onde o vestido dela acabava. Exalava um cheiro adocicado, que não era de perfume, era natural, base dos instintos primatas que iam revirando ele.

Ao toque dos seus lábios úmidos, ela jogou a cabeça para trás e soltou um suspiro. Seus olhos estavam fechados e a boca, em formato de beijo, seduzindo-o. Era preciso resistir, aguardar chegarem em casa e, finalmente, consumarem aquele ato há muito desejoso.

Teriam de aguardar, seria “grosseiro” que fosse ali, na boléia do coche, num canto da estrada, mesmo que distante de olhares curiosos. Era preciso ser especial para ambos. Inesquecível.

Armado do seu romantismo, Canto e Melo afastou o corpo do dela.

Caetana, ainda aproveitando a sensação de delícia, sussurrou que ele continuasse. O tom aveludado da voz, assoprada próximo do rosto de Canto e Melo e o fez se contrair no assento. Seus dedos subiram para a base do pescoço de Caetana. Tão fino, tão frágil. E foi descendo pela frente, passando as clavículas, seguindo na direção dos seios. Mesmo por cima do vestido, do corpete e da camisa debaixo, queria sentir a respiração dela, que ia ficando descompassada. Ela se revirou e soltou um gemido ainda mais profundo.

Canto e Melo a puxou para o seu colo. Eram muitas saias, ainda assim, Caetana conseguiu senti-lo, pulsando contra ela. A boca dele foi para a sua nuca e as mãos tentavam abrir os botões da frente do vestido – aquele modelito era desesperador para a paixão, porém, por ser um corte simples e sem armação, era mais fácil. Os dedos não eram tão ágeis sozinhos e Caetana resolveu ajudar. Juntos, conseguiram abrir até a cintura, o suficiente para ele conseguir passagem para o corpete, mas não o suficiente. Caetana o usava muito apertado e os

pequenos seios sumiam, espremidos por ele. O jeito era aproveitar o que se tinha. Ele passou os dedos devagar, sobre o colo dela, criando a linha de um desenho que a excitava. Enquanto isso, a sua outra mão ia subindo as saias. Ela usava meias e as malditas calçolas – não tão malditas, pois tinham um buraco bem no meio, para facilitar o asseio.

Ela arfou quando as mãos dele a atingiram. Canto e Melo levantou os olhos para ver se não havia ninguém próximo. Sentiu um movimento de cavalos e vozes. Estavam perto da entrada da cidade, o que o obrigaria a parar – por enquanto. Largou-a assim que outros coches começaram a dividir a rua e eles poderiam ser vistos.

Ele a ajudou a sentar ao seu lado e trocaram beijo enquanto ela terminava de fechar os botões do vestido.

Canto e Melo tocou as rédeas.

Estavam ansiosos, ambos. Caetana lambia os lábios. Canto e Melo batia um *presto-agitato* com os pés. A música corria em sua veia. Voltava à ansiedade da época do conservatório, em que tocava o piano com paixão, arrebatado pelas loucuras de amores platônicos. Porém, agora não havia nada de platônico. Caetana estava ali, ao seu alcance, e o amava.

Estalou a língua nos dentes e as rédeas para que os cavalos fossem mais rápido.

*

O coche mal parou na frente da casa e Canto e Melo saltou. Tomou Caetana pela cintura e, em seu colo, a carregou casa adentro. Passou pelo Sr.Cruz, que tinha na mão um recado e na boca um “Com licença” mal pronunciado. A Sra.Feitosa, a sair da sala de estar, carregada pela preocupação materna, também foi ignorada.

O mordomo e a senhora trocaram olhares estarecidos. Eles nem existiam para o casal, que se perdia na escuridão do segundo andar da casa.

Ao retornar para a sala, a Sra.Feitosa foi imediatamente confrontada pelo marido.

-O que foi?

-Caetana e o marido retornaram.

A noite havia sido em claro, aguardando saber o que havia acontecido com os dois. Eles haviam saído com um baú e sem avisar aonde iam. A Sra.Feitosa desconfiava que o marido tivesse algo a ver, pois, durante toda a noite, o Sr.Feitosa lia um livro e, ocasionalmente, via as horas no relógio, numa calma de quem “esperava aquele atraso”.

-Os dois? – ele pareceu querer se certificar.

Por maiores que fossem as suas desconfianças quanto ao caráter do marido,

a Sra.Feitosa nunca suporia que ele poderia fazer algo contra a própria filha, ou a sua felicidade. Seria mais desprezível ainda do que o que ela já naturalmente sentia por ele. Um homem ambicioso, sem escrúpulos, com o qual estava atada até o fim de seus dias. E só não havia dado cabo da própria vida, pensando no terror que seria para as suas filhas terem de conviver com ele e as más influências que poderiam vir disso.

-Sim! Por quê? Achava que apenas um retornaria? – ela quis saber, preparada para ajudar Caetana e Canto e Melo no que fosse.

-Não, claro que não. É que a situação deles não é das melhores...

-E como você sabe, Caetano?

-Sou o pai de Caetana, conheço a minha filha. – algo nele se transformou, passando a ficar mais arreado, nervoso, esfregando as mãos e andando de um lado ao outro da sala – E onde estavam? Por que passaram a noite fora? Falaram alguma coisa à respeito?

-Não consegui lhes perguntar.

Na mesma medida que a esposa desconfiava dele, o Sr.Feitosa começava a crer que a mulher poderia ser um empecilho bem maior do que o comum. Tinha a pose de santa, mãe devota e, apesar de não se envolver diretamente com seus negócios, estava sempre vagando pelos corredores e sentada num canto da sala, a bordar quieta, a fim de ser esquecida. Era preciso averiguar até que ponto a Sra.Feitosa era uma traidora.

-Ora, como não conseguiu perguntar?

-Porque talvez eles ainda estejam “passando a noite fora”. – ela se sentou no sofá e continuou o seu bordado.

O Sr.Feitosa não entendeu o comentário, num primeiro momento.

Não seria preciso esperar muito para “entender” o que acontecia. Era fácil de supor com o reme-reme da cama e o grito que Caetana dava, atravessando o dia.

*

Quando Canto e Melo entrou no quarto, fechou a porta com o pé. Nada o faria soltar Caetana – ainda bem que haviam consertado aquela porta.

O quarto estava às escuras, o que o fez tropeçar num tapete. Teria ido ao chão se não tivesse conseguido manter o equilíbrio. Como? Ele não soube. Caetana lhe tirava o ar, beijando-lhe o tórax, o pescoço, acariciando a sua nuca.

Pelas sombras do ambiente deduziu onde estaria a cama e a colocou sobre o leito. Seria preciso alguma luz, pois, apesar de ser dia, todas as venezianas estavam fechadas e as cortinas cerradas. Ao se afastar dela, Caetana o puxou pela lapela e beijou-lhe. Era um beijo ao ritmo de uma polca sensual. Não teve como resistir e ficar de joelhos ao lado dela. Caetana sentou-se na cama e

ajudou-o a tirar a casaca sem lhe despregar os lábios da orelha. Sentia sua barba por fazer, espetando-a, o que a deixou ainda mais desejante. A casaca voou junto ao colete para algum confim do quarto. A gravata foi desamarrada pelos dois, juntos, confundindo dedos e nós e beijos, e foi atirada ao chão junto as sapatilhas de Caetana. Não demorou para que a camisa voasse. A cada botão aberto, a cada pedaço de pele exposta, Caetana ia beijando-o.

Seus olhos se encontraram e, nas sombras, podiam enxergar o amor que fazia fremir no encontro de peles.

Sem despregarem os olhos, Canto e Melo foi abrindo os botões do vestido dela. Seus dedos grossos sentiam ela respirar pesado, beirando a ansiedade a cada botão que fazia o seu corpo se revelar. Ela queria ver a reação dele, sentir seus olhos sobre a sua pele nua. E aguardou que ele a livrasse das vestes. O vestido caiu no chão e Canto e Melo, impaciente, se deu de encontro com saias e mais saias.

-Que mer...

Caetana, num riso, desamarrou uma fita e as saias se foram. Se quisesse aticá-lo, já sabia como. Era a vez dele tirar as botas, as meias. Na pressa, as calças se foram com as ceroulas e Caetana o teve nu diante de si. O corpo era perfeito. Grande, musculoso, de uma força e uma potência que a deixaram encantada. Sem qualquer pudor, ela acariciou a sua virilidade – tal como havia visto nas pinturas espalhadas pela casa. Havia sido tão inesperado, que Canto e Melo soltou um urro e largou a cabeça para trás. Todo o seu corpo se arrepiou ao senti-la. Aquilo era muito bom. Sua cabeça flutuava nas doces sensações. As mãos de Caetana subiram na direção do peitoral dele e, com as pontas das unhas, o massageou. Canto e Melo sentiu um arrepio que o fez afastá-la de si.

Se continuassem assim, ele não iria conseguir se segurar mais tempo.

Caetana estava certa de que havia feito algo errado. Talvez as pequenas mordiscadas... Ao contrário, quando ele a levantou, beijou-a e foi alargando o seu espartilho, até cair no chão. Não demorou para as calçolas e a camisa debaixo seguissem. Ela estava nua, diante dos olhos em brasa dele, ardendo sobre ela. No beijo, ele a pegou pelo pescoço e foi guiando-a de volta para a cama, onde a puxou contra os lábios audazes. Ela revirava a cabeça para os lados, amassando os lençóis e gemendo cada vez mais alto à medida que sentia o hálito quente dele, a perder o ar e todo o corpo estremecer.

Ainda tinha a cabeça girando quando o corpo suado dele a cobriu. Suas mãos pousaram em seus seios, e a boca foi ao encontro do lóbulo de sua orelha. Uma nova sensação veio. Caetana estava flutuando e era preciso se segurar. E segurou: nele. Suas mãos frenéticas iam e vinham. O beijo dele cobria cada centímetro do seu colo, pintando-a de desejo, na intensidade do movimento da

mão dela. E, mais uma vez, Canto e Melo teve de se afastar para não terminar ali.

Dessa vez, o casamento seria consumado. Não se daria ao luxo de perdê-la.

Foi descendo, as mãos ainda afagando-a, observando o rosto dela pelas sombras, e os murmúrios que soltava. Pode sentir que ela estava pronta. Postou-se sobre ela. Devagar, foi subindo sobre o seu corpo, cuidadoso para não a ferir, e parou. Tinham os olhos nos olhos. Sorriam. Um beijo e ele começou a se movimentar e ela foi no mesmo ritmo. À princípio, um pouco fora de compasso. Depois é que ela foi se tomando e as mãos pousaram nos ombros dele e o apertaram.

A cama rangia. Rangia. Rangia. Tudo balançava no vai e vem. Caetana envolveu a cintura de Canto e Melo com as pernas. Ele a beijava e a cama rangia cada vez mais. Intensos. As unhas dela cravaram nas costas dele e junto veio um grito de Caetana.

E o barulho forte de algo caindo.

*

O estrondo pode ser ouvido da sala de estar. A Sra.Feitosa e o marido atiraram os olhos para o teto. Teria vindo do andar de cima. O que será que tinha caído?

Por mais que o Sr.Feitosa quisesse ir averiguar, a esposa não permitiu.

O Sr. e a Sra.Cruz, que haviam ido decidir o cardápio do jantar, também queriam ver se estava tudo bem, mas a mãe de Caetana foi energética: que deixassem os dois em paz! E mordeu um sorriso de satisfação, retornando ao seu bordado.

*

A cabecinha de Canto e Melo emergiu dos lençóis. O que havia acontecido ali? Sua primeira preocupação, no entanto, foi com a esposa. Onde estava Caetana? Tateou-a em meio ao colchão e os lençóis e cobertores e a achou.

-Está tudo bem?

Caetana não conseguia parar de rir. Aquilo havia sido hilário. O tesão dos dois havia sido tão grande e intenso, que a cama desmontara!

Canto e Melo não podia acreditar. A vontade era de acabar com Estevão. Ele havia afrouxado os pinos da cama, pois sabia que se fosse usada como estava sendo, desmontaria. **Estevão, seu maldito!**

Por causa da risada, Caetana não tinha forças para se levantar. Ele a ajudou. Quis verificar se havia algum ferimento, passando a mão por todo o seu corpo, o que só a preencheu de mais vontade.

Os corpos nus se envolveram. Nas pontas dos pés, Caetana se pôs a beijar o marido. Sem que ele percebesse, empurrou-o sobre o colchão caído no chão.

Encarando-o, soltou os cabelos castanhos claros. As longas mechas corriam pelos seios perfeitos feito ondas caudalosas que a deixavam aterrorizantemente bela.

Caetana gostava do olhar de apreciador dele e retribuiu com um sorriso insaciável. Era a sua vez de ficar por cima.

Por mais que fosse difícil para Canto e Melo admitir, Estevão havia transformado aquela noite de amor em algo realmente inesquecível.

Prendendo Canto e Melo entre suas pernas, Caetana pegou na nuca dele e puxou a sua cabeça para seus lábios pulsantes. Ele era um devasso; o seu devasso.

Capítulo 22

“Assim eu te amo, assim; mais do que podem
Dizer-te os lábios meus, — mais do que vale
Cantar a voz do trovador cansada:
O que é belo, o que é justo, santo e grande
Amo em ti. — Por tudo quanto sofro,
Por quanto já sofri, por quanto ainda
Me resta de sofrer, por tudo eu te amo.”
(Gonçalves Dias)

Havia um sorriso no rosto de Caetana que fez Amaia ter certeza: ela estava feliz. Muito feliz! Era daqueles sorrisos que se põem nos lábios, nos olhos, na cútis, no corpo todo e transforma. Caetana mudara, inclusive, a maneira como penteava os cabelos – deixando os coques simples, na base da nuca, para algum mais elaborado e charmoso –, o que combinava com o belo vestido de renda branca.

Quando Amaia lhe perguntou o motivo da euforia transformadora, Caetana esticou o sorriso e deu mais um gole no chá que segurava.

Aquilo estava deveras suspeito, no entanto, a sua suspeição era positiva. Ela e Canto e Melo dividiam a mesma aura de alegria. Ele, claro, procurou se controlar um pouco mais, mas a maneira esfuziante com que apertara a mão de Montenegro, e a própria expressão risonha do seu esposo – de quem havia subentendido o que acontecia – foram pistas o suficiente para Amaia largar a sua xícara na mesa ao lado e concluir:

-Vocês dormiram juntos.

Caetana cuspiu o conteúdo do chá de volta na xícara. Ela não soube o que fazer, a não ser ficar corada. Pensou em colocar a xícara sobre a mesa, ou manter no colo, ou limpar a boca no guardanapo sobre o seu colo, ou dar uma mordida num doce e mastigar calmamente até encontrar uma desculpa.

Qual fosse o subterfúgio, a única coisa que conseguiu foi repreender a amiga:

-Amaia!

Achava que seu rosto estava queimando de vergonha. E quanto mais a amiga a encarava com os seus imensos olhos verdes, mais ainda Caetana se sentia corar.

-Oras, somos mulheres casadas, podemos falar disso. – Amaia piscou para ela e mordiscou um biscoito.

-Não, não podemos. – deixou a xícara sobre a mesa lateral – É inapropriado.

-E por que seria, se é a consumação do sentimento de vocês?

Sim, era verdade. Amaia estava repleta de razão. A noite de amor deles foi a consumação do seu Amor, tão intensa quanto o que havia em suas almas. Havia sido uma troca que ela nunca seria capaz de esquecer, da mesma maneira que não seria capaz de explicar em palavras – e nem gostaria, pois era algo íntimo entre ela e Roberto.

-Você diz cada impropério... – balançava a cabeça, mordendo o riso.

-Diga-me, gostou? A primeira vez pode ser um pouco incômoda... – ao ver que Caetana havia levantado os olhos para ela com alguma surpresa, Amaia gaguejou – Não foi? Ah, Caetana, conte-me tudo! Ele realmente... fez o que tinha que fazer?

-Amaia, adoro você, minha amiga. Sabe que sempre pode confiar em mim e nunca lhe faltei, mas desta vez, eu vou desrespeitar a nossa amizade e guardar para mim o que acontece, ou deixa de acontecer, no meu leito e envolvendo o meu marido.

Posta em seu devido lugar, Amaia fez uma careta de quem não gostava de ser contrariada. E, por mais que adorasse Caetana, queria uma conversa “excitante” de vez em quando. Não era porque estava casada, era assim desde quando mais jovens. Amaia roubava os “livros para homens” do pai e os levava para ler às escondidas com Caetana. Discutiam algumas partes, riam-se de outras e, na maioria das vezes, Caetana ia embora antes de seguirem para o próximo capítulo – achava que havia lido por demais e que uma jovem dama deveria se guardar para as “surpresas do leito nupcial”.

-Está bem. Tentarei descobrir com Montenegro. – retorquiu Amaia e deu mais uma mordida no biscoito enquanto observava Caetana corar, de novo – Certamente seu marido vai contar os detalhes e se gabar para o meu.

-Não, ele não faria isso. Conheço o meu marido. – e deu uma risadinha desconfortável, que nem ela, nem Amaia, acreditaram.

-E o que é que os homens fazem além de se gabarem? – retrucou a outra, engolindo o biscoito e pregando um sorriso charmoso no rosto.

*

-Como eu a amo! – dizia Canto e Melo, andando de um lado ao outro. Passava a mão nos cabelos escuros, os olhos azuis volitavam pela pequena sala do hotel, reservada para Montenegro – Como a amo! Acho que nunca mais poderei viver um segundo sem pensar nela. – e, por fim, sentou-se numa poltrona, em frente ao amigo, já sentado em outra, tonto com aquela movimentação.

-Ao que tudo indica, a noite foi muito boa... – guardou um riso por detrás dos olhos prateados.

Montenegro conhecia o amigo o suficiente para entender, através de seus

gestos, o que havia lhe acontecido e agradecia por não ter que escutá-lo recitar algum poema de sua autoria. Montenegro era um homem de prosa, não de poesia. Diferente de Canto e Melo, muito mais afoito as linhas melódicas da alma do que a verve descritiva do romance.

Com os dedos nos lábios e o cotovelo apoiado no braço da poltrona, Canto e Melo se perdia em algum devaneio que, por uma questão de polidez, preferiu não dividir com Montenegro. Afinal, se tratavam de dois cavalheiros.

E Montenegro não o forçaria a tal, havia coisas mais urgentes com que se preocupar, no momento. O ataque que sofreram ao levar Kambami ao quilombo não era “inesperado”, assim como a tentativa de matar Canto e Melo. Se não por sorte, havia sido por raciocínio que Montenegro havia enviado Estevão para proteger o amigo e o africano. A sorte se restringira ao fato do devasso ter chegado a tempo. No entanto, mais coisas pesavam na cabeça de Montenegro, algo que deixava o seu olhar ainda mais denso e turbulento, feito um céu tempestuoso.

-Ontem o Marquês e Luiz Fernando estiveram aqui.

Parecia que Canto e Melo havia tombado da cadeira:

-O Marquês, aqui? Mas ele é contra encontros fora da sede?!

O tom de Montenegro era grave, quase dolorido, escondendo muito mais do que ele seria capaz de verbalizar ali, ainda que para o seu melhor amigo. Havia coisas que precisava analisar com muito cuidado antes de ser capaz de contar, a quem fosse.

-Ele foi muito claro, não quer mais que nos envolvamos diretamente com os quilombolas. Acha que poderemos, sem querer, atrair atenções e olhares indesejados para as nossas ações e por tudo a perder. Quer que nos concentremos somente em levantar informações e repassar para... – parou a frase por aí.

Havia elementos do clube que Canto e Melo era mantido de fora e este era um deles.

-E o que o Duarte pensa a respeito? Ele concorda com o Marquês? Pois duvido... – Canto e Melo falava e falava e falava, perpassando os ouvidos de Montenegro.

O fundador dos devassos tinha um olhar perdido, sem dar atenção aos comentários de Canto e Melo, que iam e vinham como a melodia de uma valsa, rodopiando a lhe deixar zozzo.

*

Já Amaia, diferente do marido, possuía um senso de “segredo” muito menor quando se tratava de “melhores amigos”. Comendo um pedaço de bolo, diante da estarecida Caetana – nunca a vira com tanta fome antes, nem quando passara necessidade – ia contando sobre uma estranha visita que seu marido havia

recebido, na calada da noite. Caetana, tentando prestar atenção na amiga, e não na sua voracidade, lembrou-se do homem ruivo que havia se encontrado com Canto e Melo em Barra do Piraí, no dia seguinte ao seu casamento. O marido nunca lhe falara quem era e a que vinha, da mesma maneira, que ela nunca lhe perguntara, como se uma sombra de medo a perpassasse e ela descobrisse alguma coisa terrível.

-Por acaso ele se parecia com um irlandês? – quis saber, afinal, poderia ser a mesma pessoa e estaria ligada aos dois devassos.

Com a boca cheia, Amaia balançou a cabeça na positiva e Caetana se arrepiou. Aguardou mastigar e engolir para responder que eram dois, um com cara de estrangeiro e um mais velho, loiro, com uma bengala de castão de ouro que chamava a atenção. Montenegro ficara tão perturbado com as visitas, que a pedira para não o interromperem, e os atendeu à portas trancadas.

-E você obedeceu?

-Tento ser uma boa esposa, – abaixou os olhos e limpou a boca no guardanapo – mas confesso que a minha curiosidade, às vezes, pode ser maior do que a minha boa vontade. – e abriu um sorriso faceiro, antes de se inclinar para frente e confidenciar – Bem, eles conversavam sobre as “táticas” do clube.

-O Clube dos Devassos? – Caetana teve de conter a emoção diante do olhar de repreensão de Amaia. Não queria que os maridos soubessem que elas desconfiavam de algo além do pouco que eles lhes contavam.

As duas se aproximaram para poder falar entre si, aos sussurros.

-Exato. E eles estão mirando num porto ilegal, em Macaé.

-Sim! Por isso escondemos Kambami.

Amaia se recostou no assento, impressionada. Caetana sabia mais do que ela. Levantou uma das sobrancelhas e riu-se. Talvez a sua amiga fosse surpreender a todos ainda.

-Isto não é o pior. – Amaia mordeu os lábios. Típico, desde criança, quando queria contar algo que sabia que não podia. Um azedume foi tomando a sua boca e calando-a.

-O que foi? Amaia, está tudo bem?

Ela estava pálida, a cor de seus lábios havia fugido. Era como se estivesse prestar a vomitar. Na pressa com que comera e na quantidade, Caetana ficaria surpresa se não estivesse enjoada.

-Estou apenas um pouco zozza. – fechou os olhos para controlar os movimentos do estômago – Vai passar. Sempre passa. – tentou um sorriso, que não se firmou.

Havia algo também de diferente em Amaia que Caetana não soube o quê. Estava mais bonita do que já o era – como se isso fosse possível –, para qual só

haveria uma resposta lógica: ela não passava mais fome e deveria ter engordado bastante desde que se casou. Ou não?

*

Eduardo Montenegro estava de pé, mãos na cintura e um olhar perdido por algo que estava aquém de Canto e Melo, ainda na poltrona, estarrecido com o que havia escutado há pouco. Por fim, o fundador dos devassos respirou fundo e finalizou o assunto de uma só vez, para que ficasse bem claro:

-Volto para Vassouras. Preciso me afastar do clube por um tempo.

Num pulo, Canto e Melo se levantou. Ele tinha certeza que havia compreendido errado. Montenegro era o clube! Apesar de terem havido três fundadores, era ele aquele que todos gostavam e respeitavam, o que fazia muitos quererem prosseguir com as ações do clube – por mais perigosas ou insanas. Havia sido Montenegro quem criara o sistema de fuga de escravos e acoitamento, junto com Luiz Fernando Duarte, e assumira os riscos sozinho ao comprar terras e formar uma colônia de parceria para esconder os escravos foragidos sob papéis forjados fornecidos por uma rede montada por Estevão.

-Como? Por quê? Você é praticamente a alma dos devassos! – não se conformava, já imaginando que seria preciso conversar com o Marquês sobre aquela “loucura” e pedir que o ajudasse a convencer Montenegro a permanecer na Corte e coordenar as ações.

Montenegro respirou fundo:

-Chegamos a um ponto em que o Marquês e eu não podemos mais conviver com a opinião um do outro. – resumiu Montenegro, como se lendo a sua mente e destruindo as esperanças de que pudesse voltar a fazer parte diretamente do clube.

Canto e Melo conhecia o Marquês muito pouco. Nem o seu verdadeiro nome sabia, o que era um mistério para qualquer devasso que não fosse os fundadores. Era difícil encontrá-lo senão no próprio clube. E, pela pose e pelo jeito, o Marquês se mostrava uma pessoa extremamente fechada, quase beirando à reclusão, ainda que em grupo. Havia também uma aura de quem não gostava de ser perturbado, e era isso o que fazia Canto e Melo se distanciar dele. Dava-lhe um frio na espinha só de lembrar dos olhos pequenos e azuis – tão ou mais gélidos do que os de Montenegro quando este era contrariado.

*

-Estou melhor. – avisava Amaia, dando um gole no copo de água que Caetana havia lhe servido – O que dizia? Ah, sim, seu pai. Ele está sendo investigado pelo clube. Acho que você precisa saber, para estar preparada.

Caetana retornou ao seu assento, cabisbaixa. Não era novidade o mau-caratismo de seu pai, nem que ele fosse abusivo e fizesse muitas maldades.

Doía-lhe muito saber que o homem que lhe acompanhara ao nascer e ensinara questões básicas de educação e sobre a vida, poderia ser tão medonho. Era seu pai, ainda assim. E, por mais que entendesse que Amaia não lhe contava isso para que sofresse, podia sentir que a amiga lhe falava com algum rancor. Não de Caetana, mas do pai dela e como ele havia se portado com Amaia após a morte dos pais dela.

-Eu sei. Soube. Sabia. Enfim, não me é novidade e nem me faz surpresa. Mas se meu pai é culpado, por que não o prenderam ainda?

-Montenegro não permitiu.

A boca amargou com esta frase e a cabeça de Amaia zuniu. Ela precisou controlar a respiração para não que vomitasse nos pés de Caetana.

*

Canto e Melo havia conseguido se controlar com a sensação de perda que sentira logo que Montenegro avisara sobre o seu afastamento do clube. Foi preciso a ajuda de um gole de Porto, mas conseguira. Também adquirira coragem para invadir a privacidade do amigo e perguntar sobre o que motivou o afastamento. Deveria ser muito mais do que uma simples briga sobre como agir ou deixar de agir.

Sem qualquer embaraço, com os olhos prateados pregados na paisagem detrás da janela da saleta, Montenegro explicou, resumidamente – afinal, não queria dar muitos detalhes:

-O Marquês quer que entreguemos Feitosa à polícia.

Havia escutado bem? Montenegro não queria Feitosa preso? Depois de tudo o que aquele homem tentou para acabar com Amaia e fazê-la sua amante? O que estava acontecendo? Será que era mesmo Montenegro quem estava diante de si?

-E você não quer?! – precisou confirmar, pois aquele Porto não poderia ser tão forte assim.

Sem dar muita atenção a um rapazote – encostado num poste, do outro lado da rua – a mirar janela adentro, Montenegro voltou-se para Canto e Melo. Sua expressão era de desânimo e a sua voz de cansaço:

-Não sem provas suficientes que irão mantê-lo na cadeia e impedir que outros tenham coragem de ajudá-lo. Levá-lo à prisão agora só irá fazer com que o clube fique sob investigação. Pode estar certo, se alguém quer que este maldito pague por tudo o que fez, este alguém sou eu. – e ergueu os olhos metálicos, ressoando a uma tempestade que em breve se iniciaria – Esta é uma promessa: eu vou acabar com Feitosa.

-Bom, é melhor entrar na fila. – adendou Canto e Melo, antes de se despedir.

*

Esfregando as mãos geladas de Amaia, Caetana lhe perguntou, sem qualquer pudor algo que há muito tempo queria ter lhe perguntado, mas diante de todas as confusões dos últimos meses, parecia impossível acessarem uma a outra.

-O que você teria feito se tivesse se casado com um escravocrata?

Amaia se surpreendeu com aquela pergunta. Talvez nunca tivesse considerado quais seriam os ideais do “futuro marido” na época em que estava desesperada atrás de um companheiro que a ajudasse a salvar a sua fazenda. Ao mesmo tempo, parecia esdrúxulo pensar nisso agora. Era como se tivesse anos casada com Montenegro e que se não tivesse sido ele, não poderia ter sido mais ninguém.

-Daria o meu jeito, – bateu os ombros, em descaso – ...como sempre dou. – e abriu um sorriso charmoso, reluzindo numa beleza que lhe era usual – Caetana, entenda, eles precisam descobrir sobre o tal porto. – apertou a mão da amiga – Ao que parece, Kambami não soube passar muitas informações. Precisam achar o porto e destruí-lo. Impedir que outros escravizados aportem aqui e essa abominação continue. É preciso... é preciso fazê-lo. – não soltava as mãos de Caetana, encarando-a.

*

Ao voltarem para a sala, os dois maridos encontraram as esposas justamente como as haviam deixado: tagarelando animadamente.

Num primeiro encontro, com os olhares plácidos de Canto e Melo, Caetana se arrepiou. Eram os mesmos olhos que vestiram o seu corpo nu noite passada, possuídos por um carinho que não mais deixavam escapar.

Num sorriso tímido trocaram confidências de que teriam outra longa noite em claro.

Já Montenegro tinha uma tristeza no olhar, o que deixou a esposa preocupada. Mas Amaia aguardaria o momento para ele lhe contar – ou ela descobrir de outra maneira.

-Conversaram bastante? – perguntou Montenegro, para encobrir a tensão, assim que percebeu que Amaia havia notado.

-O suficiente. – retrucou a esposa, ofertando os lábios para que a beijasse, o que ele fez sem muito vigor.

-Sobre o quê falavam? – perguntou Canto e Melo, para desviar a atenção de Montenegro.

-Qual, curioso! – riu-se Caetana – Sobre a moda, a Ouvidor, os doces da Castelões. O que mais duas senhoras poderiam conversar? – trocou olhares com Amaia – E quanto a vocês? Sobre o que discutiam à portas fechadas?

Estufando o peito e pondo os dedões nos bolsinhos do colete, Canto e Melo

desviou-se da esposa, pois sabia que não poderia mais mentir para ela – ao menos, não na cara:

-Sobre nossas adoráveis esposas.

-Claro... – Caetana, agora mais conhecida do marido, percebeu a “mentirinha”, ironizando a sua atitude.

-Claro... – ele repetiu, fingindo um sorriso para esconder o nervoso ao ver seu olhar penetrante.

Canto e Melo ofertou o braço à Caetana e ambos se despediram com atenções e sorrisos e combinando que iriam ao teatro. Montenegro havia alugado uma frisa para eles durante a temporada lírica, o que ele fez questão de ressaltar:

-Está tudo acertado.

-Tudo o quê? – Caetana estranhou a maneira como Montenegro havia falado.

Soava a qualquer outra coisa do que uma simples ida ao teatro.

-Mandaremos um coche buscá-los. – adendou Amaia.

Ao saírem do luxuoso hotel em que Amaia e Montenegro estavam hospedados, Canto e Melo buscou por algo, isso ficou incontestado para Caetana. Apesar de não saber quem ele buscava, deveria ser alguém importante, pela intensidade do olhar e pelo fato de não a mirar quando ela lhe perguntara se iriam direto para casa ou se tomariam um refresco na Carceller.

Seguindo a atenção do marido, reparou num moleque, não mais de quinze anos, magro e alto, encostado num poste do outro lado da rua. Tinha uma boina caída sobre o rosto, mas podia identificar os cabelos loiros encaracolados. Apesar de carregar uma caixa de engraxate, Caetana desconfiava que ele estaria seguindo eles ao invés de apenas descansando ou procurando cliente.

Achou ter visto o marido mexer com a cabeça para o menino, antes de chamar o tálburi e retornarem para casa. Era como se não tivesse escutado a proposta do refresco, na verdade, era como se ela não existisse até chegarem no quarto.

*

Quando aquele senhor alto, grande e bem vestido, de cabelos escuros e olhos bem azuis, reaparecera na estação de trem atrás de si, o jovem Raimundo Aragão tomara um susto. Lembrava-se dele vagamente, mas achava que poderia se tratar de alguma espécie de aliciador de crianças.

Corria pela Estação uma história, tão rápida quanto os trens nos trilhos. Era a de que rondava um homem garboso e bem vestido por ali, a convencer os meninos mais bonitos a irem morar com ele. A oferta era irrecusável: daria casa e comida em troca de companhia. Raimundo teve amigos que foram com o tal homem, e nunca mais voltaram. Diziam que um deles havia aparecido morto

pelos lados da Prainha e vestido de menina. Fosse o que fosse, desde que lhe contaram, Raimundo havia decidido andar com uma navalha escondida na sua botina velha. Num primeiro sinal, abriria o malfeitor num só golpe.

E teria atacado Canto e Melo com a sua navalha se este logo não tivesse lhe chamado pelo nome e o feito lembrar do dinheiro que havia lhe dado por ter ajudado com a sua esposa.

Raimundo, que andava com uma caixa de engraxate na mão, oferecera-lhe seus serviços e Canto e Melo aceitara a oferta. Apoiando o pé na alça da caixa, a observar o menino passar a graxa e correr o pano de um lado ao outro para dar brilho, Canto e Melo aproveitara para analisá-lo e lhe propor:

-Estava a sua procura. Preciso que faça um trabalho para mim.

Raimundo erguera os olhos castanhos. Canto e Melo, porém, tinha um olhar sereno, de quem era sincero e a voz da desconfiança, dentro da cabeça do menino, se calara.

-Que tipo de trabalho?

-Preciso que você vigie uma pessoa. – ao notar a careta do rapazote, Canto e Melo retirara uma moeda de ouro do bolso e dera a ele – Basta segui-lo de longe e observar o entorno, se há algo de estranho. Acha que pode fazer isso?

Analisando a moeda – e, de imediato, guardando-a em seu bolso, para evitar que o inspetor da estação achasse que havia roubado alguém e ficasse com o dinheiro – o rapazote aceitara o trabalho num aceno. Era bem melhor do que bater carteiras, ou engraxar botinhas, ou carregar bagagens maiores do que ele.

-Quem é que eu tenho que vigiar?

Canto e Melo o encarava quando respondera sério:

-A mim mesmo.

Capítulo 23

**“A Esperança não murcha, ela não cansa,
Também como ela não sucumbe a Crença,
Vão-se sonhos nas asas da Descrença,
Voltam sonhos nas asas da Esperança.”**

(Augusto dos Anjos)

Caetana não conseguia dormir, e não era por falta de vontade. Seu corpo estava exausto depois das virações da noite nos braços do marido, sua cabeça, no entanto, parecia mais desperta. Porém, ao invés de repassar as delícias das últimas horas, conseguia apenas pensar no que Amaia havia lhe dito sobre o porto ilegal e precisarem de mais informações para impedirem que aquela monstruosidade coordenada por seu pai continuasse. Ainda não havia cruzado com o Sr.Feitasa, tinha medo da forma como reagiria ao encará-lo – sequer se conseguiria olhá-lo. Ademais de todo o terror da escravidão, ele havia tentado matar o seu marido e nada poderia ser pior para Caetana do que ficar viúva. Isso não era uma possibilidade, nem para o futuro – não ainda.

Com um bolo preso na garganta, junto da possibilidade de viver sem o marido, Caetana quis tomar um gole d’água. Com cuidado para que ele não acordasse, saiu debaixo do braço dele, escorregando pela cama.

Canto e Melo se revirou num murmúrio e abraçou o travesseiro. Deveria estar sonhando alguma coisa boa pois sorria. Poderia ficar horas apreciando-o dormir. Os cabelos escuros caindo sobre os olhos, as sobrancelhas bem formadas, o nariz e a boca perfeitas, encarnava o deus Apolo.

Nas pontas dos pés, sem por muito peso nas pernas para que as tábuas não rangessem, Caetana foi até o biombo e vestiu o robe sobre o corpo nu. Amarrou-o com um nó e tirou os cabelos soltos para fora da gola. Teria de ir buscar água na cozinha. Ela e Canto e Melo haviam acabado com a água da moringa que ficava no quarto, entre uma “rapidinha” e uma “demoradinha”.

Ainda na ponta dos pés, foi saindo pelo quarto. Numa rangida, Canto e Melo murmurou e se mexeu na cama. Ela parou feito estátua segurando a respiração. Ele continuava a dormir.

Havia um bom motivo para não querer acordá-lo. Se Canto e Melo despertasse, ela sabia que ele iria tomá-la pela cintura e testar outra posição que estivesse pintada no teto ou nas paredes – e não seriam muitas noites, pelo visto, até que precisassem buscar inspiração em outros cômodos. Não que não gostasse. Adorava ter o corpo dele cobrindo o seu, o suor e as carícias trocados, as ondas de delícias que navegavam juntos. Porém, precisava de um descanso. Só dormir um pouquinho.

Abriu a porta do quarto, estremecendo quando ela rangeu, mas Canto e Melo nem se mexeu. Ufa! Saiu, largando a porta aberta. Se a fechasse, poderia fazer barulho.

No corredor, Caetana sentiu-se mais confortável em caminhar mais rápido e respirar.

Queria rir de si e do “medo” que a refreou a não ter provado antes “aquelas maravilhas” de casamento. Havia sido muito “inconveniente” a forma como havia agido e, agora, ele retribuía, atizando-a em momentos dos mais inconvenientes possíveis. Por debaixo da mesa, à caminho do quarto, ao se arrumar para sair, por detrás das cortinas do coche.

Ria-se de não corar mais quando ele vinha ao seu ouvido e iniciava uma poesia, fazendo suas mãos correrem pelo seu corpo arrepiado, como se escrevendo sobre a sua pele uma lírica de amor. Ela toda estremeceu.

Tinha acabado de descer as escadas quando escutou um rumor vindo da sala. Como a porta estava fechada, não via a movimentação dentro do cômodo, mas podia ouvir que dois homens conversavam. À medida que se aproximava da porta, as vozes foram se definindo, assim como as palavras que, em alguns passos, tornaram-se frases completas. Enfiando o olho pelo buraco da fechadura – técnica aprendida com as gêmeas – Caetana confirmou as suas suspeitas: seu pai conversava com um homem.

Aguardou ele dar algumas voltas e se virar para que ela o identificasse como o Mesquita! *Ele não havia desaparecido? Sua família chegou a dá-lo como morto!*

Tendo que amarrar dentro de si toda a ansiedade com aquela descoberta, escutava os dois atentamente, espetando a orelha na madeira:

-Desgraçados! Não conseguimos pegar o negro e nem aquele lá... – *Quem será aquele lá? Roberto?* – Estão em cima de nós. Precisamos mudar o porto de lugar, Feitosa!

-No momento, é impossível, Mesquita. Ninguém pode construir um porto de uma hora para outra. Além da mão de obra, seria preciso comprar as terras onde o porto se situaria e fazer valer. Produzir, com escravos, colheita e todo o mais.

-Por que não matamos logo esses devassos? Estão só atrapalhando os nossos planos.

Caetana segurou a respiração afobada e pressionou ainda mais o ouvido contra a porta para escutar a resposta de seu pai:

-O que sabemos sobre eles?

-Pouco. Nem os próprios membros se conhecem. E nem todos estão envolvidos com as fugas. Tem até mesmo escravocratas que freqüentam o clube

e nem imaginam o que lá se passa.

-Alguém de confiança?

-Não sei... não tenho contatos aqui na Corte. Mas há um que suspeito que gostaria de nos ajudar.

-Levante-me o nome de cada um desses devassos. E verifique se esse “tal” poderia nos ajudar por uma quantia decente, terras e um belo título. – Caetana não ouviu o que Mesquita respondeu num murmúrio, apenas a resposta impaciente de seu pai – Descubra! Enquanto isso, vou pensar o que faço com o porto. Tirá-lo da Fazenda Paraíso e construí-lo em outra, numa rota distante dos olhos da Marinha Imperial será demorado. Preciso pensar.

-Quando aporta o próximo navio?

-Dentro de quatro dias, se não houver problemas com a maré e nem com a Marinha Inglesa, como aconteceu com o Hermosa, em que tivemos que nos livrar de toda a carga em minutos.

-Uma barbaridade... – Mesquita soltou um muxoxo de chateação.

-Sim! Deram-nos prejuízo. Metade estava vendida para o interior de São Paulo. Essa nova leva TEM que chegar, senão, estarei em sérios problemas com os paulistas. Poderão achar que estou me aproveitando e tirando as peças deles. Não se brinca com eles.

Eles ficaram em silêncio. Caetana voltou a olhar na fechadura. Os dois se despediam. Ela tinha que ser ligeira e sair dali antes que se deparassem com ela espionando-os. Não confiava mais em seu pai – se é que poderia chamá-lo de pai, novamente.

Enxugou as lágrimas com a manga do roupão e deu o comando para as suas pernas correrem, mas elas nem se mexeram. Estavam travadas de medo. Podia escutar eles se aproximando da porta. Tinha que sair dali o quanto antes!

Fechou os olhos e se concentrou. Batia nas próprias pernas. *O que acontece comigo? Por que não consigo andar? Que medo paralisante é este?*

Mordia os lábios. Podia sentir o gosto ferroso do sangue.

Eles ainda não haviam saído. Falavam alguma coisa sobre a data exata e o horário da chegada do navio. E o nome: La Preciosa.

A maçaneta girou.

Caetana suava. Aguardava ser pega e as desculpas que daria. Se seu pai desconfiava de Canto e Melo e do clube, seria uma certeza com ela ali.

A porta não se abriu. Comentavam alguma coisa. Riam. Mas Caetana nem mais queria ouvir sobre o que poderia ser. Tinha que sair de lá.

Uma perna se mexeu e depois a outra. Caetana nem se deu tempo de comemorar. Queria atravessar o corredor o quanto antes. Precisava se esconder, sem tempo para subir as escadas. Tinha esperanças que as sombras a

camuflassem.

Pode escutar a porta se abrir atrás de si.

A luz tibia da sala tomou o vestíbulo de entrada.

Os dois nada mais falaram, receosos de que outras pessoas os ouvissem. A casa estava silenciosa demais e já havia sido um risco receber Mesquita. Feitosa entregou o chapéu ao senhor e lhe abriu a porta de entrada. Ao fechar, trancou-a e guardou a chave num bolso.

Caetana, de seu esconderijo, atrás de uma cômoda, ao lado da escada, temeu que seu pai estivesse planejando algo maior ao trancar a porta da casa e guardar a chave consigo. O olhar dele, ao atirar os olhos para o andar de cima da casa, lhe causava arrepios. Não havia qualquer boa intenção nele – e teve a triste convicção que ele nunca havia sido bom.

Agachando-se mais em si mesma, Caetana aguardou o pai subir as escadas. Na posição em que estava, acreditava que ele não poderia vê-la. Só teve certeza quando os passos passaram dos degraus para o corredor, distanciando-se dela e do temor de ser descoberta.

Com os braços em volta das pernas dobradas, Caetana tremia. Nem de pânico, nem de raiva. Talvez dos dois. O mais importante era conseguir voltar para o seu quarto, para a sua cama, para o seu marido e tentar pensar o que faria para protegê-lo. Contar a ele o que havia escutado era impossível. Seria o mesmo que condená-lo a uma segunda fuga escrava e a chance de um novo tiro – quiçá certo. Estremeceu. Os olhos se encheram de lágrimas, mas não iria pensar nisso naquele instante. Precisava concentrar as suas forças.

A Fazenda Paraíso ficava em Macaé, numa área distante, e na beira da praia. Havia ido uma vez lá, quando criança, logo que seu pai a havia adquirido num carreado – ao menos, havia sido isso que dissera. Pouco se recordava do lugar e vagamente da imensa casa linear. Esforçou-se para se lembrar de mais alguma coisa que pudesse ser importante para chegarem lá e acabarem com o porto. *Sim! Há uma ferraria, ou havia, ao menos.* Como era um lugar distante, havia um ferreiro próprio que cuidava das colilhas e correntes dos escravos, das ferraduras dos cavalos e do que mais fosse necessário fundir. Se os devassos conseguissem incendiar a fazenda, Feitosa poderia achar que foi um acidente e não culparia mais a Canto e Melo. Ademais que não teria troca de tiros e ninguém sairia ferido.

Devagar, foi engatinhando do seu esconderijo para a escada. Subia um degrau e respirava. Subia outro e respirava. E foi assim, sem pressa, até atingir o quarto e poder se desfazer de seu robe e retornar para a cama.

Levantou os lençóis e se colocou ao lado do marido. Canto e Melo estava de costas para ela. Ressonava, metido num sono bom, daqueles que não se faz

mexer.

Caetana ficou escutando-o respirar como se isso a fosse acalmando. Amava-o muito, mais do que jamais supunha ser possível amar. E tinha certeza que se contasse a ele do navio negreiro que estava para aportar na Paraíso, trazendo milhares de escravizados ilegalmente, ele iria se armar e provocar uma fuga e poderia morrer. Seu pai faria de tudo para matá-lo.

Só havia uma maneira de salvá-lo. Ela teria que ficar em silêncio e esconder de Canto e Melo o que havia descoberto. Virou-se de costas para ele, apoiando a mão debaixo do travesseiro. Um peso pendia em seu peito. Finalmente Caetana entendia que, às vezes, é preciso omitir algo para se proteger a quem se ama; o que não era mais fácil do que mentir, ou do que contar a verdade.

Uma mão a puxou e a prendeu por trás.

Um braço passava por seus seios e o outro pelo quadril. Não havia como se mexer, nem como escapar.

Em sua orelha, um murmúrio sonolento, de quem nem havia aberto os olhos:

-Achava que ia fugir de mim facilmente?

O contato da língua no contorno da sua orelha a fez soltar um gemido baixo. Canto e Melo havia se encaixado nela por trás. No movimento, as mãos foram amaciando o corpo. Podia sentir os pelos do peitoral contra as suas costas nuas. Sem se dar conta, Caetana cerrava os olhos e se esquecia do que havia acontecido, e de todas as intranquilidades que aquilo acarretaria, até adormecer.

*

Quando Eduardo Montenegro desceu na recepção do hotel, após ter recebido uma mensagem de urgência de que o esperavam no saguão, ele se assombrou. Não entendia o que Caetana fazia lá, e sem o marido. Alguma coisa importante deveria de ser, e não parecia estar relacionada à Amaia, desta vez.

Capítulo 24

**“E tal, como uma moça enferma morre,
magra e sem cor, num fino véu, que corre
de seu quarto, seguindo a vã quimera
débil de um cérebro que se esvai e erra,
no turvo leste levantou-se a lua,
branca e disforme massa”**
(Percy Shelley, *Lua Minguante*)

Quatro dias depois...

Caetana tinha a cabeça jogada para trás. As bochechas estavam coradas. Para que *rouge* se o marido conseguia colori-la daquele jeito e de modo tão gostoso? Ela arfou e jogou o corpo na cadeira. Se não tivesse já com o vestido do teatro, espartilho e toda arrumada, teria arrancado as próprias roupas para que ele a beijasse em outros lugares também. Mordeu os lábios e soltou um gemido, o que o atíçou ainda mais. Caetana segurou na base da penteadeira e derrubou um vidro de perfume num espasmo de prazer. Havia mais brilho estourando dentro de sua cabeça do que vindo dos pequenos brincos de brilhante que a mãe a obrigara a usar.

Com esse estouro de Amor, ela tinha se esquecido do menino parado próximo ao poste da rua. Havia sido a primeira coisa que perguntara a Canto e Melo ao chegarem em casa, retornando de um passeio à modista, e a última antes de irem ao teatro. Ele a tomara pela cintura e, num beijo, a levava até a cama, onde repetiriam a noite anterior. Segundo ele, “só para continuar bem vívido o seu aprendizado”. Ele prometia que a ensinaria alguns truques, sem qualquer pudor. Se não fosse por estes breves, porém deliciosos ensinamentos, ela estaria com a cabeça no porto ilegal e pesada na culpa pela mentira que tivera que contar ao marido quando retornara do encontro com Montenegro – em que repassara todas as informações da fazenda de Macaé.

Canto e Melo ofertou a mão para que a esposa se levantasse da penteadeira e pudessem, finalmente, seguir para o teatro. Ela respirou fundo, tomou posse do seu corpo – que parecia ter saído para dar uma voltinha – e conseguiu se por de pé. Ainda um pouco bamba, tomou o braço dele. A esta hora, já deveriam estar a sua espera.

O marido retirou do bolso do colete branco o relógio, para confirmar as horas, e junto veio o patuá. A peça caiu no chão, ao pé do casal. Caetana o teria pego, se o espartilho não tivesse tão amarrado, mas não deixou de perguntar o que era. Canto e Melo pigarreou, mordeu os lábios, considerou o que ela acharia

disso e, por fim, contou a verdade:

-Uma quitandeira, amiga de um amigo, me deu. Disse que é para me proteger. – e soltou uma risada descrente, colocando o patuá sobre a penteadeira.

Caetana segurou a sua mão. Pegou o patuá e, sem muito, colocou-o de volta no bolso, junto ao relógio.

-Não custa nada garantir. – e abriu um sorriso acompanhado de um rápido beijo.

Desceram ao vestíbulo, onde os pais e as gêmeas os aguardavam. A presença das gêmeas e da Sra.Feitosa não era surpresa, porém a do Sr.Feitosa era, no mínimo, peculiar. Nunca havia sido afoito a qualquer arte que a Literatura, acusando o Teatro de corromper as pessoas com a ilusão de uma realidade que só existe nos palcos.

-Vão todos ao teatro?

-Sim! Como não? É a temporada lírica! – comentou Rosária, batendo o leque de ansiedade.

De alguma forma, Canto e Melo sabia que aquela imensa “vontade de se entreter” não era pelo que acontecia nos palcos, mas por quem rondava os camarotes, frisas e platéia. Se havia um bom lugar para os encontros, este seria o teatro. Sob a luz miúda da platéia, podia-se ver o glamour das jóias e os olhares trocados, dos binóculos que se desviavam dos atores em cena para a cena dos autores daquela sociedade espetaculosa, em que se era detentor de escravos enquanto se sustentava instituições de caridade.

Naquela temporada lírica, dois objetos se faziam desejo nos corredores do Teatro Imperial D. Pedro II.

Um deles, a esposa do belo e riquíssimo Eduardo Montenegro. Sim, Amaia criava burburinho por onde passava, mais pela própria beleza e charme do que por ter sido a escolhida do famoso devasso. Ainda assim, dividiam-se os comentários entre a sua aparência e as apostas de quando ela começaria a ser traída por Montenegro – afinal, como afirmavam da maneira jocosa dos invejosos, tratava-se do fundador do maior clube de devassidão do Império, conhecido por suas orgias. Ela, no entanto, encantava os senhores com os gestos elevados, os sorrisos, e os ousados decotes que nem o casamento a impediria de usar. Num lindo vestido escarlate, que lhe deixava os ombros de fora, andava nos braços do marido, ostentada tal qual as jóias que pontuavam a sua beleza natural.

Impunham uma realzeza diferente, distante da que povoava o camarote imperial, ao centro do teatro. Tanto a princesa Isabel, quanto o seu pai, o Imperador D.Pedro II, usavam roupas simples e burguesas se comparadas a sua posição, distantes do luxo dos nobres europeus. O Imperador – reconhecido pelas suas barbas imperiais, altura e pequenos olhos azuis – passava a maior

parte da peça cochilando sob a velhice que ia lhe tirando as forças. Dizia-se que ele preferia passar o peso da coroa para a filha, assim inaugurando o terceiro reinado, e se trancar nos seus livros e nas suas viagens. Outros prometiam que ele iria cair se continuasse “apoioando” as leis anti-escravagistas.

Porém, estava no fundo do camarote aquele que chamava mais atenção do que a família imperial, dividindo as atenções com Amaia. Era o garboso Conde Felipe de Bourbon, aparentado da família imperial. À serviço da sua nobre posição – agora que seu pai havia falecido – juntara-se ao mais importante camarote. Sentava atrás da princesa, perto o suficiente para cutucar o Imperador caso ele comesçasse a roncar. Bem-quisto entre os parentes, havia aqueles que achavam que antes um brasileiro do peso do Conde no trono do que um velho ou a sua filha carola – e casada com um estrangeiro abolicionista.

Felipe ainda era muito jovem e pouco conhecido nas rodas sociais. Havia passado a maior parte da sua vida estudando na Europa, ou recluso na propriedade em Petrópolis. O próprio, ainda de luto, não se mostrava satisfeito em participar da temporada lírica e, se não fosse pela prima convencê-lo, teria ficado o resto da noite lendo Rousseau no Paço Isabel.

Uma coisa, no entanto, deixava Felipe satisfeito àquela noite: encontrar os amigos no intervalo da peça. Tanto o estudante de Medicina Euzébio quanto Canto e Melo e Eduardo Montenegro o aguardavam no *foyer*, onde bebiam no aguardo do início da peça:

-Se me perguntar de Estevão, de antemão, respondo que não sei. – disse Euzébio, antes de verter o líquido.

-Aparentemente ele está em falta com todos. – retrucou Felipe, apertando as mãos dos amigos em cumprimento.

-Qual o seu caso? Financeiro? – perguntou Montenegro, guardando risos, pois muitos estavam atrás de Estevão e das suas dívidas de jogo.

-Quase. Na verdade, não. Quero que ele devolva a minha casa.

Canto e Melo, que escutava aquilo calado, golfou para dentro do próprio copo.

-A... a sua... casa?

Aquele pardieiro onde estou hospedado é a casa de Felipe? Ele não me parece do tipo que gosta daquelas coisas do gabinete, mais propícias para a mente sórdida de Estevão.

-Sim, – reclamava o conde – ele me pediu emprestada por algum tempo e já está nela há mais de um ano e sem qualquer sinal de que vá me devolver. Alegava que precisava se esconder dos credores e ter como encontrar com as amantes.

-Amantes?! – Canto e Melo se engasgou; achou melhor deixar de beber,

colocando o copo a parte.

Montenegro e Euzébio, transpassando um olhar para o marido de Caetana, esconderam os risos dentro das próprias bebidas.

Felipe não percebia o que ali acontecia, metido nos próprios licores internos, todos eles mais amargos e difíceis de engolir.

O produtor da peça se posto no centro da escadaria – que levava aos camarotes e frisas – e avisou que começariam dentro de 20 minutos. Algumas pessoas, que ainda chegavam, foram apressando o passo para tomar os seus lugares.

No meio do vai e vem da gente, dos gritos e acenos de cumprimento, um menino de casaca e quepe vermelhos, enviado pela produção, acercou-se dos devassos. Puxou a casaca de Montenegro e entregou-lhe um papel. Montenegro abaixou-se para pegar o bilhete e dar, em retorno, uma moeda que encheu o pequeno mensageiro de alegria.

Os outros três ficaram em silêncio enquanto Montenegro lia o recado. Guardando o bilhete no bolso, abriu um sorriso misterioso, o que deixava no ar a certeza de que não iria comentar o que aquelas linhas continham.

Uma coisa era certa: eram boas notícias.

Por baixo do burburinho que se fazia, junto a movimentação do *foyer*, Euzébio terminou a sua bebida e questionou Montenegro se estava na hora. Tomando o relógio de bolso, o marido de Amaia confirmou com um aceno de cabeça. E mirou Canto e Melo.

Pensativo, o amigo matutava algo, com a mão no queixo, e poderia não ter um vislumbre de ideia se Felipe não o tivesse interrompido:

-O que está na hora?

Abrindo um sorriso duvidoso, Canto e Melo lhe respondeu, perpassando o braço sobre os ombros do baixo conde:

-De ajudá-lo a reaver a sua casa. Mas antes, precisarei da sua ajuda.

-Da minha ajuda? – Felipe contraiu o rosto aristocrático – De que maneira?

-Vou lhe explicar... Venha comigo.

Guiou-o escadas acima, explicando algo ao pé de seu ouvido.

Montenegro e Euzébio trocaram um brinde e foram para os seus assentos, cada um preocupado à sua maneira com o que se desenrolaria a seguir.

*

A noite era escura, ainda que uma lua minguante pintasse o céu. Contavam-se nos dedos as estrelas, por entre as nuvens que passavam, acusando o tempo de estar mudando. Anúncio reforçado pela ventania que vinha com a virada das horas. Não demorou muito para que, no horizonte, relâmpagos se propagassem na cantoria de tenor dos trovões, fulminando o piar da madrugada e dos animais

que nela habitavam.

Por detrás de uma moita, fundido com o breu da noite, uma sombra murmurou em reverência a sua crença.

-Kawó-Kabiesilé!

Ao seu lado, agachado na mesma moita, uma outra sombra lhe perguntou o que era aquilo, se possuía algum significado.

-É uma saudação à Xangô.

-Xangô? O orixá?

-Xangô vai nos ajudar. Está trazendo a tempestade.

-Que bom. Uma ajuda é sempre bem-vinda!

Apesar de mal enxergar o rosto de Kambami, derramado nas trevas, Estevão podia sentir que não havia gostado do seu senso de humor.

Havia aprendido que não era possível agradar a todos, muito menos, a Luiz Fernando Duarte – que não tinha o menor senso de humor. Escutou-o, atrás de si, por detrás de outra moita, num murmúrio:

-Quietos!

Por debaixo da bandana, presa em seu rosto, Estevão deu um sorriso irônico. De todos os devassos que conhecia, talvez Luiz Fernando Duarte fosse o mais sério e tenso até a raiz ruiva dos cabelos. Nunca brincava, nunca relaxava, vivendo numa eterna preocupação, que ia dos ataques coordenados ao carteado. Misturava a tensão com uma raiva e uma rispidez que não o fazia bem quisto, como era no caso de Montenegro – adorado pela maioria – e do próprio Marquês – admirado por muitos.

Uma coisa, no entanto, não podia questionar – nem Estevão e nem ninguém: Duarte era também o devasso mais corajoso, tendo sofrido na pele as consequências da escravidão muito mais do que qualquer outro do clube. E isso era admirável, tanto para Estevão como para os poucos que conheciam a verdadeira história de Luiz Fernando Duarte.

Estevão tentava focar no que via e não no que conhecia, e ignorar que a sua perna começava a formigar devido a posição em que estava.

Conseguiu prestar atenção no movimento em torno da sede da Paraíso, cujas luzes estavam apagadas – quiçá para não ficar visível para quem vinha pela estrada de Macaé. Cruzava um terreiro, na frente do casarão, saídos de uma construção – que seria a senzala – um pequeno grupo de dez capatazes, armados de rifles e espingardas e empunhando algumas tochas – para enxergarem onde pisavam. Iam para trás da casa, onde havia uma cumprida ponte de madeira mar adentro e servia de ancoradouro para as embarcações.

Como estavam num monte, um pouco acima da casa grande, pode ver o fim da ponte e dez ou mais barris de pólvora e caixotes empilhados que serviam de

esconderijo para outro dois devassos. Eles finalizavam uma armadilha, muito bem planejada por Duarte, que daria a impressão que os raios e trovões teriam atingido aqueles barris.

Os dois terminaram e foram rastejando de volta para a casa-grande, soltando no caminho uma fina corda – se não soubesse a função deles, provavelmente Estevão não teria deduzido no que mexiam, pois o longo pavio era imperceptível até para quem estava perto.

-Ah, diabos! – o formigamento era doloroso, passando acima do joelho para a bacia.

Teve que dar socos nela e mexê-la até o formigamento acabar e ele poder voltar à ação. Reparou que os dois devassos haviam desaparecido nas sombras da casa. Não conseguia mais vê-los, e nem o outro grupo que fora incumbido de abrir as portas da senzala e libertar os escravizados ao toque dos primeiros tiros. Estevão, então, começou a observar o grupo de capatazes que se dirigia ao negreiro. Pegou um binóculo e assistiu parte dos homens entrando na embarcação e as escotilhas do porão sendo abertas.

-O que estão fazendo? – perguntou a Kambami, entregando a ele o binóculo.

-Estão tirando os escravizados do porão. – o africano analisava – Aquele com o chicote e a arma na mão é quem faz a contagem de quantos saíram vivos.

A possibilidade de terem cadáveres nos porões do tumbeiro correu pelo corpo de Estevão e o fez trincar o maxilar.

Um raio cortou o céu acima da cabeça deles, alumando a sede da fazenda Paraíso. Era possível perceber que os traficantes haviam se assustado, olhando para cima e agindo com rapidez. O trovão forte que se seguiu parecia que a tempestade chamava a atenção dos traficantes, anunciando a chegada de Justiça.

-Acho que Xangô está bravo. Sorte a nossa! – Estevão retirava o revólver do coldre.

Uma mão o parou. Virou-se para trás, sobressaltado. Era Duarte, que havia se esgueirado para o seu lado.

Em seu ouvido, explicou:

-Iremos aguardá-los levarem os escravos para o terreiro. Será mais fácil quando estiverem todos reunidos. Se atacarmos agora, poderão escapar pela água ou afogar as testemunhas.

Um trovejar fez com que Estevão questionasse a ordem do seu superior:

-E se chover? A tempestade está chegando!

No *flash* de um relâmpago, Estevão pode entender o porquê de Luiz Fernando Duarte coordenar todos os ataques. Seu rosto estava tensionado numa precisão milimétrica de matemático a analisar a engenharia de uma fração. Havia

frieza no seu olhar miúdo e no tom de voz:

-Eu sei o que poderemos fazer caso algo dê errado.

Capítulo 25

**“Ama de igual amor o poluto e o impoluto;
Começa e recomeça uma perpétua lida;
E sorrindo obedece ao divino estatuto.
Tu dirás que é a morte; eu direi que é a vida.”**

(Machado de Assis)

Havia sido uma decepção, ao menos, para os pais. Tanto para as gêmeas quanto para a tia Escolástica, havia sido uma benção, à princípio, o fato de Caetana e o marido terem se juntado a Montenegro e Amaia. Dessa forma, ninguém tiraria a atenção das gêmeas, sentadas à frente do camarote, feito carniça exposta no açougue.

Numa aparente disputa, as duas puxavam os decotes para baixo, manejavam os leques para expor mais o colo e o pescoço nu – a tia havia explicado que esta era uma parte sedutora do corpo feminino. Fingiam não notarem alguns olhares e escondiam as risadinhas por detrás dos folhetos da peça. Também evitavam Amaia. Belizária, por puro rancor, pois, por mais que Caetana lhe tivesse explicado que Amaia não havia roubado Montenegro dela, a gêmea não aceitava outra desculpa por ele ter preferido “aquela abolicionista” do que a si. Havia passado reto por eles quando o casal se deparara com os Feitosa nos corredores da galeria. Rosária teve de acompanhar a irmã mais por apoio do que contra Amaia – apesar de ter rido-se muito, às escondidas, quando soube que Montenegro se casaria com Amaia e não com Belizária.

Metade da platéia olhava para a beldade mas, passada a novidade, os olhos tornavam para quem continuava no páreo do mercado casamenteiro. Um e outro se aventuraram a ir falar com as gêmeas. Porém, nenhum deles era bonito ou rico o suficiente para que elas lhe encorajassem a um segundo “olá”. Desprezavam, um atrás do outro, como se escolhendo frutas: “Este está verde.” “Este está passado.” “Este vai me custar muito caro. Não sei se vale o que apresenta.”

E tia Escolástica, que pretendia àquela noite sair com algum convite de visita marcado, perdia as esperanças. Rosária e Belizária não estavam encalhadas, elas estavam atoladas. Seria preciso uma longa e esclarecedora conversa com ambas. Por enquanto, continuaria a fazer o que era boa: atirar charme para os amantes e incentivar visitas ao camarote para poder apresentar as sobrinhas.

Ao escutar batidas na porta e, ao ver o rosto do jovem Conde Felipe, D.Escolástica teve certeza que dera certo a sua empreitada. Nem tinha aberto um sorriso, quando percebeu que Canto e Melo vinha logo atrás, acompanhando o conde.

Logo que entrou, o marido de Caetana sentiu um mal-estar na recepção pouco calorosa. Tia Escolástica havia criado os seus motivos: não havia gostado que ele e Caetana haviam se retirado do seu jantar sem se despedirem, guardando isso bem fundo – não era do tipo que perdoaria facilmente um deslize destes.

O Sr.Feitosa também se demonstrou descontente. Escondido nas sombras do fundo do camarote, nem se ergueu para cumprimentar os chegados.

A Sra.Feitosa foi simpática assim como as gêmeas. Canto e Melo poderia ter defeitos dos quais a tia e o pai constantemente reclamavam, mas nenhum deles era tão terrível que o deixasse mais feio ou mais aborrecido. Só não compreendiam o que aquele homem havia visto na sem-gracice de Caetana. Enfim, restaria às gêmeas disputarem o estranho que vinha com ele.

Belizária achou o conde mais belo do que Montenegro e Rosária achou-o menos falante.

Sentada na cadeira na frente à porta, Belizária ergueu a mão para ser a primeira cumprimentada – e ser a “primeira impressão”. Contudo, Rosária foi mais rápida e se levantou, pondo-se entre ela e o conde:

-Como vai? Sou Rosária, cunhada de Roberto.

-É um prazer, senhorita.

-Prazer é o meu! – riu-se Belizária, pisando no pé de Rosária e dando-lhe um tapinha no ombro com o leque para que saísse do seu caminho – Sou Belizária Feitosa de Vasconcellos. – e enfiou a sua mão na do conde.

Felipe, dentro da severa educação que havia recebido, foi cortês com Belizária, beijando-lhe as luvas e, em seguida, tomando a mão de Rosária e fazendo o mesmo. Fingiu não escutar o suspiro que a outra soltara, e pos uma mão atrás das costas, mantendo uma pose nobre.

-Vejo que o conde já conheceu as minhas sobrinhas... – retrucou D.Escolástica, enviando ela mesma um sorriso sedutor para ele.

Afirmando num gesto de cabeça, o conde se mostrou simpático, apesar de não mostrar um sorriso sequer – mantinha a pose pela qual havia ganhado a fama de “o infeliz”:

-Quando vi a senhora aqui, pedi que Canto e Melo me indicasse o caminho. Queria cumprimentá-la.

Mexendo o leque com algum interesse, a senhora se mostrou surpresa:

-Vocês se conhecem? E de onde, posso saber? – o sorriso em seus lábios contrastava com o olhar criterioso de quem os analisava de cima abaixo.

Além de mal-educada, aquela pergunta era um perigo. Tanto o Conde Felipe quanto Canto e Melo não poderiam contar a verdade, porém, D.Escolástica não era boba. Raposa-velha-bem-criada, ela queria estudar aquela

relação de amizade e de que maneira poderia ser favorável para a sua família.

Sem qualquer temor, Felipe respondeu:

-Do Clube.

Os olhos da senhora perfuraram os dois antes de soltar um “Ah!” e adendou:

-O senhor é também um devasso? Qual! – dava a entender que já não se tratava mais de um jogo de verdades e sim, de sedução – Daqui a pouco todos os senhores de nome e de minha estima serão parte deste calunioso clube.

-É esta a finalidade. – Canto e Melo retrucou ao notar que ela soltara um olhar de águia que abocanhara o conde, provavelmente pensando em quão devasso ele seria dentro, ou fora, do clube.

Para tirar Felipe das garras invisíveis da senhora, Canto e Melo fez questão de apresentá-lo aos sogros – em especial ao Feitosa, que mantinha a expressão de poucos amigos:

-Acho que o senhor conde não conhece o pai de Caetana, o Sr. Caetano Feitosa e a sua esposa.

O Conde Felipe mexeu a cabeça para os dois, em cumprimento, mas, desta vez, manteve as mãos atrás das costas e o peito estufado, como o emissário imperial. E teve a mesma recepção do Feitosa, nem um pouco contente com aquela visita.

-Diga-me, senhor conde, o que vocês, rapazes de boa família, fazem neste clube? – questionou, sem tirar os olhos de Canto e Melo, querendo estudar a reação do genro.

Nenhum músculo facial se mexeu, Canto e Melo nem piscara com a pergunta.

Dentro da sua pose aristocrática, Felipe teria respondido, se Rosária não o tivesse interrompido:

-É mesmo tão devasso quanto o nome?

A jovem levou um cutucão de Belizária e uma repreensão da mãe. Como o conde era o epíteto da educação, ele fingiu não ver e nem ouvir. Inclinou numa mesura para D. Escolástica e se despediu:

-Vim ver apenas como a senhora estava e acredito que em boa companhia.

-Não melhor do que a do senhor. – ela deu a entender que falava do Imperador, um velho “amigo” dela, assim como o pai do conde.

O afinar dos violinos e dos outros instrumentos, usados para acompanhar a peça, os fez ir embora. Levaram consigo os sorrisos das gêmeas e uma frase da senhora, dita quando ainda passavam pelo limiar da porta do camarote:

-Eu e minhas sobrinhas recebemos visitas às quintas!

Incertas se o conde havia entendido o convite, as gêmeas iniciaram uma

longa lista de lamúrias e acusações, o que ia irritando tanto a tia, que as mandou se calarem. Oh, como elas eram difíceis! Assim, nunca arrumariam um pretendente, mais ainda se uma continuasse tentando “puxar” o vestido da outra.

A Sra.Feitosa teria comentado a simpatia que era o conde, ademais da beleza, se o marido não tivesse cruzado os braços e caído pelo assento, querendo se mostrar fechado a qualquer coisa que não estivesse ocorrendo na peça. Por dentro, ele se revirava de raiva. Vir apresentar o conde a ele havia sido um erro. Se Canto e Melo achava que ter amigos influentes o deixaria amedrontado, estava tão ou mais errado.

*

Ao fecharem a porta do camarote atrás de si, Canto e Melo sentiu um peso saindo de sua nuca. Tanto quanto Feitosa e o seu pré-julgar soturno, as gêmeas eram “demais” para quem quer que fosse, gerando desconfortos inúmeros. A começar pelos olhares indiscretos e pela maneira como se inclinavam, para captar a atenção e voltá-la para o decote de seus vestidos. No entanto, não obtiveram sucesso com eles – o conde era pudico demais e Canto e Melo apaixonado demais pela esposa.

-Obrigado. – agradecia o marido de Caetana, erguendo a mão para o amigo – Entrego a sua casa até o fim da semana que vem.

Felipe tomou a sua mão e a apertou. Se não fosse Canto e Melo a lhe propor irem ao camarote para serem apresentados, Felipe teria se recusado. Não poderia haver nada mais desonroso do que forçar uma “introdução”, principalmente uma recheada de segundas intenções.

Tampouco Felipe queria perguntar o que seria do colega de clube, se havia alguma maneira de socorrer o casal. Aguardaria que o outro viesse lhe falar sobre isso, deixando-o à vontade. Não era evasivo, a fim de não constranger as pessoas, o que poderia ser confundido com desinteresse, ou arrogância.

Canto e Melo não sorria. Não tinha um centavo e seria custoso pedir que Montenegro ou qualquer outra pessoa o ajudasse. Bastava o que Estevão havia lhe “auxiliado” – e ainda fazendo passar por sua a casa de Felipe! Não queria mais erros e, muito menos, fazer Caetana vivenciar uma situação como a daquele lugar. **Ainda não posso acreditar se tratar da casa do conde. Ele é sisudo demais para um bordel daqueles. Há algo mal contado nesta história...** e se tivesse um pouco mais de intimidade, teria lhe perguntado.

Sobrevoando as curiosidades, Felipe achou que não haveria mal em perguntar uma coisa em específico, que o havia deixado ressabiado.

-Por que Estevão não lhe contou que a casa era minha?

Abrindo um sorriso – que mais deixou Felipe em dúvida do que confiante

na sua sinceridade – Canto e Melo respondeu de um jeito desleixado:

-Vergonha, por certo.

O conde Felipe parou. Todo o seu rosto estava pálido. Era visível que algo de ruim havia acontecido. E Canto e Melo teve certeza quando o escutou sussurrar “infernos!” e olhar para os lados como se à procura de um lugar para se esconder. Somente uma pessoa era capaz de fazer isso com ele e Canto e Melo teria tido a mesma reação se antes tivesse notado o “estopim” daquele nervosismo.

Lá vinha ela, de braços abertos, feito um pássaro emplumado. De branco, no meio de brilhos e plumas, havia Caroline D’Avis. Canto e Melo não via o marido e supôs que poderia estar perdido em algum lugar no meio daquelas plumas. Guardou para si o comentário, por detrás de um sorriso irônico, o qual Caroline ignorou – na mesma proporção que o ignorava por completo:

-Conde Felipe! Que bom reencontrá-lo! – e estendeu-lhe a mão para que a beijasse, o que ele fez tal como recomenda a etiqueta.

Para Canto e Melo sobrou um simples: “Olá, Roberto.” Caroline queria enfatizar que ele havia deixado de ser especial para ela, ao menos, diante de nobre cavalheiro. Querendo se manter no patamar da nobreza, Caroline apontou para o corredor, confusa, soltando um muxoxo de chateação:

-Tentei cumprimentar o seu tio, mas os soldados não me permitiram.

-Vossa Majestade Imperial está muito cansada e prefere ficar reservado e apenas com a sua família. Mas, quiçá, poderá ser recebida aos Sábados, na Quinta da Boa Vista. – Felipe tentou explicar de maneira gentil; conhecia-a bem para saber que ela pretendia algo com “esta visita” e o trabalho de Felipe e da família e amigos íntimos era preservar o Imperador.

-Mas aos Sábados não são as audiências públicas?! – retrucou ela, confusa.

Felipe assentiu e Caroline se empertigou, ofendida. Originária de uma família importante de Portugal – seu irmão era o Duque de Olivais, ora pois! –, não aceitaria um simples “beija-mão”.

Da mesma forma que não poderia contrariar Felipe – faria mal ao seu status social –, Caroline tentou mostrar, aos que perambulavam ainda pelo corredor que eram amigos de longa data, fazendo dela personagem importante no cenário político:

-Soube que Sua Majestade estava adoentado. – tomou-lhe o braço e foi com ele rumo ao camarote imperial, deixando Canto e Melo para trás – É verdade? Ah, não pode comentar isso com uma velha amiga?

-Nem com velha amiga, nem com nova amiga. – respondeu Felipe, de uma maneira cortante, o que deixou tanto Caroline quanto Canto e Melo sem-graça.

Para não aumentar o seu mal-estar, ela mudou de assunto ao pararem em

frente ao camarote dele, cujas portas eram guardadas por Dragões da Independência, de altivas vestes brancas e plumas vermelhas sobre o capacete dourado.

-Bem, pensei que estava em Petrópolis.

-Cheguei esta semana.

-Ah, que maravilha! – pousou a mão em seu braço e apertou, podendo sentir os músculos de quem fazia esgrima – Poderemos marcar um jantar no Paris. O que acha?

-Marcaremos. Com licença. – e num gesto de cabeça, Felipe entrou no camarote, sem aguardar o que fosse e sem se despedir do amigo.

-Oh, quanta pressa! – reclamava Caroline – Nem nos passou onde está hospedado... Roberto, você sabe onde ele está....?!

Ela se virou e Canto e Melo já havia batido os calcanhares e deixado apenas um rastro de poeira.

Capítulo 26

“Os atores não guardam segredo.

Vereis como vão revelar tudo.”

(Shakespeare, *Hamlet*, Ato III - Cena II)

Os últimos assentos vagos iam rareando. As cabeças e os binóculos se postavam mais para o palco do que para a própria platéia. As velas iam sendo apagadas e os candeeiros e luminárias diminuídos. Uma luz dourada mortiça tomava o teatro feito uma maresia de ouro e o palco tornava-se a peça central sob fortes luzes.

Já começariam – atrasados, levantando um burburinho educado – e nem Canto e Melo e nem Montenegro haviam retornado, o que não preocupava tanto Amaia quanto Caetana.

Espreguiçando um olhar e outro no entorno, Amaia procurava não dar caso aos binóculos voltados para si. Se antes era objeto de curiosidade, agora era de inveja. No vai e vem do leque, aproveitava para analisar com calma público e afastar o calor que sentia com aquelas roupas e as velas acesas. Sua visão chegava a turvar e enjoara algumas vezes no balanço do coche a caminho do teatro.

-Suas irmãs deveriam dar mais atenção aos pretendentes... – comentava quando avistara o conde Felipe fugindo do camarote dos Feitosa. Ao não escutar nenhuma resposta, voltara-se para a amiga, sentada a uma cadeira de distância – O que foi, Caetana? Parece que viu um fantasma?!

Caetana estava tão branca quanto o vestido que usava. Poucas vezes Amaia a havia visto daquele jeito.

-Vi. – abaixara o binóculo que havia pego para procurar pelo marido, temerosa que o pai pudesse ter sumido com ele, aproveitando a grande afluência de pessoas.

Amaia apontara os próprios binóculos na direção que a outra observava. Teriam raptado Canto e Melo? Montenegro havia mencionado a preocupação de Caetana quanto a isso, quando o havia visitado semana passada. Foi à caça no meio da platéia de personagens importantes, ministros, empresários, analisando rosto por rosto.

-Quem?

-A senhora negra de dourado.

Não eram muitas mulheres negras e menos ainda as que estavam vestidas de dourado – ou melhor, em tramas de ouro. Ao percebê-la e a imensa diadema de brilhantes que ostentava sobre os cabelos presos, Amaia estremeceu. Somente

aquela jóia deveria custar a sua fazenda e a de Montenegro juntas, mais todos os mil escravos das senzalas da Guaíba.

-Nunca a vi antes. – teve de desviar os seus binóculos quando a elegante mulher elevou os seus para o camarote delas – Quem é?

-Eu ainda me pergunto quem ela realmente é. – comentava Caetana consigo mesma.

Amaia, que queria dar mais uma olhada naquela diadema, procurou pela senhora e não a achou mais. Teria a buscado com mais insistência, mas a sua atenção foi sugada para o palco.

Palmas se fizeram quando o famoso ator Vasques entrou em cena. A cortina ainda estava fechada, indicando que faria um anúncio, o que não impediu que a casa fosse abaixo com palmas ao comediante. Algumas estripulias depois e Vasques, com as mãos e um sorriso, pediu silêncio para explicar o que acontecia. Aquela noite era esperado que fosse representada uma comédia de costumes de Martins Pena, *Quem casa, quer casa*. Dado alguns pequenos imprevistos, como era costume no teatro, Vasques pedia perdão pois teriam que improvisar outra peça, esta de Arthur Azevedo. Desculpava-se em especial com Sua Majestade Imperial – a quem fez uma reverência e iniciou uma salva de palmas.

O Imperador, acomodado na sua confortável cadeira, quase a ressonar, sobressaltou-se quando Felipe, atrás dele, deu um chute no pé para que acordasse. Tomando posse de si, com a pose aristocrática que se pressupunha ter, o Imperador acenou com a cabeça para que Vasques prosseguisse.

Num pulo, o ator abriu os braços e apresentou: *A ratoeira*. E desapareceu sob as salvas de palmas, por detrás do cortinado que se abria.

Não houve lamentos ou reclamações, muitos acomodados em seus assentos e ansiosos para que comesse logo. Não era todo dia que se tinha reunido os maiores e melhores atores da Corte, ainda que fosse uma peça do tal Azevedo.

O Sr.Feitosa, que não era entendido do teatro ou de arte alguma, bufava. A peça havia atrasado e ainda tinham a petulância de mudar o que seria encenado. Ao menos, o tema parecia mais interessante do que casamento. Quem reclamaria seriam as gêmeas, que haviam se animado em ver a comédia de Pena.

A cadeira pequena e desconfortável também não ajudava Feitosa a se concentrar, muito menos, a esposa e a irmã matraqueando sobre as pessoas e as roupas que vestiam, ou como esta ou aquela atriz havia engordado ou envelhecido. De braços cruzados, Feitosa assistia as cenas transcorrerm no palco, tão mal-humorado quanto se tivesse vendo uma discussão sobre penteados.

*

Um casal de enamorados é o tema principal da peça – nada muito distante

do que era costume. A trama vai se adensando quando dá a entender que o noivo da mocinha, filha de um cruel fazendeiro, é abolicionista. Em cena, um escravo é chicoteado. Seu grito lembra um uivo dolorido. Quanto mais o chicote cênico bate nas costas negras, o ator solta papel picado vermelho. (Reverberavam pela galeria e platéia os estalos de horror das senhoras. Alguns senhores vaiavam, outros pediam silêncio.) O herói enfrenta o seu futuro sogro. (Eram escutadas pateadas de um lado, a favor do mocinho, e vaias do outro, a favor do fazendeiro) Os dois discutem e tiros são ouvidos, mas o mocinho consegue fugir ileso. (Palmas de surpresa e emoção das senhoras.) Anoitece no palco. A mocinha chora pela morte do amado, mas eis que ele retorna. A cena romântica se faz, junto a uma promessa de que ele irá voltar para buscar a amada quando desmascarar o seu pai diante de todos.

Feitosa se inclinou para o balcão e notou que havia pessoas se retirando. Era inevitável que jogasse um olhar raivoso para o camarote de Montenegro. Se antes havia a desconfiança de que ele tivesse algum envolvimento com a abolição, teve completa, absoluta e irrevogável certeza ao ver o devasso sentado ao lado da esposa, de perna cruzada.

Montenegro segurava a mão de Amaia e, com a outra, fingia segurar o queixo para esconder um sorriso – era a estréia de um promissor dramaturgo.

Num segundo, Feitosa achou ter visto ele lhe mirar, mas poderia ter sido apenas impressão. Ao lado deles, Canto e Melo e Caetana tinham as mãos dadas e os olhos fixos no palco – mal respiravam, tão envolvidos naquela trama quanto seria fácil supor. Num olhar de esguelha, Feitosa procurou pelas reações do Imperador.

Sua Majestade tinha o rosto iluminado pelas luzes do palco. Estava desperto. Havia uma passiva neutralidade, sem comichão de incômodo ou de cumplicidade. Era impossível saber o que pensava a respeito. A Princesa, ao lado, junto ao marido, contemplavam com algum horror, mas não desviavam os olhos, nem se mostravam a favor. Se aquele era o futuro da Coroa, Feitosa questionava se era realmente o que desejava. Num relampejo de uma trovoada no palco, reparara que a Princesa chorava. Era um mau sinal.

*

Palmas e as cortinas se fecham para o intervalo.

*

Canto e Melo e Montenegro pediram licença para as esposas logo que as cortinas se fecharam, escapulindo pela porta antes que as duas pudessem protestar. Nem haviam dado tempo de comentarem a peça e as evidentes “coincidências” e a porta do camarote se abriu novamente.

-Ah, ainda bem que retornaram... – e Amaia calou-se quando atentou que

era a mulher negra num vestido de ouro e com a imensa diadema de brilhantes.

Benedita, puxando a cauda do vestido, pediu licença para entrar:

-Senhoras, perdoem a intromissão. Quis cumprimentá-las.

Caetana gesticulou para que se sentasse e a senhora, numa desenvoltura de quem sabia lidar muito bem com situações e vestidos longos, tomou a cadeira atrás de Amaia. Procurou sussurrar em seus ouvidos, a fim de não perturbar as pessoas nos arredores e não chamar muita atenção para a sua presença.

-Esta é a D.Benedita Damasceno e esta é Amaia....

-Montenegro. – Benedita emendou com um sorriso – Conheço a senhora. – fingiu ver o programa enquanto murmurava nos ouvidos de Amaia. – Temos muitas coisas em comum, D.Amaia.

Acreditando ter ouvido mais do que gostaria, Amaia se empertigou. Montenegro tinha uma longa e duradoura fama de libertino, que veio a descobrir ser mais insuflada pela imaginação alheia do que pela experiência de vida. Porém, era preciso manter a pose e Amaia sabia fazê-lo muito bem. Abriu o seu leque e soltou um sorriso irônico:

-Ah, e que tipo de coisas seriam estas?

Benedita era uma mulher vivida e não havia nada de estúpido nela. Na verdade, quem a conhecia se apaixonava pela sua capacidade intelectual tanto quanto a delicadeza dos seus gestos. Havia notado que a esposa de Montenegro se equivocara ao “subentender a sutileza das suas entrelinhas”. Era preciso um pouco de clareza:

-Aquele que desejamos acima de nós mesmas: liberdade, para nós e para os outros. Foi muito corajosa se opondo aos vassourenses e lutando contra os maus tratos dos escravos.

Caetana achou ter visto Amaia respirar fundo – talvez de alívio. Ou seria o enjoo que finalmente lhe dava uma trégua?

-Teria libertado todos se...

-Se o testamento de seu pai tivesse permitido. – riu-se Benedita diante do olhar surpreso de Caetana – Eu sei. E espero que o susto com a escapada para o quilombo não a tenha feito se afastar dos seus propósitos, D.Caetana.

Se Caetana era do tipo de pessoa que aceitava indiretas como aquela, repletas de mistério e que mais velavam do que revelavam, Amaia não o era. Sem qualquer bom-tom, virou-se para trás:

-Como sabe tanto sobre nós?

Cuidando para não chamar os olhares dos camarotes próximos, que iniciavam a se movimentar pra bisbilhotar o delas, Benedita abaixou o tom de voz e a cabeça:

-É este o meu trabalho: saber das coisas. Quem é quem, de verdade,

debaixo das roupas, das carapuças. Quem dorme com quem, quem ama quem, quem negocia com quem, quem tenta matar quem.

Ao ouvir esta última parte, Caetana se arrepiou. Podia jurar que um brilho cortante havia se espalhado pelo rosto sorridente de Benedita.

-Seu trabalho? – questionava Amaia, ainda irritada pela possível indireta relacionada ao seu marido.

-Quero convidá-las para um almoço, em minha casa, semana que vem. Apenas as duas. Dêem alguma desculpa aos seus maridos. Aqui está onde. – retirou um cartão de sua bolsa e o entregou à Amaia.

Pela parca luz, a jovem senhora havia conseguido ler o endereço.

-Uma modista na Ouvidor?!

-Exatamente. – Benedita sorriu e se levantou largando o programa sobre a cadeira – Eu as encontrarei e... – deu um beijo no rosto de Amaia e Caetana, sem parar a fala – ...de lá, iremos para a minha casa de uma forma, um tanto secreta. – e sorriu – Peço que não contem isso aos devassos. Digamos que... cada um deve manter os próprios segredos.

Caetana, que havia pego o cartão para analisar, notou um desenho no canto superior. Era uma cobra envolvida no caule de uma camélia, muito parecida com o bastão de Esculápio.

-Que símbolo é este? – perguntou, antes que Benedita se fosse.

Sorrindo, a senhora respondeu:

-Vocês saberão, em breve. Aguardo vocês.

E se retirou, levando consigo tantos mistérios quanto os deixados na cabeça de Amaia e Caetana.

*

O anúncio para a segunda parte da peça era feito no saguão para os senhores que haviam descido para beber alguma coisa e conversar durante o intervalo. Não haviam muitos, a maioria ficara nos seus assentos, comentando o que era encenado com algum horror ou admiração.

Não muito longe desses senhores, para poderem bem escutá-los, estavam Montenegro e Euzébio. Os devassos davam os últimos goles em suas bebidas e encerraram a vasta observação que estavam fazendo das reações da platéia e as análises de quem era quem e qual o grau de envolvimento com a escravidão.

Montenegro fez questão de pagar a bebida – o que Euzébio não reclamaria, uma vez que ainda era sustentado pelos pais – e juntos subiram as escadas do *foyer* para a galeria.

Cruzaram nos degraus com uma elegante dama negra, num magnífico vestido de ouro e coroada por uma diadema de brilhantes. Era impossível que os dois não reparassem na sua formosura e classe.

Sem que Euzébio visse, ela sorriu para Montenegro de relance, e continuou o seu caminhar cadenciado. Era um sorriso enigmático.

Euzébio ia comentar a beleza da senhora e calou-se ao notar o rosto de Montenegro se vertendo em preocupação. Ele estava longe, num horizonte de tempestades que fez o estudante ter apenas uma certeza: ele a conhecia.

-Quem era?

Erguendo uma sobrancelha, Montenegro primeiro quis se certificar se era mesmo quem achava que poderia ser. Pararam no meio dos degraus para assistirem a senhora arrastar atenções, tomar uma pelerine de pele na chapelaria e sair do teatro de braços dados com um homem baixinho e barrigudo.

Por fim, Montenegro suspirou:

-É uma víbora.

-Uma víbora?!

Sem dar qualquer outra explicação, assentiu, e virou a página dos seus temores:

-Está pronto para o *show*?

Desta vez, foi Euzébio quem aquiesceu.

Os dois retornaram aos seus respectivos lugares. No entanto, Montenegro não conseguia mais prestar atenção na peça, nem nos comentários de Amaia ou as questões de Caetana sobre onde seu marido havia ido. Tinha a cabeça tão perdida, vagando pelo sorriso da dama negra de ouro, que nem quando Amaia tomara a sua mão, numa cena romântica, ele voltara a si. Se antes a preocupação era somente consigo, agora era com a pessoa mais importante de sua vida: Amaia – ou melhor, com as duas pessoas mais importantes de sua vida, como viria logo a descobrir.

*

Feitosa havia preferido ficar no camarote durante o intervalo, junto dos seus pensamentos acerca das maquinações de Montenegro e companhia. Ainda lhe doía o soco que havia levado na festa de casamento de Caetana – para o qual jurava uma vingança na medida e na hora certa.

Quando as cortinas se abriram novamente, derramando luz àquela platéia entorpecida pelas sombras, o fazendeiro se deixou levar para o palco, incerto se aquela peça também não tinha os dedos hábeis de Montenegro por detrás.

Um grupo de homens armados ataca a fazenda do pai da mocinha. Atiram nos capatazes. Quebram as correntes sob o protesto de alguns espectadores. Algumas poucas palmas se fazem, timidamente, até ganhar impulso quando o herói e a mocinha, juntos, quebram as últimas correntes que prendiam os escravos. Num gesto emocionado, beijando a mão dela, o mocinho avisa: “Não acabou, temos ainda muito a fazer. Se cada um fizer a sua parte, poderemos

libertar a todos.” E se abraçam. A mocinha, então, se afasta dos braços do amado e pergunta, com algum temor: “O que faremos quanto ao porto ilegal de papai? Não podemos permitir que pessoas continuem sendo traficadas!” “A Lei Euzébio de Queirós pode acabar com o terrível tráfico, mas não inibiu a terrível mente humana, que se acha superior a qualquer Lei.” “Pois estão enganados. Nunca serão maiores do que a Lei Divina. Todos pagarão, na hora certa, pois nada escapa aos olhos de Deus.”

Caetano Feitosa descruzou os braços e se inclinou para ver se era mesmo isso que estava escutando. Sua irmã ia comentar algo, mas ele a mandou se calar. Aquilo era pior, muito pior do que uma simples peça abolicionista. Ele tremia, de raiva, de nervoso. Podia perceber alguns olhares para cima de si. Eram dos seus sócios no porto. Eles também havia notado a “coincidência”.

Não estava em Vassouras, nas suas terras, em que era Rei. Estava em campo neutro e os outros reis pareciam prestes a declarar guerra.

A esposa, ao seu lado, enfiava o sorriso na penumbra, apenas observando-o empalidecer à medida que os atores davam as suas falas: “Mas ele é o seu pai!” “Ele é meu pai, mas também é um cruel senhor de escravos e merece pagar pelo que faz. Ninguém está acima do Bem ou do Mal, Ricardo, nem o meu pai.” “Não tema, minha beldade, vamos destruir o porto ilegal e poderemos, finalmente, nos casarmos e sermos felizes.” “O que é o Amor senão união de dois corpos e dois corações?!”

Um relampejo e uma trovoada e a cena muda. O herói, junto aos seus amigos, estão armados e a à espera de destruir um porto recriado no palco. Escondidos, à espreita, aguardam o fazendeiro cruel e os seus capatazes chegarem com os escravizados para poderem atacar.

Mais um relâmpago no palco se espalha sobre a platéia e a Sra.Feitosa pode enxergar o rosto pálido do marido. Feitosa nem respira, prevê o pior.

*

O som dos disparos se misturavam aos trovões. Cada vez mais perto, suplantando um ao outro. Berros por todos os lados. Os raios cortavam os céus assim como as balas das armas e a terra começava a ser molhada por chuva e sangue, numa mistura que se fazia macabra.

Estevão, empunhando dois revólveres, um em cada mão, brincava de pistoleiro, acertando a mão dos capatazes que ainda estavam armados. Não era da sua índole matar, a menos que muito necessário. Kambami, a uma pequena distância, metia-se numa briga de pernadas e punhos com um traficante africano. Enquanto Duarte usava uma espingarda, sem balas, para bater nos capatazes que o tentavam desarmar.

Quatro traficantes correram a ponte para retornar ao negreiro o quanto

antes. Notando que os dois comparsas escondidos na casa grande não conseguiam acender um fósforo para por fogo no pavio, Estevão decidiu ele mesmo abusar da sorte. Não podia permitir que aquele negreiro fosse em busca de mais vidas.

Guardou uma das pistolas no coldre e apontou a outra para os homens. Mirou. Firmou os olhos. A aba de seu chapéu protegia os olhos negros fixos no alvo da chuva que ia se intensificando. E atirou!

Os tonéis de pólvora explodiram, alumando a noite. Propagou-se o barulho da ponte ruindo e uma outra explosão se fez ouvir.

Se algum capataz ainda lutava, desistiu naquele instante, abaixando as armas ou atirando-as no chão. Os devassos haviam vencido.

Pela fumaça e labaredas, Estevão avistou que os traficantes haviam conseguido entrar no barco e corriam para levantar a âncora e zarpar. Ele tinha que impedi-los. Deu alguns tiros, que não surtiram efeito. Sem pensar muito, retirou o coldre e foi correndo até a beira do mar.

Duarte, que ia ordenando os malfeitores a se colocarem de joelho e com as mãos nas costas, viu Estevão retirando as roupas e se jogando na água numa braçada.

-O que esse maluco vai fazer?!

Luiz Fernando Duarte não podia acreditar no que os seus pequenos olhos azuis enxergavam. Passou o binóculo para Kambami e pediu que verificasse se era mesmo verdade. O que o africano confirmou, ao jogar a cabeça para trás e soltar uma risada bem alta.

Estevão havia conseguido nadar até o barco e subir por uma escada de corda que não haviam retirado – tão concentrados estavam em tentar afastar o negreiro do porto, antes que pegasse fogo também. Sem ser percebido, esgueirara-se até alguns escravizados que ainda estavam presos, libertara-os e, junto deles, lutara contra os traficantes, ainda que com risco de levarem um tiro. E os imobilizara.

Por fim, atrás do timão, comum sorriso no rosto e acenando, dava adeus para Duarte e Kambami, zarpando com o negreiro.

-Que diabos?! – resmungou Duarte, antes de perder Estevão e o Hermosa de vista.

Capítulo 27

**“Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
Foi poeta – sonhou – e amou na vida.”**
(Álvares de Azevedo, *Lembrança de Morrer*)

Raimundo Aragão, como a maioria dos meninos que era obrigado a se criar na rua e a sobreviver, só podendo retornar à casa se levasse algum sustento, havia se acostumado a sofrer todo tipo de ataque. Desde os de senhores interessados em sua beleza juvenil, aos que queriam raptá-lo para vendê-lo como escravo branco para alguma fazenda no interior.

Em suas andanças e companhias, trabalhando como ratoeira – na coleta de ratos para a Defesa Sanitária – ou como ajudante de coveiro, nas noites encolhidas nos trapiches, nas fugas dos inspetores de quarteirão, havia conhecido toda sorte de gente, em especial capoeiras. Um deles, Adão da Adaga, era especial, um pai para o menino que havia perdido o seu. Tinha sido ele quem ensinara alguns golpes e lhe dera de presente a navalha. Adão jurava que, quando Raimundo fosse mais velho, poderia fazer parte da sua malta, porém o capoeira havia morrido durante uma disputa, legando apenas palavras.

Com a navalha em seu bolso, a sentir a lâmina fria contra os dedos, Raimundo tinha os olhos no movimento de entrada e saída na porta do Teatro D. Pedro II. Via a gente fantasiada de rico, os coches enfileirados na porta do iluminado teatro, os inspetores de quarteirão conversando com a gente e expulsando os meninos que ficavam por ali para pedirem esmola – ou baterem alguns bolsos. Todos riam-se como se não houvesse mal no mundo – o que era ressaltado pelas floristas. Com suas imensas cestas, cercavam os elegantes, vendiam-lhe flores. Eram elas a prova de que era preciso dar um colorido para despistar a vida preto-e-branca, perfumar para camuflar a podridão da cidade. Nem sua mãe, nem suas irmãs, nenhuma delas nunca ganharia flores ou vestidos bonitos e, possivelmente, nunca iriam conhecer o teatro.

Teve saudades da vida em Petrópolis, quando o pai ainda era vivo, e tinha a liberdade de correr pela mata, brincar de faz de conta, fazer-se livre ao bel-prazer e colher quantas flores quisesse para dar à mãe. Mas aquela navalha em seu bolso lhe lembrava que a vida havia se transformado e na cidade grande, um menino como ele, deveria se equilibrar no fio da navalha – metaforicamente ou não.

Achava ter visto o Imperador, acompanhado da família, subindo na carruagem imperial. Só deduzia ser ele pelas barbas brancas e pelo número de

soldados empinados ao seu redor. Raimundo deu os ombros. O que sabia desse mundo?! Era neste devaneio que se perdia quando uma mão cobriu a sua boca e outra o prendeu pelos braços.

Era alguém com o dobro do seu tamanho e força.

Lutava para escapar, mas o homem não cedia, apertando ainda mais aquele abraço de urso. Nem a sua navalha ele conseguia alcançar.

-Acha que não sei que você anda espionando? Diga, logo, senão corto a sua língua. Para quem você trabalha?

Ao tirar a mão da boca de Raimundo, o menino pisou no pé do malfeitor e daria uma cotovelada no estômago quando se afastasse, porém, ele nem se mexera com o pisão. Raimundo parecia uma mosca que com um safanão ele mataria.

O homem até ria, mostrando toda uma boca recheada de dentes de ouro.

Tomando Raimundo pelas orelhas, encarou-o. Foi quando o menino notou que ele tinha, no lugar de um olho, uma imensa cicatriz que lhe dividia a cara.

Virando Raimundo pela orelhas, lhe ameaçou:

-Vai ficar sem orelha!

Raimundo debatia-se, gritava, na esperança que algum inspetor o visse e fosse ver o que acontecia:

-Não! Me solta!

Nada. Um único policial, que estava ali perto dos coches, nem se deu conta, mantendo a conversa com o porteiro do teatro. Chegou a levantar os olhos para ele, mas depois deu as costas e foi na direção contrária.

-Para quem você trabalha? – o homem sacudia Raimundo por uma orelha e pela gola da sua camisa rota.

-Para ninguém! – gritou o menino, em meio a dor. Achava que sua orelha iria se desgrudar.

Era preciso fazer algo.

Tentou alcançar a navalha em seu bolso. Pela proximidade do homem, poderia lhe cortar o suficiente para escapar. Ao puxar a navalha, no sacode do homem, ela caiu no chão e sumiu na escuridão da sarjeta.

O golpe foi muito rápido. Tanto que o capanga nem conseguiu terminar de falar, cuspidando um dente de ouro:

-Ah, que merd... – e beijou a calçada em frente à Praça da Constituição.

Com os olhos repletos de lágrimas, Raimundo viu diante de si Canto e Melo. Tinha na mão uma arma, segurada pelo cano, transformada em “cassetete”, e o rosto inexpressivo, o que dava uma sensação de intranquilidade. Sem parar de olhar em volta, Canto e Melo se abaixou na altura do jovem e lhe perguntou o que ele havia visto.

Numa vasta e detalhada lista – que deixara Canto e Melo estupefato – Raimundo deu todas as descrições das pessoas que o seguiam na última semana e em que lugar cada um estava.

Apertando os braços de Raimundo, sem lhe desviar os olhos, questionou se havia arranjado tudo o que lhe pedira. Era muito importante para concluir sua missão. Com algum incômodo, de quem ainda não entendia para quê iria precisar “daquilo”, Raimundo assentiu. Um objeto foi retirado de dentro da casaca surrada do rapazote e foi para o fraque impecável de Canto e Melo.

Guardou o que parecia um potinho contendo um líquido viscoso dentro. Deu um tapinha paternal no seu ombro e se despediu.

-Vá!

Raimundo se agachou, pegou a sua navalha e o dente de ouro caído no chão, e se foi, sem olhar para trás e para o seu agressor, ainda inconsciente.

Canto e Melo retornou ao seu assento, ignorando a pergunta da esposa sobre onde estava. Sua cabeça estava longe dali, mas seus olhos estavam grudados nos de Montenegro.

*

Quando Caetana olhou para trás, Amaia já estava caída nos braços do marido.

Uma pequena comoção se fazia ao redor dela – e cada vez mais se juntavam curiosos. Amaia havia desmaiado ao fim da peça, na saída do *foyer*.

As pessoas que vinham da platéia e da galeria foram parando e uma multidão se irrompeu no caos entre os que queriam dar alguma assistência, os que queriam levantar mexericos, os especuladores, os que não se importavam e só queriam ir embora, e os que tentavam chegar à chapelaria.

Na tentativa de ir ver como a amiga estava, Caetana soltou o braço de Canto e Melo – com quem discutia sobre os seus papéis naquela encenação. Puxando o vestido, enfrentava a onda de pessoas, escutando o tecido da sua roupa rasgar com algumas pisadas. Duvidava que chegaria inteira, mas chegou.

Montenegro estava envergado sobre a esposa. Acariciava o contorno do seu rosto com cuidado, temeroso. Ergueu a cabeça para Caetana. Os olhos estavam vermelhos de preocupação. Era como se toda a sua alma estivesse ali, em seus braços, desmaiada junto à Amaia.

-Não deve se alarmar. Ela apenas desmaiou. Não estava se sentindo bem durante a peça.

-Por que ela não me disse? Teríamos ido embora.

-Porque ela sabe que você tinha coisas importantes a resolver.

-Nada pode ser mais importante do que ela, D.Caetana.

Um aperto no coração, foi isso que Caetana sentiu ao ver aquele homem

apaixonado. Será que Roberto agiria da mesma maneira? *Roberto!* Esticou a cabeça, na tentativa de enxergá-lo. Uma multidão de cabecinhas se fazia, mas não via a dele. Estavam quase na porta quando ela notara o desmaio de Amaia e retornara. Não o via e foi se enchendo medo. *Espero que ele esteja bem!*

O coração palpitou mais forte ao sentir uma mão quente em seu ombro.

-Com licença.

A esperança de ser Roberto se desfez ao ver o rosto de Euzébio.

Deu passagem e o estudante se ajoelhou ao lado de Montenegro. Tomou o pulso de Amaia, examinou os seus olhos e quando ia pedir que as pessoas se afastassem para evitar o abafamento, Amaia despertou.

O alívio de Montenegro havia sido imediato. Parecia que era ele a acordar de um profundo pesadelo.

Sem qualquer constrangimento, diante de estranhos, abraçou a esposa e a beijou.

Amaia parecia deslocada, como se tentando entender o que acontecia e o porquê daquele beijo tão repentino.

-Como se sente, minha senhora? – perguntou Euzébio.

-Apenas fiquei zozza e acordo no chão. – ao reparar nas pessoas em volta, ela corou e pos a mão na frente do rosto – Oh, que vergonha!

-Gostaria de fazer mais algumas perguntas, em privado, se possível. Infelizmente não tenho a minha maleta médica aqui.

-Quero ir para casa. – afirmou Amaia, sendo escorada pelo marido e por Euzébio.

Ao reparar que ela não iria conseguir ficar de pé, a causa do vestido pesado e do espartilho, Montenegro a tomou no colo.

-Iremos. – ele assegurou à esposa – Pedirei que o cocheiro leve o doutor até a sua casa para que pegue o necessário para examiná-la.

Euzébio assentiu e, junto de alguns funcionários do teatro, foi pedindo para abrirem espaço para o casal passar. Algumas pessoas eram empurradas e reclamavam. Era preciso levar Amaia o quanto antes para o hotel e tirar aquele espartilho para ser melhor examinada.

-Abram caminho! Abram caminho! Deixem-nos passar!

Ao ver Caetana parada, estática, ficando para trás, Euzébio preocupou-se:

-D.Caetana, não vem conosco?

Caetana não fixava o olhar em nada, nem no seu interlocutor.

Vendo que Montenegro maneava a cabeça para que Euzébio o seguisse, o estudante foi atrás do casal, que já atravessava a porta do teatro.

Para não ficar na torrente de pessoas, Caetana conseguiu se deslocar na direção de uma parede e ali ficou, sem incomodar a ninguém. Com o fim da

comoção e as pessoas conseguindo sair do teatro, sua mãe, tia e irmãs foram ao seu encontro.

-Oh, o que foi aquilo? Descíamos pelas escadas quando vimos Amaia desmaiar. Ela está bem? – quis saber a mãe que, das quatro, parecia ser a única preocupada com o bem-estar da outra.

-Deve estar ótima! – retrucou Belizária, acertando as luvas – Sempre gostou desses truques para chamar atenção.

Caetana, que estava no ápice da preocupação, com a cabeça borbulhando, não suportou aquele comentário maldoso. Já fazia um tempo que não agüentava mais isso:

-Cuidado com a sua língua, Belizária. Pode ainda afastar muitos pretendentes.

-Qual!

-Não foi um truque.

Antes que iniciasse ali uma discussão entre as irmãs, na frente de todos, a tia Escolástica achou mais apropriado mudar o assunto, só não calculou que seria uma manobra errada:

-Você viu o seu pai?

-Não. Também perdi o meu marido de vista.

-Cuidado, pode ser que ele esteja desmaiado na cama de alguma atriz.

Belizária não viu quando a mão de Caetana bateu em seu rosto, mas sentiu o ardor – menor do que a vergonha de ter pessoas a encarando, surpresos com aquele tapa. Demoraria um ano inteiro para que se esquecessem disso, e uma vida para que ela perdoasse Caetana.

Rosária ficou entre segurar o sorriso e consolar a irmã gêmea, que se punha a chorar no ombro da tia.

-Nunca mais fale assim de quem for.

-Mamãe, você viu o que Caetana fez? – Belizária choramingava feito criança.

A mãe, cansada das atitudes das gêmeas mais do que seria para uma mãe suportar, finalmente desabafou:

-Antes eu tivesse feito isso e você hoje não seria assim: insuportável.

E não teve pena quando a filha arregalou os olhos, em choque, e se pos a chorar ainda mais no ombro da tia.

D.Escolástica apenas ergueu um olhar mal-humorado para a Sra.Feitosa, mas nada comentou. Se ela não tinha classe, não seria agora que iria aprender. Agora sabia de quem Caetana havia puxado tamanha falta de educação.

Levando Belizária debaixo de seu braço, a tia a foi guiando para fora do teatro:

-Vamos, querida, vamos para a minha casa. Eu cuido de você.

Rosária, que estava dividida entre ficar com a mãe ou ir com a gêmea, optou por seguir as duas e apenas acenou para a mãe e para a irmã de longe.

Caetana se viu dividida no que faria, no entanto, naquela sabedoria maternal que entende o filho sem precisar falar, a Sra.Feitosa assegurou que fosse atrás de seu marido. Ainda em dúvida do que era certo fazer, pois não poderia deixar a mãe sozinha e nem largar o marido em perigo, mordeu os lábios. Mas somente uma coisa lhe foi mais urgente no coração.

-E quanto a você, mamãe?

-Tenho certeza que conseguirei um tálburi para mim. Pode ir. – tomou a sua mão – Ficarei bem. – encarou-a e apertou seus dedos – É importante que faça o que deve ser feito.

Ao largarem as mãos, Caetana sentiu um frio, uma solidão da qual não gostava. Sua mãe lhe faria muita falta quando partissem.

À medida que procurava pelo marido e não o encontrava, Caetana passava mal, imaginando que o seu pai poderia ter feito algo contra ele. Todo o seu corpo esfriou e um peso na nuca fez com que esperasse pelo pior. Era preciso sair dali, daquele ambiente sufocante, dos rostos comprimidos, encontrar o seu amor.

No ruflar da brisa noturna, Caetana conseguiu sair do abafamento do *foyer*. Aquela noite se mostrava mais agitada do que o movimento em cena – ainda que a peça tivesse tido muita ação no final, com o ataque ao porto ilegal. Por um lado adoraria ter visto a cara de seu pai ao assistir a destruição do seu porto, porém, nem se lembrava mais dele, nervosa com o que viria a seguir.

Parada na orla da rua, manteve a procura por Canto e Melo. De um lado, casais de braços dados indo numa direção. Do outro, vendedores de pastéis e empadas ofertavam os seus quitutes para aqueles que não iriam diretamente para um dos restaurantes elegantes ali perto. Um grupo de floristas, sentadas no chão, contavam o dinheiro que haviam ganho na entrada da peça, e uma menina ainda tentava vender um arranjo ou outro, sendo ignorada pela maioria das pessoas. Os coches enfileirados na porta do teatro iam saindo e outros chegando para buscar os seus senhores. Era difícil enxergar do outro lado da rua, em que a escuridão engolia a Praça da Constituição. Era daquelas noites de lua minguante, em que pouco se percebia.

Onde ele se meteu?

-D.Caetana! – acenaram de dentro de um coche.

Caetana foi seguindo a mão que lhe fazia gestos para vir. Uma mão feminina, enluvada, delicada, pertencente somente a uma pessoa.

-D.Benedita. – confirmou ao ver o rosto da senhora, parcialmente coberto por uma capa.

-Tenho algo que precisa saber. – falava baixinho, olhando para os lados, como se com medo que a percebessem.

-Cansei dos seus enigmas, D.Benedita.

-Não é um enigma, D.Caetana. Meu criado viu um homem levando o seu marido para fora do teatro.

Um bolo se formou na garganta de Caetana:

-Le-levando o meu marido?!

Pressionando os lábios, D.Benedita assentiu.

-D.Caetana, já vi muito sofrimento na minha vida e não quero continuar vendo. – prosseguiu a senhora – Cada um faz o que pode, eu estou fazendo o que eu posso para não permitir que esse sofrimento se perpetue. Não falo somente da escravidão do corpo como a da mente. Enquanto os escravos se acharem escravos, pouco poderemos fazer a respeito. Tome cuidado! Não fique sozinha em hipótese alguma. Não sabemos exatamente quem está por detrás disso.

-Tenho as minhas desconfianças. – murmurou consigo mesma.

O peso que antes sentia no peito foi se aprofundando até que Caetana se viu prendendo a respiração. *Firme e forte! Firme e forte! Você consegue.*

O barulho foi rápido. Tirara-a de si. Feito espoleta que chispa. O eco, no entanto, reverberou pelo ar. Parecia que tinha acordado a noite, puxando o latido dos cães das cercanias. Vinha da esquina.

Não demorou para que os gritos surgissem. Para que apontassem numa direção e uma multidão corresse para aqueles lados, inclusive o inspetor de quarteirão, apitando freneticamente por ajuda.

Atordoadas, Caetana deu uma volta em si. Todo o seu corpo pesava e a cabeça latejava. Tremia. Muito. Sem conseguir controlar o corpo e a imaginação que já montava uma cena macabra.

Foi se aproximando, devagar, da comoção. Fazia e refazia milhares de conclusões lógicas para afirmar que ali não era o seu marido estirado no meio da rua. Voltou o rosto para cima, à cata de ar. Então, avistou o seu pai, parado, estático, numa janela do teatro. Olhava para baixo. *Ele pode estar só observando o que ocorreu, como todos.*

Caetana não notava as lágrimas escorrerem por seu rosto até elas se avolumarem e mal conseguir enxergar Montenegro e Euzébio, agachados no chão, sobre alguém estirado na rua.

Não via Amaia. Algo havia lhe passado. Talvez não tivesse sido uma encenação, afinal.

Ao ver Caetana, Montenegro tentou impedi-la de se aproximar, mas ela conseguiu se desfazer dele sem dificuldades e caiu de joelhos ao lado do corpo do marido. Tomou a mão de Canto e Melo e a beijou. Evitava olhar para a marca

vermelha de sangue em seu peito. Levantando os olhos mareados para Euzébio, que se dividia em examiná-lo e olhar para ela, perguntou o que havia acontecido.

A alma dela dizia, ansiava, confirmava, ao gritos: *Roberto está vivo! Ele está vivo!*

Sem muitas delongas, Euzébio tomou coragem e confirmou:

-Ele está morto.

Capítulo 28

“(...) tu não vieste ver minha Desgraça!
E eu saí, como quem tudo repele,
- Velho caixão a carregar destroços -
Levando apenas na tumba carcaça
O pergaminho singular da pele
E o chocalho fatídico dos ossos!”
(Augusto dos Anjos, *Solitário*)

Ao fechar a porta do quarto de Caetana, a Sra.Feitosa soltou um muxoxo. Todo o seu corpo tremia de medo e ela era obrigada a se controlar para não estragar tudo. Era contra mentiras, mas se o fazia, era pela filha.

Talvez escutando os seus pensamentos, uma sombra surgiu, por cima de seu ombro. Com as mãos postas em prece e os olhos fechados, rezou por aquela assombração.

No estalar das tábuas de madeira da sala, a senhora não se voltou para trás. Sabia quem era. Respirou fundo e apenas pediu que cuidasse da sua Caetana, o que ele lhe jurou num assopro.

-Ah, mais uma coisa... – ela pontuou, bem baixinho, antes que ele desaparecesse nas trevas – ...você precisa repensar a decoração dessa casa.

Ao entrar no seu quarto, a Sra.Feitosa estava mais dona das próprias emoções e se achava capaz de conseguir esconder o que havia acabado de fazer. No entanto, ao ver que seu marido estava lá, tomou um susto. Ele havia lhe dito que iria se encontrar com alguns amigos após a peça e que retornaria mais tarde. Neste ínterim, ela iria se preparar para o seu papel.

Segurou o sobressalto e foi caminhando calmamente até a penteadeira.

Pelo reflexo do espelho, o marido, que retirava o fraque com a ajuda do velho Terêncio – o seu escravo transformado em *valet* –, perguntou pelo estado da filha:

-Conseguiu dormir?

-Está muito nervosa, claro, mas consegui convencê-la a dormir um pouco. Está sofrendo muito. Amava muito o marido. Logo após o enterro, a mandarei passar alguns dias no convento, com Dalva. Soube que aceitam jovens viúvas. Será bom para ela ficar apartada do mundo por alguns meses.

-Para quê? – retirava a camisa – Dentro de um ano ela se esquecerá e poderá se casar novamente.

A mãe não retrucou, largando um olhar preocupado. Tinha de convencê-lo a mandá-la para o convento.

Conhecendo-o, achou melhor aguardar um pouco mais. Se insistisse no

assunto, ele iria desconfiar.

-Você viu quando ele foi baleado? – ela quis saber, temendo que estivesse tramando mais alguma coisa.

Estava “tranquilo” demais com aquela morte, tratando-a como algo cotidiano, esperado.

O senhor, de voz cansada, sentou-se numa poltrona para que o velho se ajoelhasse e lhe puxasse as botinas.

-Após o fim da peça, o Conde Felipe veio me fazer algumas perguntas sobre o cultivo de café. Levou-me até uma saleta apartada, reservada à família Imperial. Quando ouvi o estampido, fui para a janela ver o que acontecia e, então, me deparei com Canto e Melo morto.

A senhora foi soltando os cabelos e largando os grampos. Para não parecer muito interessada, continuou no mesmo tom:

-Teremos que organizar o funeral o quanto antes.

-Sim, amanhã mesmo providencio isso. – soltou um ar de estafa e retirou as calças, vestindo o camisolão – Levaram o corpo dele para o necrotério. Deve ser liberado o quanto antes. Não há dúvidas que levou um tiro.

-Você viu algo mais?

-Não. Só o corpo.

A esposa parou. Levantou os olhos para o reflexo dele, e dissecou-o:

-Não imagino quem possa ter feito tal coisa abominável.

Caetano Feitosa gesticulou para que Terêncio saísse e levasse suas roupas junto. Aguardou o escravo fechar a porta e foi até a esposa. Colocou a mão sobre a dela e confirmou que ela tremia.

A Sra.Feitosa fechou os olhos mareados. Não mais suportava o toque dele, tão cruel quanto as chicotadas que dava. Os dedos dele foram subindo pelo seu braço até a altura do ombro e seguiram para o pescoço, onde pousaram, de leve.

Feitosa se inclinou próximo ao ouvido dela e, pelo espelho, lhe encarou:

-Nem eu.

O marido levantou o rosto dela pelo pescoço e o puxou para trás. A Sra.Feitosa podia sentir os músculos sendo repuxados e uma dor fina que ia dificultando a respiração.

-Não gostaria de acusar alguém injustamente. – ironizava Feitosa.

Ele a sufocaria se continuasse lhe apertando o pescoço. Uma lágrima caiu, em homenagem a suas meninas. Era somente elas que importavam. Há muito a Sra.Feitosa havia deixado de pensar em seu próprio bem-estar – desde o dia da sua noite de núpcias, quando descobrira quem realmente era o seu marido.

Ao sentir que afrouxava os dedos, a esposa respondeu de imediato:

-Sim, Caetano.

Feitosa estudou-a com cuidado. Conhecia-a há muito para já saber o que era ou não verdade. Soltou-a e foi se deitar.

Demorou para que a esposa conseguisse retomar o ar, mais pelo susto com aquela atitude agressiva do que pelo gesto em si. Há muitos anos ele não agia assim com ela. Acreditava que o tempo havia acalmado ele e criado uma cumplicidade. Havia se enganado. A fera ainda espreitava nas sombras do homem, pronta para atacar ao menor passo em falso.

Sobre a penteadeira havia um misturador de cremes – uma espécie de faca sem ponta. A Sra.Feitosa achou que seria bom levá-la consigo para a cama, ainda que não tivesse coragem de usá-la – apesar de ter muita vontade.

*

Os arranjos do funeral e do enterro passaram por Caetana sem que ela percebesse. Vestida de preto, da roupa à alma, estava parada, com o olhar fixo no caixão do marido.

Disposto em meio a flores, sobre a mesa de jantar e ladeado por círios, tinha a tampa fechada, impedindo que vissem o morto. Tanto a Sra.Feitosa quanto Amaia proibiram que abrissem, alegando que Caetana sofreria ainda mais ao se deparar com aquela perda. O Sr.Feitosa não concordava, mas também não questionaria. Começou a achar melhor quando sentiu um cheiro forte de decomposição – de quem estava em avançado processo –, o que acabava afastando os convidados do funeral.

Sem lágrimas. Sem palavras. Só com o terço na mão e um ar de perda, Caetana nem se mexia. Tanto Amaia quanto a sua mãe tentavam lhe fazer companhia, puxavam conversa, imploravam que comesse. Ela estava irredutível, imersa em si mesma.

Roberto está vivo! Roberto está vivo! Não é ele naquele caixão.

Num canto, Amaia falava com Montenegro, bem baixinho, para que não pudessem ser ouvidos:

-Não sei por quanto tempo suportarei isso.

Montenegro balançou a cabeça e lançou um olhar intenso para o outro lado da sala.

Feitosa conversava com dois conhecidos sobre a biografia de Marco Licínio Crasso, escrita por Plutarco. Admirava os feitos do comandante romano. Crasso havia destruído o exército de escravos de Espártaco, durante a Terceira Guerra Servil, nos anos 70 A.C. O pai de Caetana mais parecia estar num sarau do que num funeral. Seu bom humor poderia não ser compreendido – e nem seria questionado – pelos conhecidos, porém, tanto a Sra.Feitosa quanto Montenegro só confirmavam que ele teria feito de tudo para matar Canto e Melo.

Num cruzar de olhos, Feitosa e Montenegro se encararam.

Nenhum dos dois desviava. Era um duelo, desviar seria dar-se por vencido, provar medo. Poderiam ficar todo o funeral assim se Amaia não tivesse intervindo e puxado o marido para outro ambiente.

-Ele recebeu a notícia do ataque? – sussurrava.

-Não, a Sra.Cruz interceptou o telegrama de Macaé.

-De que adianta? Mais cedo ou mais tarde ele saberá.

-Não até eles estarem seguros, do outro lado do Atlântico.

Amaia assentiu e se calou, guardando para si os seus temores – o que sabia muito bem fazer.

*

O funeral e o enterro prosseguiram como o de costume. Da procissão em carro fúnebre até o cemitério São João Batista – onde a família Feitosa de Vasconcellos tinha o seu mausoléu – a Montenegro se voluntariar para pegar uma das alças do caixão e o repousar ao lado do túmulo em que seria enterrado. O padre iniciou a sua oração diante de uma pequena platéia de luto. A maioria era conhecida da família Feitosa e, afora Montenegro – com seus malditos óculos escuros, que impediam de ver para onde olhava – não parecia haver mais nenhum conhecido. Nenhum devasso.

-Que estranho... – analisava o Sr.Feitosa consigo mesmo.

-O que é estranho?

Ao perceber que havia falado em voz alta e a esposa, ao seu lado, questionara-o, Feitosa tentou explicar as desconfianças que iam enchendo a sua cabeça:

-Os pais dele não vieram. Não mandaram notícias. Tem certeza de que Caetana os telegrafou avisando da morte do filho?

-Sim. – ela pausou, pálida, e atirou um olhar para a filha que jogava uma camélia branca sobre o caixão do marido – Sabe como é longa a viagem de Bananal para a Corte. Se viessem, chegariam só depois do enterro. Devem ter preferido sofrer em casa.

Feitosa dissecou a esposa por debaixo do espesso véu negro que cobria o seu rosto. Tanto ela quanto todas as poucas mulheres presentes no enterro usavam aquele tenebroso véu, o que o impedia de identificá-las. Caetana também abaixara o seu quando o caixão foi terra abaixo, confundindo-a com todas as outras. Se não fosse por um terço em sua mão, o pai não a encontraria.

A procissão saíra do cemitério ao cair do dia, quando o horizonte se pintava de entardecer. Caetana se recusava tomar o coche dos pais. Alegava precisar de um tempo sozinha. O pai questionou e a mãe concordou que seria melhor.

-E para onde você vai?

-Diretamente para o convento. Dalva me espera.

E antes que o Feitosa protestasse, Caetana subiu num tálburi e deu ordem ao cocheiro. O negro, de chapéu desabado no rosto, deu sinal e os cavalos seguiram no trote.

Aquilo estava estranho, seus ossos lhe diziam. Nada lhe tirava que algo estava errado. No fundo de seu cérebro gritava que o retrato estava torto, mas ainda não conseguia ver a linha mal traçada, muito menos as entrelinhas.

Quem havia matado Canto e Melo? Gibeão, o homem que havia mandado segui-los, estava desaparecido. Talvez fosse o único a lhe esclarecer o que havia acontecido naquela noite.

Sem perder a filha de vista, Feitosa mandou que um dos seus escravos de confiança a seguisse. Queria ter certeza de que ela ia ao convento e não ao encontro de um “marido ressurreto”.

-Acha que Caetana vai fugir? – zombou a Sra.Feitosa, apertando o rosário que a filha havia lhe devolvido quando se despediram, com um forte abraço, na saída do cemitério.

-Por quê? – os olhos dele a aprisionaram numa força invisível – Ela vai fugir, Catarina?

A Sra.Feitosa se arrepiara toda e, de imediato, reiniciou suas preces pedindo proteção à felicidade da sua filha, pois a sua própria proteção ela já havia entregue na mão de Deus ao se casar com Caetano Feitosa de Vasconcellos.

*

O escravo de Feitosa ia à cavalo, no galope apressado, atrás do tálburi. Perder a sinhazinha de vista seria ter os olhos arrancados a ferro quente.

Ao virar numa esquina, surgiram vários tálburis negros. Saíam das ruas transversais, passando de um lado ao outro, de repente, tal um formigueiro atarefado.

Eram todos iguais. Todos levando mulheres de luto. Todos comandados por negros com as mesmas roupas. Confuso, o capanga diminuiu o ritmo para tentar descobrir, naquela montoeira, qual seria o de Caetana.

Virou numa rua mais vazia. E aliviou-se ao reparar que havia apenas um único tálburi e que continuava na direção do convento.

Foi atrás deste.

Capítulo 29

“Como te amo? Deixa-me contar os modos.
Amo-te ao mais fundo, amplo e alto que
Minh'alma pode alcançar, além dos limites visíveis
E fins do Ser e da Graça ideal.
Amo-te até ao nível das mais diárias
E ínfimas necessidades, à luz do sol e das velas.
Amo-te com liberdade, como os homens buscam por Justiça;
Amo-te com pureza, como voltam das Preces.
Amo-te com a paixão posta em uso
Nas minhas velhas mágoas e com a fé da minha infância.
Amo-te com um amor que me parecia perdido
Com meus Santos perdidos - amo-te com o fôlego,
Sorrisos, lágrimas, de toda a minha vida! - e, se Deus quiser,
Amar-te-ei melhor depois da morte.”
(Elizabeth Barrett Browning, *Soneto 43*)

Ao saltar do tálburi com a ajuda do cocheiro, Caetana o abraçou num gesto de agradecimento.

Kambami, emocionado, lhe desejou boa sorte. E aguardou-a, ainda por algum tempo, achar o endereço indicado. Queria ter certeza de que não haviam sido seguidos e que ninguém faria mal a ela.

A jovem viúva puxava as saias do vestido de luto e atravessava o Paço numa pressa que a impedia de notar, ao redor, os tipos que se iam fazendo na noite e se escondendo do dia, tal vampiros em busca de uma vítima.

O Arco do Teles, por si só, era um antro, cuja má fama vinha de séculos atrás, quando se dizia refúgio de uma bruxa – Bárbara dos Prazeres – que bebia o sangue dos bebês que raptava. Caetana não era bebê e nem acreditava em bruxas. O que via eram prostitutas de cais, alguns mendigos que se refugiavam dos inspetores, um gatuno que voltava de algum serviço carregando uma sacola. Nenhum deles lhe importava, da mesma maneira que ela passava despercebida por eles – talvez tivessem mais medo dela, vestida de preto e com um véu denso no rosto, parecendo algum fantasma a sugar a pouca vida que lhes restava.

Encontrou a porta amarela semicerrada que haviam lhe dito para procurar. No rangido da madeira, arrepiou-se. Era somente breu lá dentro. Se não fosse Amaia a lhe entregar o endereço, não teria entrado.

Ergueu o rosto e respirou fundo. Era preciso ter segurança e ser firme, senão, não salvaria o seu amado.

Uma brisa a gelava. Foi preciso abraçar a si mesma.

Estava no que parecia ser um longo corredor, assim achava, afinal, não havia trombado em nada e continuava andando e o caminho a levando a algum lugar. Não teve coragem de testar se haveria paredes ao redor, seria melhor

seguir em frente.

Avistou uma tibia luz vindo de longe. Deu mais alguns passos para descobrir que não era longe, era apenas uma vela acesa para muita escuridão. Ao lado da vela, havia uma mulher. Não podia ver o seu rosto, estando ela de costas. Mas usava um vestido de viagem escuro e um chapéu.

-Amaia?

A mulher voltou-se para ela. Tinha um espesso véu de renda cobrindo o seu rosto, porém, a voz era inacobertável. Até em seus sonhos, ela ouvia chamando-a:

-Caetana. – se aproximou dela – Não ria.

Não, ela não ria. Queria abraçá-lo para dividir com Canto e Melo o alívio de tê-lo encontrado bem. Ainda que soubesse de toda a encenação e tivesse participado dela, às vezes, temia que se abrissem aquele caixão, ao invés de um desconhecido, iria encontrar o seu amado morto.

Depois, a vontade era de dar-lhe um tapa, pois a havia deixado extremamente preocupada quando havia desaparecido no caos da saída do teatro e sem ter se despedido dela.

Dois dias longe dele havia sido por demais e podia alegar – apenas a si mesma – que algumas lágrimas das quais vertera eram de saudades dele nessas poucas horas de distanciamento.

-Ele acreditou? – perguntou o marido.

-Acho que sim. Não sei. Ele parecia um pouco desconfiado quando disse que iria passar um tempo no convento. Temo que vá me procurar lá antes da hora. – e olhou-o de cima abaixo – Por que está vestido dessa maneira? Por acaso você é um fanchono^u?

-Fanchono? Eu? – Canto e Melo se empertigou, com os brios ofendidos – Você sabe bem que não sou “donzela”. Já teve provas disso. – riu meio sem-graça, nervoso de que ele não tivesse sido másculo o suficiente para ela.

Será que ela não gostou? Deveria ter sido mais criativo, pesquisado mais na biblioteca de Estevão.

-Fanchono! Hah! – uma voz ecoou na escuridão – Desculpa, não consegui me controlar. – Euzébio pigarreou, tentando manter a pose de moço bem comportado.

Das sombras surgiram igualmente Montenegro e Amaia.

-Amaia, você está bem?

As amigas se abraçaram.

-Estou ótima! Confesso que também andei melhorando as minhas performances de desmaio.

Por mais que quisesse rir, a alma de Caetana não estava leve. Nem a dela,

nem a de ninguém, todos preocupados com o desenrolar daquela trama. Caetana estava ainda incrédula de que teriam se livrado das perseguições do pai dela. O importante, porém, era que Canto e Melo estava a salvo – apesar de vestido de mulher.

E, por maior que fosse o seu sentimento de culpa em ter mentido para o pai, entendia que somente desta maneira é que ele os deixaria em paz – por algum tempo.

-Eu só gostaria de entender por que tanta mentira?! – Caetana voltou-se para o marido – Por que não simplesmente pegamos um barco para a Europa? Fiquei tão preocupada... achei... – os olhos se recheavam de temor do que poderia ter lhe acontecido. Quando o vi caído... na rua... eu...

O marido tomou as suas mãos e as apertou contra o peito.

-Estou bem, meu amor.

Meu Deus, até espartilho colocaram nele!

-Vocês precisam ir. – avisou Montenegro, com alguma urgência em sua voz ao ver as horas no relógio de bolso – A noite pode ajudar a acobertá-los. Dentro de algumas horas sai um pacote para Calais. Pedi que um oficial colocasse vocês a bordo, assim não haveria chance de serem vistos entrando no barco. Quando seu pai acordar, amanhã, vocês já estarão à caminho da Europa.

Caetana congelou. Uma coisa seria planejar uma fuga, outra era pô-la em prática. Pensar em ter que largar tudo e todos era difícil. O que seria de sua mãe e de suas irmãs? Ah, queria ter podido abraçar mais a sua mãe, agradecer por toda ajuda e apoio. Mas Deus ainda a ajudaria a reencontrá-la e poderem rir disso tudo, um dia, quiçá.

Amaia, conhecendo Caetana, prometeu que cuidaria de sua mãe, o que deixou a esposa de Canto e Melo um pouco mais aliviada – somente um pouco.

E quanto ao nosso futuro? Vamos para Calais? Não temos dinheiro, nem roupas.

-E o que será de nós? Como vamos sobreviver?

-Eu tenho contatos na Inglaterra e Nabuco estará lá para auxiliá-los. – explicava Montenegro, fazendo um sinal para Canto e Melo que deveriam partir.

Ainda assim, Caetana estava ressabiada. Era uma mudança muito radical para quem vivera toda a vida numa fazenda, sob a proteção familiar. Não faltava amor pelo marido, faltava segurança no futuro.

Canto e Melo apertou as suas mãos e a mirou, sério, sem qualquer resquício de hesitação. Todo o coração dela foi se preenchendo e uma tranquilidade a fez sorrir para ele quando lhe perguntou:

-Caetana, você confia em mim?

Não havia como não confiar na sinceridade daqueles olhos serenos e

límpidos. Como não havia como amá-lo mais do que agora.

Ela assentiu.

Num sorriso, ele beijou as suas mãos e foi se despedir de Montenegro com um abraço e um agradecimento, o que deixou o devasso sem-graça – levemente emocionado.

Entre Amaia e Caetana não houve tantas firulas. As duas dividiram um forte abraço e prometeram cuidarem-se.

-Prometa-me que será feliz, minha amiga.

-Só se você me jurar que não haverá pessoa mais contente no mundo que você. – respondeu a outra, quase a lhe tirar a respiração com o abraço.

Quando Caetana deu as mãos para Canto e Melo e eles foram acompanhando Euzébio – que os conduziria até o barquinho que os levaria ao paquete – os olhos verdes de Amaia estavam rasos de tanto chorar.

Montenegro passou a mão em torno do seu ombro e abraçou a esposa. Ele sabia que um dia, todos eles se reuniriam, quando as ameaças tivessem terminado e a escravidão tivesse findado e pudessem ter paz. A questão agora era ele cuidar do seu presente. E pousou a mão sobre o ventre da sua amada esposa.

*

A primeira coisa que o raso falara ao seu superior, entre um balbucio e uma respiração a cata de ar, era que ele precisava ver “aquilo”.

O major Péricles da Silveira só não poderia imaginar que o “aquilo” era um barco atracado na Baía de Guanabara, em frente a Escola Militar da Praia Vermelha. Como aquele barco havia ido parar lá, e sem nenhum dos vigias darem o sinal, é que ficou de descobrir.

O mais impressionante, contudo, foi quando subiu a bordo e verificou que havia quatro homens. Todos eles amarrados e amordaçados, sentados sobre uma pilha de correntes, algemas, colilhas e diversos apetrechos usados para prender cativos. Aquilo cheirava a negreiro.

Ainda estava concatenando as informações, quando o seu assistente lhe entregou um bilhete que havia sido preso com uma faca contra o timão. O senhor leu as poucas palavras: “*Presente para Vossa Senhoria. Que faça bom trato desses meliantes*”. Não havia assinatura, mas pela caligrafia bem feita e pela ortografia acertada, deduziu ser alguém estudado.

Sem muito, o major ordenou que levassem os prisioneiros para interrogatório e fizessem uma varredura no barco.

Após colherem todas as informações e terem confirmado que aquele era um infame negreiro, o major Silveira apoiou-se na proa do navio. Podia observar as gaivotas que voavam sobre a sua cabeça – como os seus pensamentos, sem qualquer direção lógica – indo para a cidade que acordava vagarosa aquela

manhã.

Por fim, suspirou, guardando no bolso o bilhete.

-Têm muitas coisas estranhas acontecendo por aqui, Quill.

O jovem cadete, de uniforme bem composto, e pose alinhada com a sua posição, não comentou a frase do seu professor e comandante. Porém, nada o impediu de desviar os olhos dourados para o horizonte e perceber que algo realmente incomum estava prestes a acontecer.

*

O sol já se firmava no vigésimo dia de viagem, quando Caetana finalmente conseguiu fechar os olhos e deitar a cabeça no ombro do marido.

A brisa fresca do convés, o balançar do mar, achava que conseguiria dormir um pouco que fosse – uma vez que o próprio Canto e Melo a impedia de pregar os olhos todas as noites, achando que ela poderia acreditar que era um “fanchono”.

Uma coisa era certa – além do marido não ter nada de “fanchono” –, Caetana havia conseguido enxergar a sua própria força e que, nesta vida, a única coisa que bastava era ser feliz ao lado do homem que amava e por quem era amada.

Epílogo

**“Podem vencer do Tempo a tirania?
Onde ocultar - meditação atroz -
O ouro que o Tempo quer em sua arca?
Que mão pode deter seu pé veloz,
Ou que beleza o Tempo não demarca?
Nenhuma! A menos que este meu amor
Em negra tinta guarde o seu fulgor.”**
(Shakespeare, *Soneto LXV*)

Quando Amaia de Carvalho Montenegro desceu as escadas de sua casa trajando apenas um roupão de veludo verde escuro, seu marido foi à glória. O sorriso ansioso de quem aguardara por toda a manhã para tomarem o desjejum juntos havia crescido tanto quanto a barriguinha saliente que ela tentava esconder sob a roupa.

O casamento já ia lá para sete anos, porém, a cada ano, era como se fortalecesse ao invés de esmorecer. A cada dia um amava mais o outro e isso podia ser percebido nos olhares, nos sorrisos, nos pequenos gestos como segurar a mão, um beijo na testa, um carinho nas costas, a maneira de pegá-la na cintura para a valsa. A cada hora havia cumplicidade, parceria, como a cada minuto havia paixão, desejo, o que era comprovado pelas cinco gestações seguidas. E a cada filho, Amaia ficava ainda mais bonita, mais graciosa. Todos afirmavam que a maternidade lhe fazia muito bem – o que era uma verdade incontestável. Ainda que o corpo inchasse, o rosto permanecia esculpido na perfeição.

Esta última gravidez, no entanto, estava a lhe tirar as forças. Havia enjoos e vômitos constantes que a impediam de sair da cama e a obrigavam a ficar horas deitada, apenas observando a roldana que Montenegro havia mandado prender no teto.

Eram raros aqueles desjejuns com o marido nos últimos 8 meses e, por isso mesmo, tão prazerosos.

No olhar claríssimo do esposo ela se tranquilizava. Havia em Montenegro uma força e uma certeza de que tudo daria certo no final, desde que eles continuassem juntos – separados é que não haveria de ser.

Quando Amaia atingiu o último degrau da escadaria, ele esticou a mão para lhe acompanhar à sala. Um toque de dedos, algo tão comum e casual diante das carícias de amor entre eles, era tão potente quanto, incitando o coração a bater mais forte e os sorrisos se desmaiarem no vigor dos corpos.

A chama os incendiava e Montenegro precisava se segurar para não a carregar até o seu gabinete e fazê-la sua, de novo e de novo e de novo.

-Como se sente, meu amor?

-Esplendorosa! Por sorte não acordei passando mal.
-Sorte de fato, mas a minha! – piscou para ela – Pois EU a terei algumas horas para mim, até que este novo coleguinha chegue e a tire de mim.
-Este coleguinha? Acha que é um menino?
-Tenho certeza! – estufou o peito.
-Sua certeza o fez se enganar antes – ela sorriu, ternamente.
-Gosto de surpresas... – beijou a sua mão e foram para a varanda – Mandei preparar um café-da-manhã especial para você.
Ao atingirem a varanda, Amaia parou. Seu rosto estava marmorizado.
-O que foi? – se preocupou o marido – Está enjoada?
-Não. – ela colocou a mão dele em sua barriga – Sinta! – os olhos verdes estavam brilhantes e um sorriso se fez mais firme – Está chutando!
-Sim, está!

Trocaram sorrisos.

A manhã encantava, com o sol derramando seus raios pelas flores que decoravam o jardim e davam fundo aos pássaros e às borboletas. Era toda uma gama de beleza que formava aquele idílio.

Ele afastou a cadeira para que ela se sentasse. Assim que Amaia pos o guardanapo sobre o colo, reparou que havia uma carta debaixo dos talheres.

-O que é isto?

O marido tomou o papel e o olhou de cima a baixo, procurando resquícios de quem o havia enviado:

-Não tem remetente. – cruzou o cenho, estranhando quem teria posto aquela carta lá.

-Será....?

Se entreolharam. Havia anos que não tinham notícias de Caetana e do marido. Sabiam que estavam escondidos em algum lugar da Inglaterra. O Sr.Feitosa continuava a procurá-los e, pelo que souberam através de Rosária, havia gasto boa parte da sua fortuna com caçadores e detetives, mas nunca sentiu nem rastro deles.

Esta carta poderia ser a resposta para o seu temor. Ou haviam sido achados, ou o Sr.Feitosa havia desistido.

Amaia respirou fundo para ser capaz de ler aquelas linhas. Montenegro, que nem havia se sentado, apoiou-se no espaldar da cadeira da esposa e, por cima do ombro dela, resolveu ler junto e lhe dar apoio, caso houvesse alguma má notícia.

“Querida amiga e irmã,

Sinto tantas saudades suas que acho que não cabem nem no coração, muito menos nestas linhas.

Por um amigo em comum recebi notícias suas e de que está grávida do seu

sexto filho! Oh, como essa notícia chegou com alegria nos meus ouvidos. Todas as noites rezo por você e pelo bebê, para que tenham um bom parto.

Queria tanto poder estar ao seu lado neste momento importante. Eu mesma, que acabei de ter meu segundo bebê, sei como é importante e faz falta famílias e amigos ao nosso redor. Canto e Melo me ajuda, e muito, mas parece ter medo de quebrar a criança. Não gosta de tomar a pequena Letícia em seus braços, pois acha que a deixará cair.

Ele é muito competente no seu trabalho como tradutor numa empresa de importação e tem se reunido todas as noites com o Sr.Nabuco. Recentemente, terminaram de escrever um livro. Não me recordo do nome, mas sei que será publicado, em breve, no Brasil. O Sr.Nabuco pretende voltar o quanto antes. Diz querer seguir a carreira política, como seu pai, e tentar mudar a história triste do nosso país.

Também fiquei estarecida com as notícias dos ataques aos bondes por causa do aumento das taxas, no raiar deste novo ano. Infelizmente, os governantes não sabem como um vintém faz falta! Por outro lado, querida amiga, acho que são os ventos dos novos tempos assoprando a favor da Liberdade, do fim das amarras sociais e culturais que tanto levam nosso querido Império ao retrocesso. Espero, em breve, enviar uma missiva parabenizando o fim da escravidão.

Não posso terminar sem antes lhe agradecer por todos os conselhos que me dera no meu primeiro ano de casamento, sem eles eu nunca teria descoberto a verdadeira felicidade. Ah, como sou feliz! E não há dia que pare de repetir isso. Nunca imaginei que poderia haver tamanha alegria em viver todos os dias ao lado de quem se ama e construir uma família.

Desejo tudo de maravilhoso a vocês e aos seus pequeninos.

Um abraço a todos.

Da sua amiga eterna,

Caetana Canto e Melo

P.S.: Canto e Melo também aprendeu a tomar chá e adora! E está muito ocupado com o seu segundo livro de poesias. Vou mandar o primeiro de presente para você. Espero que gostem. ”

Lágrimas escapuliram dos olhos verdes de Amaia.

Preocupado, o marido ajoelhou-se ao seu lado e tomou-lhe o rosto. Beijou as suas bochechas molhadas e a abraçou. Amaia explicou que eram lágrimas de alegria. Tinha esperança de que o fim daquela guerra contra Feitosa estivesse próximo e Caetana e Canto e Melo pudessem retornar para aqueles que tanto os

amavam.

Montenegro, atirando os olhos sobre a mesa, notou que faltava alguma coisa.

-Onde está o livro? – ele a olhou, assombrado – O livro de poesias de Canto e Melo? O que Caetana nos enviara?

Amaia levantou uma sobrancelha na dúvida e Montenegro se ergueu do chão para procurar em volta.

Seus olhos prateados foram e voltaram numa ideia, catando-a pelo jardim. Foi quando Montenegro achou ter visto a sombra de Estevão passando por entre as flores. Ajeitava um chapéu vermelho sobre a cabeça e levava consigo um audacioso sorriso e o livro de poesias debaixo do braço.

Epílogo 2

**“Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descansa,
O delírio que te há-de matar!”**
(Álvares de Azevedo)

Em algum lugar, 1883

As tochas acesas alumiam o caminho de pedras e terra. Parecia um túnel. Um túnel sem fim. Sufocante pela sua escuridão e pelo excesso de fumaça que o fogo alimentava. Mas era preciso passar pelo túnel para chegar até a sala em que os anciãos o estariam esperando. Havia sido explicado que assim que entrasse na sala, ele deveria se sentar numa cadeira e ser vendado. Os anciões lhe fariam beber alguma coisa para limpar a sua mente e corpo das impurezas e depois o defumariam. Tendo feito as juras de iniciado, receberia um anel com o selo do grupo e estaria oficialmente convocado para as reuniões privadas.

Inácio Junqueira não era tolo, conhecia Feitosa e sabia que ele não lhe falaria nada até que tivesse certeza de que era de confiança. Já havia sofrido muitas traições, tanto por parte de estranhos quanto da própria filha. E não havia dúvidas, Feitosa estava disposto a matar quem fosse que tentasse destruir o seu império escravagista.

O jovem de vinte e cinco anos aportou no salão. Era uma imensa sala de pedra, de pé direito alto, lembrando uma espécie de catedral gótica, com pilares, abóbodas pontiagudas, e velas por todos os lados, amontoando cera no chão.

Não teve muito mais tempo de captar mais informações sobre o local. Logo lhe puseram uma venda negra e a última coisa que viu foi um grupo de homens de toga e máscaras greco-romanas em círculo.

Havia sido levado para lá encapuzado, não saberia dizer sequer onde estava. A única certeza é que era fora da cidade, pois ficara um bom tempo na estrada, balançando de um lado ao outro.

Havia um cheiro estranho, de ervas, talvez.

Uma pessoa o guiou e o sentou numa cadeira. Uma forte fumaça, que o fez se engasgar, foi passada ao redor do seu corpo. Palavras em latim foram ditas. Parecia uma benção ou coisa do tipo – não poderia se julgar muito católico para saber, ao certo. A voz poderia ser a do Sr. Feitosa, mas, por causa do cone encaixado na máscara para que pudesse ser ouvido por todos, era difícil identificar.

Alguém passou a mão em sua cabeça e sentiu um líquido viscoso caindo em seus cabelos escuros. Então, falaram mais algumas coisas e, por fim, alguém

aproximou de sua boca uma taça e sussurrou em seu ouvido:

-Beba.

Ele reconheceu quem era. Havia escutado aquela voz numa das poucas vezes que estivera na casa de Montenegro e Amaia. Era um convidado deles. Como era mesmo o nome? Tentou se lembrar enquanto bebia o líquido. O gosto amargo era horrível, mas não daria atenção. Era preciso se lembrar. Acabou a bebida e ele só ficava mais zozinho. O que era aquilo que ele tomava? Suas pernas pareciam fugir para um lado e o corpo para outro.

Pegaram a sua mão e colocaram um anel no dedo mindinho.

-Agora você faz parte dos Crassos! – gritou o mestre de cerimônias e palmas ecoaram pelo salão.

Inácio pôs a mão sobre a cabeça. Estava certo de que era o teto desabando. Atirou-se no chão de joelhos e parou. Um soco no estômago, de dentro para fora, esta foi a impressão quando o vômito jorrou de dentro de si.

Cuspiu o fim daquilo, para limpar a boca e tentou se levantar.

-Erga-se, deus Pales!

As palmas recomeçaram, mas não havia enjôo ou vômito. Era como se ele estivesse completamente limpo.

Dois homens o levantaram pelos braços, um de cada lado. Despiram-no. Não havia reparado como aquele lugar poderia ser frio até estar nu. Seu corpo foi coberto pelo que seria uma toga, presa sobre um ombro. Por fim, tiraram-lhe a venda e entregaram uma máscara de gesso.

-Seu nome será Pales. – o mestre de cerimônias explicou quando percebeu que o rapaz olhava para a máscara de rosto sorridentemente dubio.

Voltou-se para os outros participantes, todos eles mascarados. Deveriam haver uns trinta homens ali, de todas as idades e constituições possíveis.

O homem da voz reconhecível, por detrás de uma máscara de Apolo, lhe instruiu:

-Melhor pôr a máscara, Pales.

O rapaz vestiu a máscara e todos vibraram. Mais um crasso nascia para proteger os outros, sob voto solene de vida e morte.

AGRADECIMENTOS

Não posso escrever qualquer linha sem agradecer aqueles que pacientemente ouviram as minhas ideias, leram as minhas linhas e me aconselharam para que o meu trabalho fosse o melhor possível.

Começo com uma senhorita que foi uma influência positiva através das suas críticas em cima de *A Baronesa Descalça*: Layanne Almeida. Foi um mega prazer tê-la conhecido, e maior ainda foi conversar com você e, acima de tudo, poder confiar na sua crítica fundamentada. Obrigada!

Outras quatro moçoilas que fazem parte da minha listinha especial são as minhas betas-ômegas: Bárbara Borges, Carolina Silva, Elimar Machado e Patrícia Rodrigues. *Girls, you rules!*

A minha irmã-de-alma, Giovanna Zago, obrigada pelo apoio incondicional!

Claro, não posso deixar de agradecer aos meus parceiros, à minha família, aos amigos e, principalmente, aos meus leitores! Sem vocês não haveria livro e meus personagens não ganhariam vida. Muito obrigada!

E vamos que vamos para o número 3 da **Coleção O Clube dos Devassos!!!**

ROMÂNTICO INCORRIGÍVEL
E OUTRAS REMINISCÊNCIAS DE AMOR

Roberto Canto e Melo

Dedico este livro de poesias a pessoa que mais me apoiou na sua publicação,
aquela que foi a minha musa verdadeira, o grande amor da minha vida, ou
melhor, a minha própria vida, a minha querida esposa Caetana.

AQUELE DESABAFO

Nem em meus sonhos mais inteiros
Eu esperava que isso pudesse acontecer,
Me apaixonar, mas para quê?
Foi então que compreendi
A verdadeira essência do amor
No momento em que o senti o seu calor.

Esta rima parece ridícula,
Sei disso, mas não abro mão,
Pois agora vem a parte mais profunda
A que atordoa o meu coração.

Lutei muito para entender
E agora sei o que é este ardor.
Espero que veja assim também,
Um amor que vai além.

Não posso me precipitar,
Dizem meus amigos de bar,
Mas ao sentir o que vivo,
Me falha o “eu não acredito!”.
A única coisa que nego é a infelicidade
Que possa vir a surgir
Se você não olhar mais para mim.

QUEM ME DERA!

Quem me dera...
Não mais comer ou respirar,
Não mais sofrer, só amar!

Quem me dera... Ah, quem me dera!
Morrer no sono
E você ser o meu sonho.

Quem me dera...
Poder me perder no seu sorriso
E me afogar no seu eu mais bonito.

Quem me dera... Ah, quem me dera!
Poder viver ao seu lado,
Morrer nos seus braços,
Enquanto fazemos amor.

Quem me dera...
Não mais esquecer
Que só amo a você.

Quem me dera... Ah, quem me dera!
Uma vida toda com você
É mais do que alguém possa querer.

Quem me dera... Ah, quem me dera!

REFLEXO

Olho para o céu,
Vejo as estrelas.
Olho para o mar,
Vejo os peixes.
Olho para você,
Vejo o amor.
Olho no espelho,
O que vejo é só dor.

*

ORQUÍDEAS

Tenho uma árvore em meu jardim
Onde as orquídeas brotam sem fim.
São roxas, rosas ou brancas...
Não importa as suas cores.
O que importa é que as orquídeas
Que brotam em meu jardim,
De diversas cores,
São minhas e não têm fim...

LUA AMADA

Oh lua, que já me trouxe alegrias mil
Traga mais uma para este pobre homem febril.
No seu semblante vejo o brilho da amada,
E na amada vejo a sua beleza.

Oh, dama da noite, que vem coroar
Os corações dos perdidos
E transformá-los em cavalheiros,
Faça realizar-se mais um desejo!

Eu, que já fui amado e agora sou amante,
Já traí e agora sou abstraído,
Sofro a pior das enfermidades: o amor.

Oh, musa inspiradora dos poetas,
Faça este aqui parar de filosofar
E realmente lutar por este amor.

Que dos meus lábios saiam músicas
Para os ouvidos da amada alegrar.
E que nem a morte detenha-me
De ainda poder cantar canções de ninar,
Para a minha amada poder descansar.

DECLARAÇÃO

Cessem todas as músicas
E todas as cantorias,
Cessem as alegrias.
A declaração que agora faço,
Mostra toda a minha agonia.

Acaba-se o dia
E vem a noite.
Acaba-se a melodia
E o silêncio nos toca.
Acaba-se a alegria
E vem a agonia.
Acaba-se a tempestade
E a bonança chega.
Acaba-se a minha vida
E a morte me espreita.

Nestes tempos de indolência
Procurro na consciência
O meu eu além da existência.
E o que descobri foi: você.

O VIAJANTE

Sou viajante,
Com uma viola
Perto do peito
Vou pela estrada
Errante.
Meu lar,
Não encontrei.
Minha musa,
Apaguei.
Sou viajante,
Pelas estradas
Andarilho vou.
Sem a lembrança
Do que fui,
Do que eu sou.
Sou viajante,
Correndo perigos
Constantes,
À curva da ribeira
Por entre bananeiras,
Pelos matagais.
Sou viajante,
Num instante,
Canto para a Lua
Melodias mortas
Saídas de uma voz sem lira.
Sáfaro é o meu sal,
Pobre e escaço.
Sou viajante,
Vagando pelo meu eu,
Vou pelos caminhos,
Vou fulminante.

ROMÂNTICO INCORRIGÍVEL

Sou um romântico incorrigível,
Meu coração é tão legível,
Que é capaz de se apaixonar
Por aquela donzela,
Tão bela quanto a luz do luar.
Tão dourada, ofuscando o sol,
De inveja cobriria as estrelas
Com a sua formosura angelical.
Dos céus não desceriam anjos
Tão doces quanto a minha amada

Sou um romântico incorrigível,
De palavras ao vento,
Coração aberto e olhos fechados,
Boca sedenta pelo beijo
Daquela donzela pela qual me apaixonei.
Para quem a minha vida esculpia
No mais fino mármore
As mais belas poesias de amor.

Sou um romântico incorrigível,
Chego a misturar prosa e poesia,
Formar melodias e beijar estrelas,
Voar sobre o mar em noite de luar,
Abraçar o céu e namorar o sol,
Embaralhar os sentimentos,
E buscar num só pensamento
Encontrar a causa do meu ardor.
Sou um romântico incorrigível,
Que chora o seu destino
Em suas letras sem sentido.
Tão romântico sou,
Que até me esqueci
O que para mim realmente restou.

A LEMBRANÇA DE UMA DANÇA

Dançando dentre brancas nuvens
Espalhadas pelo universo sem fim,
Penso no amor que tem por mim.

O bailar sereno do mar externo,
Que separa nossas vidas,
É menos cruel do que as horas,
Que badalam para o fim.

Piruetas dou, lembrando do seu amor.
Cambalhotas esqueci, quando a dor me tocou
Ao recordar que terei de me despedir.

Sonhando e dançando vou,
Por esta longa praia desértica,
Me lembrando que a amo e não a esqueço.

E quão grande é o meu apreço!
- e maior ainda é o meu desespero,
Ao tocar da última melodia
e não saber se nos veremos outro dia.

CIDADE DOS SONETOS

Saem palavras
Que voam ao vento,
Cruzam esquinas
E se perdem no Tempo.
Na rua das orações,
Ouvem-se pedidos
Por mais corações amigos.
As árvores de pensamentos
Balançam com este vento
E deixam cair os seus ideais
Que semeiam novos sentimentos.
O rio de xingamentos,
Tudo exprime, tudo pode, tudo convém.
Debaixo do solo do conhecimento
Falam-se de desejos.
Nos prédios de acontecimentos,
Afirmam-se os desesperos.
Das bocas verdadeiras
Saem palavras inteiras
Que voam no vento
Para a cidade dos sonetos.

A NOITE

Olhos dantes juvenis
Perdem a inocência
Em noites febris.

Beijos escondidos
Aparecem ao luar.
São longos momentos
Inesquecíveis no instante
De amor supremo.

Corpos se mexendo
Entrelaçando e roçando.
Mentes voando
No desejo ardente do amor.
Suor e lágrimas se misturando
Sangue que se fez
E os amantes se separando.

Foi a noite que terminou.

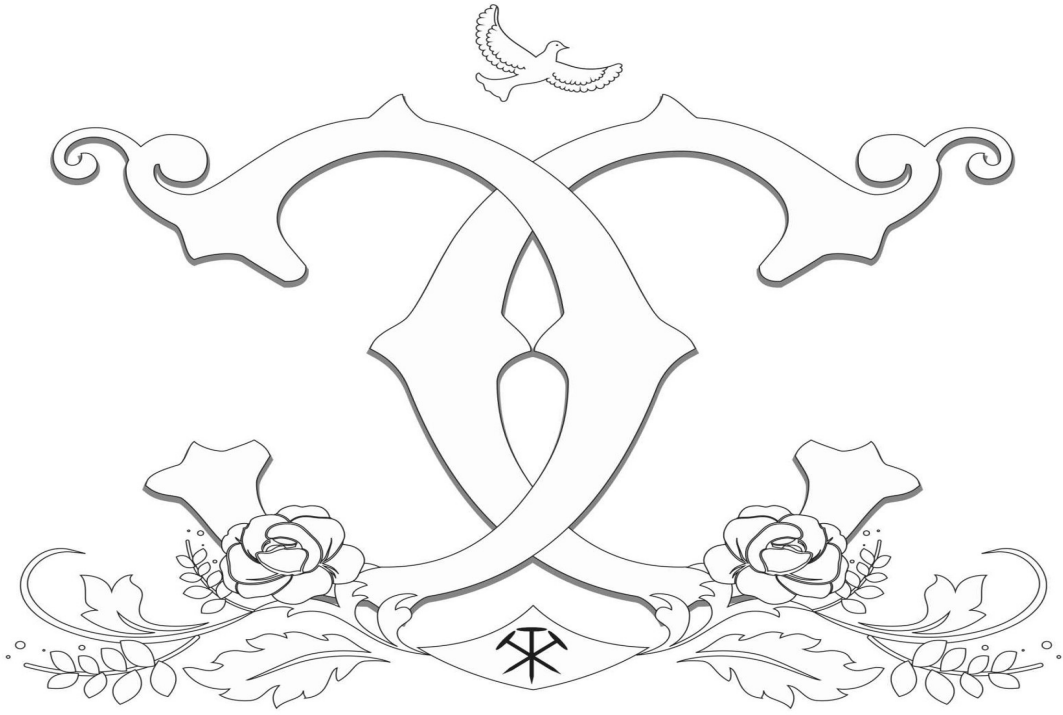
APROVEITAR

Bondosa senhorita
Perdida na vida
A mão amiga
Se estende a você.

Venha comigo,
Cantar e bailar,
Até o sol raiar.

Deixe a tristeza
E vamos amar!
Esquece o passado
Aproveite o presente,
Deixe o futuro se aproximar!

Serena e formosa,
Oh, querida senhorita,
Vamos bailar sem ninguém aguardar.
Vamos nos perder, vamos gozar!



^[1] Fanchono: expressão da época utilizada para gays e/ou homens que se vestiam de mulheres.

Table of Contents

AS INCONVENIÊNCIAS DE UM CASAMENTO

Nota da Autora

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Caetana Canto e Melo

ROMÂNTICO INCORRIGÍVEL

Roberto Canto e Melo